



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**MÃOS TECENDO HISTÓRIAS DE VIDA: Memórias dos Surdos Sergipanos Egressos do  
Instituto Nacional de Educação de Surdos (1944-1979)**



**EDIVALDO DA SILVA COSTA**

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)**

**2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**MÃOS TECENDO HISTÓRIAS DE VIDA: Memórias dos Surdos Sergipanos Egressos do  
Instituto Nacional de Educação de Surdos (1944-1979)**

**EDIVALDO DA SILVA COSTA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Educação da Universidade Federal de  
Sergipe, como requisito para obtenção do título  
de Doutor em Educação.

**Orientadora: Profa. Dra. Verônica dos Reis Mariano  
Souza**

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)**

**2018**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO



EDIVALDO DA SILVA COSTA

MÃOS TECENDO HISTÓRIAS DE VIDA: MEMÓRIAS DOS SURDOS SERGIPANOS  
EGRESSOS DO INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS (1950-1970)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em 19.02.2018

*Verônica dos Reis Mariano Souza*

Prof.ª Dr.ª Verônica dos Reis Mariano Souza (Orientadora)  
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

*Rita*

Prof.ª Dr.ª Rita de Cácia Santos Souza  
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

*Isa Regina Santos dos Anjos*

Prof. Dr. Isa Regina Santos dos Anjos  
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

*Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas*

Prof.ª Dr.ª Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas  
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

*Karina Soledad Maldonado Molina*

Prof.ª Dr.ª Karina Soledad Maldonado Molina  
Universidade de São Paulo/USP

*Ada Augusta Celestino Bezerra*

Prof.ª Dr.ª Ada Augusta Celestino Bezerra  
Universidade Tiradentes (UNIT)

SÃO CRISTÓVÃO (SE)  
2018

Costa, Edivaldo da Silva  
C837m Mãos tecendo histórias de vida : Memórias dos surdos sergipanos egressos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (1944-1979) / Edivaldo da Silva Costa ; orientadora Verônica dos Reis Mariano Souza. – São Cristóvão, 2018.  
213 f.: il.

Tese (doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2018.

1. Educação – História – Sergipe. 2. Educação especial. 3. Memória coletiva. 4. Surdos – Educação. 5. Instituto Nacional de Educação de Surdos (Brasil) I. Souza, Verônica dos Reis Mariano, orient. II. Título

CDU 376-056.236(8137)(091)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS, minha Força Indestrutível, meu Refúgio Infinito, minha Fortaleza Invencível, pela dádiva da vida, pois o meu caminho não foi fácil ... Mas Tu me encheste com esperança me dando força e vontade para construir e seguir uma nova estrada. E consegui... Muito obrigado por tudo!

Minhas maiores riquezas: DEUS e meus pais!!!

Aos meus queridíssimos pais, Francisco Alves da Costa (*in memoriam*) e Josefa da Silva Costa, pelo amor incondicional, pelo zelo, por toda paciência, pela sabedoria, estou tão envaidecido de vocês, do seu exemplo de vida e esforço, que talvez não saiba exprimir o especial carinho, o amor sincero e gratidão que lhes dedico. Divido com vocês os méritos desta conquista.

As minhas irmãs, Eliana, Adriana e Milena e aos meus sobrinhos, Lucas, Maria Vitória e Maria Eduarda; e aos meus parentes minhas desculpas, por horas, momentos que não pude dedicar a vocês, em particular. Horas negadas, sacrificadas em prol de meu crescimento cultural, na busca de um profissionalismo maior.

Este trabalho é fruto de um grande desafio e da participação especial de pessoas que me incentivaram e acreditaram no mesmo. Com elas compartilho minha satisfação e gratidão:

A possibilidade de estudar as histórias de vida dos surdos sergipanos egressos do INES, foi muito bem recebida pela minha querida orientadora, Profa. Dra. Verônica dos Reis Mariano Souza. Agradeço pelas horas de deleite intelectual, paciência, por todo ensinamento, pela instrução, pela dedicação, pelo cuidado, pelo apreço, pelo esmero, pela amizade, por acreditar no meu potencial, por me incentivar. Gratidão por tudo!

À Universidade Federal de Sergipe agradeço a oportunidade de desenvolver esta pesquisa, e principalmente, aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da UFS por todos os ensinamentos e experiências edificantes, pois, ensinar não é somente transmitir matérias. Ser mestre é ser instrutor e amigo, guia e companheiro para caminhar junto com o aluno, passo a passo, e transmitir a este o segredo da caminhada. Ser mestre é ser exemplo de doação de dignidade pessoal e, sobretudo, de amor.

Agradeço aos membros da banca examinadora, pelas valiosas contribuições enriquecendo muito este trabalho com seus conhecimentos.

Às professoras: Profa. Dra. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, Profa. Dra. Isa Regina Santos dos Anjos, Profa. Dra. Rita de Cácia Santos Souza, Profa. Dra. Ada Augusta Celestino Bezerra e Profa. Dra. Karina Soledad Maldonado Molina por todas as valiosas contribuições reverberantes.

Aos amigos e colegas do curso de Doutorado em Educação da Universidade Federal de Sergipe *Campus* Prof. José Aloísio de Campos pelo companheirismo e trocas de experiências.

Aos sinceros amigos que a vida me apresentou pelos muitos momentos de paciência, auxílio e, sobretudo, incentivo.

Aos surdos César Augusto Gonçalves de Oliveira, Rubivânia Andrade de Carvalho, Gilvânia dos Santos, Wesley Moreira Milke, Arivaldo Santana Umbidino, e de modo especial, Amilton dos Santos Júnior, pela parceria e colaboração em tornar viável essa caminhada.

Ao INES, cenário da educação de surdos brasileiros há 160 anos de histórias e memórias dos sujeitos “invisíveis”.

Aos surdos sergipanos egressos que estudaram no INES, Pedro Mário Firpo Cruz, Aparecida de Jesus Santos, Raimundo Rocha Santos e Rita de Cácia Ferreira de Lacerda e aos seus familiares ouvintes, especialmente, a Maria Auxiliadora Santos, Márcia Alves Cruz e Polyana Lacerda Santos por fazerem parte da materialização desta tese tornando a história possível e a trajetória menos implexa, agradeço por tudo. Aos surdos falecidos, Fernando, Chamilcar, Clóvis, Ubirajara e Cordélio o descanso eterno.

E a toda comunidade surda sergipana minha gratidão e meu carinho.

## RESUMO

Esta tese integra as produções do campo da História da Educação Especial e da historiografia de Sergipe, tendo como fundamentação teórico-metodológica os pressupostos da História Cultural. Versou sobre o tema da educação dos surdos sergipanos no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), primeira escola do Brasil, especializada para pessoas surdas, destinada a instruir, a educar e a profissionalizar essa população, delimitando como objeto de estudo suas histórias de vida. O objetivo geral foi descrever a trajetória de vida escolar e profissional de todos os surdos sergipanos que estudaram no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) nas décadas de 1944 a 1979. Para tanto, foram elaborados os seguintes objetivos específicos: a) verificar a influência do Instituto Nacional de Educação de Surdos na formação escolar e carreira profissional dos surdos sergipanos; b) mostrar os aspectos educacionais para surdos nas gestões de Ana Rimoli de Faria Dória e Marino Gomes Ferreira; c) apresentar as diferentes modalidades de comunicação e métodos de ensino para surdos; d) destacar as ações das políticas públicas da educação dos surdos nos Governos de Juscelino Kubitschek de Oliveira e Emílio Garrastazu Médici; e e) descrever as histórias de vida através da memória presente nas narrativas dos surdos sergipanos egressos do INES. Foram coletadas histórias de vida dos depoentes surdos que se formaram na Instituição e familiares. Período em que surgiram os primeiros movimentos efetivos em nível nacional para a escolarização do surdo brasileiro. Além das entrevistas, foram também analisadas fontes de natureza documental e iconográfica. O marco conceitual adotado teve seu embasamento nos conceitos de representação, apropriação, cultura escolar, história e memória; os principais autores que deram aporte para a compreensão dos processos históricos foram Chartier, Julia, Halbwachs, Le Goff e Pollak; e na área da história da educação de surdos, Soares, Mattos, Souza, Rocha e Seixas. A tese defendida neste trabalho foi de que mesmo com todo aparato teórico e metodológico institucional do INES e caráter segregativo, calcado no oralismo, voltado inicialmente para a reabilitação, e posteriormente, para a instrução, limitando-se ao ensino primário, a formação recebida no INES representou para os surdos sergipanos egressos a possibilidade de independência econômica e profissional. Para concretizar a análise, houve um esforço no sentido de apreender os aspectos relacionados ao processo de escolarização durante o colégio-internato no INES; a convivência no espaço escolar; as oficinas profissionalizantes; os desfiles cívicos; a primeira comunhão eucarística; as atividades esportivas e de linguagem articulada; os uniformes; os festejos escolares; e a carreira profissional depois do INES. Os relatos dessas experiências acerca da formação educacional e carreira profissional permitiram identificar nove surdos sergipanos (cinco deles estão falecidos) e foi possível conhecer não somente as trajetórias individuais, como também as vivências coletivas no espaço escolar. Concluiu-se que apesar da escolarização de ensino primário cursada pelos surdos sergipanos no INES, os estudos realizados contribuíram para a inserção dos mesmos no mercado de trabalho e sua independência econômica e profissional.

**Palavras-Chave:** Histórias de vida. Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Memória. Narrativas. Surdos sergipanos.

## ABSTRACT

This thesis integrates the productions of the field of History of Special Education and the historiography of Sergipe, having as theoretical-methodological foundation the assumptions of Cultural History. He spoke on the subject of education of the sergipian deafs in the National Institute of Education of the Deaf (INES), the first school in Brazil, specialized for deaf people, to instruct, educate and professionalize this population. The general objective was to describe the educational and professional life trajectory of all the sergipian deafs who studied at the National Institute of Education of the Deaf (INES) in the decades of 1944 to 1979. For this purpose, the following specific objectives were elaborated: a) influence of the National Institute of Deaf Education in the school education and professional career of the sergipian deafs; b) to show educational aspects for the deaf in the management of Ana Rimoli de Faria Dória and Marino Gomes Ferreira; c) present the different modalities of communication and teaching methods for the deaf; d) highlight the actions of the public policies of the education of the deaf in the Governments of Juscelino Kubitschek de Oliveira and Emílio Garrastazu Médici; and e) to describe the life stories through the memory present in the narratives of the sergipian deafs graduates of INES. Life histories were collected from deaf deponents who graduated from the institution and from relatives. Period in which the first effective movements at the national level for the schooling of the Brazilian deaf appeared. In addition to the interviews, sources of documentary and iconographic nature were also analyzed. The conceptual framework adopted was based on the concepts of representation, appropriation, school culture, history and memory; the main authors who contributed to the understanding of the historical processes were Chartier, Julia, Halbwachs, Le Goff and Pollak; and in the area of the history of deaf education, Soares, Mattos, Souza, Rocha and Seixas. The thesis defended in this work was that even with all the institutional and methodological apparatus of INES and segregative character, based on oralism, initially aimed at rehabilitation, and later, for instruction, limited to primary education, training received in the INES represented for the sergipian deafs graduates the possibility of economic and professional independence. In order to concretize the analysis, there was an effort to understand the aspects related to the schooling process during the INES boarding school; the coexistence in the school space; professional workshops; civic parades; the first Eucharistic communion; sports activities and articulate language; the uniforms; school festivities; and career after INES. The reports of these experiences about education and professional career allowed the identification of nine sergipian deafs (five of whom are deceased) and it was possible to know not only the individual trajectories, but also the collective experiences in the school space. It was concluded that in spite of the primary schooling attended by the sergipian deafs at INES, the studies carried out contributed to their inclusion in the labor market and their economic and professional independence.

**Keywords:** Life stories. National Institute of Education of the Deaf (INES). Memory. Narratives. Sergipian Deafs.

## RESUMEN

Esta tesis integra las producciones del campo de la Historia de la Educación Especial y de la historiografía de Sergipe, teniendo como fundamentación teórico-metodológica los presupuestos de la Historia Cultural. En el Instituto Nacional de Educación de Sordos (INES), la primera escuela de Brasil, especializada para personas sordas, destinada a instruir, a educar ya profesionalizar esa población, delimitando como objeto de estudio sus historias de estudio la vida. El objetivo general fue describir la trayectoria de vida escolar y profesional de todos los sordos sergipanos que estudiaron en el Instituto Nacional de Educación de Sordos (INES) en las décadas de 1944 a 1979. Para ello, se elaboraron los siguientes objetivos específicos: a) influencia del Instituto Nacional de Educación de Sordos en la formación escolar y carrera profesional de los sordos sergipanos; b) mostrar los aspectos educativos para sordos en las gestiones de Ana Rimoli de Faria Dória y Marino Gomes Ferreira; c) presentar las diferentes modalidades de comunicación y métodos de enseñanza para sordos; d) destacar las acciones de las políticas públicas de la educación de los sordos en los Gobiernos de Juscelino Kubitschek de Oliveira y Emilio Garrastazu Médici; y e) describir las historias de vida a través de la memoria presente en las narrativas de los sordos sergipanos egresados del INES. Se recogieron historias de vida de los depoentes sordos que se formaron en la Institución y familiares. Período en que surgieron los primeros movimientos efectivos a nivel nacional para la escolarización del sordo brasileño. Además de las entrevistas, también se analizaron fuentes de naturaleza documental e iconográfica. El marco conceptual adoptado tuvo su base en los conceptos de representación, apropiación, cultura escolar, historia y memoria; los principales autores que dieron aporte para la comprensión de los procesos históricos fueron Chartier, Julia, Halbwachs, Le Goff y Pollak; y en el área de la historia de la educación de sordos, Soares, Mattos, Souza, Rocha y Seixas. La tesis defendida en este trabajo fue que con todo aparato teórico y metodológico institucional del INES y carácter segregativo, calcado en el oralismo, volcado inicialmente para la rehabilitación, y posteriormente, para la instrucción, limitándose a la enseñanza primaria, la formación recibida en el aula INES representó para los sordos sergipanos egresados la posibilidad de independencia económica y profesional. Para concretar el análisis, hubo un esfuerzo en el sentido de aprehender los aspectos relacionados al proceso de escolarización durante el colegio-internado en el INES; la convivencia en el espacio escolar; los talleres profesionales; los desfiles cívicos; la primera comunión eucarística; las actividades deportivas y de lenguaje articulado; los uniformes; los festejos escolares; y la carrera profesional después del INES. Los relatos de esas experiencias acerca de la formación educativa y carrera profesional permitieron identificar nueve sordos sergipanos (cinco de ellos están fallecidos) y fue posible conocer no sólo las trayectorias individuales, así como las vivencias colectivas en el espacio escolar. Se concluyó que a pesar de la escolarización de enseñanza primaria cursada por los sordos sergipanos en el INES, los estudios realizados contribuyeron a la inserción de los mismos en el mercado de trabajo y su independencia económica y profesional.

**Palabras clave:** Historias de vida. Instituto Nacional de Educación de Sordos (INES). La memoria. Narrativas. Sordos sergipanos.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - <b>Fotografia Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos</b> .....	023
Figura 02 - <b>Fotografia do Arquivo Histórico-Documental Digital referente à Capa do Livro “O INES e a Educação de Surdos no Brasil”</b> .....	043
Figura 03 - <b>Fotografia Representativo do Instituto Nacional de Educação de Surdos na Libras</b> .....	044
Figura 04 - <b>Foto da Diretora-Professora Ana Rímoli da Faria Dória</b> .....	048
Figura 05 - <b>Capas de Livros Publicados por Ana Rímoli de Faria Dória</b> .....	050
Figura 06 - <b>Professor Ensinando Surdos com Auxílio de Fones Biauriculares</b> .....	052
Figura 07 - <b>Professor Ensinando Aluno Surdo a Falar Sentindo o Som na Bola</b> .....	053
Figura 08 - <b>Professor Trabalhando Aspectos de Aquisição da Língua Oral por Surdo</b> .....	054
Figura 09 - <b>Fotografia do Diretor-Médico Dr. Marino Gomes Ferreira</b> .....	062
Figura 10 - <b>Arquivo Histórico-Documental Digital referente à Campanha para Educação do Surdo Brasileiro</b> .....	064
Figura 11 - <b>Sinal Representativo do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira em Libras</b> .....	066
Figura 12 - <b>Ana Rimoli Diplomando Professoras Normalistas na Década de 1950</b> .....	067
Figura 13 - <b>Cartaz Informativo sobre a Campanha para Educação do Surdo Brasileiro, (1958)</b> .....	068
Figura 14 - <b>Normalistas do INES Festejando o Ministro da Educação, Clóvis Salgado da Gama</b> .....	069
Figura 15 - <b>Sinal Representativo do Presidente Gen. Emílio Garrastazu Médici em Libras</b> .....	075
Figura 16 - <b>Acervo Fotográfico da Aula de Linguagem Articulada no INES</b> .....	081
Figura 17 - <b>Fotografia Atualizada da Surdo-Cega, Srta. Aparecida de Jesus Santos</b> ..	088
Figura 18 - <b>A Surda Sergipana Aparecida de Jesus Santos no Instituto Santa Terezinha, em São Paulo-SP (1962)</b> .....	090
Figura 19 - <b>Formatura da Surda Sergipana Aparecida de Jesus Santos no Instituto Santa Inês, em Belo Horizonte (MG) em 1970</b> .....	092
Figura 20 - <b>Peças de Rendas e Bordados Produzidas por Aparecida como Professora Surda no Centro de Reabilitação Ninota Garcia</b> .....	094

Figura 21 - <b>Recorte Jornalístico Intitulado “Aqui renasce a esperança”</b> .....	098
Figura 22 - <b>Equipe do C.R.N.G. com os Excepcionais<sup>1</sup> e a Professora Surda Aparecida</b> .....	100
Figura 23 - <b>Recorte Jornalístico Relatando Campeonato dos Surdos do C.R.N.G</b> .....	101
Figura 24 - <b>Festas Juninas do Centro de Reabilitação Ninota Garcia</b> .....	103
Figura 25 - <b>Aparecida com os Alunos do C.R.N.G</b> .....	104
Figura 26 - <b>Alunos e Equipe do C.R.N.G</b> .....	105
Figura 27 - <b>Centro de Reabilitação Ninota Garcia (1962)</b> .....	106
Figura 28 - <b>Símbolo Representativo do Centro de Reabilitação Ninota Garcia</b> .....	107
Figura 29 - <b>Entrada do Centro de Reabilitação Ninota Garcia</b> .....	108
Figura 30 - <b>Sala de Aula do Centro de Reabilitação Ninota Garcia e da Professora Aparecida com os Alunos Surdos</b> .....	109
Figura 31 - <b>Cordélio no Rio de Janeiro</b> .....	113
Figura 32 - <b>Fotografia dos Irmãos durante a Infância</b> .....	115
Figura 33 - <b>Fernando e Outros Surdos Sendo Orientados na Oficina de Tipografia no INES, Rio de Janeiro</b> .....	116
Figura 34 - <b>Fernando e outros Surdos na Oficina de Artes Gráficas</b> .....	117
Figura 35 - <b>Sinal Referente ao Termo Gráfica</b> .....	117
Figura 36 - <b>Sinais Representativos da Cidade de Aracaju, Capital de Sergipe</b> .....	119
Figura 37 - <b>Símbolo Representativo da Companhia Área PANAIR</b> .....	120
Figura 38 - <b>Fotografia Atualizada do Surdo Pedro Mário Firpo Cruz</b> .....	121
Figura 39 - <b>Sinal Pessoal do Surdo João Batista Filho</b> .....	122
Figura 40 - <b>Fotografia Atualizada do Surdo João Batista Filho</b> .....	123
Figura 41 - <b>Fotografia Atualizada do Surdo Raimundo Rocha Santos</b> .....	126
Figura 42 - <b>Foto Atualizada de Rita de Cácia Ferreira de Lacerda</b> .....	128
Figura 43 - <b>A Surda Rita de Cácia e outros Surdos usando os Fones Biauriculares nas Aulas de Treinamento Audiovisual</b> .....	129
Figura 44 - <b>A Surda Rita de Cácia Usando Uniforme Representativo do INES</b> .....	130
Figura 45 - <b>A Surda Rita de Cácia com Professora e Amigos Surdos em Sala de Aula do INES</b> .....	131
Figura 46 - <b>Capa da Revista “Fala!”, Publicada em 1956</b> .....	133

---

<sup>1</sup> Excepcional é um termo comumente muito utilizado ao contexto histórico da época.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - <b>Caracterização dos Entrevistados</b> .....	038
Quadro 02 - <b>Relação de Diferentes Métodos Oraís, Descrição, Técnica e Aplicação</b> ....	056

## **LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 01 - Distribuição da Produção Anual das Dissertações de Mestrado na Área de Educação Especial nos Programas de Pós-Graduação da UFS e da UNIT .....</b>	<b>032</b>
<b>Tabela 02 - Distribuição da Produção Anual das Dissertações de Mestrado na Área de Educação dos Surdos nos Programas de Pós-Graduação da UFS e da UNIT.....</b>	<b>032</b>

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

A.A.S.I.	Aparelho de Amplificação Sonora Individual
ABE	Associação Brasileira de Ecação
ABMR	Academia Brasileira de Medicina de Reabilitação
AIPEDA	Associação Internacional Guy Perdoncini para o Estudo e Pesquisa da Deficiência Auditiva
ASSE	Associação dos Surdos de Sergipe
ASMG	Associação dos Surdos de Minas Gerais
AOPA	Associação das Obras Pavonianas de Assistência
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
BTE	<i>Behind the Ear</i> (Aparelho Auditivo Retroauricular)
CAAF	Centro de Atendimento Alternativo Florescer
CADEME	Campanha Nacional de Educação e Reabilitação dos Deficientes Mentais
CAP	Centro de Atendimento Pedagógico
CAPP	Obra de Assistência e Proteção ao Pobre
C.E.A.A.	Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos
C.Es.	Classes Especiais
CEAL/LP	Centro Educacional de Audição e Linguagem Luduvico Pavoni
CECH	Centro de Educação e Ciências Humanas
CEDA	Centro Educacional para Deficientes Auditivos
CENESP	Centro Nacional de Educação Especial
CERDIC	Centro de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação
C.E.S.B.	Campanha de Educação do Surdo Brasileiro
C.N.E.A.	Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo
C.N.E.R.	Campanha Nacional de Educação Rural
C.N.E.R.D.V.	Campanha Nacional de Educação e Reabilitação dos Deficitários Visuais
COADA	Coordenação de Administração Acadêmica
CORDEC-Pr	Coordenadoria para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência
C.R.N.G	Centro de Reabilitação Ninota Garcia
CIC	<i>Completely Internal in the Channel</i> (Aparelho Auditivo Completamente Interno no Canal)
CPPD	Comissão Permanente de Pessoal Docente

COADE	Coordenação de Administração Escolar
COAE	Coordenação de Avaliação e Atendimento ao Educando
COAF	Coordenação de Programação Orçamentária e Financeira
COAPP	Coordenação de Orientação e Acompanhamento da Prática Pedagógica
COPEP	Coordenação Pedagógica
COPET	Coordenação de Projetos Educacionais e Tecnológicos
CPC	Comissão Permanente de Cadastramento
CRH	Coordenação de Recursos Humanos
CPL	Comissão Permanente de Licitação
CTOP	Coordenação de Suporte Técnico e Operacional
DASP	Departamento Administrativo do Serviço Público
DDHCT	Departamento de Desenvolvimento Humano, Científico e Tecnológico
DEBASI	Departamento de Educação Básica
DEC	Departamento de Educação Complementar
DEPA	Departamento de Planejamento e Administração
DERDIC	Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação
DESU	Departamento de Ensino Superior
DFCRH	Divisão de Formação e Capacitação de Recursos Humanos
DFNA	Autossômica dominante
DFNB	Autossômica recessiva
D.I.	Deficiência Intelectual
DIAE	Divisão de Apoio ao Educando
DIAF	Divisão de Acompanhamento Funcional
DIASE	Divisão de Assistência ao Estudante
DIAU	Divisão de Audiologia
DICTE	Divisão de Cooperação Técnica
DIEF	Divisão de Execução Financeira
DIESP	Divisão de Estudos e Pesquisas
DIFON	Divisão de Fonoaudiologia
DIEPRO	Divisão de Qualificação e Encaminhamento Profissional
DIMO	Divisão Médico-Odontológica
DINFO	Divisão de Informática
DINSP	Divisão de Instrução Processual
DINU	Divisão de Nutrição

DIPAG	Divisão de Pagamento
DIRA	Divisão de Registro Acadêmico
DIRE	Divisão de Registro Escolar
DISEG	Divisão de Serviços Gerais
DISOP	Divisão Sócio-Psico-Pedagógica
EA	Educação Ambiental
EI	Educação Inclusiva
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMEFSR	Escola Municipal de Ensino Fundamental “Sabino Ribeiro”
GTEE	Grupo Tarefa de Educação Especial
HC	Histórica Cultural
HS	<i>Half Shell</i> (Aparelho Auditivo Meia concha)
IBC	Instituto Benjamim Constant
I.B.R.	Instituto Baiano de Reabilitação
I.C.	Implante Coclear
ICES	Instituto Cearense de Educação de Surdos
IDS	Instituto Domingos Sávio
IERB	Instituto de Educação Rui Barbosa
IESP	Instituto Educacional de São Paulo
I.I.S.M.	Imperial Instituto dos Surdos-Mudos
I.N.S.M.	Instituto Nacional dos Surdos-Mudos
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
INOSOL	Instituto Nossa Senhora de Lourdes
ISI	Instituto Santa Inês
IST	Instituto Santa Terezinha
ITE	<i>Inside the Ear</i> (Aparelho Auditivo Intra auricular)
ITC	<i>Inside the Channel</i> (Aparelho Auditivo Intra canal)
JK	Juscelino Kubitschek
Libras	Língua Brasileira de Sinais
MC	<i>Mini Cshannel</i> (Aparelho Auditivo Mini canal)
MCE	<i>Manually Coded English</i> (Inglês Codificado Manualmente)
MEC	Ministério da Educação e Cultura
OAPP	Obra de Assistência e Proteção ao Pobre

OSPB	Organização Social e Política do Brasil
PAI/UFS	Programa de Ações Inclusivas da Universidade Federal de Sergipe
PANAIR	<i>Pan American Airways</i> (Vias Aéreas Pan-americanas)
PAS	Surdez genética sindrômica
PANS	surdez genética não-sindrômica
PFC	Português Falado Complementado
PIB	Produto Interno Bruto
PPED	Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes
PPGED	Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe
PPGA	Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe
PPGECIMA	Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Matemática da Universidade Federal de Sergipe
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe
PPGPSI	Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe
PPP	Projeto Político Pedagógico
PSD	Partido Social Democrático
PSE	<i>Pidgin Sign English</i> (Inglês Sinalizado em Pidgin)
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PUC-RJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RIC	<i>Receiver Internal on the Channel</i> (Aparelho Auditivo Receptor Interno no Canal)
SAME	Serviço de Assistência à Mendicância
SEALM	Serviço de Almojarifado
SEAO	Serviço de Apoio Administrativo e Operacional
SECS	Secretaria de Educação, Cultura e Saúde
SEDIN	Serviço de Educação Infantil
SEED/SE	Secretária de Estado da Educação de Sergipe
SEESP	Secretaria de Educação Especial
SEF 1	Serviço de Ensino Fundamental - 1º Segmento

SEF 2	Serviço de Ensino Fundamental - 2º Segmento
SEFA	Serviço de Educação Física e Artística
SEFN	Serviço de Ensino Fundamental Noturno
SEME	Serviço de Ensino Médio
SEPAT	Serviço de Patrimônio
Sim/sc	<i>Simultaneous Communication</i> (Comunicação Simultânea)
SINFE	Serviço de Informatização Educacional
SUVAG	Sistema Universal Verbotonal de Audição Guberina
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFS	Universidade Federal de Sergipe
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
Unit	Universidade Tiradentes
USA	União Sergipana de Assistência
<i>USAID</i>	<i>United States Agency International for Development</i> (Agência Internacional dos Estados Unidos para o Desenvolvimento)
USH	Síndrome de Usher

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	023
1.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA .....	027
1.2 REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS .....	033
1.3 PERCURSO METODOLÓGICO .....	037
<b>1.3.1 Integrantes da Pesquisa</b> .....	038
<b>1.3.2 Procedimentos de Coleta de Dados</b> .....	039
<b>1.3.3 Localização das Fontes</b> .....	040
<b>1.3.4 Etapas da Pesquisa e Análise dos Dados</b> .....	041
1.4 ESTRUTURA DA TESE .....	042
<b>2 A PROPOSTA PEDAGÓGICA DO INES NAS GESTÕES DE ANA RÍMOLI DE FARIA DÓRIA E MARINO GOMES FERREIRA</b> .....	043
2.1 O INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDO (1950-1970) .....	046
<b>2.1.1 A Gestão de Ana Rímoli de Faria Dória (1951-1961)</b> .....	047
<b>2.1.2 As Obras de Ana Rímoli de Faria Dória</b> .....	049
<b>2.1.3 A Educação do Surdo e as Metodologias de Ensino de Ana Rimoli de Faria Dória na Educação do Surdo</b> .....	051
<b>2.1.4 Os Métodos Oralistas para Surdos</b> .....	054
<b>2.1.5 A Gestão de Marino Gomes Ferreira (1969-1977)</b> .....	060
<b>3 AÇÕES DA POLÍTICA PÚBLICA PARA EDUCAÇÃO DO SURDO BRASILEIRO (1950-1970)</b> .....	064
3.1 JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA (1956-1961) E A CAMPANHA DE EDUCAÇÃO DO SURDO BRASILEIRO .....	066
3.2 EMÍLIO GARRASTAZU MÉDICI (1969-1974) E O CENTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL .....	075
<b>4 PASSOS E DESCOMPASSOS: MEMÓRIAS PRESENTES NAS NARRATIVAS DOS SURDOS SERGIPANOS EGRESSOS DO INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS</b> .....	081

4.1 ENTRE OS FIOS DA MEMÓRIA E DAS HISTÓRIAS DE VIDA: Narrativas dos Surdos Sergipanos no Instituto Nacional de Educação de Surdos .....	087
<b>4.1.1 Aparecida de Jesus Santos: Trajetória de Vida Escolar e Formação Magisterial</b> .....	087
<b>4.1.2 Atuação Profissional da Professora Aparecida de Jesus Nascimento no Ensino Primário da Escola de Educação de Surdos do Centro de Reabilitação Ninota Garcia</b> .....	092
<b>4.1.3 Clóvis da Silva: Trajetória de Vida</b> .....	113
<b>4.1.4 Retrato em Família: Leitura da Fotografia Histórica de Fernando Antônio Nascimento Santos na Oficina de Tipografia no INES</b> .....	114
<b>4.1.5 Pedro Mário Firpo Cruz: Relatos da Vida Escolar no INES e Atuação Profissional em Sergipe</b> .....	118
<b>4.1.6 Raimundo Rocha Santos, Fontes Visuais e as Atividades Esportivas no INES</b> ....	125
<b>4.1.7 Rita de Cácia Ferreira de Lacerda e Análise da Imagem Fotográfica na Construção da Memória no INES</b> .....	127
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	133
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	137
<b>APÊNDICES</b> .....	155
<b>APÊNDICE A</b> .....	156
<b>APÊNDICE B</b> .....	160
<b>APÊNDICE C</b> .....	161
<b>ANEXOS</b> .....	163
<b>ANEXO A</b> .....	164
<b>ANEXO B</b> .....	166
<b>ANEXO C</b> .....	169
<b>ANEXO D</b> .....	172
<b>ANEXO E</b> .....	176
<b>ANEXO F</b> .....	177

ANEXO G .....	178
ANEXO H .....	179
ANEXO I .....	180
ANEXO J .....	182
ANEXO K .....	188
ANEXO L .....	189
ANEXO M .....	190
ANEXO N .....	191
ANEXO O .....	192
ANEXO P .....	193
ANEXO Q .....	194
ANEXO R .....	195
ANEXO S .....	196
ANEXO T .....	197
ANEXO U .....	198
ANEXO V .....	199
ANEXO W .....	200
ANEXO X .....	201
ANEXO Y .....	204
ANEXO Z .....	206
ANEXO AA .....	207
ANEXO BB .....	208
ANEXO CC .....	209
ANEXO DD .....	210
ANEXO EE .....	211
ANEXO FF .....	212
ANEXO GG .....	213

## 1 INTRODUÇÃO

A história comum dos Surdos é uma história que enfatiza a caridade, o sacrifício e a dedicação necessários para vencer “grandes adversidades”.

(SÁ, 2002, s/p)

O primeiro documento fotográfico (Figura 01) desta tese retrata uma estrutura da era imperial de uma história que se modificou com o passar dos anos, juntamente com as políticas educacionais, numa época em que o enfoque oralista prevaleceu deixando suas marcas na educação dos surdos.

Figura 01 – Fotografia histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos



Fonte: DÓRIA (1959, p. 151).

No entanto, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)<sup>2</sup> resguarda histórias e memórias de alunos e professores formados naquela centenária Instituição, uma temática

---

<sup>2</sup> O Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) ainda continua sendo um centro de referência, em nível nacional, para questões da deficiência auditiva, é também um órgão do Ministério da Educação, sendo a primeira

ainda incipiente nos registros historiográficos da Educação Especial brasileira. O INES é caracterizado como uma Instituição de cunho educacional, profissional e pública, especializada para pessoas surdas que tem desenvolvido ao longo dos anos, práticas pedagógicas educacionais e profissionalizantes para essa população.

Esta pesquisa foi delineada com base nos pressupostos da História Cultural (HC), inserindo-se no campo da História da Educação Especial, e teve como objeto de estudo as narrativas referente às histórias de vida dos surdos sergipanos egressos do INES ao lado de documento e fotografias entre 1944 até 1979 acerca da formação educacional e carreira profissional. Nas décadas de 1944 e 1979 do século XX, respectivamente, correspondem ao ingresso do primeiro surdo sergipano e egresso do último que foram estudar na referida Instituição.

Conforme documentos oficiais, durante o período estudado foram promovidas diferentes campanhas educacionais, dentre elas, a Campanha de Educação do Surdo Brasileiro (C.E.S.B.), na gestão da diretora do INES, na época, a professora Ana Rimoli de Faria Doria (1951/1961). A Campanha foi instituída no Governo do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira por meio do Decreto nº. 42.728 de 3 de dezembro de 1957 (ANEXO A), considerado também um marco inicial referente aos primeiros movimentos em favor da escolarização dos surdos brasileiros, na segunda metade do século XX, e teve como marco final a criação do Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), pelo Governo do Presidente Emílio Garrastazu Médici instituído por meio do Decreto nº. 72.425 de 3 de julho de 1973 (ANEXO

---

instituição de ensino especializado em surdez no Brasil. Tem como encargo a produção, o desenvolvimento e a divulgação de conhecimentos científicos e tecnológicos na área da surdez, em todo o território nacional, bem como subsidiar a Política Nacional de Educação, promover e assegurar o desenvolvimento global da pessoa surda, sua plena socialização e o respeito às suas diferenças. O INES passou por várias denominações desde a sua fundação e, também, funcionou em vários endereços até a instalação definitiva na atual sede da Rua das Laranjeiras. São os seguintes períodos, denominações e endereços: 1856/1857 – Collégio Nacional para Surdos-Mudos de Ambos os sexos. Rua dos Beneditinos, 8; 1857/1858 – Instituto Imperial para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos. Morro do Livramento – Entrada pela Rua de São Lourenço; 1858/1865 – Imperial Instituto para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos. Morro do Livramento – Entrada pela Rua de São Lourenço; 1865/1866 – Imperial Instituto dos Surdos-Mudos de Ambos os sexos. Palacete do Campo da Acclamação, 49; 1866/1871 – Imperial Instituto dos Surdos-Mudos de Ambos os Sexos. Chácara das Laranjeiras, 95; 1871/1874 – Imperial Instituto dos Surdos-Mudos de Ambos os Sexos. Rua da Real Grandeza, 4 – Esquina da dos Voluntários da Pátria; 1874/1877 – Instituto dos Surdos-Mudos. Rua da Real Grandeza, 4 – Esquina da dos Voluntários da Pátria; 1877/1890 – Instituto dos Surdos-Mudos. Rua das Laranjeiras, 60; 1890/1957 – Instituto Nacional de Surdos-Mudos. Rua das Laranjeiras, 82/232 (mudança de numeração); 1957/ atual – Instituto Nacional de Educação de Surdos. Rua das Laranjeiras, 232 (ROCHA, 2009 p. 10). O INES foi fundado no dia 26 de setembro de 1857, por meio da Lei nº. 839, assinada pelo imperador D. Pedro II (SOARES, 1999; SOUZA, 2007; ROCHA, 2009). De acordo com Vaz (2002, p. 57) o INES já funcionou em vários locais, 1. Rua Municipal nº 8 (atual Myrink Veiga), 2. Ladeira do Livramento nº 29, Bairro da Saúde, 3. Prédio do Campo da Acclamação nº 49 (atual Praça da República), 4. Prédio da Rua Real Grandeza, s/n (Canto de São Joaquim) e 5. Rua das Laranjeiras, nº 95 (atualmente nº 232). O Dia Nacional do Surdo, comemorado no dia 26 de setembro faz referência à inauguração do INES de acordo com a Lei nº 11.976/2008. O INES está locado na Rua das Laranjeiras, 232, no Bairro Laranjeiras, no Rio de Janeiro – RJ, CEP 22240-003.

B), sob a responsabilidade do Ministério de Educação, com a finalidade de promover em todo o território nacional a expansão e melhoria do atendimento aos excepcionais.

Os anos de 1950 foram caracterizados no INES, historicamente, como um período de projetos de aquisição da língua oral e compreensão da fala por surdos num ideário social patologizante. Somente a partir dos anos de 1990, começaram a ser mais frequentes as produções acadêmicas, cujas pesquisas delimitaram-se à história da educação dos surdos no INES. Sobre essas pesquisas, Rocha declara que:

[...] Há pouca pesquisa histórica no campo e muitas repetições entre eles. Lane é o referencial de todos. As fontes documentais, quando trabalhadas, funcionam como manifesto para a defesa das concepções de educação de surdos por eles postuladas. (ROCHA, 2009, p. 33-34).

Nesse aspecto é notório o alinhamento dialógico administrativo de Ana Rimoli com a influência do cientificismo do idealizador da reconstrução educacional brasileira Anísio Spínola Teixeira<sup>3</sup> para retomada de um ensino de base oralista, demarcando por muito tempo as práticas educativas do INES ao longo de sua história.

Outro aspecto é a secundarização do ensino e priorização das atividades clínico-terapêuticas já que a formação fornecida tornava os professores de surdos muito mais terapeutas da palavra<sup>4</sup> do que educadores, pois, essa inversão de prioridade subordinava o ensino gradativo de disciplinas escolares aos resultados satisfatórios do desenvolvimento da linguagem oral em crianças surdas por meio do treinamento de órgãos fonoarticulatórios e aproveitamento de resíduos auditivos.

O século XX foi um período de transformação fortemente demarcado pelos princípios democráticos liberalistas norteadores da Revolução Francesa do século XVIII, pelo movimento higienista do século XIX, e, principalmente, pelo assistencialismo das áreas médicas, pelas teorias raciais como o positivismo, evolucionismo e darwinismo (SOUZA, 2010). De acordo com Schwarcz (1997), essas teorias penetraram no cenário educacional brasileiro de forma simultânea, trazendo consigo as doutrinas raciais da diferença, das desigualdades, da incapacidade e tantas outras denominações sociais de diferentes épocas.

---

<sup>3</sup> Anísio Spínola Teixeira nasceu em Caetitê, na Bahia, em 12 de julho de 1900. Estudou no Instituto São Luís na cidade em que nasceu e no Colégio Antônio Vieira, em Salvador, ambas instituições jesuítas. Anísio desejou entrar para a Companhia de Jesus, porém, seu pai, Deucleciano Pires Teixeira almejava para o filho uma vida política e o mandou estudar no Rio de Janeiro. Ingressou no curso de Ciências Jurídicas do Rio de Janeiro. Bacharel em Direito, Anísio recebeu o convite do Governador Góes Calmon para assumir, em 1924, a Direção da Instrução Pública. Iniciava, assim, um caminho rumo à paixão que seguiu até sua morte: a educação (SAVIANI, 2007).

<sup>4</sup> Terapeuta da palavra é um termo antigo equivalente a fonoaudiólogo.

O interesse em realizar pesquisas na área de Educação dos Surdos surgiu enquanto graduando em Química Licenciatura, na Universidade Federal de Sergipe, ocasião em que decidi me desafiar ao pesquisar sobre o Ensino de Química para surdos.

Durante a realização da pesquisa de graduação, surgiu uma necessidade de entender como se deu o processo histórico e educacional dos surdos em Sergipe, e fui presenteado pelas Professoras Especialistas Mônica de Gois Silva Barbosa, Alessandra Rezende dos Santos Andrade e Edna Maria dos Santos com o livro “Gênese da Educação dos Surdos em Aracaju” de autoria da Profa. Dra. Verônica dos Reis Mariano Souza, que, sob as lentes da inclusão de surdos sergipanos, comecei a pesquisar sobre História da Educação dos Surdos tendo como ponto de partida o INES e a atuação do diretor-médico riachuelense, Dr. Tobias Rabello Leite (1868-1896) “Aos presentes peço justiça para as minhas intenções; dos vindouros, aguardo o reconhecimento de procura ser útil aos meus concidadãos (LEITE, 1877). E o C.R.N.G. e gestão do diretor-médico rosarense, Dr. Antônio Garcia Filho (1962-1979) “[...] os mudos falam, os surdos ouvem, os coxos andam, os cegos veem [...]” (GARCIA FILHO, 1966, p. 11).

No mestrado, foi dado prosseguimento à pesquisa realizada na graduação em Química Licenciatura. Ao passo que realizava as leituras que envolviam a Educação dos Surdos foram surgindo várias inquietações sobre três surdos sergipanos que estudaram no INES (Aparecida, Fernando e Clóvis) e foram citados por Souza (2010). Essa trajetória será mais detalhada através de breve memorial (APÊNDICE A).

Na atuação profissional, como professor do Departamento de Letras Libras da UFS, foi perguntado aos alunos surdos aracajuanos sobre os surdos sergipanos que estudaram no INES e foram surgindo outros nomes como Pedro e outros falecidos como Chamilcar, Ubirajara e Cordélio mas notei que não possuíam informações completas e detalhadas.

Com base nessas reflexões, surgiram os seguintes questionamentos:

1. Quem e quantos foram os surdos sergipanos que estudaram no Instituto Nacional de Educação de Surdos nas décadas de 1944 a 1979?
2. Quais as principais características do processo de escolarização dos surdos sergipanos que estudaram no INES de 1944 a 1979?
3. A educação recebida no INES nas décadas de 1944 a 1979, contribuiu para a profissionalização e independência econômica dos surdos sergipanos?
4. Quais foram as modalidades de comunicação e métodos de ensino utilizados na década de 1944 a 1979, no INES?

Partindo desses pressupostos, toma-se como campo de investigação as histórias de vida dos surdos sergipanos que estudaram no Instituto Nacional de Educação de Surdos, em destaque apresenta-se o período espaço-temporal de 1944 até 1979. Esse destaque é significativo para o estudo proposto, visto que, além de ser um período de realizações no âmbito das políticas públicas educacionais que consolidaram o INES no cenário educacional de surdos brasileiros, é, também, o período que representou o auge do ensino para surdos com foco na aquisição de língua oral e compreensão da fala.

A Tese defendida é a seguinte: mesmo com todo aparato teórico e metodológico institucional do INES, apesar do ensino calcado no oralismo, voltado, inicialmente, para a reabilitação, e posteriormente, para a instrução, limitando-se ao ensino primário, a formação recebida no INES no período de 1944 a 1979 contribuiu para a independência econômica e profissional dos surdos sergipanos egressos daquela Instituição.

Para tanto, definiu-se como objetivo principal para o trabalho descrito nesta tese:

Investigar a trajetória de vida escolar e profissional dos surdos sergipanos que estudaram no Instituto Nacional de Educação de Surdos nas décadas de 1944 a 1979.

Fundamentado nesse objetivo pretendeu-se:

- a) verificar a influência do Instituto Nacional de Educação de Surdos na formação escolar e carreira profissional dos surdos sergipanos;
- b) mostrar os aspectos educacionais de surdos nas gestões de Ana Rimoli de Faria Dória e Marino Gomes Ferreira;
- c) apresentar as diferentes modalidades de comunicação e métodos de ensino para surdos;
- d) destacar as ações das políticas públicas da educação dos surdos nos Governos de Juscelino Kubitschek de Oliveira e Emílio Garrastazu Médici;
- e) descrever as histórias de vida através da memória presente nas narrativas dos surdos sergipanos egressos do INES e familiares.

## 1.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Para este estudo, a revisão de literatura foi empreendida entre 2010 e 2017 a partir de buscas efetuadas no portal de teses e dissertações da Capes ([www.capes.org.com](http://www.capes.org.com)) no qual foram encontradas pesquisas que poderiam ser subdivididas em três grupos principais, conforme disposto a seguir:

- a) Sobre as pesquisas referentes às experiências/práticas pedagógicas e escolarização na perspectiva de alunos ou professores do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), foram encontradas oito dissertações de mestrado e três teses de doutorado que investigaram predominantemente questões relacionadas ao estado da arte, políticas públicas e intervenções com crianças surdas (REIS, 1992); à alfabetização dos alunos surdos (NOGUEIRA, 1994); processos de letramento e a aprendizagem da leitura e escrita pelo aluno surdo (MARQUES, 1997); a influência da iconicidade nas produções textuais dos alunos surdos (PEREIRA, 2003); materiais pedagógicos, métodos e técnicas que favorecem a aprendizagem da língua portuguesa pelos alunos surdos (FAVORITO, 2006; GOMES, 2006); e processos que envolvem a escolarização desses discentes (COUTINHO, 2003).
- b) No caso das pesquisas que se debruçaram sobre a história do INES e seus atores: foram identificadas quatro dissertações de mestrado e duas teses de doutorado as quais investigaram as seguintes questões centrais: como se deu, nas publicações do INES, a materialidade do discurso sobre a educação bilíngue na década de 1990? (SOARES, 1996); De que maneira o contexto sócio-histórico e as condições institucionais favoreceram no INES, na década de 1990, a formação de um movimento composto por agentes escolares que reivindicavam mudanças nas concepções a respeito dos sujeitos surdos e da surdez, postulando a construção de um projeto bilíngue de educação que colocava em xeque o modelo oralista? (FREITAS, 2012); Quais são os discursos proferidos a respeito do sujeito surdo, a partir de três crônicas de Cecília Meireles, comparados ao discurso do século XXI? (COSTA, 2009); Como se deu o processo de escolarização oferecido pelo INES, na década de 1940, e qual sua influência na qualidade de vida dos surdos? (MATOS, 2002); Qual o lugar da disciplina Educação Física ao longo da história do INES? (TENÓRIO, 2008); Quais os efeitos de narrativas dicotomizadas para a história da educação de surdos, partindo-se do INES como campo de pesquisa? (ROCHA, 2009).
- c) Com relação às pesquisas referentes à temática do bilinguismo para surdos, encontraram-se 83 pesquisas entre teses e dissertações, cujos temas recorrentes foram: a inclusão do discente surdo na rede regular de ensino (SÁ, 1996; LIMA, 2004; NOGUEIRA, 1994; SLOMSKI, 2000; RODRIGUES, 2002); letramento e ensino do português como segunda língua na perspectiva bilíngue de educação

(FAVORITO, 1996; SILVA, 2004); o trabalho fonoaudiológico na proposta bilíngue (HARRISON, 2006); a aquisição da linguagem; a cultura surda; a identidade surda (PERLIN, 1998; FERNANDES, 2003; PEDREIRA, 2006); a alteridade surda e a aquisição da língua de sinais (PERLIN, 2003; SILVA, 2004; CUNHA, 2007); o papel do intérprete de Libras na sala de aula inclusiva (LEITE, 2004); muitos relatos sobre história da educação dos surdos são encontrados no livro “Mãos fazendo histórias” (VERGAMINI, 2002).

Como foco de pesquisa no período de 1951 até 1961, Soares (1999) estabeleceu a relação dicotômica entre o INES e as políticas públicas educacionais brasileiras dos anos 1950, por meio da democratização da escola e de seus procedimentos pedagógicos. O trabalho de Moura (2000) sobre o INES destacou que a educação de surdos ancora-se em cópias de modelos europeus e se ressentia do que ela chama de ausência de história da educação de surdos no Brasil, pois, esta foi iniciada em função do descaso das autoridades que não consideravam as necessidades nacionais.

Além disso, Soares (1999) destaca que, a partir de 1951, o INES passou por uma profunda mudança, tanto nos aspectos metodológicos do ensino, quanto na sua estruturação interna, tratando-se de um período bem documentado e projetos institucionais bem definidos, contendo fotografias, filmes, anais, livros, discursos de autoridades e outros tantos que se juntavam à memória construída pelos ouvintes e surdos. Naquele período, foi promovida uma série de iniciativas relativas à educação de surdos em âmbito nacional, destacando-se, dentre outras ações, a criação do Curso Normal de Formação de Professores para Surdos - considerado o primeiro na América Latina, a Campanha de Educação do Surdo Brasileiro e inúmeras publicações.

Acerca das ações apontadas acima, Rocha destaca que:

Estas iniciativas demandam um olhar mais profundo, buscando compreender a dinâmica do Instituto como órgão ligado ao Ministério da Educação – MEC – e sua inserção na grande rede engendrada pelo educador Anísio Teixeira, quando esteve exercendo no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos as funções de gestor e formulador das políticas educacionais dos anos cinquenta. (ROCHA, 2009, p. 14).

Rocha (2009) deteve-se sobre o período espaço-temporal de 1856 até 1961, considerando o trabalho mais bem documentado no âmbito de um debate linguístico entre os defensores do ensino da língua oral para surdos (opressores ouvintes oralistas) *versus* o ensino por meio dos sinais (oprimidos surdos gestualistas), fazendo uma análise crítica nas narrativas dicotomizadas que vêm se solidificando no campo história educacional dos surdos brasileiros.

Em Sergipe, o estudo sobre a Educação Especial teve início na década de 1980, sua primeira produção foi a dissertação de mestrado desenvolvida pela professora Iara Maria Campelo Lima, intitulada “Observação e análise da interação professor-aluno em classe de educação especial”, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 1985. Entre as décadas de 1980 e 1990 alguns artigos foram escritos por professores e estudantes da Universidade Federal de Sergipe, dos quais pouquíssimos foram publicados (SOUZA, 2009).

A pesquisa sobre o tema em estudo toma maior proporção ao iniciar o século XXI com duas dissertações apresentadas no ano 2000, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, sendo a primeira defendida pela professora Rita de Cácia Santos Souza, intitulada “Educação Especial em Sergipe: uma trajetória de descaso, lutas, dores e conquistas”, e a segunda pela professora Verônica dos Reis Mariano de Souza, intitulada “Vivência de inclusão”.

Devido principalmente à recente implantação do Programa de Pós-Graduação em Educação e à ausência de linhas de pesquisa com esse foco, na Universidade Federal de Sergipe, alguns educadores também desenvolveram seus estudos em outros espaços acadêmicos, entre os quais estão a professora Maria Stela de Araújo Albuquerque, com a primeira tese intitulada “Um estudo sobre a educação especial em Sergipe”, pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Em 2000, Chrystiane Andrade Vasconcelos Toscano, com a dissertação *Estudo de la afetividad de los niños y niñas portadores del síndrome down em edad preescolar*, pelo Instituto Superior Pedagógico José Verona, em Cuba.

Em 2004, o professor Nelson Dagoberto de Matos, com a tese “A pessoa portadora de necessidades especiais no contexto das políticas sociais: perspectivas da modernidade”, pela Universidade Federal de São Carlos, em São Paulo. A professora Isa Regina Santos dos Anjos, com a dissertação “Programa TEC NEP: avaliação de uma proposta de educação profissional inclusiva”, em 2006, e tese “Dotação e talento: concepções reveladas em dissertações e teses no Brasil”, em 2011, ambas pela Universidade Federal de São Carlos. Na área de Ciências da Saúde (Medicina), em 2006, Maria das Graças Araújo defendeu a dissertação “Opinião de psicólogo sobre o preparo para atender as necessidades humanas básicas de crianças com deficiências mentais”, pela Universidade Federal de Sergipe.

Em 2007, a professora Verônica dos Reis Mariano Souza, com a tese “Gênese da educação dos surdos em Aracaju”, pela Universidade Federal da Bahia; e a professora Iara Maria Campelo Lima, com a tese “Tecendo saberes, dizeres, fazeres em formação contínua de

professores: uma perspectiva de educação inclusiva”, pela Universidade Federal da Bahia, em 2009. E, também naquele mesmo ano, a professora Rita de Cácia Santos Souza com a tese “Educação Especial do século XIX ao início do século XX: cuidar e educar para civilizar”, pela Universidade Federal da Bahia.

Em 2014, Enaura Vespasiano de Assis defendeu a dissertação “As leituras na formação de estudantes em situação de deficiência na Universidade Federal de Sergipe – UFS” pela Universidade Federal da Bahia; em 2015, o professor Enio Gomes Araújo defendeu a tese “Ensino de Matemática em Libras: reflexões sobre minha experiência numa escola especializada”, pela Universidade de Anhanguera.

Além desses, devido à relevância das temáticas, com o intuito de compreender as histórias de vida dos surdos sergipanos no INES foi necessário destacar as produções na área de Educação Especial em Sergipe e as contribuições dadas ao campo empírico; para isso foram buscadas fontes que tratassem do tema no Banco de Dados de Teses e Dissertações (BDTD), no portal de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e no banco de dados de Teses e Dissertações da UFS (TEDE), especificamente, nos arquivos, acervos e biblioteca dos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGED), em Antropologia (PPGA), em Letras (PPGL), em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIMA) e em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal de Sergipe e no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Tiradentes, nos quais foram realizadas buscas acerca de produções que versassem sobre Educação Especial e História da Educação dos Surdos.

No BDTD, verificou-se mais de 500 trabalhos relacionados à História da Educação Especial, destes, 158 são teses e 371 dissertações. Com relação à História da Educação em Sergipe, constataram-se dez trabalhos, dos quais apenas dois correspondiam ao assunto utilizado para busca, eram os trabalhos da Souza (2000a) e Souza (2000b). No caso de História da Educação dos Surdos, obtiveram-se, como resultado, 38 dissertações e 17 teses.

No CAPES, identificou-se, como resultado da pesquisa para História da Educação Especial, um total de 484 produções, nenhum resultado equivalente a História da Educação Especial em Sergipe e 70 produções relacionadas à História da Educação dos Surdos.

No TEDE da Universidade Federal de Sergipe, foi identificado um total de 53 trabalhos. A seguir, na Tabela 01, serão destacadas sinteticamente a distribuição anual das produções acadêmicas no Estado de Sergipe com ênfase na área de Educação Especial.

**Tabela 01 – Distribuição da Produção Acadêmica Anual na Área de Educação Especial nos Programas de Pós-Graduação da UFS e da UNIT**

IES	Programa	Dissertação de Mestrado / Tese de Doutorado										
		Ano	2000	(...)	2008	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
UFS	PPGED	2	-	1	2	1	2	3	4	7	7	29
	PPGL	-	-	-	1	1	1	-	1	1	1	06
	PPGA	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	01
	PPGECIMA	-	-	-	1	-	2	3	1	3	2	12
	PPGPSI	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	01
Unit	PPED	-	-	-	-	1	2	-	-	1	-	04
	<b>Total</b>	02	0	01	04	04	07	06	06	12	11	53

Fonte: Tabela elaborada pelo pesquisador, com base dos dados da pesquisa em campo (2017).

Na Tabela 01, evidencia-se o pioneirismo do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) na produção de dissertações na área de Educação Especial em Sergipe, demonstrando uma ascendente produção nessa área do conhecimento. No levantamento realizado, foram identificados 53 trabalhos sendo 52 dissertações de mestrado e uma tese de doutorado, das quais 48 pertencem à UFS e quatro à Universidade Tiradentes (Unit). Dessa amostragem, 18 dissertações da UFS e duas da Unit são referentes à área da surdez, e apenas uma da UFS refere-se à área de História da Educação de Surdos conforme dados da Tabela 02. Isso mostra a necessidade e importância de realizar pesquisas voltadas para a área de história da educação dos surdos com base nas trajetórias individuais de vida, nas vivências coletivas, na formação educacional e na carreira profissional.

**Tabela 02 – Distribuição da Produção Acadêmica Anual na Área de Educação dos Surdos nos Programas de Pós-Graduação da UFS e da UNIT**

IES	Programa	Dissertações de Mestrado / Tese de Doutorado										
		Ano	2000	(...)	2008	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
UFS	PPGED	-	-	-	1	-	1	-	2	2	1	07
	PPGL	-	-	-	1	-	1	-	1	1	1	05
	PPGA	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	01
	PPGECIMA	-	-	-	-	-	-	2	1	1	1	05
	PPGPSI	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	01
Unit	PPED	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	02
	<b>Total</b>	0	0	0	02	01	04	02	04	04	04	21

Fonte: Tabela elaborada pelo pesquisador, com base dos dados da pesquisa em campo (2017).

Esses estudos são fontes diluídas no universo da Educação Especial e somam-se aos diversos que surgiram, desde a década de 1980, tratando da História da Educação Especial e ganharam notoriedade histórica e grande relevância referencial para muitos pesquisadores. As contribuições dos trabalhos sergipanos ao campo de pesquisa estão dispostas nos ANEXOS C e D. De todas as produções identificadas e analisadas neste estudo, tanto de âmbito nacional quanto estadual, apenas Soares (1999), Rocha (2009), Mattos (2002), Souza (2007) e Seixas (2015) dialogam diretamente com o objeto desta tese, porém, é importante grifar que nenhum dos trabalhos consultados na literatura aborda a proposta aqui traçada, o que torna o estudo cogente e proeminente para a área de História da Educação de Surdos em Sergipe.

## 1.2 REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Quanto aos referenciais teóricos e metodológicos adotados, esta pesquisa se fundamenta na área de História Cultural, em Chartier (1990), com a história da representação e apropriação; em Pollak (1992), Le Goff (2003) e Halbwachs (2006), nos processos de memória e história; em Julia (2001), a respeito de cultura escolar.

Sobre a História Cultural, Burke (2005) considera que, a princípio, estava diretamente ligada às Artes, à Literatura e à Filosofia, podendo ser compreendida por quatro fases principais: fase “clássica”, fase da “história social da arte” – a partir de 1930 –, fase em que a “história da cultura popular” passa a ser valorizada – após 1960 – e a fase “nova história cultural”.

Esta pesquisa teve abordagem no estudo historiográfico, na perspectiva da História Cultural, e vem ampliando o campo da História incluindo novos objetos, novas temáticas, destacando-se dentre eles o das instituições educacionais, o papel de personagens e intelectuais que se destacaram no campo da arte, da política, da educação, pois cada indivíduo tem uma memória pessoal. A memória desse indivíduo não é um fenômeno de interiorização individual, mas resultante de um processo coletivo, modelado por vários grupos sociais (BERGUER, 2011).

Segundo Nora (1993), história e memória são campos de saberes específicos, que se relacionam e se complementam. A dimensão da memória, em suas práticas, constitui verdadeiros elos com o presente, que se ressignifica a cada instante. É na tensão entre memória e história e nas operações de lembranças e apagamentos advindos dessa relação que esse trabalho se desenvolve. Para ele, a prática de produção de memórias teve início ainda no

contexto de independência das colônias, com as “sociedades-memória” que manifestavam forte discurso de memória, porém pouca produção histórica, e foram conduzidas à historicidade. O lembrar tornou-se um marcador da experiência temporal do homem, uma das faces da memória, implicando percepção direta, ou indireta de fatos e coisas.

O historiador Rüsen (2009) considera que, através das camadas de memórias construídas ao longo da vida, o sujeito estabelece uma relação diferenciada com o tempo vivido, o que significa dizer que o passado, com essas bases, assume uma vivacidade, na medida em que serve como fonte de orientação para seu agir no presente, assim como o torna capaz de projetar seu futuro.

Pollak (1992) dedicou parte de seus estudos a compreender os efeitos dos silenciamentos de algumas memórias, que, embora não circulassem livremente entre a sociedade, faziam-na lançar mão de mecanismos de conservação, por exemplo, através da oralidade.

O discurso da memória, muitas vezes, é suprimido por uma concepção de memória divorciada do próprio campo da história – distanciando-se do campo procedimental e de construção de sentido. É na base de pensamento histórico que a memória opera e o conhecimento histórico decorre das interpretações de experiência do tempo passado. A memória consiste numa relação imediata do tempo presente com o passado, ela perpassa muitas vezes pelos caminhos da imaginação.

Entrelaçando memória com história de vida, partiu-se do pressuposto defendido por Pollak (1992, p. 10) de que “[...] a história está se transformando em histórias, histórias parciais e plurais, até mesmo sob o aspecto da cronologia.” Em linhas gerais, ao traçar a história de vida a começar memória, parte-se das histórias individuais até chegar num determinado ponto em que ocorre uma fusão de histórias individuais e estas se tornam coletivas. Para este estudo partiu-se das histórias de vida individuais de cada surdo entrevistado, mas no INES estas se tornam vivências coletivas.

O estudo histórico vem constituindo uma das perspectivas de pesquisa no campo da Educação, utilizando dentre as várias fontes, além do acervo documental, dos testemunhos e vestígios deixados por homens e mulheres. Foram empregados como técnica e instrumentos de pesquisa, respectivamente, análise documental e entrevistas.

O marco conceitual utilizado neste estudo histórico está baseado no historiador Roger Chartier, pois, o social só faz sentido como prática, sugerindo como análise as categorias: representação e apropriação. Para Chartier (1990), as representações constituem-se de três

esferas: a delimitação e classificação, nas quais a realidade é constituída por diferentes grupos; o reconhecimento de uma identidade social; e as formas institucionalizadas, que marcam a existência de um grupo, classe ou comunidade. Neste caso, a presença do INES na comunidade surda sergipana.

A apropriação visa à elaboração de uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações sociais, institucionais e culturais inscritas nas práticas específicas que os constroem, “[...] práticas que, pluralmente, contraditoriamente dão significado ao mundo.” (CHARTIER, 1988, p. 27). Para Chartier (2009, p. 51-52) “As representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é.” Compreende-se, contudo, que é de extrema importância a leitura dos documentos para o conhecimento de como foi se efetivando o processo educacional dos surdos no INES.

O conceito de cultura escolar foi definido de acordo com Julia:

Cultura escolar pode ser traduzida por um conjunto de *normas* que definem os saberes a ensinar e as condutas a inculcar e conjunto de práticas que permite a transmissão desses saberes e *práticas* estão ordenadas de acordo com as finalidades que podem variar segundo as épocas, as finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização. Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional, os agentes que são obrigados a obedecer a essas normas e, portanto, a pôr em obra os dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar a sua aplicação, a saber os professores. (JULIA, 2001, p. 15).

Desse modo, a Cultura Escolar pode ser definida como tudo aquilo que ocorre no interior de uma instituição de ensino; é o conjunto de aspectos institucionalizados que incluem práticas e normas de condutas, destacando regras que caracterizam a organização escolar. É importante salientar que o INES foi fundado há 160 anos e a presença de narrativas ligadas à memória faz parte da cultura institucional.

Embora não se trate de um trabalho biográfico, foi necessário realizar uma abordagem biográfica dos sujeitos que fizeram parte do cenário estudado.

A abordagem biográfica vem se constituindo numa das perspectivas de pesquisa no campo da História da Educação, utilizando dentre as várias fontes, além do acervo documental, os testemunhos e vestígios deixados por homens e mulheres (BORGES, 2005). Sobre a pesquisa biográfica, de acordo com Encarnação (1997), é o estudo da carreira de uma pessoa por meio da informação sobre ela, constante em fontes históricas.

Para Chartier (1996), a biografia permite fazer surgir a diferença em relação às construções globais. Numa abordagem biográfica, Freitas (2006) afirma que:

Para o desenvolvimento da pesquisa entende-se a abordagem biográfica na História da Educação como aquela que, a partir de diferentes instrumentos e vestígios, recupera e registra a história de educadores e intelectuais que ocuparam a cena educacional, entre eles: depoimentos, história de vida, entrevistas, cartas, fotografias, matérias jornalísticas, entre outros. (FREITAS, 2006, p. 146).

As fotografias são memórias visuais e foram cedidas pelos surdos entrevistados, são aspectos dos fatos reais vivenciados e registrados em acervo pessoal, não são meras ilustrações, e representam a parte da memória iconográfica, a qual enriquece o texto sobre um período histórico com imagens de instituições, esculturas, materiais didáticos, mobiliário escolar, obras arquitetônicas, quadros, uniformes ou fotografias de pessoas. As fotografias foram cedidas e legendadas pelos participantes surdos.

As fotografias congelam a imagem, imortalizada como cena que será objeto de investigação para o historiador. No caso das histórias de vida dos surdos sergipanos, a imagem fotográfica permitiu observar as transformações ocorridas num determinado espaço (INES) através do tempo (1950-1970). O espaço é construído pelo olhar fotográfico através do enquadramento que seleciona os limites contidos em um espaço maior existente. Burke (1992) adverte que as imagens fotográficas nas abordagens históricas devem ser levadas em consideração e analisadas criticamente, além dos documentos escritos.

Sobre a iconografia conservada por determinados grupos, Pollak (1992) destaca que a partir da memória visual é possível reconstruir sobre a integração dos lugares da memória e sobre os símbolos e as imagens que se formam a partir dos monumentos, no caso, a estrutura arquitetônica do INES.

Na área de história da educação de surdos, embasou-se nos trabalhos de Soares (1999), por destacar a incorporação do oralismo como método pedagógico na década de 1950, através das iniciativas do INES, sob a direção da Ana Rimoli de Faria Dória, nos estados brasileiros, como o curso de formação de professores de surdos e a Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro; destaca-se também Rocha (2009), ex-diretora do INES, por trilhar sua trajetória de vida e de estudo dentro da Instituição e apresentar de forma singular os efeitos e desdobramentos das narrativas dicotomizadas para a História da Educação de surdos.

A pesquisa retratada por Leila Couto Mattos (2002) investigou o processo de escolarização oferecido pelo INES, desde a década de 1940, e sua influência sobre a atual qualidade de vida dos surdos, hoje idosos; apontou a falta de programas educacionais, naquela

década, que possibilitassem aos surdos, na condição de aprendizes para a aquisição e domínio da Língua Portuguesa, e a autora concluiu que, enquanto não forem desenvolvidas ações nesse sentido, como política pública educacional, o surdo com baixo nível social e econômico continuará com dificuldades concretas de acesso aos bens comuns.

Acompanhando a produção acadêmica em Sergipe na área de surdez, foi possível observar que apenas os trabalhos de Souza (2007) e Seixas (2015) possuem ênfase na área de Educação de Surdos. A tese de doutorado de Souza (2007) teceu a genealogia educacional dos surdos aracajuanos, sendo uma contribuição para a historiografia educacional sergipana, mostrando a atuação dos médicos sergipanos, Tobias Rabello Leite, e sua gestão no Imperial Instituto dos Meninos Surdos-Mudos (I.I.M.S.), no Rio de Janeiro, de 1868 a 1896, e Antônio Garcia Filho, em 1962 no Centro de Reabilitação Ninota Garcia, em Aracaju.

A dissertação de mestrado de Lima (2008) destacou o Projeto nº 481, intitulado “A Educação dos Anormaes”, apresentado em 14 de outubro de 1921 pelo senador Antônio Manoel de Carvalho Neto, o qual comprovou a incapacidade da escola para educar o surdo nos moldes convencionais por causa da formação de professores. E a dissertação de mestrado de Seixas (2015) intitulada “O Instituto Nacional de Educação de Surdos e a Formação de Professores para Surdos em Sergipe (1959-1961)” analisou a formação das professoras sergipanas de surdos nos anos de 1959 a 1961, destacando as práticas pedagógicas que nortearam o Curso de Especialização de Professores para Surdos, promovido pelo INES, no período estudado.

Os marcos descritos são usados com o intuito de observar detalhadamente as trajetórias individuais, entre outras coisas, as vivências coletivas, as concepções e representações sobre deficiências, utilizando como instrumento as narrativas e os documentos iconográficos cedidos pelos surdos sergipanos e familiares.

### 1.3 PERCURSO METODOLÓGICO

A ação metodológica se fundamentou nos elementos constitutivos do método histórico por meio da pesquisa documental realizada em fontes documentais tais como correspondências e diários, assentos de registros públicos e privados, jornais, dicionários bibliográfico entre outros. O documento é o resultado de uma edificação consciente ou inconsciente das sociedades históricas operantes de determinadas épocas (LE GOFF, 1984).

### 1.3.1 Integrantes da Pesquisa

O presente estudo foi integrado por surdos sergipanos que estudaram no INES e tiveram sua matrícula realizada durante a década de 1950, e familiares residentes em Sergipe. Segundo Mattos (2002) foram identificados 400 alunos matriculados no INES durante três décadas. O Quadro 01 apresenta as informações sobre os entrevistados.

Quadro 01 – Caracterização dos Entrevistados

ENTREVISTAS				
Nome do Depoente	Local da Entrevista	Informações Complementares	Data da Entrevista	Período de ingresso/egresso
Aparecida de Jesus Santos	Bairro Mosqueiro, Aracaju (SE)	Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa.	20 de agosto de 2016	INES (1954 - 1964)
		(Ex-aluna surdo-cega sergipana do INES) Entrevista concedida a Verônica dos Reis Mariano Souza (Ex-aluna surdo-cega sergipana do INES)	26 de janeiro de 2006	IST (1964 - 1966) IDS (1966 - 1967) ISI (1967 - 1970)
Maria Auxiliadora Santos	Bairro Mosqueiro, Aracaju (SE)	Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa. (Irmã dos surdo-cegos Aparecida e Fernando)	20 de agosto de 2016	-
Pedro Mário Firpo Cruz	Bairro Grageru, Aracaju (SE)	Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa. (Ex-aluno surdo sergipano do INES)	16 de agosto de 2016	1945 – 1955 (11 anos – 21 anos)
Márcia Alves Cruz	Bairro Grageru, Aracaju (SE)	Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa. (Filha do surdo Pedro)	21 de agosto de 2016	-
Polyana Lacerda Santos	Bairro São Conrado, Aracaju (SE)	Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa. (Filha da surda Rita de Cácia)	12 de setembro de 2016	Rita de Cácia 1965 – 1979 (5 anos – 19 anos)
Clóvis da Silva	Aracaju (SE)	Entrevista concedida a Verônica dos Reis Mariano Souza. (Ex-aluno surdo sergipano do C.R.N.G. e do INES)	05 de abril de 2006	C.R.N.G. (1962 - 1966) (11 anos – 14 anos) INES não informado
Raimundo Rocha Santos	Bairro 18 do Forte, Aracaju (SE)	Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa. (Ex-aluno surdo sergipano do INES)	11 de agosto de 2016	1959 – 1970 (7 anos - 18 anos)
João Batista Filho	Bairro 18 do Forte, Aracaju (SE)	Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa. (Ex-aluno surdo sergipano do IBC)	09 de agosto de 2016	IBC (1960 - 1962) (14 anos – 16 anos)

Fonte: Quadro elaborado pelo pesquisador com base nos dados da pesquisa (2016).

Em Aracaju (SE), foram entrevistados cinco surdos, todos diagnosticados com surdez severa e/ou profunda, pois somente os que possuem esses graus de surdez requerem atendimento educacional específico, com faixa etária variando de 57 a 83 anos e também três familiares ouvintes.

### **1.3.2 Instrumentos de Coleta de Dados**

O instrumento utilizado na coleta de dados de depoimentos pessoais acerca das histórias de vida foi entrevista. Nos relatos foi possível destacar acontecimentos políticos, sociais e culturais, relação familiar e conjugal, as experiências de vida pessoal e profissional, os tipos e graus de surdez, as instituições e seus métodos de ensino, os perfis socioeconômicos.

Os depoimentos foram necessários para o estudo proposto, realizados por meio de entrevista, os quais foram narrados pelos surdos sergipanos, sujeitos deste estudo, que estiveram, de alguma maneira, implicados com o Instituto, no período de 1950 a 1970, nas dependências de suas residências localizadas em Aracaju, e registrados em vídeos no ano de 2016, por causa, da comunicação por sinais. Esses depoimentos fazem parte de um esforço de preservação da memória individual e coletiva institucional. Os principais aspectos abordados no ‘roteiro da entrevista’ (APÊNDICE B) como categorias de análise realizada com os surdos sergipanos foram: o processo de escolarização antes e durante o colégio-internato no INES; a convivência no espaço escolar; as oficinas profissionalizantes; os desfiles cívicos; a primeira comunhão; as atividades esportivas e de linguagem articulada; os uniformes e festejos escolares; a carreira profissional depois do INES. Seus conteúdos desvelam o que os sujeitos escolhem para guardar e como se posicionam no tempo e no espaço.

A entrevista foi concedida pelos surdos conforme Termo de Autorização (APÊNDICE C) assinado voluntariamente pelos participantes que permitiram a publicação de seus nomes e imagens, e foi dividida em três partes, contendo informações específicas referentes aos dados pessoais, ao processo de escolarização e aos fatores de independência econômica e profissional de Aparecida, Clóvis, Fernando, Pedro, Raimundo e Rita de Cácia. Outro aspecto importante para registro foi que todas as entrevistas foram realizadas *in locus* de cada participante. A localização específica de cada participante foi mantida sob sigilo pelo pesquisador, informando apenas os bairros em que residem em Aracaju (SE).

### 1.3.3 Localização das Fontes

Quanto à localização, Pedro, Rita de Cácia e Aparecida residem em Aracaju (SE) (ANEXO E), Raimundo no Rio de Janeiro (ANEXO F) e Fernando, Cordélio, Chamilcar, Clóvis<sup>5</sup> e Ubirajara já falecidos. As narrativas das histórias de vida de sujeitos surdos mostram que não existem só as versões de professores ouvintes, abades<sup>6</sup>, médicos, políticos e outros.

O procedimento de coleta de dados baseou-se no levantamento de documentos como relatórios, atas, jornais, legislação, livros, registro de imprensa, teses e dissertações e entrevistas. Foram consultados em acervos digitais públicos e particulares os seguintes documentos:

- a) Legislação digital acerca da Campanha de Educação do Surdo Brasileiro (ANEXO A)
- b) Legislação digital acerca do Centro Nacional de Educação Especial (ANEXO B)
- c) livros impressos, teses e dissertações sobre história da educação dos surdos no Brasil e em Sergipe conforme referências no final deste trabalho.
- d) INES. Publicações bibliográficas de Ana Rimoli de Faria Doria disponíveis em fontes históricas-documentais impressas nos documentos constantes das referências no final deste trabalho;
- e) acervo de registros fotográficos pessoais cedidos pelos entrevistados (ANEXOS C e D);
- f) acervo histórico-documental digital do Memorial da Inclusão (ANEXO E);
- g) certificado de habilitação de surdo sergipano expedido pelo INES (ANEXO F), cedido pelo entrevistado;
- h) fragmentos de jornais sergipanos cedidos pelos entrevistados (Figuras 21 e 23; ANEXO G).

A análise documental permitiu realizar análises sobre a influência do processo educacional oferecido pelo INES na independência econômica e profissional dos egressos do Instituto. Através da coleta e análise de histórias de vida dos surdos sergipanos no INES

<sup>5</sup> Um ano antes do seu falecimento, foi entrevistado por Verônica dos Reis Mariano Souza.

<sup>6</sup> A palavra abade (em latim *abbas*, *abbatis*, através da sua forma acusativa *abbatem* – a qual, por sua vez, deriva do siríaco *abbâ* através do étimo hebraico *ab* – significa *pai*) tem sido utilizada como título clerical, no Cristianismo, com diversas acepções (pároco, cura de almas, prelado de mosteiro ou congregação religiosa, monge, entre outros), ainda que se refira, na sua acepção original, à vida monástica e a quem governa uma abadia. Na Igreja Ortodoxa e em outras igrejas orientais, o título que lhe é comparável é o de *hegúmenos* ou *arquimandrita*. Em língua portuguesa o feminino é abadessa (MATTOSO, 1998).

buscou-se compreender o processo de formação profissional. Durante o período de coleta dos depoimentos - junho a setembro de 2016 -, foi possível fazer o contato com os depoentes, ocasião em que captou-se diferentes momentos históricos do INES, tendo como referências o período estudado.

Para avaliação da independência econômica e profissional, foi considerado os perfis de saúde, o funcional e o socioeconômico. Os itens relacionados à 'escolaridade' foram estabelecidos de forma a oferecer informações sobre o nível de escolarização alcançado e a independência profissional. Buscou-se estabelecer relação entre o ofício apreendido nas oficinas profissionalizantes do INES e a exercida pelo indivíduo, ao deixar o INES. Procurou-se conhecer a opinião dos surdos sergipanos sobre como era estudar no INES nas décadas de 1950 até 1970. Se foi uma experiência gratificante para eles, se havia atividades esportivas, festas, passeios, sessões de vídeo e/ou cinema, e outras atividades complementares.

A comunicação foi outro aspecto bastante considerado na realização desta pesquisa, que buscou identificar se no INES existiam programas educacionais voltados para a aquisição da Língua Portuguesa, nas modalidades oral e escrita, a utilização da mímica como meio de comunicação e como se organizava o ensino, de uma forma geral.

Em função dos depoimentos, este estudo pode se aproximar de algum modo da Cultura Escolar, encarnado das tramas institucionais. Os depoimentos foram tomados de modo a deixar bastante à vontade todos os entrevistados. A estratégia foi a de realizar um roteiro de perguntas, deixando fluir as narrativas e, depois, partindo delas, provocar lembranças. As entrevistas com os surdos foram realizadas em língua de sinais por meio de vídeo-registro.

#### **1.3.4 Etapas da Pesquisa e Análise dos Dados**

As etapas da pesquisa ocorreram em três momentos: (a) pesquisas em fontes documentais e iconográficas como três recortes jornalísticos do período investigado e álbum contendo aproximadamente 65 fotografias de Aparecida, legislação da CESB e do CENESP por meio de consulta digital, diploma cedido por Raimundo, imagens virtuais retiradas do memorial da inclusão, acervo fotográfico de recordações contendo 77 fotografias cedidas pela filha Polyana e autorizada por Rita de Cácia; recortes investigativos de entrevistas retiradas da tese de doutorado de Souza (2007) e Rocha (2009), documentos pessoais de Fernando, cedido pela irmã Maria Auxiliadora, (b) entrevistas em vídeo-registro com os surdos residentes em Aracaju e/ou familiares e (c) análise dos dados das entrevistas confrontando-os com os

documentos pesquisados. No caso das entrevistas com os surdos, estas foram inicialmente registradas em vídeos e posteriormente, transcritas da Libras para a Língua Portuguesa.

#### 1.4 ESTRUTURA DA TESE

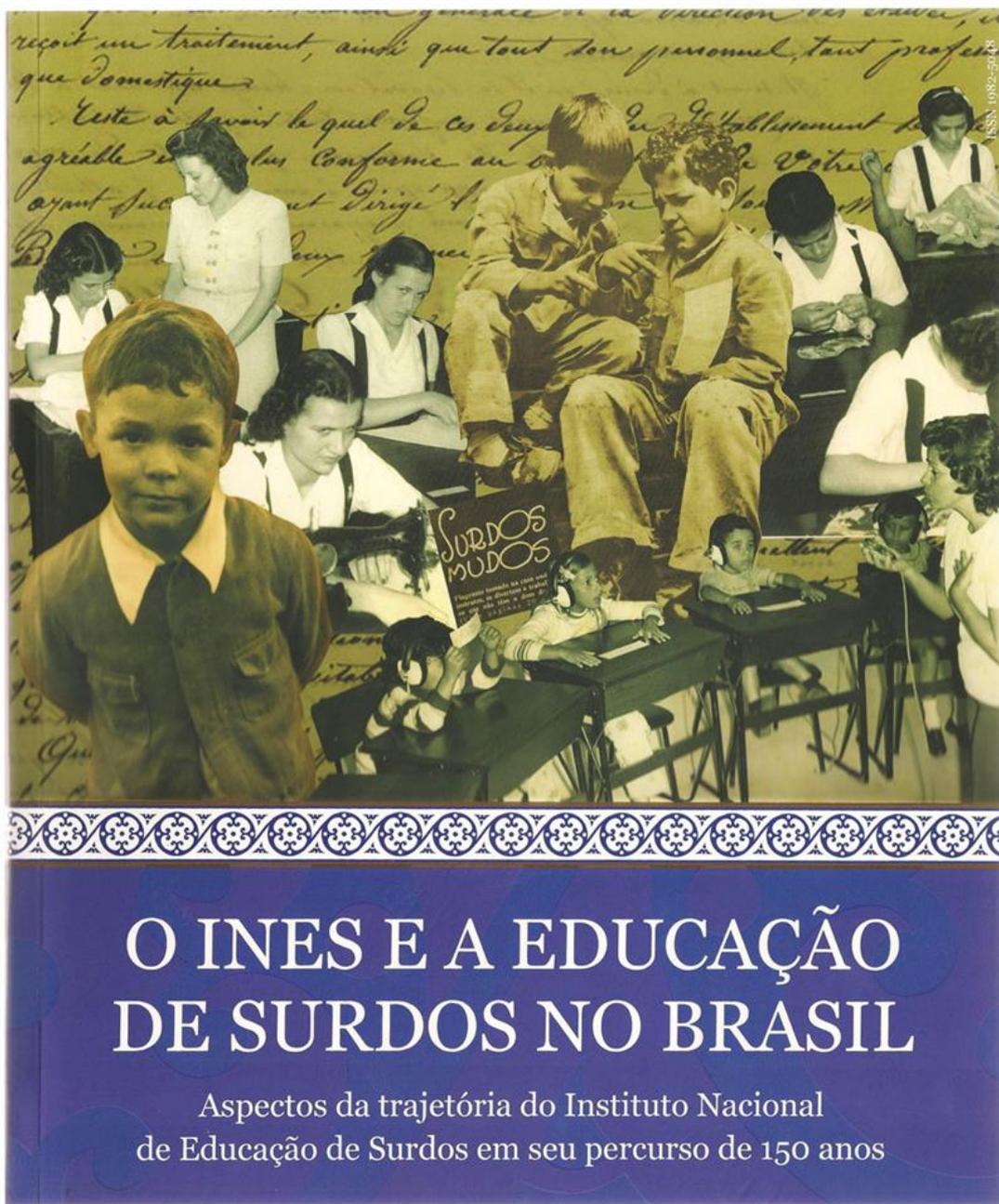
O trabalho está estruturado em quatro seções mais considerações finais. Na **primeira seção** têm-se a introdução. Na **segunda seção** traçaram-se os aspectos educacionais que marcaram a educação dos surdos no Brasil, e centralizou-se em duas gestões, a da diretora-professora Ana Rimoli de Faria Dória, marcada pela C.E.S.B. do Governo Kubitschek e pelo o ingresso dos surdos sergipanos no INES, e a do diretor-médico Dr. Marino Gomes Ferreira, pela criação do CENESP do Governo Médici e o egresso dos mesmos.

Na **terceira seção**, situou-se a pesquisa no espaço e no tempo, destacando as contribuições das ações das políticas públicas para promoção da educação dos surdos nos certames governamentais dos presidentes Juscelino Kubitschek de Oliveira e Emílio Garrastazu Médici, já que os processos educativos são forjados por/nos contextos políticos, históricos e sociais que emanam das instituições educacionais que constituem e são constituídas por políticas educacionais.

Na **quarta seção**, foram aprofundados e discutidos os dados obtidos nas coletas de dados realizadas. E, por fim, nas considerações finais retomam-se as principais ideias e as interpretações mais relevantes resultantes da análise e das reflexões decorrentes desta pesquisa.

## 2 A PROPOSTA PEDAGÓGICA DO INES NAS GESTÕES DE ANA RIMOLÍ DE FARIA DÓRIA E MARINO GOMES FERREIRA

Figura 02 – Arquivo Histórico-Documental Digital referente à Capa do Livro “O INES e a Educação de Surdos no Brasil”



Fonte: ROCHA (2008).

O intuito desta seção é analisar os aspectos educacionais para surdos focando nas propostas pedagógicas nas gestões de Ana Rimoli de Faria Dória e Marino Gomes Ferreira, nas décadas de 1950 a 1970, do século XX, delimitar a posição dos sujeitos surdos no tempo e

no espaço social, esboçar o desenho da pesquisa e, dentre os vários diretores que passaram pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), a atuação de Ana Rimoli de Faria Dória na década de 1950, primeira mulher a dirigir o Instituto, destacando-se por sua preocupação concernente aos limites e aos desafios dessa modalidade educacional. Segundo Cardoso e Herold Júnior (2016, p. 2) “[...] esse fato materializou-se não apenas em sua ação profissional no Instituto, mas na publicação de várias obras tematizando a educação e a surdez.” Em 1970, segundo Goldfeld (1997), no INES houve uma mudança paradigmática de metodologias de ensino para surdos com a chegada da professora Ivete Vasconcelos.

Nessa perspectiva, a História da Educação Especial, especificamente a História da Educação dos Surdos se tecem com base nos discursos médicos, religiosos, pedagógicos e jurídicos. Em tese, a Educação Especial surgiu dentro das áreas médica e religiosa e vem se consolidando nas áreas jurídica e educacional.

Considera-se o objeto desta tese relevante para a pesquisa sobre a Educação Especial, marcadamente para a educação dos surdos, com alicerce nas histórias de vida dos surdos sergipanos no INES. O tempo delimitado para a análise possibilita trazer à tona um enfoque fecundo e prolífero para a área em estudo, de um grupo que normalmente é silenciado, colocado à margem, talvez esquecido por estar aprisionado num tempo que passou, porém, resgatado, pode ter deixado marcas importantes para a compreensão do objeto no tempo vivenciado, mas também para o tempo presente.

Estudar as histórias de vida dos surdos sergipanos egressos do INES é, de fato, algo muito desafiador. Ao tomar como objeto de estudo as histórias de vida, articulou-se uma conexão com a história educacional dos surdos brasileiros com a própria história da educação brasileira, pois, é perceptível que a proposta de escolarização do surdo pode ser nitidamente explicada por meio do binômio Educação Especial/Educação Inclusiva, no qual a segunda trata de avançar uma educação para todos, com todos e para cada um.

**Figura 03 – Sinal Representativo do Instituto Nacional de Educação de Surdos na Libras**



Fonte: CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO (2009, p. 1270).

A fala foi o cerne da preocupação de educadores e da sociedade ouvinte da época. Na filosofia oral, o método Perdoncini ou audiofonatório<sup>7</sup> foi amplamente divulgado por Álpia Ferreira Couto-Lenzi, aluna do INES na gestão de Ana Rimoli de Faria Dória (ROCHA, 2009). Alguns desses métodos chegaram a Aracaju por meio das professoras sergipanas que tiveram capacitação no INES, pois as disciplinas dos cursos de formação de professor de surdos, com métodos e técnicas específicas, habilitavam-nas para estimular o desenvolvimento da fala de alunos surdos (TELES, 2013).

O ensino da fala, também denominado fonoarticulação ou mecânica da fala, depende da leitura dos lábios, da captação tátil e do treinamento auditivo, porém, o ensino da fala não é realizado isoladamente, faz parte da linguagem. Isto ocorre porque a pessoa com deficiência auditiva pode articular bem todos os fonemas e não conhecer o significado das palavras que fala, ou seja, pode emitir sons sem ter compreensão de sua funcionalidade. A fonoarticulação é definida como um processo que envolve o sistema nervoso, o cérebro, os órgãos da articulação e da audição conforme autores como Perazzo (1956), Dória (1958; 1959), Charachon (1965), New (1968), Myklebust e Brutten (1953) Myklebust (1971), Menyuk (1975), Carroll (1977), Mussen, Conger e Kagan (1977) e Mysak (1984).

O debate sobre o INES está circunscrito aos limites da audição e da fala, e naturalmente, o espaço assumiu inúmeros perfis, em decorrência de suas condições objetivas de funcionamento e do perfil de seus alunos.

Para Dória (1958), a audiologia e a fonoaudiologia representavam a base para os métodos oralistas e articulavam o oralismo ao paradigma da modernidade. No caso do corpo docente, este era composto por médicos e professores especialistas para execução desses métodos, o que comprovava a intenção de oralizar o surdo.

Dória (1958) destaca que o método de ensino adotado nas escolas de surdos, de vários países inclusive no Brasil (INES), era o método oral e baseava-se nos treinamentos da compreensão da fala, ensino mecânico da fala e treinamento áudio-oral.

A concepção educacional da criança surda, para Ana Rimoli Dória, deveria acontecer análoga à da criança ouvinte, de maneira precoce, desde os primeiros anos de vida, já que, sem uma educação específica, ela não possuiria comunicação. E acrescenta que para a criança surda, ela defendia que o ensino deveria ser realizado em escolas especiais e com procedimentos individualizados. As crianças deveriam ser orientadas sobre questões do

---

<sup>7</sup> Para saber detalhes sobre esse método consultar o Quadro 02.

cotidiano, e o ensino deveria partir do convívio diário, iniciando a leitura e a fala por nomes de coisas familiares, assim, a aprendizagem seria significativa (DÓRIA, 1961).

## 2.1 O INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS (1950-1970)

No cenário brasileiro, a década de 1950 foi demarcada pelos debates em torno da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei n.º 4.024 de 20 de dezembro de 1961); segundo Soares (2005), o movimento em defesa da escola pública, liderado pelo Deputado Federal Florestan Fernandes, em oposição à emenda do Deputado Federal Carlos Frederico Werneck de Lacerda, em favor das campanhas de alfabetização. Esses fatos têm sido muito discutidos entre diferentes teóricos e estudiosos da área de História da Educação no Brasil.

Nesse contexto histórico, as pessoas surdas brasileiras foram estigmatizadas por causa de sua língua e submetidas aos sistemas monolíngüísticos, os quais priorizavam os métodos oralistas desenvolvidos na Europa. Nessa discussão, vão sendo articulados os desenhos curriculares das várias metodologias de ensino de línguas ao ponto de intervir na forma de apreensão do mundo, limitando-os às percepções sensoriais auditivas e visuais dos ouvintes.

Na correlação entre linguagem e audição, Dória (1959) enfatiza que:

A linguagem é um (sic) das características (sic) básicos (sic) do ser humano, este pode usar símbolos escritos ou falados para representar uma enorme variedade de objetos, lugares, experiências, sentimentos e idéias. Adquirir este intrincado sistema de símbolos chamados *linguagem* é tarefa que cada criança deve realizar; para isso deverá possuir a adequada integridade do sistema nervoso central, e a adequada integridade psicológica, pois do contrário não se processará normalmente o desenvolvimento da linguagem. (DÓRIA, p. 11; grifado no original).

Com base em sua experiência no trabalho com surdos, Dória escreveu vários livros que contribuíram para tal educação, sendo eles: “Introdução à Didática da Fala” (DÓRIA, 1959), no qual a autora demonstra sua grande preocupação com a criança surda que não desenvolveu a fala, buscando “[...] dar a palavra aos que ainda não puderam falar porque lhes faltou o recurso da audição e o auxílio do mestre consciente e dedicado” (DÓRIA, 1959, p. 14); “Compêndio de Educação da Criança Surdo-Muda” (DÓRIA, 1958b), que “[...] tem a finalidade exclusiva de ajudar a criança surdo-muda brasileira, contribuindo para o esclarecimento daqueles que a rodeiam e que precisam compreendê-la, para poderem amá-la.” (DÓRIA, 1958b, p.7); e “Manual de Educação da Criança Surda” (DÓRIA, 1961) que procurou reunir as ideias contidas em três livros escritos por ela anteriormente, sendo eles: “Compêndio de Educação da Criança Surda”, “Introdução à Didática da Fala” e “Ensino Oro-audio-visual para os Deficientes da Audição”, construindo, como a autora destaca, um manual

que oferece “[...] subsídios educativos que habilitam à compreensão das típicas necessidades da criança surda, àqueles que, no lar ou na escola, devem encarregar-se da assistência educativa [...]” (DÓRIA, 1961, s. p.) dessas crianças.

Dória (1961, p. 52) mostrava sua preocupação trazendo a questão de que era preciso “[...] encarar de frente o problema da educação da criança surda brasileira!”, e defendia que não haveria mais espaço para abordagens assistencialistas.

### **2.1.1 A Gestão de Ana Rimoli de Faria Dória (1951-1961)**

Um dos principais objetivos da educação de surdos na década de 1950 no Brasil e no resto do mundo foi a aquisição de linguagem oral. É importante aqui fazer alguma consideração sobre fatores que concorrem para que se construa o perfil de uma gestão. Naquela década, segundo Vaz (2002), aconteceram vários fatos marcantes no INES como a criação do Curso Normal de Formação de Professores para Surdos, o Jardim de Infância, o Curso de Especialização de Professores para Surdos, a Campanha de Educação do Surdo Brasileiro, em 03 de dezembro de 1957, e a primeira Olimpíada Nacional de Surdos, em 30 de novembro de 1957, sendo que estes dois últimos eventos visavam a comemorar o centenário do Instituto em 1957.

Desse modo, a gestão de Ana Rimoli de Faria Dória (1951/1961), cuja fotografia está mostrada na Figura 04, segundo Rocha (2009), *Dona Ana* – assim identificada pelos funcionários ouvintes de sua época, pelos surdos, é identificada com a configuração da letra [U]<sup>8</sup>, em vertical, no meio da testa, atravessou dois importantes períodos da História do Brasil. O primeiro período é representado pela volta de Getúlio Dorneles Vargas à Presidência da República, por meio de eleições diretas, e também pelas pressões políticas que sofreu, culminando com o drama de seu suicídio. O segundo período é representado pela chegada ao poder do Presidente “Bossa Nova” Juscelino Kubitschek de Oliveira e, com ele, o plano de metas “50 anos em 5”, a aura dos anos dourados.

---

<sup>8</sup> A notação [U] encontra-se grafada entre colchetes e com letra maiúscula para identificar a configuração de mão referente à letra “U”, diferentemente, do fonema “u” que deve ser grafado entre barras paralelas e letra minúscula conforme notação /u/.

Figura 04 – **Fotografia da Diretora-Professora Ana Rimoli da Faria Dória**



Fonte: ROCHA (2008, p. 88).

Em 1957, a professora Dória tinha conhecimento do funcionamento da máquina pública nacional, experiência adquirida ao longo dos anos como funcionária do então Ministério de Educação e Cultura. Para Dória, na época, o verbo era *falar*.

Ana Rimoli de Faria Dória nasceu em 07 de outubro de 1912 na cidade de São Paulo, era filha de Fernando Rimoli e Olga Ferraz Rimoli. Foi diplomada pela Escola Normal da Capital de São Paulo, em 1930, aos 18 anos. Em 1934, concluiu o Curso de Formação de Professores pelo Instituto de Educação da Universidade de São Paulo e assumiu várias atividades ligadas ao magistério público primário. Foi assistente dos Laboratórios de Psicologia Aplicada e de Estatística e Educação Comparada do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo (DÓRIA, 1959; ROCHA, 2008).

Ana Rimoli de Faria Dória foi nomeada em 23 de fevereiro de 1951, por Decreto Presidencial, diretora do INES, e assumiu a direção em 27 de fevereiro de 1951 cargo em que permaneceu até 07 de abril de 1961 (SOARES, 1999). A data do ofício é do dia 03 de março de 1951, portanto, duas semanas depois de sua nomeação. Assumiu a função de Técnica de Educação do Ministério da Educação e Saúde, através de concurso realizado em 1941. No ano

de 1942 foi requisitada para o Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) exercendo uma função na Divisão de Seleção. Era sócia cooperadora da Associação Brasileira de Educação (ABE). Depois de assumir inúmeras funções no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP), foi designada, através da Portaria Ministerial de 05 de outubro de 1950, para fazer parte da Comissão que iria apurar os incidentes ocorridos com os alunos e o diretor Barreto (ROCHA, 2009).

Como Técnica de Educação do Ministério de Educação e Saúde, Ana Rimoli de Farias Dória desempenhou várias funções como: inspetora da Escola de Belas Artes de São Paulo em 1942; chefe de Seção de Inspeção e Relatórios da Diretoria do Ensino Superior do Ministério de Educação e Saúde em 1944; chefe da Seção de Organização Escolar do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos em 1946; professora de Métodos de Pesquisa e Planejamento aplicados à Administração Pública e Pesquisas em Educação no período de 1949-1950.

Posteriormente, exerceu a função de professora do Curso Normal nas disciplinas de Fundamentos Metodológicos de Pesquisa Aplicada à Educação, Didática Geral e Especial (para surdos), e Logopedia<sup>9</sup> no curso de aperfeiçoamento de professores para surdos; ela também participou da comissão de elaboração do Anteprojeto de Lei sobre o ensino emendativo, coordenando a sessão de estudos sobre o tema “A recuperação do excepcional do ponto de vista médico-psico-pedagógico”, por ocasião da 1ª Jornada Pedagógica da Sociedade Pestalozzi do Brasil, de 20 a 28 de julho de 1958. No evento ela proferiu uma palestra sobre a reeducação e recuperação dos deficientes da audição e da fala (ROCHA, 2008).

### **2.1.2 As Obras de Ana Rimoli de Faria Dória**

Durante a gestão de Ana Rimoli Dória no INES, registrou-se uma grande preocupação concernente aos limites e aos desafios da educação de surdos; este fato materializou-se não apenas em sua ação profissional no Instituto, mas na publicação de várias obras tematizando a educação e a surdez, foi defendido o uso do método oral puro, seguindo tendência mundial e adotado, oficialmente, pelo Instituto. Ana Rimolí foi influenciada por estudos e pesquisas norte-americanos, divulgou algumas publicações dos Estados Unidos, tais como:

---

<sup>9</sup> É o conjunto de métodos para o ensino de uma fonação normal a quem tem dificuldades de articulação motora fonética. Trata-se da ciência que avalia, diagnostica e trata os problemas da linguagem, da voz e da deglutição. A logopedia é também denominada como “terapia da fala” ou “foniatria”

a) “O Treinamento Acústico no Curso Primário” (ASALS; RUTHVEN, 1963), o qual explicava quais seriam as condições ideais da estrutura física da sala de aula para o aprendizado da linguagem oral pelo surdo e também a técnica para o ensino da fala iniciado pela discriminação dos sons instrumentais;

b) “A Linguagem Oral: para a Criança Deficiente da Audição” (NEW, 1968) contradizendo o ensino da fala do tópico anterior, esse autor incita o início pelo som da fala e não dos instrumentos;

c) “Iniciando a Compreensão da Fala: Sugestão para o Trabalho que as Mães Podem Realizar em Casa” (RUSSEL, 1968), no qual aconselha as mães a fazerem uso de técnicas caseiras de fala, a fim de se expressarem para seus filhos;

d) “A Leitura da Fala: uma Contínua Necessidade” (MONTAGUE, 1968), escrita por uma surda em defesa da leitura labial;

e) “A Leitura Oro-Facial no Horário Escolar” (BRUCE, 1968), obra que também defende e incita o uso da leitura labial pelo sujeito surdo.

Além das publicações dos Estados Unidos, a partir de 1953, Ana Rimoli passou a divulgar seus estudos como “A Educação do Lar: sua Importância para a Criança Surda”. Além desse, em 1954, publicou “Compêndio de Educação da Criança Surda-muda”; em 1957, “Introdução a Didática da Fala” (Figura 05); em 1958, “Ensino Oro-Audio-Visual para os Deficientes da Audição”; em 1961, “Manual da Educação da Criança Surda” (Figura 05); e em 1965, “Como Ajudar a uma Criança Surda” (SOARES, 1999).

Figura 05 – Capas de Livros Publicados por Ana Rimoli de Faria Dória



Fonte: Acervo pessoal da Profa. Dra. Verônica dos Reis Mariano Souza.

Ainda nos anos 1950, foram intensificadas as publicações no INES, e sobre isso Rocha (2009, p. 80) relata que “[...] é nesse período da história do Brasil e também do INES que a influência francesa vai dando lugar à influência americana em vários campos de nossa atividade política, cultural e educacional”.

As referências consultadas que influenciaram Ana Rimoli sobre a questão do desenvolvimento da fala e da linguagem nos surdos se pautaram nas obras de John Dewey, Fernando Azevedo, Lourenço Filho que a aproximaram dos ideais escolanovistas.

Segundo Soares (1999), Ana Rimoli, em suas obras, inicia as instruções de ensino da fala por meio da respiração e depois propõe técnicas de articulação dos fonemas, sendo alguns pré-requisitos essenciais para o avanço da aprendizagem e execução correta dos fonemas. No entanto, as escrituras da época não explicitam como se deu o ensino das disciplinas para os surdos, porque o foco principal das publicações era o ensino da fala.

Entre 26 e 30 de setembro de 1959, ocorreu a I Conferência Nacional de Professores de Surdos, sob supervisão da diretora do INES, Ana Rimoli, também responsável pela Campanha para Educação do Surdo Brasileiro (C.E.S.B.)<sup>10</sup> durante a gestão do Presidente da República, o médico Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Na abertura da referida Conferência, Ana Rimoli palestrou sobre “O problema de preparação do professor especializado e aspectos sócio-psico-pedagógicos”. Além desse, foram apresentadas outras palestras como “Operação C.E.S.B.” por Tarso Coimbra<sup>11</sup>, “O deficiente da audição perante o direito” por Álvaro Álvares da Silva Campos, “Anotações sobre linguagem e afasias” por Álvaro de Lima Costa<sup>12</sup>, e “Teste acústico-escolar – sua importância social” por Henrique Mercaldo entre outras (SEIXAS, 2015).

### **2.1.3 A Educação dos Surdos e as Metodologias de Ensino na Concepção de Ana Rimoli de Faria Dória**

Dória (1961) defendia uma educação baseada na importância do aluno surdo alcançar a linguagem, assim como acontece com o ouvinte; para isso alguns usavam fones biauriculares (Figura 06). Ressaltava a importância do ensino pelo método oral, o qual

---

<sup>10</sup> Sobre a C.E.S.B. será discutido com mais profundidade na seção posterior.

<sup>11</sup> Tarso Coimbra, formado em Direito Bacharelado, foi Assistente Técnico do MEC, professor de Sociologia no curso Normal do INES, coordenador geral da C.E.S.B. e da I Conferência Nacional de Professores Surdos (SEIXAS, 2015).

<sup>12</sup> Álvaro de Lima Costa, doutor em Medicina, professor da Faculdade Nacional de Medicina da universidade do Brasil, médico do Instituto de Neurologia do Brasil e do INES (SEIXAS, 2015).

acreditava ser o melhor naquele momento e defendia que antes do início das atividades escolares, as crianças deveriam ser submetidas a exames de audição para serem divididas nas classes de acordo com a sua lesão auditiva, o que a levava a defender o ensino individualizado como o mais eficiente.

Figura 06 – **Professor Ensinando Surdos com Auxílio de Fones Biauriculares**



Fonte: DÓRIA (1959, p. 187).

Com base no método oral, os educadores oralistas alegavam que os surdos precisavam ser oralizados para que então pudessem se enquadrar/integrar à comunidade ouvinte (FARIA, 2003). Nessa filosofia educacional, os surdos eram “oralizados” na língua oral do seu país, neste caso, na Língua Portuguesa.

Na concepção de Dória (1961), as crianças surdas precisavam desenvolver a comunicação para deixar de lado o preconceito, assumido pela professora como produzido por falta de entendimento. Ela defendia o ensino em escolas especiais e com procedimentos individualizados. As crianças deveriam ser orientadas sobre questões do cotidiano, e o ensino deveria partir do convívio diário, iniciando a leitura e a fala por nomes de coisas familiares, assim, a aprendizagem seria significativa (DÓRIA, 1961). Para as atividades escolares:

O método de ensino adotado nas escolas de surdos, de vários países, inclusive no Brasil (INES), é o método oral; seus processos - que se intitulam: treinamento da compreensão da fala (1), ensino da mecânica da fala (2) e treinamento áudio-visual (3) – alcançam os deficientes da audição e da fala, situados em qualquer uma das posições previstas na classificação citada. (DÓRIA, 1961, p. 12).

Eram proibidos quaisquer tipos de sinais e alfabetos digitais, e os surdos deveriam

permanecer com as mãos amarradas para trás, adotando a metodologia de instrução idêntica à dos ouvintes, sucedido de treinamento auditivo, rítmico e da fala (FARIA, 2003). Como método de preparação vocal, os alunos usavam a bola para sentir a vibração dos sons vocais (Figura 07). A partir dos seis anos de idade, ela indicava a educação comum, em convívio com ouvintes, para o melhor desenvolvimento do entendimento e da prática da fala (DÓRIA, 1958b). E o professor de surdos deveria ser conhecedor da pedagogia emendativa<sup>13</sup>, tendo a leitura labial como recurso primordial.

Figura 07 – **Professor Ensinando Aluno Surdo a Falar Sentindo o Som na Bola**



Fonte: DÓRIA (1959, p. 33).

A alfabetização dos surdos era realizada nas cartilhas de ouvintes, sua escrita era estruturada apenas em Língua Portuguesa, além de repetição mecânica da fala oral, porém, os surdos que apresentavam surdez profunda não conseguiam desenvolver sua oralização, e dificilmente, conseguiam desenvolver uma fala pouco compreendida pelos ouvintes, principalmente sem pronúncia do final das palavras. Para que fossem alcançados resultados mais satisfatórios foram surgindo diversos métodos de ensino para surdos como a

---

<sup>13</sup> A Pedagogia Emendativa do Surdo-Mudo foi publicada em 1934 pelo médico Dr. Armando de Paiva Lacerda. “Ele defende a ideia de que são dois os objetivos principais da educação de surdos, quais sejam: o conhecimento de uma linguagem e a habilitação profissional. Essa compreensão, de fato, já vinha sendo adotada pelos seus antecessores. No entanto, foi elaborado um plano de atendimento diferenciado para a aquisição de linguagem. A ideia era dividir os alunos entre os que tivessem aptidão para a linguagem articulada e os que só poderiam ser trabalhados pela linguagem escrita. Para tanto, estabeleceu a confecção de uma ficha do aluno que registrasse todos os seus dados pessoais, a perda auditiva e a capacidade mental. As informações constantes no documento serviriam de base para o seu plano pedagógico” (ROCHA, 2009, p. 113).

associação de materiais visuais a articulação bucal como mostrado na Figura 08.

**Figura 08 – Professor Trabalhando Aspectos de Aquisição da Língua Oral por Surdo**



Fonte: ROCHA (2009, p. 159).

Para Dória (1961), o ensino deveria ser dirigido a cada grau de deficiência na forma mais apropriada, de acordo com as etapas citadas acima e com a maturidade da criança. Após o ensino da fala, alguns aspectos eram levados em conta, como o som e o tom da voz, a respiração e todos os outros que caracterizam a voz e a fala normal de alguém que ouve (CARDOSO; HEROLD JÚNIOR, 2016). Os surdos profundos eram ensinados por exercícios, através da prática, a alcançar o desenvolvimento normal da fala, imitando as vibrações alcançadas a cada som emitido pela voz. E, para que o surdo aprendesse o ritmo da fala, a autora sugeria exercícios como passos de dança, ginástica rítmica e jogos com o auxílio de instrumentos musicais (DÓRIA, 1961).

#### **2.1.4 Os Métodos Oralistas para Surdos**

No mundo globalizado atual, observa-se a crescente padronização e estandardização dos produtos socioculturais. Há interesses econômicos e políticos que exigem a normatização, homogeneização, estabilização de valores éticos e estéticos e a criação de códigos de comunicação universal. No entanto, diferenças de estilos, gostos, gestos e modos de falar e

entender continuam a demarcar a diferença entre povos e grupos e a causar estranhezas, dúvidas e até mesmo rejeições. No contexto da dominação cultural, essas diferenças se inserem em uma lógica binária que estabelece fronteiras entre o normal e o anormal, produzindo, assim, as minorias. Sobre esse binômio, de acordo com Foucault:

A divisão constante do normal e do anormal, a que todo indivíduo é submetido, leva até nós, e aplicando-os a objetos totalmente diversos, a marcação binária e o exílio dos leprosos; a existência de todo um conjunto de técnicas e de instituições que assumem como tarefa medir, controlar e corrigir os anormais faz funcionar os dispositivos disciplinares que o medo da peste chamava. Todos os mecanismos de poder que, ainda em nossos dias são dispostos em torno do anormal, para marcá-lo como para modificá-lo, compõem essas duas formas que longinquamente derivam. (FOUCAULT, 1987, p. 165).

É notório que a concepção de norma, normalidade e anormalidade estigmatizou os estereótipos de indivíduos com algum tipo de deficiência como sendo incapazes para o trabalho, pois eram considerados, socioculturalmente, excluídos.

Negar as diferenças socioculturais significa não considerar que as sociedades modernas se formaram sob a égide de políticas colonialistas, as quais estabeleceram relações hierárquicas entre diferentes povos e a dominação da Metrópole sobre a Colônia. Ou seja, indica procurar esquecer a gênese dos sérios problemas relacionados às culturas de minorias.

Nesse contexto, o oralismo foi o primeiro método educacional adotado pelas instituições de ensino em 1957, usado na tentativa de educar oralmente alunos surdos no Brasil. O método foi idealizado pelo médico alemão Dr. Samuel Heinicke<sup>14</sup> em 1750 (OVIEDO, 2007). Os educadores oralistas possuíam uma visão patológica da surdez, por isso classificaram os surdos como sendo “deficientes auditivos” e alegavam que os surdos precisavam ser ouvitezados<sup>15</sup> para que então pudessem se enquadrar/integrar à comunidade ouvinte (FARIA, 2003). Sobre o oralismo, Soares (2005) define:

---

<sup>14</sup> Samuel Heinicke nasceu em 10 de abril de 1727, em uma família de camponeses ricos de Neutschütz, uma população localizada na zona de Weibenfels (hoje pertencente ao estado alemão de Turingia). Sua orientação pedagógica privilegiava a aprendizagem de fala acima de outras habilidades e ganhou notoriedade na história sendo considerado o pai do oralismo a tal ponto que a corrente oralista que era conhecida, como “método alemão”, foi colocada em oposição ao “método francês”, como era chamada a filosofia gestualista ou manualista da escola de surdos em Paris liderada pelo Abade Charles Michel de l'Epée, cuja aprendizagem se dava por meio da linguagem de sinais (OVIEDO, 2007).

<sup>15</sup> Esse termo, sob o olhar multiculturalista, estabelece uma relação direta com ouvintismo ou audismo, que conforme Skliar (1998, p. 15) é definido como – as representações dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos – e o oralismo – a forma institucionalizada do ouvintismo – continuam sendo, ainda hoje, discursos hegemônicos em diferentes partes do mundo. Trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte, percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais. Sobre o ouvintismo, a autora surda Perlin (1998, p. 58) argumenta que o ouvintismo deriva de uma proximidade particular que se dá entre ouvintes e surdos, na qual o ouvinte sempre está em posição de

Oralismo, ou método oral, é o processo pelo qual se pretende capacitar o surdo na compreensão e capacitação da linguagem oral e que parte do princípio de que o indivíduo surdo, mesmo não possuindo o nível de audição para receber os sons da fala, pode se constituir em interlocutor por meio da linguagem oral. (SOARES, 2005, p. 01).

Nessa abordagem educacional, os métodos orais são conjuntos de técnicas que se dividem entre duas diferentes abordagens, unissensoriais e multissensoriais. Os métodos orais unissensoriais priorizam a audição como a principal via sensorial a ser estimulada e desse modo conseguir que o surdo oralize (COSTA, 1994). Já os métodos orais multissensoriais, utilizam várias vias sensoriais como recursos a serem trabalhados para chegar à oralidade.

Segundo Soares (1999):

O discurso oralista, tinha em sua essência a inserção da criança surda à sociedade, e a fala como o único meio de o sujeito se desenvolver mentalmente, com um intuito de *libertá-los* de sua deficiência auditiva. Sendo assim, em 1957 o nome do Instituto para Surdos-Mudos muda para Instituto Nacional de Educação de Surdos porque nesse mesmo ano muitos professores se formaram pelo Instituto, tendo como “missão”, ensinar os surdos a falarem. Essa foi então, a didática de ensino adotada com uma metodologia de ensino aplicada. (SOARES, 1999, p. 78; grifamos).

Na década de 1950, começaram a se desenvolver pesquisas mundiais sobre os métodos para oralização de surdos, as quais tinham por objetivo expor a criança surda à língua oral e aos sons, ou por meio de Aparelho de Amplificação Sonora Individual (A.A.S.I.). Sobre os métodos orais, Goldfeld (2002) destaca Perdoncini ou metodologia audiofonatória, aural-acupédico, verbo-tonal entre outros. Pode-se perceber no Quadro 02, uma relação de diferentes métodos orais os quais abrangem o marco temporal adotado para esta pesquisa.

#### Quadro 02 – Relação de Diferentes Métodos Orais, Descrição, Técnica e Aplicação

Continua

MÉTODOS ORALISTAS PARA SURDOS			
Método	Descrição	Técnica	Aplicação

---

superioridade. Uma segunda ideia é a de que não se pode entender o ouvintismo sem que este seja entendido como uma configuração do poder ouvinte. Em sua forma oposicional ao surdo, o ouvinte estabelece uma relação de poder, de dominação em graus variados, no qual predomina a hegemonia através do discurso e do saber. Academicamente a palavra – ouvintismo – designa o estudo do surdo do ponto de vista da deficiência, da clinalização e da necessidade de normalização. Pois, a sociedade ouvinte majoritária se preocupa com a norma padrão, não com a diferença, nesse caso, com a sociedade surda minoritária. O objeto da sociedade tem suas oposições binárias: normal/anormal, ouvinte/surdo. “Normalidade que inventa a si mesma para logo massacrar, encarcerar e domesticar todo o outro” (SKLIAR, 2003, p.153).

<b>MÉTODOS ORALISTAS PARA SURDO</b>			
<b>Método</b>	<b>Descrição</b>	<b>Técnica</b>	<b>Aplicação</b>
Perdoncini-audiofonatório	Foi criado na década de 1960, pelo otorrinolaringologista, foniatra e fisiologista francês, Prof. Dr. Guy Perdoncini	Naturalidade: a educação auditiva e as aquisições linguísticas devem ter um desenvolvimento natural, obedecendo aos interesses e dentro da capacidade de cada criança surda. Desenvolvimento: desenvolvimento das potencialidades da criança surda e não visando à deficiência, de modo a estimulá-la a atingir um desenvolvimento, o mais compatível com sua faixa etária, sempre dentro de suas possibilidades Movimento: o trabalho deve ser dinâmico, envolvendo de forma global a criança surda.	O ensino da fala, também chamada fonoarticulação ou mecânica da fala, depende da leitura dos lábios, da captação tátil e do treinamento auditivo. Porém, o ensino da fala não é realizado isoladamente: faz parte da linguagem. Isto porque o deficiente auditivo pode articular bem todos os fonemas e não conhecer o significado das palavras que fala, ou seja, pode emitir sons sem ter compreensão de sua funcionalidade. A fonoarticulação é um processo que envolve o sistema nervoso, o cérebro, os órgãos da articulação e da audição.
Verbotonal	Foi desenvolvido em 1954 pelo linguista e foneticista iugoslavo Peter Guberina, o qual percebeu que a audição e a articulação são fenômenos solidários e, é muito importante a estimulação do resíduo auditivo para a produção da fala (GUBERINA, 1983). Guberina (1983) também valoriza o corpo como receptor e emissor de linguagem, pois o corpo não é só é capaz de “ouvir” por meio da sensibilidade de captar informações vibro-táteis, como de produzir linguagem.	Audiovisual: a estrutura da língua (nível morfossintático) Conjunto: a compreensão e ampliação do universo linguístico (nível semântico-cognitivo) Rítmica corporal: o corpo para a emissão de sons da fala Rítmica musical: o corpo para estimulação da fala e seus valores (nível suprasegmentar: ritmo / entonação / tensão / instensidade / pausa) SUVAG – Sistema Universal Verbotonal da Audição Guberina.	É um método de reabilitação de crianças surdas que explora todos os canais sensoriais, inclusive o lesado, visando a aprendizado da audição, fala e compreensão. O método verbo-tonal propõe assim uma estimulação qualitativa das sensibilidades da linguagem dentro de uma visão ampla, pragmática e mais próximo possível da comunicação natural. É concebido para ensinar pessoas surdas a falar, independentemente, do grau de surdez.
Aural-acupédico	Foi criado na década de 1970 por Sanders nos Estados Unidos	Treinamento Auditivo: Treinamento da Leitura Orofacial:	É programa de reabilitação para a criança surda. Este envolve a família e enfatiza o treinamento auditivo sem nenhum ensino formal de leitura orofacial (POLLACK, 1970).

Continuação

<b>MÉTODOS ORALISTAS PARA SURDO</b>			
<b>Método</b>	<b>Descrição</b>	<b>Técnica</b>	<b>Aplicação</b>
	Não foi identificado o idealizador desse método. Existem alguns métodos de leitura labial em crianças como o Método German Müller-Waller (BRUHN, 1927) e o Método Kinze (KINZIE; KINZIE, 1936) e para adultos, como o Método Nitchie (1912) e o Método Jena (BUNGER, 1952).	A leitura geral dos movimentos dos lábios é aquela que o deficiente auditivo realiza, no dia a dia, em relação a identificação da linguagem corriqueira emitida pelos familiares. A leitura específica dos movimentos dos lábios é aquela realizada em função de cada palavra per si para a construção gradual do vocabulário e do fraseamento.	A leitura labial é uma habilidade que o deficiente da audição necessita adquirir para identificar a palavra falada por meio da decodificação dos movimentos orais do emissor. Pauls (1960) mostrou que apenas um terço dos sons falados resultam em movimentos labiais observáveis. Com isso pode-se concluir que a leitura orofacial oferece um aspecto limitado para a tarefa de decodificar a palavra falada. As diversas formas anatômicas dos lábios, resulta em diferentes emissões, isso pode dificultar para alguns leitores.
Aural-acupédico	Foi criado na década de 1970 por Sanders nos Estados Unidos	Treinamento Auditivo: Treinamento da Leitura Orofacial:	É programa de reabilitação para a criança surda. Este envolve a família e enfatiza o treinamento auditivo sem nenhum ensino formal de leitura orofacial (POLLACK, 1970).
Oro-facial-motor	Não foi identificado o idealizador desse método. Existem alguns métodos de leitura labial em crianças como o Método German Müller-Waller (BRUHN, 1927) e o Método Kinze (KINZIE; KINZIE, 1936) e para adultos, como o Método Nitchie (1912) e o Método Jena (BUNGER, 1952).	A leitura geral dos movimentos dos lábios é aquela que o deficiente auditivo realiza, no dia a dia, em relação a identificação da linguagem corriqueira emitida pelos familiares. A leitura específica dos movimentos dos lábios é aquela realizada em função de cada palavra per si para a construção gradual do vocabulário e do fraseamento.	A leitura labial é uma habilidade que o deficiente da audição necessita adquirir para identificar a palavra falada por meio da decodificação dos movimentos orais do emissor. Pauls (1960) mostrou que apenas um terço dos sons falados resultam em movimentos labiais observáveis. Com isso pode-se concluir que a leitura orofacial oferece um aspecto limitado para a tarefa de decodificar a palavra falada. As diversas formas anatômicas dos lábios, resulta em diferentes emissões, isso pode dificultar para alguns leitores.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador baseado nos estudos de Guberina (1983); Pollack (1970); Bruhn (1927); Kinzie; kinzie (1936); Nitchie (1912); Bunger (1952)

Os métodos descritos no Quadro 02 baseiam-se em pressupostos teóricos diferentes, e possuem, em alguns aspectos, práticas distintas. A metodologia audiofonatória, também conhecida como Perdoncini, foi trazida para o Brasil e adaptada pela professora linguista Álpia Ferreira Couto-Lenzi<sup>16</sup>, na época, Presidente da Associação Internacional Guy Perdoncini para o Estudo e Pesquisa da Deficiência Auditiva (AIPEDA) e professora atuante no INES.

Vieira (2017) destaca que o uso do método fônico por meio de pistas visuais imitando as formas da boca na produção dos fonemas eram constantemente trabalhados para que as crianças pudessem imitar as figuras e, dessa forma, fossem estimuladas a repetir reproduzindo os sons.

De acordo com Vieira:

O método fônico ou fonético integra o conjunto dos métodos sintéticos que privilegiam as correspondências grafofônicas. Seu princípio organizativo é a ênfase na relação direta entre fonema e grafema, ou seja, entre o som da fala e a escrita. Este método surge como uma reação às críticas à soletração, e seu uso é mencionado na França, por Vallange, em 1719; na Alemanha, por Enrique Stefhani, em 1803; e é trabalhado por Montessori, na Itália, em 1907. Nesse método o ensino se inicia pela forma e pelo som das vogais, seguidas pelas consoantes. Cada letra (grafema) é aprendida como um som (fonema) que, junto a outros fonemas, pode formar sílabas e palavras. Para o ensino dos sons, há uma sequência que deve ser respeitada – dos mais simples para os mais complexos. (VIEIRA, 2017, p. 56-57).

No processo de alfabetização das crianças surdas pelo método fônico era solicitado que as crianças olhassem as bocas, e tentassem reproduzir os fonemas e então realizassem uma associação desse fonema a um grafema correspondente. A articulação de um fonema e a junção deles formam uma sílaba, ou nem sempre sílabas, mas junção de grafemas.

Ana Rimoli Dória atuou de 1951 a 1961 na direção do INES, após a sua gestão, algumas de suas ideias permaneceram influenciando o cotidiano do INES. Não havia preocupação, de fato, com a alfabetização, mas com a oralização. Fato de certa forma justificado pelo período histórico e que estava em consonância com o cenário político, econômico, social e cultural do Brasil, na década de 1950.

Além disso, a conotação valorativa do Instituto como centro de formação do seu próprio quadro de professores, como também para outras instituições no Brasil envolvidas na

---

<sup>16</sup> Álpia Ferreira Couto-Lenzi nasceu no Espírito Santo. Fez o Curso Normal no Instituto. Trabalhou com surdos numa escola que funcionava dentro da casa de seus pais. No final dos anos 1970 foi Coordenadora da Área de Deficientes Auditivos do Centro Nacional de Educação Especial (CENESP). Nessa função promoveu a reorganização dos cursos de especialização para professores de surdos no INES. As duas primeiras turmas foram formadas no ano de 1981 (ROCHA, 2009, p. 69).

educação de surdos, revelando o esforço da instituição para implementar políticas públicas que contemplassem a educação dos surdos, mesmo diante da realidade que ora era apresentada.

### **2.1.5 A Gestão de Marino Gomes Ferreira no Instituto Nacional de Educação de Surdos (1969-1977)**

No fim da década de 1970, chegou ao Brasil, por meio de pesquisas de Ivete Vasconcelos, professora de surdos da Universidade Gallaudet (EUA) e Maria Marta Ferreira da Costa Ciccone, um método pedagógico diferente dos métodos oralistas, denominado "Comunicação Total ou Bimodalismo". Esse método, segundo Goldfeld (1997), foi idealizado pela professora americana e mãe de surdo, Dorothy Schifflet, denominando-o como *Total Approach* (Abordagem Total) e em 1968, Roy Holcom rebatizou-o para *Total Communication* (Comunicação Total).

Naquele momento, sob a direção do Médico Dr. Marino Gomes Ferreira, o INES começou a passar por algumas mudanças metodológicas diante do fracasso do oralismo, quando aplicado aos surdos que apresentavam surdez profunda. Nesse aspecto, destaca-se a importância do oralismo para o surgimento de outros métodos de ensino para surdos; no caso do bimodalismo houve um acoplamento das línguas oral e de sinais, de forma simultânea. No início dos anos 1970, Ivete Vasconcelos trabalhava com a pré-escola do INES e instruía os pais de crianças surdas a estimularem seus filhos em casa (ROCHA, 2009).

Os educadores bimodais possuíam uma visão paternalista da surdez, e alegavam que os surdos tinham capacidade de aprendizagem limitada, por isso não conseguiam aprender como os ouvintes (FARIA, 2003). Nessa filosofia, a língua oral era a língua materna dos surdos, e a linguagem visual era tida apenas como um instrumento para ensinar a língua oral. Os métodos utilizados pelos educadores bimodais enfatizavam todos os recursos possíveis para que os surdos aprendessem a falar oralmente e a escrever em Língua Portuguesa.

De acordo com Faria (2003), os bimodais defendiam o uso de sinais, gestos, pantomimas, leitura labial, treinamento auditivo e alfabeto manual, aparelhos de amplificação sonora, e outros, tendo como proposta educar surdos utilizando simultaneamente sinais e fala, em que era privilegiada a linguagem. Nesse contexto, a alfabetização dos surdos ainda era realizada em cartilhas de ouvintes, com texto lido palavra por palavra, uso de recursos visuais, dramatizações e mímica, e linguagem funcional por meio de diálogos.

Como a Universidade Gallaudet, nos Estados Unidos, já utilizava o Inglês sinalizado passou a adotar a comunicação total, tornando-se o maior centro de pesquisa dessa filosofia, surgindo diversos códigos manuais, diferentes das línguas de sinais, como: *Manually Coded English* (MCE), *Simultaneous Communication* (Sim ou SC), *Signed English*, *Sign English*, *Manual English*, *English Signing*, *Pidgin Sign English* (PSE), *Ameslih*, *Siglish*. Esses métodos foram trazidos pela educadora do INES, Ivete Vasconcelos, e passaram a ter grande influência nas metodologias de ensino bimodal para surdos brasileiros, usando a datilologia (alfabeto manual), o *cued-speech* (sinais manuais que representam os sons da Língua Portuguesa), o Português sinalizado (língua artificial que utiliza o léxico da língua de sinais com a estrutura sintática do português e alguns sinais inventados, para representar estruturas gramaticais do Português que ainda não existem na Libras) e o *pidgin* (simplificação da gramática das duas línguas em contato, no caso o português e a Libras) (GOLDFELD, 2002).

O *cued-speech* ou Português Falado Complementado (PFC), inventado em 1966 por Dr. Orin Cornett, da Universidade de Gallaudet, é um sistema de comunicação utilizado com e entre surdos e ouvintes, baseado em fonemas, por meio de configurações de mão representando consoantes, e, em diferentes posições próximas à boca representando vogais, como um adendo à leitura labial melhora as habilidades de leitura oral por meio do aperfeiçoamento da compreensão dos fonemas que são apresentados de forma visual utilizando oito formas de configuração de mão e quatro diferentes posição da mão ao redor da boca apresentando informação sobre a fonologia da palavra que não é visível nos lábios (LEVY, 2015).

O PFC consiste, portanto, em falar o português, normalmente e em todas as situações, complementando-se com a mão para tirar todas as ambiguidades, podendo ser utilizado tanto com crianças surdas de alguns meses, como com as maiores. No entanto, quanto mais cedo iniciar, melhor é o aprendizado da Língua Portuguesa. Uma crítica que deve ser levada em consideração com relação a esse método é que gera no surdo uma pseudolíngua, não conseguindo distinguir a diferença entre a língua visual e a Língua Portuguesa.

Marino Gomes Ferreira nasceu em Niterói, em 11 de maio de 1907, e faleceu no Rio de Janeiro em 11 de setembro de 2004, aos 97 anos. Foi um dos moradores do Bairro de Tijuca que mais se destacou pela liderança e presença marcante na comunidade, caracterizado sempre pela eficiente trajetória profissional e atitudes caridosas. Ele foi um médico brasileiro destacado por sua permanente atitude humanitária e dedicação aos menos favorecidos. Em seu consultório mandou colocar um quadro com a filosofia que norteou toda a sua prática

médica: “Os doentes reconhecidamente pobres não deixarão de ser atendidos por este motivo” (RIO DE JANEIRO, 2005; VICENTI, 1999).

Aos 15 anos já dominava dois ofícios: marceneiro e barbeiro. Fez parte do Serviço Médico da Companhia de Cigarros Souza Cruz, foi diretor do Instituto Benjamim Constant, em 1970, médico e diretor do Instituto Nacional de Surdos e Mudos, de 1969 até 1977; fundador da Academia Brasileira de Medicina de Reabilitação (ABMR) e da Obra de Assistência e Proteção ao Pobre (CAPP), entidade que presidiu por 11 anos. Sócio benfeitor da Associação Alvorada e várias outras entidades beneficentes. Continuou os estudos e formou-se em Odontologia e Farmácia. Seis anos depois, concluiu seu maior sonho, a Medicina. Foi membro e Diretor da Associação Brasileira de Farmacêuticos, da União de Farmacêuticos da São Paulo e do Conselho Deliberativo da Associação dos Servidores Civis do Brasil. Distinguido com o título de Cidadão do Estado da Guanabara, por proposição do então Deputado Gama Lima.

Marino (Figura 09) foi fundador, Sócio Benemérito e Diretor do Montanha Clube, entidade social localizada junto à Floresta da Tijuca. Ingressou na Igreja Presbiteriana em 1924, onde foi comungante por 80 anos. Foi eleito Diácono em 1952 e Presbítero da Catedral Presbiteriana em 1955, na qual exerceu a Vice-Presidência do Conselho por 20 anos consecutivos. Fundador do *Rotary Club* RJ Tijuca em 1949, foi seu Presidente no período 1959-60. Foi eleito Governador do Distrito 457 (hoje Distrito 4570) do *Rotary International* no período 1968 a 1969 com o lema "Só o Amor Constrói" (VISCONTI, 1999).

**Figura 09 – Fotografia do Diretor-Médico Dr. Marino Gomes Ferreira**



Fonte: MARINO GOMES FERREIRA (2017).

Com relação a atuação de Marino e outros diretores posteriores à gestão de Ana Rimoli Dória no INES, até o momento, não foi encontrado nenhum registro documentado. Este fato origina várias precedentes quanto à cultura institucional e mudança de metodologia de ensino, denotando um período de possíveis apagamentos da memória institucional equivalente a duas décadas. As instituições de ensino especializadas para surdos e os diretores do INES estão dispostos nos ANEXOS H e I.

Na seção seguinte, serão apresentadas e discutidas as possíveis e necessárias intervenções políticas para ascensão da educação dos surdos no âmbito nacional, destacando a divulgação da Campanha de Educação para Surdo Brasileiro (C.E.S.B.) instituída no Governo juscelinista pela diretora do INES, na época, a professora Ana Rimolí de Faria Dória juntamente com o ministro da Educação e Cultura, Clóvis Salgado da Gama, e no Governo emilista, a intersetorialidade do Centro Nacional de Educação Especial (CENESP) com todas as secretarias estaduais e municipais de educação para ampliação dos serviços prestados a área de Educação Especial.

### 3 AÇÕES DA POLÍTICA PÚBLICA PARA EDUCAÇÃO DO SURDO BRASILEIRO (1950-1970)

Figura 10 – Arquivo Histórico-Documental Digital referente à Campanha para Educação do Surdo Brasileiro



Fonte: CAMPANHA PARA EDUCAÇÃO DO SURDO BRASILEIRO (1957).

O intuito desta seção é destacar a política educacional de surdos nos Governos de Juscelino Kubitschek de Oliveira e Emílio Garrastazu Médici, ou seja, mostrar o momento político educacional brasileiro nas décadas de 1950 a 1970.

Nesse cenário político e educacional, foi instituída no governo juscelinista, a “Campanha de Educação do Surdo Brasileiro”, cujo principal objetivo era o de promover as medidas necessárias para a educação e a assistência às pessoas com deficiência auditiva e da fala em todo o território nacional.

As iniciativas do Estado brasileiro visando à educação das pessoas com deficiência<sup>17</sup>, com a pretensão de atender todo o território nacional, tiveram início no final da década de 1950, na forma de campanhas, que contemplaram a educação dos surdos em 1957, dos “deficientes visuais” em 1958 e dos “deficientes mentais” em 1960 (RAFANTE, 2015).

No final da década de 1950 e começo dos anos de 1960, o Governo Federal iniciou as campanhas em favor da educação dos “excepcionais”. Essas campanhas faziam parte de um movimento maior, que se “[...] consubstanciou nas chamadas Campanhas Nacionais que pretendiam dar encaminhamento às grandes questões sociais como a alfabetização e as endemias.” (BUENO, 2004, p. 121). Na área educacional, essas ações começaram a se efetivar em 1947, quando o MEC promoveu a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (C.E.A.A.). No início dos anos de 1950, foram realizadas a Campanha Nacional de Educação Rural (C.N.E.R.) e a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (C.N.E.A.).

Em relação à educação dos “excepcionais”, segundo Lemos (1981), as campanhas começaram em 1957, com a C.E.S.B., sugerida pela direção do Instituto Nacional de Educação do Surdo. Em 1958, foi instituída a Campanha Nacional de Educação e Reabilitação dos Deficitários Visuais (C.N.E.R.D.V.), por iniciativa de José Espínola Veiga, professor do Instituto Benjamin Constant. Em 1960, foi instalada a Campanha Nacional de Educação e Reabilitação dos Deficientes Mentais (CADEME) sob a influência das Sociedades Pestalozzi e das Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).

Por volta de 1970, segundo Rocha (2009), havia mais de 800 estabelecimentos de ensino especial no Brasil. Em junho de 1973, foi criado o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), o primeiro órgão oficial federal para definir a política de Educação

---

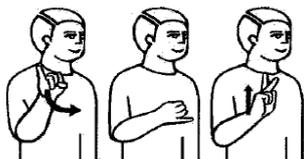
<sup>17</sup> Terminologia utilizada no Brasil conforme preconizada no Decreto nº. 6.949, de 25 de agosto de 2009. No período analisado (décadas de 1960 e 1970), utilizava-se o termo “excepcional”, que, neste texto, foi mantido, mas aparece entre aspas por se tratar de um conceito específico, relacionado a um determinado contexto histórico (RAFANTE, 2015, p. 2-3).

Especial no país, ainda que houvesse nos seus planos uma tendência em privilegiar a iniciativa privada, marcadamente assistencialista, em detrimento dos serviços públicos de ensino especial. Nesse mesmo ano inicia o setor de Educação Especial em Sergipe.

### 3.1 JUSCELINO KUBITSCHKEK DE OLIVEIRA (1956-1961) E A CAMPANHA DE EDUCAÇÃO DO SURDO BRASILEIRO

O Governo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek de Oliveira<sup>18</sup> foi marcado por vários avanços tecnológicos e educacionais. Sob o nacionalismo econômico promovido pelo Governo getulista para atender às necessidades populares, em 1951, se iniciou o primeiro Curso Nacional de Formação de Professores para Surdos. Segundo Seixas (2015), as primeiras turmas formadas pelo INES no curso Formação de Professores para Surdos foram nos anos de 1954 e 1956. O sinal de Juscelino Kubitschek de Oliveira na Libras está mostrado na Figura 11.

**Figura 11 – Sinal Representativo do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira em Libras**



Fonte: PEDROSA (2017, p. 26).

<sup>18</sup> Juscelino Kubitschek de Oliveira, ou popularmente conhecido por JK, nasceu em 12 de setembro de 1902 em Diamantina, Minas Gerais. Filho de um caixeiro-viajante e de uma professora, formou-se Médico na cidade de Belo Horizonte, em 1927. Fez curso e estágio complementares em Paris e Berlim em 1930 e casou-se com Sara Lemos em 1931. Foi eleito deputado federal (1934-1937), nomeado prefeito de Belo Horizonte (1940-1945) e realizou obras de remodelação da capital. Após uma gestão como deputado constituinte, em 1946, pelo Partido Social Democrático (PSD), foi eleito governador de Minas Gerais (1950 a 1954). Em 1955, venceu a eleição para Presidente da República com 36% dos votos, numa coligação PSD-PTB com o slogan "Cinquenta Anos em Cinco". Na presidência, construiu hidrelétricas, estradas, promoveu a industrialização e a modernização da economia. Um de seus principais feitos foi a construção da cidade de Brasília e instituição do Distrito Federal, que marcou a transferência da Capital Federal (até então no Rio de Janeiro) em 21 de abril de 1960. Numa era pós-Vargas, seu governo foi marcado por mudanças sociais e culturais como os festivais de música e a moda da bossa-nova. Quando terminou o mandato, JK foi eleito Senador por Goiás em 1962, mas teve seu mandato cassado e os direitos políticos suspensos em 1964, pelo regime militar. Em 1966 tentou organizar uma frente pela redemocratização do país, junto com Carlos Lacerda e João Goulart mas não voltou mais ao poder. Afastou-se da política e dedicou-se ao trabalho como empresário. Morreu em um desastre automobilístico no quilômetro 165 da Via Dutra, nas proximidades de Resende (RJ), em 22 de agosto de 1976 (BENEVIDES, 1976; SILVA, 1983a).

De acordo com relatório assinado pela professora Ana Rimoli Dória, diretora do Instituto na época, em 1956 o Brasil já contava com cerca de 348 professores especializados (Figura 12) para atuar na educação de surdos (SOARES, 2005).

**Figura 12 – Ana Rimoli Diplomando Professoras Normalistas na Década de 1950**



Fonte: ROCHA (2009, p. 159); SEIXAS (2015, p. 74).

Segundo Soares (2005), em relação às políticas públicas, em âmbito nacional, voltadas à educação de surdos, em 03 de dezembro de 1957, o Ministro da Educação e Cultura da época, Clóvis Salgado da Gama, anunciou que o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira havia assinado o Decreto nº. 42.728, que instituía a Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro, com o objetivo de estender o atendimento especializado aos surdos em todo país.

[...] foi instituída a Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro – C.E.S.B. [...] As instruções para sua organização e execução foram objeto da Portaria Ministerial nº 114, de 21 de março de 1958, publicada no Diário Oficial da União de 23 de março de 1958. [...] Instalada no Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, no Rio de Janeiro, tinha por finalidade promover, por todos os meios a seu alcance, as medidas necessárias à educação e assistência, no mais amplo sentido, em todo o Território Nacional. (ROCHA, 1997, p. 49-50; suprimimos).

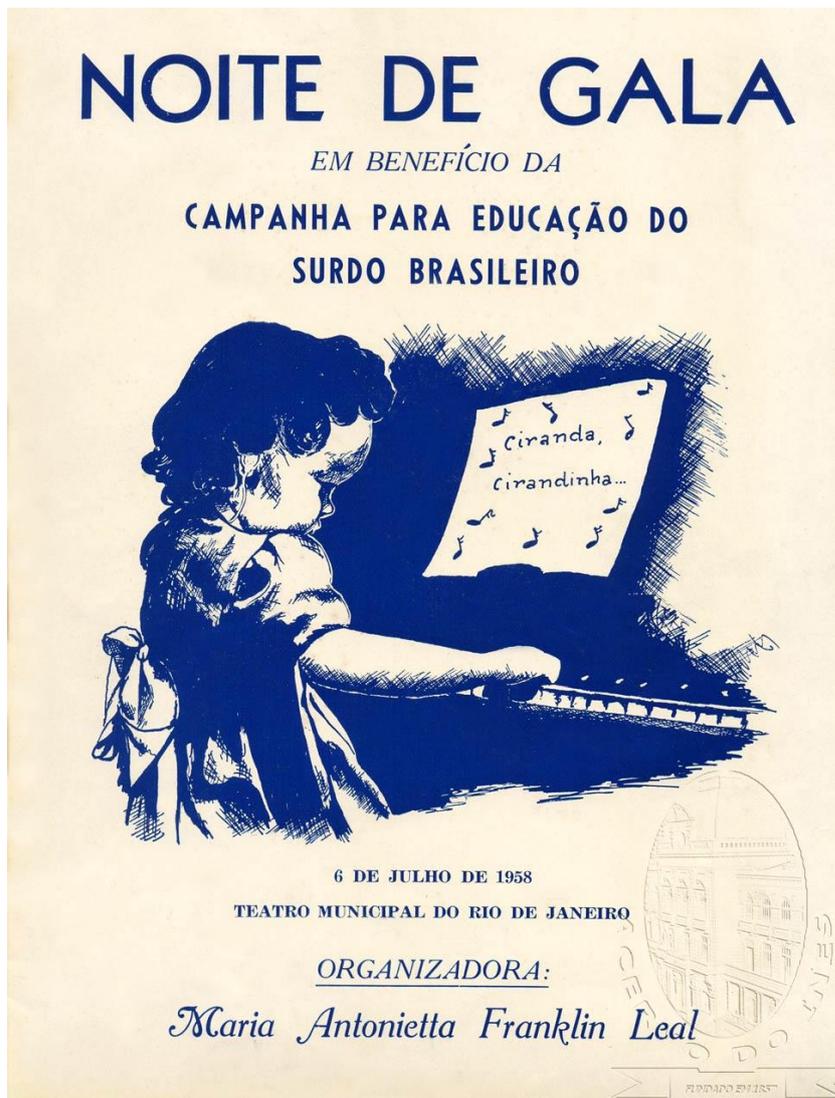
Vale ressaltar que desde o período imperial, na gestão do Imperador D. Pedro II, o INES recebia apoio dos governantes e muitas vezes a sua presença física.

A CESB foi divulgada por meio do cartaz (Figura 13) datado de 06 de julho de 1958 conforme destaca Rocha:

Em julho de 1958 é realizada uma Noite de Gala no Teatro Municipal do Rio de Janeiro cuja renda reverteria para a Campanha. O evento foi organizado pela filantropa Maria Antonieta Leite Leal, contando com a presença de autoridades, políticos e personagens da sociedade carioca. O espetáculo

apresentado foi a ópera bufa Dom Pasquale, interpretada pelos tenores Paulo Fortes e Guilherme Damiano. No encarte que foi distribuído contendo a programação do evento, consta um texto de dona Ana Rimoli que versa sobre a importância da Campanha e, também, destaca o apoio que vem recebendo do então presidente Juscelino Kubitschek e de seu ministro da Educação, Clovis Salgado. (ROCHA, 2009, p. 86).

Figura 13 – Cartaz Informativo sobre a Campanha para Educação do Surdo Brasileiro, (1958)



Fonte: CAMPANHA PARA EDUCAÇÃO DO SURDO BRAASILEIRO (1958).

Em 1958, havia 380 professores para habilitarem os surdos na formação de mão de obra para as indústrias da política desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek. A ênfase do Instituto em ensinar o surdo a falar consagrou-se em 1957 com a Campanha de Educação do Surdo Brasileiro.

O filme “Mundo Sem Som” teve como objetivo divulgar a Campanha de Educação do Surdo Brasileiro em 1958, juntamente com os cartazes e fotografias do mesmo evento, além da partitura do Hino ao Surdo.

O ideário do método oralista deu-se em diferentes contextos políticos brasileiros, iniciando no segundo Governo de Getúlio Dorneles Vargas em 1951, mesmo ano em que Ana Rimoli da Faria Doria foi nomeada Presidente do INES, permanecendo até o Governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira, ou seja, até o ano de 1961.

De acordo com Soares (2005) ao surdo (oprimido) bastaria deixar de ser ‘mudo’, pois ao adquirir a fala adquiria sua inteligência, tornando-se útil, eficiente e produtivo para a sociedade opressora ouvinte. Esse discurso se pauta nas bases de preceitos filosóficos sob a égide da visão aristotélica de surdez, em que se argumenta a fala como um produto do pensamento, logo, aquele que não fala não pensa.

No curso de formação de professores de surdos pelo INES, o Ministro da Educação foi recepcionado pelas normalistas conforme disposto na Figura 14.

**Figura 14 – Normalistas do INES Festejando o Ministro da Educação, Clóvis Salgado da Gama**



Fonte: ROCHA (2009, p. 159).

No entanto, a partir das perspectivas críticas sobre a educação, é importante demarcar que já na década de 1950 entendia-se que a escola é um lugar de saberes, de trocas, de aprendizado, lugar esse que tem como papel a formação do cidadão (SAVIANI, 1994).

Entretanto, esse tipo de escola não era acessível para os surdos, pois a ideologia de ensino era somente a linguagem oral.

Em 1956, a instrução escolar era prevista com a finalidade de promover a participação do sujeito na sociedade, porém, o Decreto nº 38.738 de 30 de janeiro, escrito em prol dos surdos não lhes garantiu o acesso ao aprendizado escolar, por meio das disciplinas, como ocorria com as pessoas consideradas normais perante a sociedade. Apenas expandiu as ações do Instituto e abriu caminhos de acesso dos surdos às escolas privadas, sendo que o Instituto estava disponível para assistir esse aluno e auxiliar a unidade escolar privada, além do apoio do Estado por meio de bolsas.

Mesmo que o Decreto 38.738/56 constasse que o surdo provia de inteligência normal e que o ensino a eles ministrado seria de acordo com as leis orgânicas (BRASIL, 1956), segundo Soares (1999), nenhum documento foi encontrado que explicava como o ensino ocorreria.

O paradigma de reabilitar o surdo para atuar na sociedade como um ser útil a ela e a si mesmo não mudou. Em seu discurso, no centenário do INES no ano de 1957, o então ministro Clovis Salgado afirmou:

A Campanha que agora se inicia, tem esse alto sentido de assistência afetiva, de verdadeira recuperação de uma massa considerável de bons elementos, capazes de cooperar na luta pela prosperidade da pátria comum, Pensou-se desde logo, em recuperá-lo (o surdo) para a sociedade, em educá-lo para se tornar elemento útil e produtivo, capaz de ganhar a própria vida e manter a dignidade inerente à pessoa humana, que deve ser independente e livre. (SOARES, 1999, p. 92).

Porém, é notório afirmar que havia uma diferença entre os discursos contra o analfabetismo dos adultos e adolescentes e a educação do surdo, já que a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos visava a ensinar o sujeito a ler e a escrever a fim de que a sociedade não o marginalizasse, contudo em relação aos surdos o ensino se voltava apenas à linguagem oral.

Também é fato que no Governo JK não era uma perspectiva ideológica reforçar as ações sociais, pois sua meta era o desenvolvimento financeiro do país; educar os surdos, mantendo classes especiais necessitava de um investimento financeiro desprovido e não intencionado no momento. Contudo em memória da gestão de Getúlio Vargas, Presidente que foi idolatrado pelo povo (e após seu suicídio despertou mais admiradores), Kubistchek assinou o Decreto nº 42.728 de 3 de dezembro de 1957 que instituía a Campanha para a

Educação do Surdo Brasileiro, cujo lema para o projeto nacional foi “O surdo não é diferente de você, ajude a educá-lo”.

Nesse mesmo período a Diretora do INES, juntamente com Astério Campos, compuseram o Hino ao Surdo Brasileiro, destacando em sua letra o desprezo da língua expressada por meio dos dedos das mãos, e dando ênfase ao ensino da fala e da leitura labial conforme apresentado abaixo:

Hino ao Surdo Brasileiro (1957)

Ana Rimoli de Faria Dória e Astério de Campos<sup>19</sup>

Em nossa Pátria queremos  
 Dos surdos a Redenção;  
 Aos surdos todos levemos  
 As luzes da Educação  
 Não mais o ensino antiquado  
 Nos simples dedos das mãos;  
 Com um processo avançado  
 Salvemos nossos irmãos!

Oh! Felizes os que aprendem,  
 Sem poderem mesmo ouvir;  
 Com os olhos a Fala entendem,  
 Na esperança do Porvir!

**Os mudos podem falar:  
 São de certo iguais a nós;  
 Compreendem pelo olhar:  
 Aos surdos não falta a Voz  
 Avante, Mestres, avante!  
 Com orgulho prazenteiro,  
 Lidemos, a todo instante,  
 Pelo surdo brasileiro!**

A Escola combate a Dor;  
 Enche o espírito de Luz,  
 Instrução é Luz de Amor;  
 Amemos como Jesus!  
 Quem luta pela Instrução,  
 Debaixo de um céu de anil,  
 Trabalha, de coração,  
 pelo povo do Brasil

(DÓRIA, 1961, p. 408).

Em consonância com Rocha (2009), o hino acima, dentro da proposta do Governo, baseava-se nos ideias iluministas da Revolução Francesa, a igualdade (**Os mudos podem falar:**

---

<sup>19</sup> Ana Rimoli de Faria Dória foi diretora do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) do Rio de Janeiro e Astério de Campos foi Consultor Jurídico e Professor da Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro, instituída por decreto do Presidente Juscelino Kubitschek em 30.11.1957 (SOARES, 1999, p. 95-96).

**São, de certo, iguais a nós; Compreendem pelo olhar**), a liberdade (**Aos surdos não falta a Voz**) e a fraternidade (**Avante, Mestres, avante! Com orgulho prazenteiro, Lidemos, a todo instante, Pelo surdo brasileiro!**). Em análise da letra do hino, pode-se observar que o mesmo faz alusão ao método oralista quando se direciona ao aparelho fonador humano, principalmente, quando menciona a frase **“Os mudos podem falar”**.

Ana Rimoli destaca que o ensino das disciplinas denominadas como noções elementares estaria condicionado ao domínio da fala; a partir de então, ao surdo seriam transmitidos os conhecimentos da escola, sendo esses dosados segundo as suas possibilidades e amparado psicologicamente. O surdo não seria separado em série/idade, mas sim por meio do domínio ou não da fala (DÓRIA, 1961). Ainda segundo a autora, o aprendizado da fala, estava ligado ao QI do aluno, à sua aptidão e a sua perda auditiva. Contudo, estudos da época apontaram para o fracasso escolar do ensino primário, mesmo com alunos ouvintes.

A diretora do INES defendia que o ensino da fala deveria ser inicializado desde os 12 meses de vida da criança a fim de que se igualasse às demais crianças comuns na série em que se colocaria, a fim de que se desenvolvessem intelectualmente, mesmo quando os discursos de que a surdez não está ligada ao desenvolvimento cognitivo perduraram por mais de três séculos.

O INES, de acordo com Rocha (2009), assumiria a função de Centro Nacional sendo referência para os cinco centros regionais criados e distribuídos da seguinte maneira:

*CR-1:* com sede em Belém do Pará, abrangendo os estados do Pará, Amazonas, Maranhão e os então Territórios do Acre, Rondônia, Rio Branco e Amapá;

*CR-2:* com sede em Salvador, abrangendo os Estados da Bahia, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe;

*CR-3:* com sede em Belo Horizonte, abrangendo os Estados de Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás e Espírito Santo;

*CR-4:* com sede no Distrito Federal, abrangendo o Distrito Federal e os estados de São Paulo e Rio de Janeiro;

*CR-5* com sede em Porto Alegre, abrangendo os Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina (ROCHA, 2009, p. 85).

Com a criação dos centros regionais, o ensino emendativo denominado Educação Especial foi descentralizado, permitindo a criação de classes especiais em escolas públicas, a criação de escolas especializadas, e também a concessão de bolsas de estudos para que os alunos surdos pudessem estudar em escolas particulares.

Os professores encarregados dos Centros Regionais e da Coordenação da Campanha (C.E.S.B.) foram os seguintes: Clóvis Augusto Salgado, em Belo Horizonte, Aldina Maria de Jesus, na Bahia; Sara Sassone Zuckernann, no Rio Grande do Sul; e Cordélia Raiol Nunes, no

Pará; além de Helena Antipoff que era Diretora da Sociedade Pestalozzi do Brasil e Rosina Noce de Carvalho, Presidente da Associação de Assistência à Criança Surda no Rio de Janeiro (ROCHA, 2009, p. 85).

Com base nos preceitos do método oral, o ensino de disciplinas no INES foi distribuído entre os cursos Maternal, Pré-fundamental e Fundamental (1º e 2º graus) que foram elaborados para a C.E.S.B.

Estruturação dos programas do ensino pré-fundamental e fundamental do INES

I – Iniciação

A – Maternal: até 4 anos de idade

B – Pré-Fundamental: até 6 anos de idade

II – Fundamental: duração - 8 anos

1º Grau: (duração - 3 anos (7 a 9 anos de idade)

1º ano fundamental

2º ano fundamental

3º ano fundamental

Linguagem e técnicas especializadas, com o objetivo de dotar a criança da consciência e uso da linguagem própria da criança ouvinte em idade pré-escolar.

2º Grau: duração - 5 anos (10 a 14anos de idade)

4º ano fundamental

5º ano fundamental

6º ano fundamental

7º ano fundamental

8º ano fundamental (admissão)

Fontes: (BRASIL, 1962, p. 3; SOARES, 1999, p. 98-99).

Na pré-escola, ou nos três primeiros anos de vida, a aprendizagem era voltada para o vocabulário oral, e nos demais anos os conteúdos curriculares eram adaptados do ensino primário das escolas públicas do Estado de Guanabara<sup>20</sup>. Segundo Soares (1999), no 3º ano eram ensinadas nomenclaturas de números até 1000, no 4º, a sistematização de contagens leitura e escrita de números de um a nove, para o 5º ano, era previsto, na disciplina de História, o ensino da fundação do Rio de Janeiro e o descobrimento do Brasil.

Sobre o processo de escolarização dos surdos no INES e sua relação com a política, Soares (1999) esclarece que:

<sup>20</sup> Guanabara foi um estado brasileiro de 1960 a 1975, que existiu no território do atual município do Rio de Janeiro. Em sua área, esteve localizado o antigo Distrito Federal. A palavra *guanabara* tem sua origem no tupi *guaná-pará*, que significa *seio-mar*.

[...] Pelas exigências da época, quando o acesso ao saber escolar passou a ser mais exigido, em razão da intensificação da industrialização e urbanização, a principal responsável pelas reformas do Instituto Nacional de Surdos-Mudos (que teve inclusive seu nome modificado para Instituto Nacional de Educação de Surdos) e pela disseminação do atendimento do surdo para todo o país, não incluiu, com o mesmo rigor de tratamento dedicado ao domínio das técnicas de desenvolvimento da linguagem oral, os procedimentos que deveriam ser empregados, por parte dos professores, para que o surdo-mudo, além da fala, tivesse também certo domínio do saber escolar. (SOARES, 1999, p.103)

Em 1955, foi fundada a Escola Comercial Clóvis Salgado, que correspondia ao antigo ginásio e que hoje representaria o segundo segmento do ensino fundamental e tinha como intuito oferecer aos alunos surdos uma formação de mais qualidade juntamente com a aprendizagem de um ofício que, nesse caso, era o de auxiliar de escritório (ROCHA, 2009). Em 1962, os surdos se desinteressaram pelo Curso Comercial quando o INES criou o Ginásio Industrial.

O processo de historicidade sobre as novas perspectivas para a educação do surdo deteve-se apenas no papel, na renomeação do instituto, nas campanhas e decretos, tudo a fim de atender ao contexto da época que surgiu sob a égide do crescente processo de industrialização e de urbanização, tendo como personagem principal desse cenário educacional, o surdo, ao qual não foram direcionadas maiores atenções e métodos de ensino escolar.

A Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro foi fundamental para viabilizar o projeto desenvolvimentista adotado pelo então Presidente da República, Juscelino Kubistchek, e, dessa forma, teve como propósito inserir a pessoa surda na vida econômica do país, e objetivava descentralizar a escolarização e garantir que o maior número de estudantes surdos brasileiros, até então alijados do direito constitucional à educação, pudessem aprender a língua oficial do país, objetivo central da alfabetização da época.

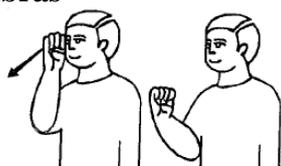
A intenção do Governo que era incluir o surdo na sociedade através do domínio de uma profissão braçal, partindo da necessidade de formação de cidadãos úteis à pátria brasileira, que precisava de pessoas produtivas para garantir o seu desenvolvimento econômico, transformando-os de “peso morto” em patrimônio ativo, pois não era prioridade, portanto, desenvolver lhes suas faculdades intelectuais.

A configuração histórico-política e econômica da ideologia do desenvolvimento do Brasil sob a presidência de Juscelino Kubitschek de Oliveira (JK), e seu fortalecimento nacional sob a presidência de Jânio da Silva Quadros (JQ). Este foi o contexto maior em que eram tecidas as histórias de vida e institucionais (CARDOSO, 1978).

### 3.2 EMÍLIO GARRASTAZU MÉDICI (1969-1974) E O CENTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

O Governo do presidente Gen. Emílio Garrastazu Médici<sup>21</sup> priorizou em todo o território nacional a expansão e a melhoria do atendimento às pessoas com deficiência. Para isso, foi criado o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP) por meio do Decreto n.º 72.425 de 3 de julho de 1973, extinguindo-se a Campanha de Educação do Surdo Brasileiro. É óbvio que é necessário estar atento a todas as mudanças, pois os momentos políticos também demarcam muitas mudanças no cenário educacional. Houve uma reestruturação dos ministérios e, como consequência, se reestruturou a Secretaria de Educação Especial (SEESP) como órgão específico do Ministério da Educação e do Desporto. Na época, O INES foi dirigido pelo médico Marino Gomes Ferreira (1969-1977). O sinal de Emílio Garrastazu Médici na Libras está mostrado na Figura 15.

Figura 15 – **Sinal Representativo do Presidente Gal. Emílio Garrastazu Médici em Libras**



Fonte: PEDROSA (2017, p. 34).

Na década de 1970, a criação do CENESP teve como objetivo centralizar e coordenar as ações de política educacional (MAZZOTTA, 1996). Esse órgão existiu até 1986 e em toda a sua trajetória manteve uma política centralizadora que priorizava o repasse de recursos financeiros para a instituição privada.

<sup>21</sup> Emílio Garrastazu Médici nasceu em Bagé, no Rio Grande do Sul, no dia 4 de dezembro de 1905. Filho de um rico fazendeiro de origem italiana, estudou no Colégio Militar de Porto Alegre e seguiu carreira no Exército. Em 1957 assumiu a chefia do Estado Maior da 3ª Região Militar de Porto Alegre a convite do general Arthur da Costa e Silva, então comandante daquela unidade, com quem estabeleceu forte amizade. Em 30 de outubro de 1969, passou a exercer o cargo de Presidente da República. No seu governo houve o conhecido "milagre brasileiro", que representou uma significativa melhora na economia brasileira, com aumento do PIB (Produto Interno Bruto), estabilização da inflação em índices inferiores a 20%, aumento da produção industrial, melhora dos níveis de emprego e do mercado interno. O crescimento geral da economia, e da indústria automobilística em especial, gerava novos empregos, possibilitava o desenvolvimento de outros setores econômicos e aumentava a arrecadação do Estado através dos impostos. O comércio exterior cresceu em níveis recordes e a produção industrial cada vez mais ganhava espaço nos mercados mundiais. O Brasil tornava-se uma potência econômica do mundo. No final do governo Médici já se fazia sentir a falência do "milagre econômico", que entrou em derrocada a partir de 1973, juntamente com a crise internacional do petróleo. A falta e o aumento do preço desse produto deu início a uma crise de energia no Brasil. Nessa época, o país importava 80% do combustível que consumia. Médici faleceu no Rio de Janeiro, em 9 de outubro de 1985 (SILVA, 1983b).

Portanto, a criação do CENESP é resultado de um processo histórico que envolveu diferentes sujeitos e está inserido na política de educação em geral e nas determinações dos organismos internacionais.

O cenário brasileiro, a partir da década de 1960, passava por significativas transformações nos setores político, econômico e social. Nesse contexto, a política educacional da ditadura e o equilíbrio que vinha se mantendo com as tendências populista e nacionalista, ao lado da expansão da indústria, foi rompido com a entrada do capital internacional. Juscelino Kubitschek, Presidente da República (1956-1960), acelerou a expansão industrial, e o desenrolar dos fatos levou a uma organização política visando à eliminação dos obstáculos colocados frente ao capital estrangeiro, exigindo uma nova função do Estado (RAFANTE, 2015). Segundo Romanelli (2010), o Governo exprimiu-se nos seguintes termos:

a) reforço do executivo e conseqüente remanejamento das forças na estrutura de poder; b) aumento do controle feito pelo Conselho de Segurança Nacional; c) centralização e modernização da administração pública; d) cessação do protesto social. (ROMANELLI, 2010, p. 200).

Tratava-se da radicalização da centralização política instituída pela ditadura militar. Nesta redefinição, no campo educacional, observou-se uma aceleração do crescimento na demanda social pela educação, motivada pela introdução da teoria do capital humano na realidade brasileira, que, no campo educacional, engendrou a predominância da Pedagogia Tecnicista.

Há uma valorização do papel da educação no desenvolvimento do país, e esta foi reorganizada com base na Pedagogia Tecnicista, cujos princípios são a racionalidade, a eficiência e a produtividade. Orientada por tais princípios, a política educacional deste contexto “[...] buscou planejar a educação de modo que a dotasse de uma organização racional, capaz de minimizar as interferências subjetivas, que pudessem pôr em risco sua eficiência.” (SAVIANI, 2007, p. 380). Nessa empreitada, o MEC e seus respectivos órgãos firmaram uma série de convênios com a *United States Agency International for Development (USAID)*, estabelecendo a cooperação técnica e financeira dessa agência junto à organização do sistema educacional brasileiro.

A reorganização na educação engendrou a reforma do ensino superior (Lei n.º 5.540/68) e dos ensinos primário e secundário (Lei n.º 5.692/71), levando à junção do primário com o ginásial, para criar o ensino de primeiro grau de oito anos, e o ensino secundário, de três anos, foi submetido à profissionalização compulsória. Era uma estratégia

com dupla finalidade: formar mão de obra, inserindo uma terminalidade no ensino de segundo grau; minimizar a crise de acesso ao ensino superior, que não absorvia a demanda (ROMANELLI, 2010).

Sob a influência da Teoria do Capital Humano e da Pedagogia Tecnicista, as metas do Governo brasileiro, na área educacional, foram sendo estabelecidas de modo que, ao final do decênio, o MEC deveria alcançar a universalização do ensino de primeiro grau (faixa etária de sete a 14 anos). A partir dessa conjuntura, a educação dos “excepcionais” encontrou o caminho para a sua oficialização, tanto na legislação, quanto na criação do órgão nacional para sua organização.

No âmbito da criação de um órgão central, o ofício do MEC n.º 93, de 7 de maio de 1971, recomendou a extinção das campanhas, que dariam lugar a um programa integrado de assistência, envolvendo todas as categorias de “excepcionais” e também a criação de um grupo de trabalho para definir as características da unidade executora desse programa, fixando as bases para orientar “o poder executivo na instituição de uma Fundação de Assistência ao Excepcional”. Em resposta a esse ofício, a Portaria n.º 86, de 17 de junho de 1971, organizou o Departamento de Educação Complementar (DEC) e o Grupo Tarefa de Educação Especial (GTEE), “com o objetivo de implantar uma sistemática de trabalho educacional dirigida aos excepcionais, em todas as suas formas, em todo o Território Brasileiro.” (LEMOS, 1981, p. 72).

Nesse contexto, Sarah Couto César assumiu a Gerência do Grupo Tarefa, cujo trabalho incluiu o seguinte: levantamento das atividades das campanhas, com o objetivo de propor medidas para a sua extinção; análise da situação dos “excepcionais” no Brasil; estabelecimento de uma política educacional a ser desenvolvida pelo Departamento de Educação Complementar (DEC) e pelo Grupo Tarefa de Educação Especial (GTEE); prover as condições necessárias para a criação de um organismo estruturado sob a forma de fundação; dar continuidade às atividades iniciadas pelas campanhas (LEMOS, 1981; RAFANTE, 2015). Ao final, o grupo concluiu que as campanhas não deveriam ter continuidade até a criação do novo órgão.

A proposta final para organização da educação especial no Brasil foi resultado da influência recebida pela comissão relatora, tanto dos brasileiros, quanto dos estrangeiros, e também do diagnóstico obtido pelo estudo da realidade nacional.

Os objetivos da implantação do projeto eram: expandir e melhorar o atendimento aos “excepcionais” com a ampliação progressiva das oportunidades de educação em todos os níveis, até mesmo no ensino superior; iniciar os “excepcionais” na formação profissional e no trabalho; aperfeiçoar os meios de aferição, caracterização e tratamento dos “excepcionais”; realizar pesquisas para subsidiar a escolha da metodologia mais adequada em cada caso; promover a formação de recursos humanos; conduzir os setores da área da educação, da saúde, da assistência social, da

justiça e do trabalho para colaboração em programas de atendimento; envolver a comunidade; integrar, sempre que possível, o “deficiente” no ensino regular, oferecendo tratamento especial de acordo com o tipo de “excepcionalidade”, inclusive os “superdotados”; buscar “integrar progressivamente as instituições e serviços de educação especial no sistema de ensino regular, de modo organicamente estruturado e com identidade de objetivos, ressalvados aspectos que lhes são peculiares.” (BRASIL, 1974, p. 16).

E complementa que:

Para a implantação do Projeto Prioritário №. 35, o governo federal, pelo Decreto № 72.425, de 3 de julho de 1973, criou o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), “órgão Central de Direção Superior, com a finalidade de promover em todo o território nacional, a expansão e melhoria do atendimento aos excepcionais” (BRASIL/MEC/CENESP, 1974, p. 30). Com autonomia administrativa e financeira, o CENESP teria suas atividades supervisionadas pela Secretaria Geral do Ministério da Educação e Cultura e proporcionaria oportunidades de educação aos “deficientes da visão, audição, mentais, físicos, educandos com problemas de conduta, para os que possuem deficiências múltiplas e os superdotados, visando sua participação progressiva na comunidade” (Idem, p. 71).

Em 1972, a Educação Especial “[...] foi considerada, pelo Governo Federal, área de ação prioritária, com a elaboração do Projeto Prioritário n.º 35 que foi incorporado ao I Plano Setorial de Educação e Cultura 72/74.” (LEMOS, 1981, p. 81).

Entretanto, a partir da criação da “Secretaria de Educação Especial (SEESP), como órgão específico do Ministério da Educação e do Desporto” (MAZZOTTA, 1996; 1998), foi que o INES passou a ser considerado “centro de referência nacional” na área da surdez. Como tal, além de oferecer o ensino infantil, fundamental, médio e profissionalizante aos alunos, realiza pesquisas, estudos, publica, capacita profissionalmente e presta assessoria técnica em âmbito nacional.

A realização de seminários estaduais e municipais possibilita intercâmbio entre profissionais e instituições, contribuindo, dessa forma, para a manutenção, da união e do contato entre todas as pessoas que, de alguma forma, encontram-se envolvidas no processo educacional da pessoa surda (MATTOS, 2002).

Em Sergipe, até o final do século XIX, segundo Souza (2013), não havia registros de trabalhos na área de Educação Especial. No início do século XX, a “Educação dos Anormais”, denominação utilizada na época, surgiu como uma expressão de preocupação, através do Projeto de Lei nº 481, intitulado “A Educação dos Anormaes”, o qual foi apresentado pelo

Deputado Antônio Manoel de Carvalho Neto<sup>22</sup> na Conferência Interestadual do Ensino Primário realizada na Câmara dos Deputados (LIMA, 2008; SOUZA, 2007; 2009).

Até o final de 1920, de acordo com Souza (2012, p. 24), não havia nenhuma instituição de ensino especializado em Sergipe, porém, em 14 de outubro de 1921, o Deputado sergipano Antônio Manoel de Carvalho Neto e outros sergipanos denunciaram a ausência de escolas para o atendimento dos “anormais”, propondo “[...] crear escolas de aperfeiçoamento e classes especiaes, nas escolas primarias comuns, para a infância mentalmente atrazada, em uma das capitães dos Estados e do Districto Federal [...], sendo esta uma das primeiras iniciativas em favor das pessoas com deficiência já registrada. Sobre o projeto educacional, a historiadora Nunes (1984, p. 245) destacou “[...] numa atuação pioneira da educação dos excepcionais no Brasil”.

Além disso, Carvalho Neto afirmava que,

A Educação dos Anormais é um importante e vastíssimo tema social de intensa atualidade. [...] Inscrito na legislação dos povos cultos, constitui, de presente, frondoso ramo da pedagogia moderna, orientada pela ciência, visando a um elevado escopo social e econômico. Restitui à sociedade como elemento da economia e trabalho, algumas parcelas abandonadas à inércia, senão ao caminho da loucura ou do crime, seria sua finalidade (CARVALHO NETO, 1921, p. 60).

Nas produções de Carvalho Neto (1921), o anormal era a pessoa considerada com deficiência mental. Inicialmente, procurou conhecer como se dava a atenção aos “anormaes” em outros países como França, Inglaterra, Bélgica, Itália, entre outros. Interessou-se pelas experiências existentes, e com base nos princípios republicanos de civismo, higienismo e urbanismo, estudou outras experiências para comparar a situação e atenção da Educação dos anormais entre os países a que tinha acesso, e o Brasil, no intuito de fundamentar o seu projeto educacional (LIMA, 2008; SOUZA, 2009).

As iniciativas de Educação Especial, segundo Souza (2007), surgiram no início da década 1970 com a inauguração da Escola de Primeiro Grau 11 de Agosto, por meio do Decreto nº. 3.017, de 14 de janeiro de 1970, a primeira escola, da rede pública estadual de ensino, a possuir classes especiais instaladas em 1973, por uma equipe de profissionais, formada por Marilza Franco, Maria das Graças Barreto, Maria Julia Santos e Iara Campelo.

---

<sup>22</sup> Antônio Manoel de Carvalho Neto (1889-1954), sergipano natural de Anápolis, atual cidade de Simão Dias, embora considerado como homem de poucas palavras, tinha uma aproximação significativa com a intelectualidade brasileira e conquistou respeito em todos os lugares onde passou. Formou-se em Direito e desenvolveu estudos em outros campos científicos como a Ciência e Literatura, produzindo e atuando com reconhecimento social. Tornou-se escritor, político, poeta, professor, advogado. Tinha gosto pelas letras, passando também a ampliar seus conhecimentos sobre a educação do anormal (SOUZA, 2009, p. 146).

Na seção seguinte, serão apresentados e discutidos os registros documentais e confrontados com os discursos dos surdos sergipanos egressos que estudaram no INES. Além disso, articular os dados da pesquisa e tecer as contribuições e a influência do INES na formação escolar e carreira profissional dos surdos sergipanos.

#### 4 PASSOS E DESCOMPASSOS: MEMÓRIAS PRESENTES NAS NARRATIVAS DOS SURDOS SERGIPANOS EGRESSOS DO INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

Figura 16 – Acervo Fotográfico da Aula de Linguagem Articulada no INES



Fonte: Acervo pessoal cedido por Polyana dos Santos Lacerda (1960).

(A surda Rita de Cácia é a primeira no lado esquerdo da primeira fileira, está de cabeça baixa, usando fones biauriculares e escrevendo com a mão esquerda)

O historicismo é a doutrina segundo a qual cada período da história tem crenças e valores únicos, devendo cada fenômeno ser entendido através do seu contexto histórico.

(STROBEL, 2007, p. 30).

Nesta seção são analisadas as histórias de vida dos surdos sergipanos egressos, as quais foram vivenciadas no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), instituição pública de ensino especializado na questão de surdez no Brasil, do mesmo modo importante, na conservação da memória, dos sujeitos da pesquisa e das práticas educativas. Então, trata-se de lembranças e apagamentos das trajetórias de vida dos surdos sergipanos egressos articulando a ida ao Rio de Janeiro, o ingresso, o colégio-internato, o egresso do INES e a volta à Sergipe.

Com base na conceituação do termo memória, o historiador francês Jacques Le Goff destaca o entendimento de que “[...] a memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto das funções psíquicas, graças as

quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas ou que ele representa como passado.” (LE GOFF, 1996, p. 423).

Entretanto, para desenvolver o estudo foi necessário coletar informações por meio de entrevistas, nas quais foram colhidos os depoimentos dos surdos sergipanos que estudaram no INES, selecionando, obviamente, aqueles que ingressaram no período de divulgação da CESB, em 1957, em que a professora Ana Rimoli de Faria Dória dirigiu o estabelecimento por uma década, e a criação do CENESP, em 1973, ano que justifica o marco final deste estudo e a volta dos surdos a Sergipe. Surdos que vivenciaram e produziram cultura escolar no INES, assimilando e apropriando-se da formação educacional e carreiras profissionais que forjaram com maneiras de ser e agir diferenciadas, mesmo convivendo em coletividade e submetidos às regras semelhantes em regime de internato.

Os internatos foram defendidos e até utilizados na instrução pública, principalmente, visando ao desenvolvimento do ensino secundário. Neles, os estudantes encontravam pensionato (dormitórios, refeitório, rouparia e instalações sanitárias) e instrução (aulas, repetições, exercícios suplementares e direção dos estudos) para formação de um tipo ideal de homem pela permanente inculcação de práticas civilizatórias (CONCEIÇÃO, 2012). Sobre o modelo adotado, Conceição (2012) destaca em internato, semi-internato e externato e explica que:

Os internos moravam no estabelecimento e recebiam alojamento, alimentação, instrução e direção dos estudos, os semi-externos permaneciam no estabelecimento os dois turnos do dia, recebiam alimentação e instrução e direção dos estudos. Em determinados estabelecimentos os alunos semi-externos entravam 6 horas da manhã e saíam às 8 horas da noite depois da banca de estudos. Já os alunos externos recebiam apenas instrução e não podiam se demorar no estabelecimento além das horas das aulas. Os internatos eram sempre monossexuais (masculinos ou femininos). Apenas no externato, em determinados estabelecimentos, admitiam-se os dois sexos. (CONCEIÇÃO, 2012, p. 279).

Delinear as histórias de vidas dos surdos sergipanos tornou-se necessário para ampliar a compreensão do conceito de memória. Assim foram apropriados os estudos de Halbwachs (2006), no que diz respeito às suas reflexões sobre memória individual e memória coletiva. Algumas das fontes documentais utilizadas, principalmente no estudo das décadas de 1950 a 1970, são fontes de memória individual, como fotos e entrevistas que, embora tragam em seus corpos um testemunho pessoal, também se autorizam a falar de uma época.

No que diz respeito à memória e identidade social, segundo Pollak (1992):

[...] é uma tentativa de encontrar uma metodologia para apreender, nos vestígios da memória, aquilo que pode relacioná-los, principalmente, mas

não exclusivamente, com a memória política. Finalmente, no caso das diversas pesquisas de história oral, que utilizam entrevistas, sobretudo entrevistas de história de vida, é óbvio que o que se recolhe são memórias individuais, ou, se for o caso de entrevistas de grupo, memórias mais coletivas, e o problema aí é saber como interpretar esse material (POLLAK, 1992, p. 1).

Conforme Le Goff (2003), a manipulação da memória constitui um problema para a história. Segundo Nora (1993), as implicações contidas na relação entre memória e história residem em uma espécie de vocação antitética. Enquanto a memória é viva, afetiva, coletiva, liquefeita, a história é mais intelectual, universal, sólida. A memória é vulnerável a todos os usos e manipulações.

A experiência de memória é sempre coletiva, pois, de acordo com Halbwachs (2006, p. 30), “não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco certa quantidade de pessoas que não se confundem”. Para confirmar ou recordar uma memória, não são necessários testemunhos e os acontecimentos são vividos pessoalmente, pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer, e a memória é constituída por pessoas, personagens.

Além dos acontecimentos e das personagens, pode-se, finalmente, arrolar os lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma recordação pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico (POLLAK, 1992). No caso da memória coletiva, Halbwachs (2006) enfatiza diferentes pontos de referências que estruturam a memória individual e a insere na memória da coletividade incluindo os monumentos, o patrimônio arquitetônico e seu estilo, as paisagens, as datas e personagens históricas lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, as tradições culinárias. Somados a isso, Pollak (1989), numa perspectiva metodológica durkheimiana, elucida que tratar fatos sociais como coisas faz tornar possível diferentes pontos de referências como indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo, reforçando os seus sentimentos de pertencimentos e as fronteiras socioculturais. A memória é seletiva, pois nem tudo fica registrado. Ela é socialmente construída, daí depreender-se que toda documentação também o é.

Durante a realização das entrevistas foram explicados aos entrevistados o objetivo e a importância de seus depoimentos e lembranças, que, juntamente com outras fontes documentais, contribuem na reconstrução da cultura escolar da instituição e das trajetórias de vida.

O INES, fundado em 26 de setembro de 1857 por meio do Decreto Imperial n.º 839 do Imperador do Brasil, D. Pedro II, continua sendo uma instituição de ensino especializada em surdez, ultrapassando a condição de sesquicentenária, pois tem 160 anos de utilidade e prestação de serviços públicos à sociedade brasileira, arquivando no seu acervo memorial documentos valiosos para esta pesquisa. Os documentos escritos parecem ser instrumentos de coleta de dados mais adequados, pois não há história sem documentos.

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. [...] Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. (FEBVRE, 1949 p.428 apud LE GOFF, 2003 p. 530; suprimimos).

O historiador primeiro realiza o trabalho de pesquisador, isto é, sua primeira atividade denominada heurística, a qual consiste na coleta de fontes históricas, depois as submete a crítica documental.

A memória dos homens, segundo Gagnebin (2006), se constrói entre dois pólos: o da transmissão oral e o da conservação pela escrita. A transmissão oral se constitui por meio de entrevista oral, no caso do surdo, sinalizada. Sobre a entrevista, segundo Higuette (1990):

A entrevista pode ser definida como o processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. As informações são obtidas através de um roteiro de entrevistas constando de uma lista de pontos ou tópicos previamente estabelecidos de acordo com uma problemática central e que deve ser seguida. O processo de interação contém quatro componentes que devem ser explicitados, enfatizando-se suas vantagens, desvantagens e limitações. São elas: a) o entrevistador; b) o entrevistado; c) a situação da entrevista; d) o instrumento de captação de dados ou roteiros de entrevista. (HIGUETTE, 1990, p. 75).

A memória, na condição de capacidade de preservação de elementos coletivos, faz remeter a manutenção de ícones da trajetória histórica do lugar que não devem ser esquecidos, mais reconhecidos como partes integrantes na formação de uma sociedade. A memória arquivada, documentada, torna-se oficial, porque, a documentação filtra, seleciona e organiza os tipos de informação que existem sobre um objeto.

O regimento interno é expresso por um projeto político, filosófico e/ou educacional de uma instituição. Com base nos antecedentes históricos institucionais, Rocha (2009) traçou uma cronologia dos fatos e relatou que em 1911, na gestão de Dr. Custódio Ferreira Martins (1907-1930), o Decreto de nº 9.198, em seu artigo 9º, impõe a retomada do método oral puro

(BRASIL, 1911). O Decreto ainda trata da criação da seção feminina, perante a sociedade de época, porém, era necessário que houvesse uma separação total entre meninos e meninas surdos no internato, por isso os três professores de Linguagem Escrita foram transferidos para as três recém-criadas cadeiras de Linguagem Articulada e Leitura sobre os Lábios. Para isso, em 1913, o Governo autorizou a construção de um novo prédio, mas sua inauguração aconteceu somente em 1915, ainda sem a ala feminina por falta de verbas. Em 1932, na gestão de Dr. Armando Paiva Lacerda (1930-1947), foram criadas oficinas de costura e bordado, formando uma seção feminina, que funcionava, em regime de externato. Em 1937, iniciaram-se as obras para ampliação do Instituto, as aulas foram suspensas por quase cinco anos. Foram construídas as oficinas profissionalizantes, o ginásio de esportes, o auditório e foram ampliados os segundo e terceiro andares.

No relatório que o Dr. Armando enviou ao então Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, em 1937, contava com 127 alunos surdos, em regime de internato, externato e semi-internato (ROCHA, 2009).

Sobre o regime de internato do INES, de acordo com Mattos (2002), até 1947, funcionava em regime de internato para meninos e externato para meninas, quando houve o primeiro registro, em 01 de março de 1947, do regime de semi-internato para uma aluna. Em março de 1948, na gestão de Dr. Antônio Carlos de Mello Barreto (1947-1951), o regime de internato passou a ser aceito, também, para as meninas surdas.

O foco dos depoimentos é dar “voz” aos surdos sergipanos e trazer à tona histórias de vida acerca das práticas educativas realizadas no INES que ainda se encontram silenciadas na maior parte das produções acadêmicas existentes sobre esses sujeitos. A abordagem histórica foi utilizada para reconstruir a trajetória de vida da surda Aparecida de Jesus Santos, também com outro registro de “Maria Aparecida Nascimento dos Santos”, que iniciou suas atividades como professora no Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, um centro público especializado, no município de Aracaju (SE) e dos demais surdos sergipanos egressos do INES que não atuaram na área do magistério.

Os desfiles cívicos e tradições religiosas servem para moldar comportamentos e se constituem em práticas de caráter educativo visto que “A história das práticas escolares é, com efeito, a mais difícil de se reconstruir porque ela não deixa traço: o que é evidente em um dado momento tem necessidade de ser dito ou escrito?” (JULIA, 2011, p. 15). Para este estudo, fazem-se necessários imagens e depoimentos, pois foram marcas muito presentes no INES.

A historiografia educacional dos surdos vem sendo construída a partir do ponto de vista dos ouvintes, principalmente, legisladores, professores, religiosos, historiadores, médicos e jornalistas. A surdez, na concepção educacional, é considerada uma diferença socioantropológica, entretanto, na concepção clínico-terapêutica, é definida como sócio patológica-sensorial.

A diversidade de fontes e os estudos dão existência às histórias dos sujeitos surdos pesquisados, possibilitando conhecê-los na individualidade, embora muitos desses personagens somente deixaram à mostra os seus legados profissionais. Outros deixaram seus álbuns de recordação ou arquivos pessoais como forma de resguardar-se do esquecimento, possibilitando vislumbrar por entre as memórias adormecidas o que para eles era pessoal.

Ao analisar a materialidade da educação dos surdos, percebe-se que as práticas pedagógicas das escolas de surdos de todo país tiveram grande influência do INES, responsável pela formação de professores e de surdos brasileiros. A metodologia de ensino no INES, defendida por Dória (1961), baseava-se na importância de o aluno surdo alcançar a linguagem oralizada assim como acontece com o ouvinte.

Para as atividades escolares, o método de ensino adotado nas escolas de surdos, de vários países, inclusive no Brasil (INES), foi o oralismo; seus processos - que se intitulam: (a) treinamento da compreensão da fala, (b) ensino da mecânica da fala e (c) treinamento audiovisual – alcançam os deficientes da audição e da fala, situados em qualquer uma das posições previstas na classificação citada (DÓRIA, 1961).

Trazer à tona estas discussões implica em rememorar os sujeitos ‘invisíveis’ da história, conforme destacado no depoimento de Maria Auxiliadora Santos (2016):

Sinto falta de um maior entrosamento e contato da comunidade surda sergipana mais jovem para com eles, não sei, acho talvez uma forma de reconhecimento e troca de experiência (SANTOS, Maria Auxiliadora dos. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa em 20 ago. 2016).

O INES sempre teve como característica o oferecimento do ensino formal e do ensino profissionalizante desenvolvido nas suas oficinas de artes gráficas, corte e costura, sapataria, bordado, alfaiataria, desenho, marcenaria, ensino industrial, datilografia e modelagem (MATTOS, 2002).

Durante os seus 160 anos de existência, o INES vem sendo cenário de diferentes momentos históricos relacionados à educação das pessoas surdas. Congregando profissionais de variada formação acadêmica, as divergências e contradições quanto à concepção, modalidade de comunicação e escolarização dividem espaços desde os mais remotos tempos.

Sobre a questão das oficinas profissionalizantes para os surdos do INES, o médico sergipano, Dr. Tobias Rabello Leite<sup>23</sup> (1868-1896), quando diretor do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos (I.I.S.M), já defendia que a educação de surdos implementada no Instituto deveria ser profissionalizante a fim de prover a sobrevivência dos surdos assim que o deixassem (SOUZA, 2007).

A seguir, apresentaram-se as histórias de vida dos surdos sergipanos que estudaram no INES no Rio de Janeiro, no período estudado.

#### 4.1 ENTRE OS FIOS DA MEMÓRIA E DAS HISTÓRIAS DE VIDA: Narrativas dos Surdos Sergipanos Egressos do Instituto Nacional de Educação de Surdos

Para compreender as histórias de vida dos surdos sergipanos no INES foi necessária a articulação entre as informações coletadas nas entrevistas e nos documentos pesquisados.

##### 4.1.1 Aparecida de Jesus Santos: Trajetória de Vida Escolar e Formação Magisterial

A Srta. Aparecida de Jesus Santos (Figura 17) nascida em 10 de julho de 1947 (70 anos) filha de Ananias Bispo dos Santos e Maria da Conceição Santos, possui diagnóstico de surdez profunda genética sindrômica associada à Síndrome de Usher. Sergipana, natural de Aracaju, solteira. Matriculou-se no INES em 1954, na gestão da professora Ana Rimoli de Faria Dória. Tinha sete anos de idade na ocasião. Nos registros de Souza (2007), a Srta. Aparecida atuou na educação dos surdos em Aracaju (SE) como professora de Educação para

---

<sup>23</sup> Tobias Rabello Leite nasceu no dia 7 de abril de 1827 (BLAKE, 1902, p. 312-313) no local onde hoje é a cidade de Riachuelo, na época parte do município de Laranjeiras. Era filho do capitão Tobias Rabello Leite e de Ana Maria de Lemos, proprietários do Engenho São Bento (DANTAS, 1980). Seu pai era neto do capitão José da Graça Leite Sampaio, então presidente da Junta Governativa de Sergipe (SOUZA, 2015). Tobias Leite concluiu o curso de Medicina em 1849 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. No Rio de Janeiro, Tobias Leite assumiu o cargo de diretor interino do antigo Instituto Nacional dos Surdos-Mudos, atualmente, Instituto Nacional de Educação de Surdos em agosto de 1868 (ROCHA, 1997); ficando nessa condição até 1872, quando nomeado diretor efetivo, permanecendo com esse cargo até 1896, ano de sua morte. O Regimento Interno do Instituto Nacional dos Surdos-Mudos foi elaborado pelo Dr. Tobias Leite publicado em seu livro 'Notícias do Instituto dos Surdos-Mudos. Em relação à disciplina no ambiente escolar, eram terminantemente proibidos os castigos físicos, não havia distinção entre pobres e ricos, todos eram tratados com igualdade (LEITE, 1877, p. 11). Souza (2015) destaca a respeito de um sergipano a frente do seu tempo, que não mediu esforços para levar à frente um tipo de educação pouco comum no Brasil Imperial e no alvorecer da Primeira República. Faleceu aos 69 anos, na cidade do Rio de Janeiro em 3 de agosto de 1896, vítima de miocardite, sendo sepultado, no dia seguinte, no Cemitério São João Batista, Rio de Janeiro. Alguns biógrafos consignam o dia 4 como o dia de seu falecimento. No entanto, ele faleceu no dia 3, sendo sepultado no dia 4 (SOUZA, 2007, p. 74).

o Lar no C.R.N.G. Atualmente, reside em Aracaju (SE), sob os cuidados de sua irmã, Maria Auxiliadora dos Santos<sup>24</sup>.

**Figura 17 – Fotografia Atualizada da Surdo-Cega, Srta. Aparecida de Jesus Santos**



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2016).

A Síndrome de Usher foi descoberta pelo médico oftalmologista escocês, Charles Howard Usher, em 1914 e é um tipo de surdez genética sindrômica (PAS<sup>25</sup>) caracterizada pela surdez e perda progressiva da visão ocasionada pela Retinose Pigmentar, uma doença degenerativa da retina que geralmente aparece, na adolescência ou início da idade adulta por meio de mutação genética que afeta diretamente as células nervosas mecanorreceptoras (ciliares) da cóclea e as células nervosas fotorreceptoras (bastonetes e cones) da retina.

<sup>24</sup> Maria Auxiliadora dos Santos possui graduação em História Natural pela Universidade Federal da Bahia (1968), Mestrado em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade de São Paulo (1973), Doutorado em Ciências (Zoologia) pela Universidade de São Paulo (1979) e Pós-Doutorado em Louisiana State University, atuando na área de Oceanografia, com ênfase em Oceanografia Biológica. Com experiência em Gestão de Ensino Fundamental na perspectiva construtivista (1992-2002). Atualmente trabalha na formação pedagógica de professores com pesquisa na área de ensino de ciências naturais (Fonte: CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPq), 2017). Nasceu em 30 de agosto de 1944, atualmente, professora universitária aposentada, atuou no Departamento de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Sergipe (1971-2014).

<sup>25</sup> A PAS corresponde a 30% dos casos, diferentemente da surdez genética não-sindrômica (PANS) que correspondem a 70% dos casos e se divide em quatro diferentes tipos: autossômica dominante (DFNA – 15%), autossômica recessiva (DFNB – 80%), ligada ao sexo ou cromossomo “X” (2-3%) e mitocondrial (1-2%). As pesquisas norte-americanas constataam que 5% das pessoas surdas possuem a Síndrome de Usher. Existem quatro tipos de Síndrome de Usher: i) na USH1 – Tipo 1, geralmente, nascem com surdez e problemas no equilíbrio, possuem cegueira noturna e perda da visão periférica; geralmente, aparece na adolescência; ii) na USH2 – Tipo 2, recém-nascidos podem ter surdez de moderada a severa. Os problemas visuais podem progredir mais lentamente e perda auditiva geralmente se mantém estável, iii) na USH3 – Tipo 3, nascem com boa audição ou com comprometimento leve. Sua audição e perda da visão são progressivas, iniciando por volta da puberdade. O equilíbrio também é afetado, iv) e na USH4 – Tipo 4, é um tipo mais raro, afeta apenas 10% (ALMEIDA, 2015, p. 35-36).

Na entrevista percebeu-se uma pessoa que se comunica apenas por sinais, ética, inteligente, organizada, tranquila, expressiva e muito comunicativa; possui sintomas específicos da *Síndrome de Usher* tais como, distúrbios vestibulares ou labirínticos, por isso, precisa ser conduzida por uma pessoa e não apresenta visão periférica bilateral apenas a residual central em ambiente de baixa luminosidade ela se recorda dos fatos mais recentes, por isso houve poucos detalhes da sua passagem pelo INES. É importante destacar que, para essa entrevista, foi necessária a colaboração da ex-aluna surda do C.R.N.G., Gilvânia dos Santos, e do surdo Amilton dos Santos Júnior. A surda entrevistada possui um álbum contendo vários registros fotográficos com datas e indicando a localização, o qual foi cedido para registro do pesquisador.

Em 1951, em Aracaju, não havia escolas especializadas destinadas para surdos. Entretanto, o lavrador<sup>26</sup>, Sr. Ananias Bispo dos Santos, pai de dois filhos surdos, procurou dar-lhes acesso à instrução educacional, encaminhando sua filha, Aparecida de Jesus Santos, ao Rio de Janeiro, a fim de estudar no INES, onde cursou o ensino primário e aprendeu sinais.

Na minha família existem dois surdos, eu e o meu irmão Fernando já falecido. [...] Quando foi pro INES, no Rio de Janeiro, tinha na época sete anos [no ano de 1954]. Nas férias lembro-me que sempre retornava para Sergipe em dezembro, mas em março quando iniciavam as aulas voltava para o INES. (SANTOS, Aparecida de Jesus. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa, em 20 ago. 2016; suprimimos; acrescentamos).

Quando perguntada sobre com quantos anos foi estudar no INES, Aparecida sinalizou o seguinte:

Lembro-me que primeiro fui para o Rio de Janeiro com sete anos [em 1954] estudar o ensino primário no INES no qual permaneci dez anos [até o ano de 1964]; nessa época tinha 17 anos, depois fui para São Paulo estudar o ensino secundário no I-N-S-T-I-T-U-T-O S-A-N-T-A T-E-R-E-Z-I-N-H-A [nesse momento utiliza a datilologia em menção ao IST] e permaneci dois anos [até 1966]. Logo após, fui para Recife estudar numa escola de surdos, onde permaneci apenas um ano [até 1967], e posteriormente, fui para Belo Horizonte estudar numa escola religiosa para surdos, permanecendo três anos onde finalizei meus estudos [em 1970]. (SANTOS, Aparecida de Jesus. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa, em 20 ago. 2016; acrescentamos).

No trecho acima, Aparecida não cita os nomes dos institutos de surdos de Recife e de Belo Horizonte, mas pelas datas, provavelmente, o Instituto Domingos Sávio (IDS), de 1966 até 1967, e o Instituto Santa Inês (ISI), de 1967 até 1970 (ANEXOS K e L). Em São Paulo, participou de desfile de moda sem data definida pela entrevistada (ANEXO M).

<sup>26</sup> Lavrador é um termo utilizado na época e equivalente a agricultor.

Naquela época, apesar de o INES ser uma instituição de ensino público federal era ofertado apenas o ensino primário e oficinas profissionalizantes, por isso, muitos surdos ao terminar os estudos no INES iam para outras instituições de ensino especializado para darem prosseguimento aos estudos. Durante a trajetória de formação escolar e profissional da Srta. Aparecida, percebe-se a presença marcante do ensino religioso representado pelos IST (SP), IDS (PE) e ISI (MG). Pelas informações concedidas, Aparecida deixou o INES no início da gestão de Murilo Rodrigues Campello (1964-1969).

No colégio-internato do INES, a instrução religiosa era uma prática muito comum por meio do doutrinamento moral preparavam as crianças surdas para confissão e primeira comunhão eucarística (ANEXOS N e O).

No IST (SP) e ISI (MG), Aparecida (Figura 18) ficou em regime de Colégio-internato com classes oferecidas somente para o sexo feminino, foi educada com princípios éticos, morais e religiosos valorizando as expressões de fé e crença religiosa. A prática desses Institutos tornou-se significativa à medida que a fé foi colocada como mediadora da educação, elemento importante, porém não exclusivo. Na verdade, por meio da fé buscava-se interagir com o contexto social, visando à formação cidadã e ao desenvolvimento intelectual das alunas surdas. A representação da ação missionária como uma ação educativa que teria a função de realizar o “saneamento moral” da população ordenado pela moral cristã-católica.

**Figura 18 – A Surda Sergipana Aparecida de Jesus Santos no Instituto Santa Terezinha, em São Paulo-SP (1962)**



Fonte: Acervo pessoal cedido por Aparecida de Jesus Santos (1960).  
Aparecida está de pé (à direita) ao lado da freira do IST que também está de pé (à esquerda).

A respeito do processo de escolarização no INES, Aparecida descreve que:

No INES, estudei até a 4ª série e finalizei o ensino primário em regime de colégio-internato, no qual os meninos surdos estudavam separados das meninas surdas (SANTOS, Aparecida de Jesus. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa, em 20 ago. 2016).

Sobre os colégios-internatos, segundo Conceição (2012; 2013), já foi uma das opções preferidas pelas elites brasileiras para a educação formal de seus herdeiros, pois, a pedagogia do internato era vista como ampla e completa, capaz de preparar integralmente os jovens. Nesses colégios, além das aulas, os alunos participavam de atividades culturais, esportivas, recebiam orientações religiosas e eram submetidos a uma rígida disciplina. Acreditava-se que assim, estariam sendo educados futuros líderes, mas também, havia críticas a esse regime escolar, a Medicina, por exemplo, discutia o Higienismo<sup>27</sup> físico e moral dos internatos. Padrões sociais e comportamentais eram defendidos em nome da saúde, no auge do movimento higienista no Brasil.

A respeito das fontes fotográficas, no Brasil, é possível dispor de vários estudos históricos já realizados, principalmente a partir dos anos 1990, que tomam a fotografia como objeto de investigação. Nessas pesquisas, segundo Possamai (2008), o leque de possibilidades é relativamente amplo como: estudos temáticos a contar das fontes fotográficas (LEITE, 2001; MAUAD, 1993); estudos sobre a trajetória da fotografia no Brasil (KOSSOY, 1989; TURAZZI, 1995); contribuição da fotografia para o conhecimento histórico (MAUAD; CARDOSO, 1997; KOSSOY, 1989).

A Srta. Aparecida possui um álbum pessoal com aproximadamente 65 fotografias todas separadas por localidades e datas delimitando o espaço e o tempo em que se deram os acontecimentos, está organizado da seguinte maneira: fotos ainda criança com a família em Sergipe, depois no INES no Rio de Janeiro, no IST em São Paulo, no ISD em Recife (PE), no ISI em Belo Horizonte (MG), e por último, no C.R.N.G. em Aracaju (SE) no Bairro Industrial. Ela concluiu o ensino primário em 1964 no INES, o ensino secundário em 1970 no

---

<sup>27</sup> O Higienismo é uma doutrina que surgiu na primeira metade do século XIX quando os governantes começam a dar maior atenção à saúde dos habitantes das cidades. Considerava-se que a doença era um fenômeno social que abarcava todos os aspectos da vida humana. A necessidade de manter determinadas condições de salubridade no ambiente da cidade mediante a instalação de adução e tratamento da água, esgotos, iluminação nas ruas, e assim poder controlar as epidemias foram dando forma a esta corrente, que se baseava no: [...] novo princípio de "rentabilidade" [...] [para reorientar] os valores atribuídos à comida, às bebidas, ao ar respirado no trabalho e no descanso, à limpeza do corpo que necessita deixar penetrar o oxigênio pela pele (VIGARELLO, 1993).

ISI sendo a única que concluiu os estudos (ANEXO P) conforme comprovação através de documento fotográfico da Figura 19.

**Figura 19 – Formatura da Surda Sergipana Aparecida de Jesus Santos no Instituto Santa Inês, em Belo Horizonte (MG), em 1970**



Fonte: Arquivo pessoal cedido por Aparecida de Jesus Santos (1970).

Aparecida está de pé (à direita) recebendo o diploma da mão do Diretor do ISI, que também está de pé (à esquerda).

#### **4.1.2 Atuação Profissional da Professora Aparecida de Jesus Nascimento no Ensino Primário da Escola de Educação de Surdos do Centro de Reabilitação Ninota Garcia**

Ao voltar para Aracaju, Aparecida realizou alguns concursos públicos, sendo na maioria das vezes aprovada, porém, não assumia o cargo por ser '*surda-muda*'<sup>28</sup> e, de acordo com Souza (2007), permaneceu desempregada por dois anos. Na década de 1970, Aparecida leu um anúncio antigo de um jornal e, por coincidência, se deparou, com notícias sobre o C.R.N.G.; esperançosa, foi conversar diretamente com o médico-diretor Antônio Garcia Filho, e, na ocasião, pediu emprego para atuar na Escola de Educação para Surdos; Garcia Filho achou aquela atitude muito audaciosa e a contratou para desenvolver o seu ofício de professora de Educação para o Lar, sendo que parte dessa formação foi advinda das oficinas

---

<sup>28</sup> Surdo-mudo é um termo muito comum ao contexto histórico da época, principalmente porque não havia muitas pesquisas das áreas médicas referentes aos aparelhos auditivo e fonador. Atualmente, a denominação é pessoa surda.

profissionalizantes de corte e costura e de bordado do INES. E, assim, trabalhou na primeira escola especializada para pessoas com deficiência de Sergipe, o Centro de Reabilitação Ninota Garcia, no qual desempenhou o magistério até se aposentar (SANTOS, Maria Auxiliadora dos. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa em 20 ago. 2016). Sobre o C.R.N.G., Aparecida sinalizou o seguinte:

Retornei para Sergipe em 1970 quando em 1972 comecei a trabalhar no C.R.N.G. [nesse momento sinaliza fábrica em referência ao bairro Industrial onde funcionava o C.R.N.G.] formada como arte-educadora na atuação profissional fui lecionar a disciplina de Educação para o Lar. (SANTOS, Aparecida de Jesus. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa, em 20 ago. 2016; acrescentamos).

Destaca-se, do trecho retro, a questão de Aparecida ser a primeira professora surda sergipana, sendo que, em 1972, o C.R.N.G. já possuía dez anos de funcionamento. Sobre seu ofício de educadora, Aparecida detalha a organização pedagógica das salas de aula conforme relato abaixo:

Lembro que ensinei por muitos anos no Bairro Industrial, local onde foi fundado o C.R.N.G., o qual era mantido por recursos públicos, tinha aproximadamente 30 crianças surdas no total, divididas em três turmas de aproximadamente dez alunos cada uma. Eram poucos surdos adolescentes, a maioria deles eram crianças. [Nesse momento, Aparecida aponta para Gilvânia ex-aluna surda do C.R.N.G., a qual estava presente no momento da entrevista]. Como professora desenvolvia diálogos, brincadeiras, oficinas artesanais e atividades físicas, tudo isso era muito legal. Permaneci lá lecionando até a minha aposentadoria (SANTOS, Aparecida de Jesus. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa, em 20 ago. 2016; acrescentamos).

No discurso acima é possível perceber as intervenções de práticas pedagógicas no ensino realizado no C.R.N.G. quanto às diferentes estratégias metodológicas usadas por Aparecida, que fazia parte do setor educacional e como professora de Escola de Educação de Surdos do C.R.N.G. (ANEXO Q) Quando faz menção as oficinais artesanais (Figura 20) retoma a formação recebida nas oficinas femininas de corte, costura e bordado do INES. No Centro de Reabilitação, as oficinais profissionalizantes foram replicadas dos grandes centros de referências. As pesquisadoras Nunes (2013) e Oliveira (2014) citam as oficinas tipográficas e de artes industriais (bordados, costuras e trabalhos manuais, em madeira, metal, tapeçaria, cestaria e cerâmica). Garcia Filho (1966) destacava a importância e necessidade das oficinas e dos trabalhos manuais para a reabilitação e profissionalização das pessoas com deficiência tornando-as útil socialmente.

**Figura 20 – Peças de Rendas e Bordados Produzidas por Aparecida como Professora Surda no Centro de Reabilitação Ninota Garcia**



Fonte: Acervo pessoal cedido por Aparecida de Jesus Santos (1980).

Os trabalhos manuais e artesanatos são partes do currículo do C.R.N.G., segundo a professora Aparecida, ela ensinava as alunas surdas técnicas de tricô, crochê e costura não somente sob o aspecto das habilidades manuais, mas no sentido ergométrico, levando em conta o posicionamento alinhado entre a cabeça e os pés, as mãos através de exercícios coordenados, rítmicos e repetitivos e mediante tarefas para as diferentes séries e idades, desenvolvendo tanto o fortalecimento da vontade quanto da capacidade de julgar através do pensamento lógico.

Ao trabalhar o tricô ou o crochê a criança surda precisa aprender a forma correta de segurar a agulha para desenvolver a coordenação e motricidade fina, as quais estão diretamente relacionadas ao raciocínio lógico e o desenvolvimento do pensamento matemático, existindo um fluxo constante do pensar para as mãos.

Na aula de trabalhos manuais, segundo Aparecida, as alunas precisavam pensar, sentir e querer. O pensar estava quando segurava a agulha de maneira correta, fazer cálculos de pontos, fazer o projeto do trabalho, o sentir estava na cooperação entre as mãos e a cabeça e o querer estava nas cores que despertavam o interesse estimulando os processos cefálicos que atuavam sobre os membros.

Sobre trabalhos manuais, Camini ([s/d]) destaca que no processo manual a criança desenvolve atitudes de autoconfiança, responsabilidade, perseverança, independência, concentração, senso estético, motricidade fina, raciocínio lógico, criatividade e sociabilidade, hábitos de limpeza, disciplina, ordem, capricho, exatidão e boa postura.

Na década de 1970, no C.R.N.G. os sinais eram introduzidos nas competições esportivas entre surdos de outros Estados, como também por meio da professora surda, Aparecida, que se comunicava alternando a oralização e a sinalização.

No recorte investigativo do trecho retirado da entrevista realizada por Souza (2006):

[...] Por conseguinte, a alternância entre o ensino da fala e o igual de sinais também caracterizou o “Ninota”. A professora introduziu a Libras na sala de Surdos de Aracaju. [...] Maria Aparecida estudou no INES, como aluna interna, durante oito anos, ao completar 15 anos, ela saiu do instituto com o grau equivalente à quarta série do fundamental. Foi para São Paulo, onde estudou durante dois anos. [...] Ela afirmou em Libras: Fui estudar no INES pequena, sete anos. Saí de lá com quinze anos. Antônio era bom (sorriu ao digitar o nome dele) Fui sozinha pedir emprego a ele. Ensinei muitas crianças, não lembro do nome, quando me aposentei [...] (SOUZA, 2007; suprimimos)<sup>29</sup>.

A professora Aparecida, na condição de usuária da comunicação sinalizada, adquirida nos centros de referências em surdez em que estudou como o INES (RJ), o IST (SP), o IDS (CE) e o ISI (MG) teve um papel pedagógico fundamental no C.R.N.G, atuando na disciplina Educação para o Lar<sup>30</sup>. É importante salientar que, mesmo sob a égide do oralismo, os surdos sempre sinalizaram.

Souza (2007) percebeu através da entrevista com Aparecida que havia uma tolerância quanto ao uso dos sinais entre os surdos, como também uma possível mudança de metodologia, pois, só com o desenvolvimento da linguagem articulada nos alunos surdos do C.R.N.G. não apresentavam muitos avanços no processo de ensino e aprendizagem. Souza afirma que:

[...] Apesar do trabalho e da persistência, depois de quatro anos de funcionamento, o “Ninota” tinha estruturado apenas um programa para educação dos surdos, da educação infantil à segunda série do ensino fundamental. Isso quer dizer que os surdos lá matriculados não conseguiam ultrapassar as duas séries iniciais do ensino básico [...] (SOUZA, 2007, p.143).

Com relação aos professores do INES, Aparecida Santos afirma que não lembra se teve aula com professores surdos conforme descrito abaixo:

Não lembro ao certo, mas acredito que todos os professores que ensinavam no INES eram ouvintes<sup>31</sup>. Não sei [...] não me recorde neste momento.

<sup>29</sup> Trechos da entrevista concedida à Profa. Dra. Verônica dos Reis Mariano de Souza, em 26 de janeiro de 2006, para sua Tese intitulada: A gênese da educação dos surdos em Aracaju (SOUZA, 2007).

<sup>30</sup> A disciplina Educação para o Lar (Lei n.º 4.020/61) tinha o intuito de ensinar mulheres e homens a cuidarem do lar, sendo ambos responsáveis pelas tarefas domésticas.

<sup>31</sup> Sobre a presença de professores surdos no INES, o historiador surdo Antônio Campos de Abreu, em entrevista concedida ao Jornal “Visual” no dia 02 de novembro de 2017, relatou que os surdos já usavam sinais mesmo sem o reconhecimento da Libras e foram descobertos 23 ex-professores surdos funcionários em 1857 no INES, em sala de aula, na gráfica que funcionava lá dentro, além de inspetores surdos de alunos, estas pessoas não

(SANTOS, Aparecida de Jesus. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa, em 20 de agosto de 2016; suprimimos).

E quanto aos surdos sergipanos que foram estudar no INES destaca:

Pedro foi o primeiro surdo sergipano que foi para o INES, em seguida Ubirajara e Chamilcar. E, logo em seguida, fui eu. Posteriormente, foram Fernando, Rita e Raimundo, num total de sete surdos, mas pergunta pro Pedro que ele sabe essa informação completa. (SANTOS, Aparecida de Jesus. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa, em 20 ago. 2016).

Quando perguntada sobre o que o INES representou, Aparecida Santos respondeu o seguinte:

Para mim, O INES foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida [com expressão de muita felicidade, satisfação e recordações]. (SANTOS, Aparecida de Jesus. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa, em 20 ago. 2016; acrescentamos).

Sobre o discurso acima, pode-se perceber a grande importância que o INES desempenhou tanto na formação intelectual como na profissionalizante de surdos sergipanos gestados pelos métodos oralistas.

Na entrevista com Aparecida Santos, a entrevistada mostrou vários recortes de jornais de circulação estadual (ANEXO I), destacam-se os seguintes: o jornal católico “A Cruzada”<sup>32</sup>, “Correio de Aracaju” e “A Rosa Azul”, os quais traziam notas, informes, ditos e artigos publicados sobre as concepções de reabilitação educacional em Sergipe. No caso específico do jornal “A Cruzada”, Sá e Linhares (2009) descrevem que:

Em Sergipe, o jornal A Cruzada foi responsável pela difusão dos ideais cristãos no meio educacional. Através de artigos (escritos por padres ou professores de renome à época), textos, anúncios publicitários ou publicações de editais de vestibulares ou concursos, o órgão de imprensa da Diocese de Aracaju difundia que a educação era de fundamental importância para a formação do homem, contudo, esta educação de nada adiantaria sem

---

estão nos livros de história, essa história é contada pelos arquivos do INES. Abreu é um pesquisador dos registros históricos dos surdos, professor de História e militante surdo, nascido em Abaeté (MG), aos 11 anos foi estudar no INES de 1967 a 1973, formou-se em Licenciatura em História em 2007 pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), trabalha como assistente administrativo na Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais S.A (Usiminas) há mais de 30 anos, e há mais de 20 anos presta serviços voluntários para FENEIS (Entrevista concedida à Revista Virtual Cultura Surda da Editora Arara Azul, s/d). Antônio foi o terceiro presidente da FENEIS atuando de 1993 à 2001. A primeira e a sexta presidente surda da FENEIS foi a carioca Ana Regina Souza e Campello (1986-1991/2012-2016), o segundo foi o carioca Fernando de Miranda Valverde (1991-1993), o quarto foi o carioca Antônio Mário Souza Duarte (2001-2008), a quinta foi a catarinense Karin Lilian Strobel (2008-2012) e o sétimo é o gaúcho Francisco Eduardo Coelho da Rocha (2016-2020). O Jornal “Visual” é um jornal brasileiro da TV Brasil criado em 15 de novembro de 1993 voltado para deficientes auditivos. É exibido em Língua Brasileira de Sinais (Libras).

<sup>32</sup> O jornal “A Cruzada” foi criado pela Diocese de Aracaju em 1918, um dos mais importantes e duradouros periódicos do estado de Sergipe na primeira metade do século XX. Publicado até fins da década de 1960, teve duas fases: - a primeira vai de 1918-1926 e a segunda de 1935- 1969. Esta fase passou por uma interrupção no final do ano de 1963, retornando em 1965 (SALES, 2005).

que existisse a presença de Deus em seu contexto (SÁ; LINHARES, 2009, p. 5).

Na afirmação do historiador Marc Bloch “A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele” (BLOCH, 2001, p. 79).

Sobre a análise das imagens fotográficas, como de outras formas visuais, o historiador Peter Burke destaca que “O estudo das imagens esteve presente em abordagens históricas desde os séculos XVIII e XIX, principalmente quando o período ou o tema investigado não poderia prescindir deste tipo de fonte, como a pré-história ou o Renascimento” (BURKE, 2001, p. 13). E Possamai (2008) complementa que:

A sociedade das imagens, que na atualidade impõe sobremaneira o imagético sobre o escrito, faz pensar, porém, se é possível para a história abdicar desses documentos. Mais que isso, a investigação das imagens, sejam estas obras de arte ou fotografias, pode abrir para o historiador um universo a ser explorado, principalmente no campo da memória e do imaginário. As imagens visuais são portadoras daqueles elementos que se aproximam mais do sonho, da imaginação e das sensibilidades. Moldadas pelas configurações históricas e sociais de sua produção, suas intenções ultrapassam o desejado no momento de sua elaboração pelas múltiplas possibilidades que são oferecidas pelo ato de olhar. Como representações do real, as imagens visuais constroem hierarquias, visões de mundo, crenças e utopias e, neste sentido, podem constituir-se em fontes preciosas para a compreensão do passado (POSSAMAI, 2008, p. 254).

Os jornais são fontes documentais que mostravam o estigma social, o preconceito e a concepção de deficiência do período estudado. O C.R.N.G. iniciou suas atividades em 26 de junho de 1962, em uma obra considerada como uma das mais importantes pelo Governo Estadual, Na placa de comemoração descerrada no ato de sua inauguração, lia-se a seguinte frase: “Aqui renasce a esperança” (INAUGURADO..., 1962, p. 1).

A transcrição do jornal “Correio de Aracaju” com notícia sobre o C.R.N.G. e menção à surda Aparecida como professora de 1º Grau com uma turma de oito excepcionais, continha a seguinte frase: “Não somos diferentes de você, não somos empecilhos nem marginalizados. Queremos ser amados pelo que somos. Não nos olhem como aberrações da natureza e sim como seres humanos, com vontades, respeito e direitos”. O recorte jornalístico transcrito intitulado “Aqui renasce a esperança” (Fig. 21) em referência à frase da placa de inauguração do C.R.N.G. (INAUGURADO..., 1962, p. 01).

Figura 21 – Recorte Jornalístico Intitulado “Aqui renasce a esperança”

**Aqui renasce a esperança**

São três horas e 47 minutos da tarde. O carro da reportagem acaba de estacionar no Centro de Reabilitação Ninota Garcia. Tínhamos que fazer uma matéria neste Centro, mas não pensávamos que seriam 20 minutos mais incríveis naquela tarde.

Apresentadas à coordenadora do Centro de Reabilitação, sra. Raimunda Oliveira Santos, pensávamos encontrar uma dessas chefes num requintado escritório com ar condicionado, sentada atrás de uma mesa com assistente e tudo o mais... Mas ao invés disso encontramos uma jovem senhora, com o cabelo em desalinho, as mãos sujas de cola, pregando bandeirinhas coloridas para a festa de São João dos excepcionais daquele Centro.

As surpresas estavam só começando. Pedimos ao fotógrafo que se preparasse e não sabíamos por onde começar. A nossa vontade era fotografar o máximo, para que tudo se tornasse público. É importante que tomem conhecimento do que se faz ali, das dificuldades encontradas, da falta de verba tão comum para projetos desse tipo de entidade. Noventa deficientes são atendidos diariamente, são 45 deficientes mentais, 10 visuais e 35 deficientes físicos.

“Não somos diferentes de você, não somos impecilhos nem marginalizados. Queremos ser amados pelo que somos. Não nos olhem como aberrações da natureza e sim como seres humanos, com vontades, respeito e direitos”.

...jamos do grupo e ficamos a analisar o que cada um transmitia. Observando cada rosto, em todos líamos a mesma coisa: “Aqui não somos um impecilho, nem somos marginalizados. Aqui somos gente, não precisamos nos esconder devido nossa deficiência. Somos amados pelo que somos, sem barreiras, sem preconceitos idiotas e sem a vergonha de nossos defeitos. Somos deformados psicologicamente, mas somos humanos, com vontades, respeito e direitos”.

Agora nos veio à lembrança de que uma certa vez tivemos o desprazer de ser apresentada a uma senhora e aos seus quatro filhos. Sabem, ela só nos apresentou três deles e o quarto ficava trancado numa sala, pois era excepcional e ela se envergonhava de tê-lo gerado, por isso o escondia. Ficamos olhando para ele com vontade de dizer umas “verdades”, mas calamos, pois estávamos em sua residência e não queríamos ser muito petulância de nossa parte, mas lá no cantinho da nossa mente pensávamos: excepcional era ela, porque essa criança tinha os mesmos direitos que os outros três filhos, direito esse que ele adquiriu a partir do momento que foi gerado. Por incrível que possa parecer, quase sempre vem acontecendo esse tipo de coisa nas melhores famílias.

Ao sairmos do Centro de Reabilitação Ninota Garcia, pudemos ver uma placa pregada na parede com uma frase que guardamos para o desfecho desta matéria: AQUI RENASCE A ESPERANÇA. Então pensamos noixinho: Graças a Deus.

*Maria Aparecida, professora de 1o. grau com uma turma de 8 excepcionais.*

Continua

### Aqui renasce a esperança

São três horas e 47 minutos da tarde. O carro da reportagem acaba de estacionar no Centro de Reabilitação Ninota Garcia. Tínhamos que fazer uma matéria neste Centro, mas não pensávamos que seriam 20 minutos mais incríveis naquela tarde.

Apresentadas à coordenadora do Centro de Reabilitação, Sra. Raimunda Oliveira Santos, pensávamos encontrar uma dessas chefes num requintado escritório com ar condicionado, sentada atrás de uma mesa com assistente e tudo o mais... Mas ao invés disso, encontramos uma jovem senhora, com o cabelo em desalinho, as mãos sujas de cola, pregando bandeirinhas coloridas para a festa de São João dos excepcionais daquele Centro.

As surpresas estavam só começando. Pedimos ao fotógrafo que se preparasse e não sabíamos por onde começar. A nossa vontade era fotografar o máximo, para que tudo se tornasse público. É importante que tomem conhecimento do que se faz ali, das dificuldades encontradas da falta de verba tão comum para projetos desse tipo de entidade. Noventa deficientes são atendidas diariamente, são 45 deficientes mentais, 10

0 visuais e 35 deficientes de áudio-comunicação, sem contar com as 60 pessoas que se utilizam de fisioterapia e as 80 crianças do Jardim de Infância. O Centro de Reabilitação Ninota Garcia funciona de 2ª a 6ª feira, das 8 às 11 horas e das 14 às 17 horas, tendo como presidente a diretora Dra. Maria Helena Albuquerque Garcia, e sua substituta a Assistente Social Maria Lúcia Novais Rosa, ambas incansáveis em sua luta diária.

Na hora de fotografar os excepcionais, foi uma festa que eles se encarregaram de fazer, começando a cantar e bater palmas. Nos desligamos do grupo e ficamos a analisar o que cada um transmitia. Observando cada rosto, em todos liamos a mesma coisa: “Aqui não somos um impecilho (sic), nem somos marginalizados. Aqui somos gente, não precisamos esconder devido à nossa deficiência. Somos amados pelo que somos, sem barreiras, sem preconceitos idiotas e sem a vergonha de nossos defeitos. Somos deformados psicologicamente, mas somos gente na extensão máxima da palavra. Aqui não nos olham como aberrações da natureza, e sim como seres humanos, com vontade, respeito e direitos”.

Agora nos veio a Lembrança de que uma certa vez tivemos o desprazer de ser apresentada a uma senhora e aos seus quatro filhos. Sabem, ela só nos apresentou três deles e o quarto ficava trancado na sala, pois era excepcional e ela se envergonhava de tê-lo gerado, por isso o escondia. Ficamos olhando para ele com vontade de dizer umas “verdades”, mas calamos, pois estávamos em sua residência e seria muita petulância de nossa parte, mas no cantinho da nossa mente pensávamos: excepcional era ela, porque essa criança tinha os mesmos direitos que os outros três filhos, direito esse que ele adquiriu a partir do momento que foi gerado. Por incrível que possa parecer, quase sempre vem acontecendo esse tipo de coisa nas melhores famílias.

Ao sairmos do Centro de Reabilitação Ninota Garcia, pudemos ver uma placa pregada na parede com uma frase que guardamos para o desfecho desta matéria: AQUI RENASCE A ESPERANÇA. Então pesamos baixinho: Graças a Deus. (Texto original extraído do recorte jornalístico cedido por Aparecida de Jesus Santos em 20 ago. 2016).

Fonte: Transcrição da notícia realizada pelo pesquisador do recorte jornalístico não identificado cedido por Aparecida de Jesus Santos.

O trecho da matéria “Aqui renasce a esperança” informa um quantitativo de 90 “deficientes” sendo que 35 deles eram surdos. Alguns alunos surdos do C.R.N.G. foram: Gilvânia dos Santos, Wilma da Silva Pinheiro, Marta Donato dos Santos, César Augusto Gonçalves Oliveira, Edivan Fontes, Antônio Carlos, Clóvis da Silva, Jorge, José Firpo, Terezinha, Meire, Angélica, Carlito José de Santana, Roberto Farias, Jaqueline, Erick, Estefânia, Josefa e outros surdos, a maioria, já falecidos. Sobre a presença junto aos alunos surdos do C.R.N.G. (ANEXO R).

Merece uma análise mais detalhada o seguinte fragmento retirado do recorte jornalístico (Figura 21):

[...] Aqui não somos um impecilho (sic), [...] nem somos marginalizados. Aqui somos gente, não precisamos esconder devido à nossa deficiência. Somos

amados pelo que somos, sem barreiras, sem preconceitos idiotas e sem a vergonha de nossos defeitos. Somos deformados psicologicamente, mas somos gente na extensão máxima da palavra. Aqui não nos olham como aberrações da natureza, e sim como seres humanos, com vontade, respeito e direitos.

No discurso do jornalista fica evidente que para o contexto da época criava-se um imaginário social desqualificando as pessoas com deficiência que eram vistas como defeituosas, deformados psicologicamente e aberrações da natureza.

Figura 22 – Equipe do C.R.N.G. com os Excepcionais<sup>33</sup> e a Professora Surda Aparecida.



Fonte: Arquivo pessoal cedido por Aparecida de Jesus Santos.  
Aparecida está de pé ao fundo usando óculos sendo a terceira do lado esquerdo para o direito)

Com relação aos alunos surdos do C.R.N.G.

Eu me lembro dos alunos Edivan Fontes, Antônio Carlos, Clóvis, Angélica, Jorge, primo de Gilva, José Firpo, Terezinha e Meire [...] (MELO, Ieda Garcia. Entrevista concedida a Verônica dos Reis Mariano Souza em 9 jun. 2005)<sup>34</sup>.

Várias informes eram noticiados pela imprensa local sergipana sobre o C.R.N.G., alguns desses jornais foram conseguidos diretamente em entrevista com Aparecida (ANEXO D). Dentre os informes noticiados pelos jornais da época tinham as participações de instituições que atendiam as pessoas com deficiência em campeonatos olímpicos. No caso dos surdos, Aparecida tinha uma participação como membro da equipe pedagógica dos campeonatos (Figura 23).

<sup>33</sup> Excepcional é um termo comumente muito utilizado no contexto histórico da época.

<sup>34</sup> Trechos da entrevista concedida por Ieda Garcia Melo, à Profa. Dra. Verônica dos Reis Mariano de Souza, em 09 de junho de 2005, para sua Tese intitulada: A gênese da educação dos surdos em Aracaju (SOUZA, 2007).

Figura 23 – Recorte Jornalístico Relatando Campeonato dos Surdos do C.R.N.G.



Fonte: Recorte cedido pela Profa. Aparecida de Jesus Santos.

Continua

## Deficientes terão Olimpíadas

**Enquanto aguardam as olimpíadas deste ano...**

**...os deficientes continuam com suas atividades normais (Fotos Bonfim).**

Com o objetivo de implantar as olimpíadas para deficientes, entidades, ligadas a esse trabalho estiveram reunidas ontem na Clínica Rosa Azul para determinar as atividades do evento. Para elaboração e execução desse programa estão (sic) em Aracaju o americano, Tony Monaahan, professor da Instituição Internacional de Esporte que escolheu Sergipe para ser o primeiro estado brasileiro a desenvolver essa atividade.

O coordenador geral dos jogos olímpicos, professor Alexandre Lobato, informou ainda que seguindo a implantação das olimpíadas para deficientes será realizada no próximo dia 10 um "Dia de Campo", onde os deficientes participarão de competições de futebol de salão, de campo e atletismo. Esses jogos serão realizados

Continuação

no Complexo Desportivo do Sesi e servirá (sic), conforme Alexandre Lobato, como base para que “um dia Sergipe possa participar de uma Olimpíada Internacional da categoria.

Desde o dia 20 de maio o professor americano Tony Monaahan chegou a Aracaju para juntamente com as entidades que trabalham com deficientes, tentar introduzir núcleos de programas olímpicos no Estado. Com esse intuito, também está em nossa cidade o coordenador do programa de atendimento do CORDE – Coordenadoria para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, Vanilton Senatore.

O CORDE é um órgão federal vinculado ao Ministério do Interior, e tem como objetivo apoiar a implantação de olimpíadas especiais no Brasil. Segundo o coordenador Vanilton o CORDE desenvolve um programa em que os deficientes tem (sic) oportunidade de fazer a prática desportiva durante todo o ano.

O Dia de Campo que será realizado sábado servirá também para que ao final do ano seja realizado a I Olimpíada estadual. O coordenador dos jogos olímpicos Alexandre Lobato disse ainda que 140 deficientes estão inscritos para participar das competições.

Fonte: Transcrição da notícia realizada pelo pesquisador do recorte jornalístico não identificado cedido por Aparecida de Jesus Santos.

Os trechos acima noticiam as competições esportivas desenvolvidas entre os alunos com deficiência do C.R.N.G. com outras instituições especializadas. Além da sala de aula, Aparecida estava presente nos encontros e campeonatos esportivos com os surdos aracajuanos, com os quais novos sinais eram aprendidos em contato com surdos de outros Estados e os sinais eram preservados e transmitidos para outros surdos, numa época em que prevaleceu o oralismo instituído pelas áreas médicas.

No caso do estudo da festa ou o ato de festejar como elemento da cultura escolar, segundo Cândido (2015, p 229; suprimimos), representa “[...] boas relações com a natureza [...], para marcar a passagem do tempo, para celebrar o nascimento ou uma morte, para determinar o lugar do poder, e até mesmo para chamar os deuses para auxílio nos momentos difíceis”. Com relação às práticas festivas no âmbito escolar, é possível compreender as formas de conceber o ensino e a educação, os comportamentos escolares e sociais, os valores compartilhados, as metodologias de ensino, os conteúdos e estratégias escolares.

As comemorações do C.R.N.G. envolviam as comunidades e pais de alunos em torno do bairro Industrial. Dentre todas as festas cívicas, religiosas e tradicionais realizadas no C.R.N.G., para este estudo serão priorizados os festejos típicos do período junino, especificamente, a “quadrilha dos deficientes” (Figura 24), a qual compreendia a sua principal festa. Segundo Maria Julia Santos Cruz, “o aniversário do Ninota era no São João”. (CRUZ,

entrevista em 4 abr. 2005 cedida à SOUZA. 2010, p. 90)<sup>35</sup>. No trecho anterior, fica evidente o quão importante era a celebração dos festejos juninos para todo que faziam parte do Centro de Reabilitação.

**Figura 24 – Festas Juninas do Centro de Reabilitação Ninota Garcia**



Fonte: SOUZA (2007, p. 139).

Analisando a Figura 24, é possível perceber um cenário enfeitado com várias bandeirinhas, os alunos com deficiência enfileirados e todos portando trajes típicos juninos. A festa que celebra a inauguração do aparato moderno de ensino público aracajuano, o C.R.N.G., era, na verdade, uma propaganda do empenho governamental nos âmbitos clínico e educacional, destacando o feito político do Governador Luiz Garcia assessorado por Antônio Garcia Filho e, frequentemente, a visibilidade era dada em trechos de notícias publicadas em jornais sergipanos de ampla circulação, como o jornal católico “A Cruzada”, entre outros, que publicavam fotografias do edifício escolar, dos pacientes-alunos deficientes, a transcrição dos discursos pronunciados pelos representantes do Estado e/ou profissionais da instituição de ensino.

Como outro elemento da cultura escolar, o estudo dos uniformes, de acordo com Silva (2015), representa a disciplina, a higiene, a moralização, a uniformização, os dispositivos de controles e a imposição de hábitos dos alunos, transformando-os em prática no comportamento. O uso de uniformes faz parte de uma simbologia das instituições educativas que postula valores, normas e intenções que se estabelecem nas relações pedagógicas.

---

<sup>35</sup> Trechos da entrevista concedida por Maria Júlia Santos Cruz, à Profa. Dra. Verônica dos Reis Mariano de Souza, em 04 de abril de 2005, para sua Tese intitulada: A gênese da educação dos surdos em Aracaju (SOUZA, 2007).

Os uniformes dos alunos com deficiência do C.R.N.G. (Figura 25), segundo Souza (2007; 2010), em entrevista com a Sra. Auricéia Maia<sup>36</sup>, compunham-se de calça azul, representando a disciplina, e camisa branca, representando o higienismo, está com um dístico no centro formado por um círculo com letras vermelha. Com base nesta informação, há uma incoerência com relação à informação referente à cor das letras que compunham o dístico do C.R.N.G., as quais, ao invés, de vermelha são azul. O dístico no centro da camisa formado por um círculo com letras azul representando a ideologia e simbologia representativa do próprio C.R.N.G. Já os uniformes dos professores eram vermelho, representando a reabilitação, usada para diferenciar alunos de professores.

Figura 25 – Aparecida com os Alunos do C.R.N.G.



Fonte: Acervo pessoal cedido por Aparecida de Jesus Santos (1990).  
Aparecida está de pé, é a primeira do lado esquerdo.

O C.R.N.G. foi o principal espaço de atuação dessa profissional da educação de surdos (Figura 26), a qual era responsável por aulas de Educação para o Lar ensinava culinária, bordados, corte e costura e trabalhos manuais e acompanhava os surdos nas oficinas de artes em tapeçaria e cestaria, em cerâmica, em metal e em madeira além de campeonatos esportivos e festas do próprio Centro.

<sup>36</sup> MAIA, Auricéia C. **Rotina dos alunos do Centro de Reabilitação Ninota Garcia**. Entrevista concedida a Verônica dos Reis Mariano Souza, Aracaju, 12 abr. 2005 (SOUZA, 2007).

Figura 26 – Alunos e Equipe do C.R.N.G.



Fonte: Acervo pessoal cedido por Aparecida de Jesus Santos (1990).  
Aparecida está de pé e de braços cruzados, é a primeira do lado esquerdo.

A presença das narrativas dos surdos sergipanos ligadas à memória institucional faz parte da cultura escolar. A memória da educação dos surdos vem sendo construída à margem da história. Souza (2007) foi a primeira pesquisadora que deu destaque à professora surda Aparecida, a Clóvis e a Fernando.

Em Sergipe, até a década de 1950, não há registros de instituições de ensino especializado ao atendimento das pessoas surdas; as quais ficavam sob a responsabilidade dos médicos psiquiatras nas ações de curatela e de interdição<sup>37</sup>. Sobre essas ações, Souza (2007) relata os laudos médicos com vários diagnósticos nos quais frequentemente se enquadravam as pessoas com deficiência, principalmente os surdos, na categoria de imbecis, idiotas e esquizofrênicos. Nessa concepção, segundo Teles (2013), as pessoas surdas eram tratadas como pacientes por especialistas em Centros de Reabilitação para a aquisição da língua na modalidade oral e reabilitação da fala.

Em 25 de agosto de 1958, a escola de deficientes denominada Escola de Recuperação do Cego de Sergipe constituída pelo Serviço de Assistência à Mendicância (SAME) foi fundada como iniciativa filantrópica da Igreja Católica, dirigida pelo Bispo Dom Fernando Gomes e presidida pelo Coronel Max Ribeiro, sendo a pioneira no atendimento sistemático

<sup>37</sup> Na Medicina, a curatela está relacionada ao doseamento específico de medicamentos e a interdição aos procedimentos técnicos de intervenção cirúrgica.

aos deficientes em Sergipe, e a responsável pela educação dos deficientes visuais, era a professora Maria Helena dos Santos<sup>38</sup>, e, após o seu óbito, os deficientes ficaram sem atendimento até a fundação do Centro de Reabilitação Ninota Garcia<sup>39</sup> (NUNES, 2013; SOUZA, 2010).

Em 1960, conforme Souza (2010), como no Estado de Sergipe não havia cursos de preparação para professores de surdos, cinco professoras sergipanas, sendo três do Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, mostrado na Figura 27, foram selecionadas pela Secretária de Estado da Educação de Sergipe (SEED/SE) para participarem do curso de capacitação na área de educação de surdos no Instituto Nacional de Educação dos Surdos no Rio de Janeiro.

**Figura 27 – Centro de Reabilitação Ninota Garcia (1962)**



Fonte: SOUZA (2010, p. 68).

O Centro de Reabilitação “Ninota Garcia” (C.R.N.G.), segundo Souza (2007; 2010) e Oliveira (2014), foi inaugurado em 24 de junho de 1962, em parceria com a União Sergipana de Assistência (USA)<sup>40</sup>, funcionando até 1996 no Bairro Industrial, teve como fundador e

<sup>38</sup> Maria Helena dos Santos, sergipana, residente em Aracaju, deficiente visual, em 1956, foi aluna normalista do Curso de Especialização de professores de Cegos no Instituto Benjamim Constant, no Rio de Janeiro. Foi a primeira professora de cegos de Sergipe, fundadora da Escola de Reabilitação do Cego de Sergipe. Faleceu de um choque anafilático (NUNES, 2013). No trabalho de Silva (2012), o sobrenome da professora de cegos Maria Helena aparece como Maria Helena de Barros.

<sup>39</sup> Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, porque foi uma homenagem à esposa do governador Luiz Garcia. Seu verdadeiro nome era Maria Emília Garcia, mas ficou conhecida como “Ninota Garcia” (SOUZA, 2007, p. 121). O C.R.N.G. foi o terceiro centro de reabilitação do Brasil, sendo o primeiro, o Sara Kubitschek, em Brasília, e o segundo, o Instituto Baiano de Reabilitação (I.B.R.), em Salvador.

<sup>40</sup> A USA é uma entidade filantrópica, fundada em 30 de março de 1959 com sede em Aracaju, reconhecida como utilidade pública pela Lei nº 1.037 de 19 de março de 1961, publicado no Diário Oficial do Estado no dia 26 de maio de 1961. Em 30 de março de 1961, foram eleitos e empossados os membros da nova diretoria, para o quadriênio que se iniciava, tendo como Presidente, Emília Marques Pinto Garcia, Vice-presidentes, Anete de

primeiro diretor, o médico clínico Dr. Antônio Garcia Filho<sup>41</sup>, cuja gestão transcorreu entre 1962 até 1979.

Para a inauguração do C.R.N.G. foi convidado o Dr. Fernando Novoa, diretor do Instituto Baiano de Reabilitação (I.R.B). A fundação do C.R.N.G. aconteceu no Governo de Luís Garcia (1959-1962), no qual Antônio Garcia Filho<sup>42</sup> atuava como Secretário da Educação, Cultura e Saúde (SOUZA, 2010).

Sobre o símbolo representativo do C.R.N.G. (Figura 28), Garcia Filho explica:

Uma linha reta que simboliza os sãos, uma curva os deficientes recuperáveis e uma linha quebrada os irrecuperáveis de seus defeitos físicos, porém ajustáveis nas suas potencialidades restantes. As linhas juntas representam o convívio social tendendo ao equilíbrio perfeito para o ALTO, ou melhor, para DEUS. (GARCIA FILHO, 1966 apud SOUZA, 2010, p. 70).

Figura 28 – **Símbolo Representativo do Centro de Reabilitação Ninota Garcia**



Fonte: GARCIA FILHO (1996, p. 57).

O intuito do C.R.N.G. era a recuperação dos deficientes físicos atingidos por sequelas da paralisia infantil, acidente de trabalho, acidente vascular cerebral e deficiências congênitas. A outra função era educar deficientes físicos, visuais e auditivos (GARCIA FILHO, 1966; LIMA, 2003; SOUZA, 2007; OLIVEIRA, 2014).

Somente em 1970, a professora surda de Educação Artística, Maria Aparecida

Albuquerque Marciel, Maria Bernadete Alves Rolemberg Mendonça e Valdete Garcia Melo, Secretária Geral, Lígia S. Sales, Tesoureiras, Florita Guimarães Santana e Iroito Doria Leó, Secretárias de Assistência, Vanda Maria F, de Faro, Bernadete Amélia Fonseca Franco, Maria Imperatriz Batalha Moreira Maria Lígia de Borges Garcia, Jocesila Doria Leó e Clecia Campos. (CEE/Processo 153/85 apud OLIVEIRA, 2014).

<sup>41</sup> Antônio Garcia Filho nasceu em 29 de maio de 1916, na pequena cidade sergipana de Rosário do Catete, sendo filho de Antônia Menezes Garcia, dona de casa, e Antônio Garcia Sobrinho, comerciante, proprietário de uma padaria e de uma pequena loja de tecidos, além de funcionário do Fisco, cargo público exercido na mesma cidade. Faleceu aos 83 anos, na cidade de Aracaju, no dia 22 de junho de 1999, vítima de insuficiência renal (SILVA, 2012).

<sup>42</sup> Depois da gestão de Dr. Antônio Garcia Filho, o “Ninota Garcia” foi dirigido por Eduardo Garcia que em seguida, passou a diretoria para seu primo Gilton Garcia, filho do ex-governador Luiz Garcia. Maria Helena Garcia foi a última Diretora da Instituição até 1996. Atualmente, o “Ninota Garcia” não mais funciona como instituição de reabilitação e ensino para pessoas com deficiências, sendo seu prédio propriedade de Jouberto Uchôa de Mendonça, reitor da Universidade Tiradentes (Unit), no qual funciona a parte prática do curso de Fisioterapia da Unit (SOUZA, 2010; OLIVEIRA, 2014).

Nascimento Santos<sup>43</sup> aos 23 anos, foi a primeira profissional a introduzir a comunicação visual espacial no Centro de Reabilitação “Ninota Garcia” em Aracaju (SOUZA, 2010).

Em 1964, de acordo com Souza (2010) o C.R.N.G. possuía apenas dois anos de funcionamento e atendia 16 alunos surdos. Com o passar dos anos o número de surdos aumentou expressivamente.

O C.R.N.G. (Figura 29) atuava nos setores educacional, social e da saúde, oferecendo serviços na área educacional: Jardim de Infância, Oficina de Artes Industriais, Escola de Educação de Surdos e Escola de Educação de Cegos, e posteriormente, Educação dos Deficientes Mentais; na área social e da saúde: médico, fisioterapia, terapia ocupacional, atendimento psicológico e orientação vocacional (GARCIA FILHO, 1996; LIMA, 2003; SOUZA, 2007; OLIVEIRA, 2014).

Figura 29 – **Entrada do Centro de Reabilitação Ninota Garcia**



Fonte: Acervo pessoal cedido por Aparecida de Jesus Santos (1970).

O C.R.N.G., de acordo com Oliveira (2014), era dividido nos setores administrativo, educacional e técnico (ANEXO S). O setor administrativo era formado pelo gabinete do diretor, por uma secretaria e uma sala de reuniões. O setor educacional era dividido em escola de surdos, oficinas de artes industriais e sala de terapia educacional. O setor técnico ou de tratamento e recuperação era dividido em ginásio de fisioterapia, sala de hidroterapia, quarto

---

<sup>43</sup> O nome completo de Aparecida no trabalho de Souza (2009) aparece como Maria Aparecida Nascimento Santos. Segundo a mesma (em entrevista realizada em 20 de agosto de 2006 por SOUZA) há dois documentos, porém, o seu nome de registro oficial é Aparecida de Jesus Santos.

de repouso, refeitório, gabinetes médico, psicológico e do assistente social.

As turmas do “Ninota Garcia” (Figura 30) eram formadas segundo as seguintes faixas etárias: no primeiro período, alunos com idade entre oito e 12 anos; no segundo período, jovens de 13 a 16 anos; no terceiro, alunos de 17 a 43 anos (SOUZA, 2010).

**Figura 30 – Sala de Aula do Centro de Reabilitação Ninota Garcia e da Professora Aparecida com os Alunos Surdos**



Fonte: Acervo pessoal cedido por Aparecida de Jesus Santos (1980).  
Aparecida está sentada atrás do birô e ao redor dela estão os alunos surdos.

A metodologia adotada no C.R.N.G. era o oralismo, pois os alunos surdos eram alfabetizados pelo método de silabação<sup>44</sup> por meio de práticas analíticas dos elementos fonéticos das palavras, tendo em vista que naquela época ainda era vetado o ensino da sinalização desde a iniciativa tomada pela diretora do INES, Ana Rimoli de Faria Dória, assessorada pela professora Álpia Ferreira Couto-Lenzi que proibiram em 1957, o uso da sinalização em sala de aula, seguindo tendência mundial, estabelecendo o método oralista em todas as disciplinas. O veto perdurou até o final da década de 1970, quando chegou ao Brasil a “Comunicação Total ou Bimodismo”. E na década seguinte, a língua de sinais ganhou respaldo quando começou no Brasil o “Bilinguismo” (GOLDFELD, 2002). Segundo

<sup>44</sup> A silabação é um método perceptomotor que consiste em ler, analiticamente, a palavra foneticamente articulada, o qual se fundamenta no visual e não no auditivo, diferentemente, do método sintético ou alfabético que busca corresponder às unidades mínimas da palavra (letra) entre o oral (som) e a escrita (grafia) indo das partes auditivas ao todo. Já o método fonético busca associar as palavras às suas representações gráficas diferenciando, separando e estabelecendo uma associação entre fonema-grafema (som-letra) (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985).

Goldfeld (1997):

Em 1911, no Brasil, o INES, seguindo a tendência mundial, estabeleceu o Oralismo puro em todas as disciplinas. Mesmo assim, a língua de sinais sobreviveu em sala de aula até 1957, quando a diretora Ana Rimoli de Faria Doria, com assessoria da professora Alpia Couto, proibiu a língua de sinais oficialmente em sala de aula. Mesmo com todas as proibições, a língua de sinais sempre foi utilizada pelos alunos nos pátios e corredores da escola. (GOLDFELD, 1997, p.32)

Sobre esse episódio, Rocha (2009) esclarece que há um equívoco da fonoaudióloga Márcia Goldfeld Goldbach, quando ela afirma que a professora capixaba Álpia Ferreira Couto-Lenzi era assessora da professora paulista Ana Rimoli de Faria Dória, pois isto não era possível já que havia certa discordância teórica entre elas. Tendo em vista que não há necessidade de uma concordância teórica-ideológica integral em se tratando de uma área polêmica que é a educação de surdos.

O setor educacional do C.R.N.G. era composto de classes especializadas segmentadas entre o Jardim de Infância (o primeiro período correspondia dos quatro aos cinco anos; e o segundo de seis a sete anos), a Oficina de Artes Industriais, a Escola de Educação de Surdos, a Escola Lions Club para Cegos e Amblíopes e a Escola “Bertildes Carvalho” para Excepcionais Retardados (GARCIA FILHO, 1966; SOUZA, 2007; SILVA, 2012; NUNES, 2013; OLIVEIRA, 2014). As práticas clínicas e educativas no C.R.N.G. são análogas de reabilitação<sup>45</sup>.

A organização do programa da Escola de Educação de Surdos do C.R.N.G. compreendia o pré-primário (Educação Infantil), a primeira e a segunda série do primário (Ensino Fundamental). Nos itens curriculares dos programas, constavam linguagem e conhecimentos gerais, compreensão da fala, matemática, orientação metodológica e treinamento e mecânica da fala (GARCIA FILHO, 1966).

Os conteúdos foram cuidadosamente selecionados e adaptados para o processo de aprendizagem daqueles que apresentavam dificuldades auditivas, visuais, motoras e intelectivas. No caso dos alunos com deficiência auditiva, chama-se atenção para os conteúdos que eram idênticos aos dos ouvintes, porém, acrescidos de treinamento rítmico e mecânico da fala, composto de atividades fono-respiratória como: exercício de sopro, exercício linguodental, trabalho labial e sonoro, fluência – pronúncia, estimulação auditiva, oralização de vogais, percepção auditiva, oralização das palavras, articulação de fonemas,

---

<sup>45</sup> “Reabilitação é um processo educativo e assistencial, multiprofissional, que prima pela busca compartilhada do desenvolvimento das capacidades remanescentes, prevenção do agravamento de incapacidades e do aparecimento de complicações” (SOUZA; FARO, 2011, p. 291).

exercício respiratório, treino foniátrico e exercício de mandíbula (DÓRIA, 1959).

Durante seu funcionamento no C.R.N.G., a Escola de Educação de Surdos teve três diretores (ANEXO T), todos pertencentes à família Garcia. O primeiro diretor foi o Dr. Antônio Garcia Filho cuja gestão transcorreu de 24 de junho de 1962 até 24 de junho de 1979, em seguida, assumiu Eduardo Antônio Conde Garcia, filho de Antônio Garcia Filho, que passou a diretoria para seu primo José Gilton Pinto Garcia, filho do ex-governador sergipano Luís Garcia, de 1979 até 1981. E, Maria Helena Albuquerque Garcia (ANEXO U), esposa de José Gilton Pinto Garcia, de 1981 até 1995, ano do seu fechamento. Em 1996, o C.R.N.G. foi associado à Universidade Tiradentes (Unit), no qual funciona a parte prática do curso de Fisioterapia (SOUZA, 2010; OLIVEIRA, 2014). Desse modo, fica evidente que o C.R.N.G. possuía uma visão clínico-terapêutica de deficiência alicerçada nas bases científicas da reabilitação aportadas nas áreas médicas.

Na Escola de Educação de Surdos do C.R.N.G. atuaram como professoras de surdos, Yêda Garcia de Melo<sup>46</sup>, Maria Gilva de Oliveira<sup>47</sup> e Iracema Moura Santana<sup>48</sup> (SOUZA, 2010; SILVA, 2012; SEIXAS, 2015). Além dessas sem registro de atuação de professora de surdos, segundo Seixas (2015), têm-se Cinira Fontes Feitosa<sup>49</sup>, Lenira Fontes Feitosa<sup>50</sup>, Odete

---

<sup>46</sup> Yêda Garcia de Melo, sergipana, aracajuana, solteira, nascida em 23 de janeiro de 1939, filha de Misael Alves de Melo e Maria Garcia de Melo, possuía o título de Professora Primária “Normalista” pelo Instituto de Educação Rui Barbosa. Atuou como Auxiliar de Laboratório no Departamento de Estradas de Rodagens de Sergipe. Realizou a matrícula no Curso de Especialização de Formação de Professores para Surdos do INES no dia 23 de fevereiro de 1960. Era sobrinha de Antônio Garcia Filho, que, anos depois, tornou-se diretor do Centro de Reabilitação Ninota Garcia, no qual a própria Yêda viria a atuar como professora de surdos (SEIXAS, 2015, p. 59; SOUZA, 2007; 2010).

<sup>47</sup> Maria Gilva de Oliveira, sergipana, aracajuana, solteira, nascida em 25 de dezembro de 1941, filha de Afonso Antônio de Oliveira e Maria Alzira da Silva. Possuía diploma do Curso Primário, do Curso Ginásial e do Curso de Formação de Professores Primários pelo Instituto de Educação Rui Barbosa. Exerceu a profissão de professora na capital em estabelecimento particular. Matriculou-se no Curso de Especialização de Formação de Professores para Surdos do INES no dia 22 de fevereiro de 1960. Era a mais jovem entre as setes sergipanas, pois iniciou seus estudos no INES aos 19 anos. Atuou como professora de surdos no Estado de Sergipe, especificamente, no Centro de Reabilitação Ninota Garcia, mas abandonou suas atividades por motivos pessoais (SEIXAS, 2015, p. 58-59; Idem).

<sup>48</sup> Iracema Moura Santana, sergipana, aracajuana, casada, nascida no dia 13 de janeiro de 1917, Professora Primária, filha de Alfredo José de Moura e Maria da Glória Moura. Matriculou-se no Curso de Especialização de Formação de Professores para Surdos do INES no dia 23 de fevereiro de 1960. Tinha 43 anos de idade na ocasião, fato incomum para a época, principalmente, pela distância da família e por ter se afastado do lar por dois anos. Atuou como professora de surdos no Estado de Sergipe, especificamente, no Centro de Reabilitação Ninota Garcia (SEIXAS, 2015, p. 57; Idem).

<sup>49</sup> Cinira Fontes Feitosa, sergipana, residente em Capela, natural de Nossa Senhora da Glória, solteira, irmã de Lenira Fontes Feitosa, nascida no dia 16 de novembro de 1936, filha de João Alves Feitosa e Maria Rosa Fontes Feitosa, possuía diploma de Professora Primária “Normalista” pelo Curso Normal Imaculada Conceição. Atuou como professora na Escola Comercial Sagrado Coração de Jesus. Ficou em regime de internato no INES, iniciado no dia 09 de fevereiro de 1961. Realizou a matrícula no Curso de Especialização de Formação de Professores para Surdos do INES no dia 18 de fevereiro de 1961, aos 25 anos de idade mas não há registros de que tenha atuado com educação de surdos em Sergipe (SEIXAS, 2015, p. 60).

<sup>50</sup> Lenira Fontes Feitosa, sergipana, residente em Capela, natural de Nossa Senhora da Glória, solteira, irmã de Cinira Fontes Feitosa, nascida no dia 09 de janeiro de 1932, possuía diploma de Normalista e certificado de

Feitosa<sup>51</sup> e Ester Almeida Valadares<sup>52</sup>. Em 1965, segundo Souza (2007), a professora Heloísa Freitas Aragão foi fazer o curso de especialização na área de surdez no INES. Conforme instrução recebida no Curso de Formação de Professores de surdos do INES, Souza (2010) destaca que:

[...] as professoras do “Ninota” apresentavam gravuras e ensinavam a pronúncia, sempre partindo dos vocabulários mais simples para os mais complexos. O ensino da palavra articulada era ministrado através da leitura labial. (SOUZA, 2010, p. 83).

Sob a atuação profissional da professora surda Aparecida de Jesus Nascimento se deu na Escola de Educação de Surdos pertencente ao C.R.N.G., perpassando pelas três gestões, desde 1972, quando foi admitida pelo então diretor-médico Antônio Garcia Filho até 1996 quando aposentada na gestão da diretora Maria Helena Albuquerque Garcia, aos quase 50 anos de idade, e com 25 anos de tempo de serviços públicos prestados ao C.R.N.G. com ampla contribuição para a educação e a profissionalização da comunidade surda sergipana.

O C.R.N.G. passou por um período de transição, na gestão de Antônio Garcia Filho embora adepto do ensino da língua oral, segundo Souza (2007), admitiu a professora Aparecida de Jesus Santos e introdução do ensino da comunicação sinalizada.

Em entrevista com Aparecida, ela citou os Srs. Chamilcar (*in memoriam*), Cordélio (*in memoriam*) e Ubirajara (*in memoriam*), naturais de Aracaju (SE) e contemporâneos no INES. Em Sergipe, não foram encontradas informações mais detalhadas e nem familiares por isso não foram possíveis delinear as suas trajetórias de vida. Sobre o Sr. Cordélio (*in memoriam*), a Srta. Aparecida possuía apenas uma fotografia conforme disposto na Figura 31.

---

curso de aperfeiçoamento. No ato da matrícula, exercia a profissão de professora no Grupo Escolar Coelho e Campos, Escola Comercial Sagrado Coração de Jesus. Era filha de João Alves Feitosa e Maria Rosa Fontes Feitosa. Matriculou-se no Curso de Especialização de Formação de Professores para Surdos do INES no dia 20 de fevereiro de 1960, aos 28 anos de idade. Não há registros de que tenha atuado na educação de surdos em Sergipe (SEIXAS, 2015, p. 58).

<sup>51</sup> Odete Feitosa, sergipana, propriaense, solteira, nascida em 13 de agosto de 1917, filha de Julio Augusto Feitosa e Maria Luiza Silva, possuía diploma de Normalista pelo Colégio Nossa Senhora das Graças, aperfeiçoamento no Estado e especialização no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP em Direção e Inspeção Escolar. Atuou como Professora Primária no Grupo Escolar João Fernandez de Brito, também em Propriá. Matriculou-se no Curso de Especialização de Formação de Professores para Surdos do INES no dia 19 de fevereiro de 1959 (SEIXAS, 2015, p. 61).

<sup>52</sup> Ester Almeida Valadares, sergipana, natural de Simão Dias, residia em Brasília (DF), professora universitária e funcionária da Câmara dos Deputados. De acordo com Valadares (2006), nasceu em 07 de dezembro de 1931. Tinha 30 anos quando iniciou a especialização. Não há registros de que tenha atuado na educação de surdos em Sergipe (SEIXAS, 2015, p. 62). Faleceu em 24 de fevereiro de 2016 aos 84 anos de idade vítima de um acidente vascular cerebral – AVC.

Figura 31 – **Cordélio no Rio de Janeiro**



Fonte: Acervo pessoal cedido por Aparecida de Jesus Santos (1950).

#### **4.1.3 Clóvis da Silva: Trajetória de Vida**

O Sr. Clóvis da Silva trabalhava na Escola Municipal de Ensino Fundamental Sabino Ribeiro (EMEF SR), localizada na Rua Ten. Cleto Campêlo, 382, no Bairro 18 do Forte, em Aracaju (SE), como servidor público municipal na função de porteiro e faleceu no ano de 2007, vítima de laringoblastoma. Nascido em 1951, atualmente, teria 66 anos; segundo a diretora da EMEFSB, sempre foi um excelente profissional.

A ausência de metodologia que utilizasse qualquer outra forma de linguagem foi confirmada, pelo ex-aluno surdo Clovis da Silva, de 55 anos, em entrevista concedida a Souza (2006):

Antes não havia sinais em Aracaju. O professor-ouvinte botava a mão no pescoço e falava: ma-mãe, sa-pa-to, pé. Surdo via os lábios e aprendia (SILVA, Clóvis da. Entrevista concedida a Verônica dos Reis Mariano Souza em 05 abr. 2006). (SOUZA, 2007, p. 149)<sup>53</sup>.

E prossegue relatando a rotina escolar:

---

<sup>53</sup> Trechos da entrevista concedida por Clovis da Silva, à Profa.Dra. Verônica dos Reis Mariano de Souza, em 05 de abril de 2006, para sua Tese intitulada: A gênese da educação dos surdos em Aracaju (SOUZA, 2007).

Entrei na escola com 11 anos e saí com 14. De manhã eu engraxava sapatos e à tarde ia para a escola. Saí de lá na primeira série. O uniforme era de pano, não era malha [apontou para uma pessoa com blusa de malha]. Só recebia uma farda (SILVA, Clóvis da. Entrevista concedida a Verônica dos Reis Mariano Souza em 05 abr. 2006). (SOUZA, 2007, p. 149).

Sobre a metodologia de ensino no C.R.N.G., o Sr. Clóvis relata:

A professora de surdos, ouvinte, sentava os alunos em semicírculo, escrevia e mandava falar: pa, pe, pi ... [tenta pronunciar]. Não repita: pa, pe, pi ... [E esclarece]. Aprendi Libras em Recife, porque viajava muito para jogar futebol com surdos de vários estados. Morei no Rio de Janeiro. Nessa época estudei até a terceira série no INES. Depois parei de estudar. (SOUZA, 2007, p. 150; acréscimos no original)

Sempre que se referia às professoras, o Sr. Clóvis Silva acrescentava o qualificativo “ouvinte”. Teles (2013), ao interpretar esse comportamento, observou que o Sr. Clóvis usava duas formas de comunicação concomitantemente, a oralização e a sinalização, ele afirmou que aprendeu sinais com os surdos recifenses que vieram jogar futebol no C.R.N.G. O tempo de permanência do Sr. Clóvis no C.R.N.G., de acordo com Souza (2007), foi de quatro anos e ele nunca foi além da primeira série do ensino fundamental. As informações sobre o Sr. Clóvis Silva foram cedidas pela professora Verônica dos Reis Mariano Souza em 2006. Não há mais informações detalhadas sobre a história de vida do Sr. Clóvis.

#### **4.1.4 Retrato em Família: Leitura da Fotografia Histórica de Fernando Antônio Nascimento Santos na Oficina de Tipografia no INES**

O Sr. Fernando Antônio Nascimento Santos (*in memoriam*), nascido em 10 de outubro de 1954 (63 anos), filho de Ananias Bispo dos Santos e Maria da Conceição Santos (ANEXO V), irmão da Srta. Aparecida de Jesus Santos, sergipano, natural de Aracaju, solteiro e surdo profundo sindrômico associada à Síndrome de Usher. De acordo com relato de sua irmã, Maria Auxiliadora Santos:

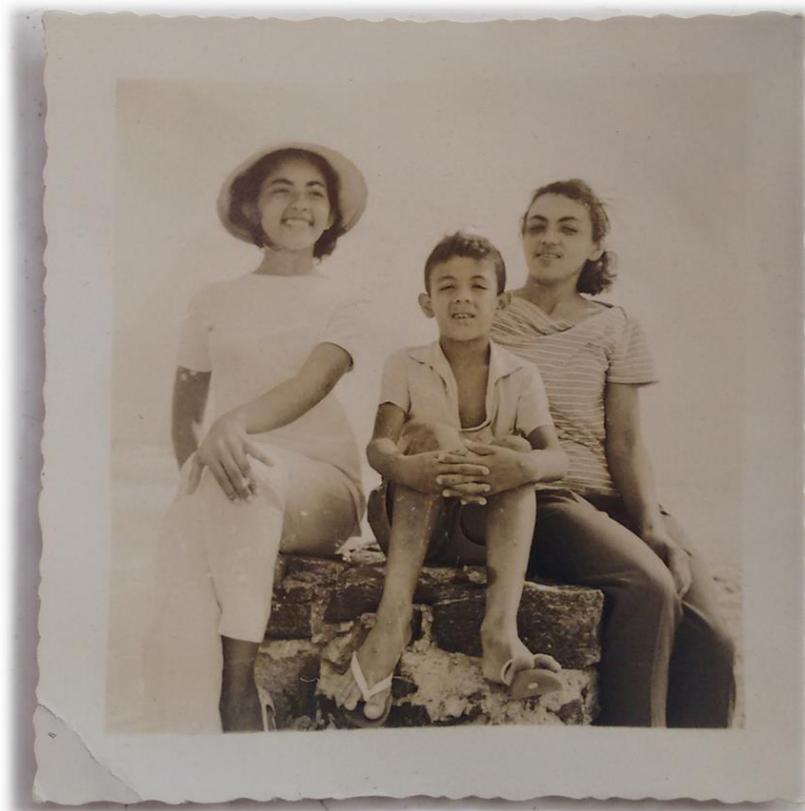
Fernando faleceu em 2009 aos 55 anos vitimado da própria Síndrome de Usher e trabalhou por muito tempo como tipógrafo até perda total de sua visão (SANTOS, Maria Auxiliadora. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa em 20 ago. 2016).

É importante notificar que o Sr. Fernando trabalhou somente como tipógrafo até a perda total de sua visão por conta da retinose pigmentar acometida da própria síndrome de Usher.

O Sr. Ananias Bispo dos Santos, além de encaminhar a filha Aparecida de Jesus dos Santos, ao INES, após alguns anos encaminhou o outro filho, Sr. Fernando Antônio Nascimento Santos, àquela Instituição.

Na mesma época, outras crianças surdas de Aracaju, o Sr. Raimundo e a Sra. Rita de Cácia também foram para o INES, no Rio de Janeiro. O INES funcionava com o regime de internato e as crianças surdas passavam as férias em Aracaju. Naquele período, eram encaminhadas orientações para os pais referentes à estimulação de linguagem e realização das tarefas.

**Figura 32 – Fotografia dos Irmãos Durante a Infância.**



Fonte: Arquivo pessoal cedido por Maria Auxiliadora Santos (1920).

Fernando está sentado na pedra com as mãos unidas ao centro, Aparecida está usando chapéu, sentada ao lado esquerdo e Maria Auxiliadora está ao lado direito.

A fotografia, segundo Possamai (2008), crescentemente vem sendo investigada pelos historiadores brasileiros, fazendo surgir diferentes abordagens metodológicas para análise dessas imagens visuais. A Figura 32 mostra os irmãos Aparecida, Fernando e Auxiliadora na propriedade dos seus genitores.

A partir deste estudo, pode-se perceber que os pais de Aparecida e Fernando tinham um perfil social e econômico de classe média, pouco grau de instrução, atividades

profissionais que não exigiam formação acadêmica, além de constituírem-se como família numerosa, entretanto, é possível coligir que os pais eram pequenos proprietários rurais porque caso contrário não seria possível registrar tantas fotografias numa época em que seu custo era alto, e financiar os estudos dos dois filhos surdos no Rio de Janeiro, e no caso de Aparecida, São Paulo, Pernambuco e Minas Gerais.

A oficina de tipografia era direcionada apenas para o sexo masculino, já as meninas surdas participavam de outras oficinas como corte e costuras, bordados e culinária. Na Figura 33 pode-se notar a presença de dois professores para cada dois alunos surdos.

**Figura 33 – Fernando e outros Surdos Sendo Orientados na Oficina de Tipografia no INES, Rio de Janeiro**



Fonte: Acervo pessoal cedido por Maria Auxiliadora Santos (1950).  
Fernando está de pé, usando avental, de cabeça baixa é o primeiro do lado direito.

Nas oficinas profissionalizantes do INES, Fernando aprendeu o ofício de tipógrafo (Figura 34), isso se estendeu a todos os surdos sergipanos que também estudaram no INES. A tipografia é definida como a arte e o processo de criação na composição de um texto, física ou digitalmente. O objetivo principal da tipografia é dar ordem estrutural e forma à comunicação escrita.

Figura 34 – **Fernando e outros Surdos na Oficina de Artes Gráficas**



Fonte: Acervo pessoal cedido por Maria Auxiliadora dos Santos (1950).  
Fernando está de pé, usando avental, de cabeça baixa é o primeiro do lado direito.

Por muito tempo, o trabalho de tipografia com prensa manual realizado na gráfica (Figura 35) do INES, pelos surdos, foi referência no Rio de Janeiro recebendo encomenda de encadernação de quase todas as instituições públicas e particulares nas primeiras décadas da República. E a orientação profissional por meio do ensino desses ofícios garantia aos surdos gerir sua própria vida.

Figura 35 – **Sinal Referente ao Termo Gráfica**



Fonte: CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO (2009, p. 897).

Sobre o período de férias e os membros familiares, sua irmã, Maria Auxiliadora dos Santos esclarece que:

Aparecida e Fernando sempre regressavam a Sergipe, uma vez por ano, em dezembro, e retornavam ao Rio de Janeiro, em março. A nossa família é composta por 11 irmãos, sendo dois surdos genéticos sindrômicos, seis com sintomas de esquizofrenia, dois com perda visual progressiva e um sem sintomas específicos aparentes (SANTOS, Maria Auxiliadora dos. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa em 20 ago. 2016).

Com base nos dados acima, é possível perceber que na família de Aparecida e Fernando existe um grande quantitativo de pessoas com deficiência (visuais e audiovisuais) e de sintomas clínicos específicos (esquizofrenia).

Auxiliadora Santos acrescenta que:

Lembro que Aparecida e Fernando foram pro INES, no contexto político do Governador Leandro Maynard Maciel na 2ª República de Sergipe (SANTOS, Maria Auxiliadora dos. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa em 20 ago. 2016).

A explicação da ida de Aparecida e Fernando para estudar no INES é dada por Auxiliadora no trecho acima ao citar o ex-Governador Leandro Maynard Maciel (1955-1959), que no cenário político educacional sergipano, melhorou os salários dos professores, construiu novas escolas e o Instituto de Educação Rui Barbosa (IERB), porém, nenhuma escola especializada em surdez. Interligando os fatos, sucedeu-lhe Luiz Garcia (1959-1962), o qual apoiou o sobrinho Dr. Antônio Garcia Filho, na criação da Faculdade de Medicina de Sergipe em 21 de março de 1961 e do Centro de Reabilitação Ninota Garcia em 24 de junho de 1962, ampliou a rede escolar, e criou a Secretaria de Educação, Cultura e Saúde (SECS). Nesse período, Aparecida estudou no Rio de Janeiro, formou-se em Belo Horizonte (MG), retornou a Aracaju (SE) e começou a trabalhar no C.R.N.G.

#### **4.1.5 Pedro Mário Firpo Cruz: Relatos da Vida Escolar no INES e Atuação Profissional em Sergipe**

O Sr. Pedro Mário Firpo Cruz, nascido em 29 de junho de 1934 (83 anos), filho de Guilhermino Cruz e Maria Augusta Cruz possui diagnóstico de surdez profunda. Sergipano, natural de Aracaju, casado, sua esposa e seus dois filhos são ouvintes. Matriculou-se no INES em 1944, na gestão do médico otologista, Dr. Armando Paiva Lacerda<sup>54</sup> (1930/1947). Tinha dez anos de idade na época. Segundo entrevista realizada com Márcia Alves Cruz (Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa em 2016), reside atualmente, no bairro Grageru, em Aracaju (SE), juntamente com sua família.

Na entrevista percebeu-se uma pessoa muito descontraída, inteligente, expressivo e muito comunicativo, possui uma ótima memória, recorda-se de todos os fatos com bastante

---

<sup>54</sup> Armando Paiva Lacerda nasceu no ano de 1898 em Petrópolis no Estado do Rio de Janeiro. Formou-se em Medicina pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pertencia a uma família de políticos, alguns ligados ao Partido Comunista e a Luís Carlos Prestes. Era filho de Edmundo de Lacerda e Elvira Paiva de Lacerda. Foi diretor do Instituto no período 1930/1947. Seu primo, Carlos Lacerda, foi Governador do Estado da Guanabara e político influente por mais de duas décadas (ROCHA, 2009, p. 58).

detalhes e sequencialidades. Para a entrevista foi necessária a colaboração dos surdos César Augusto Gonçalves de Oliveira, Rubivânia Andrade de Carvalho e Wesley Moreira Milke.

Quando o Sr. Pedro sinalizou o sinal referente a Aracaju, mostrado na Figura 36, observou-se que era idêntico ao registrado no dicionário de Capovilla, Raphael e Maurício (2013), quando perguntado, ele respondeu que os surdos do INES já conheciam aquele sinal, então, o surdo Cezar Augusto Gonçalves de Oliveira, presente no momento da entrevista, aproveitou a ocasião e mostrou o outro sinal utilizado pelos surdos jovens aracajuanos como sendo um sinal composto pelos termos “arara” e “caju”, se trata de uma variação linguística<sup>55</sup> na Libras do tipo topônimo pois convencionou-se sinais diferentes entre os utentes para nomeação de lugar na Libras.

Figura 36 – Sinais Representativos da Cidade de Aracaju, Capital de Sergipe



Fonte: CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO (2009, p. 404; p. 285).

O Sr. Pedro explicou que foi o primeiro surdo sergipano a ir estudar no INES por vontade própria e até mostra com bastante detalhe.

Lembro que fui o primeiro surdo sergipano a ir pro R-I-O [utiliza a datilologia para se referir ao Rio de Janeiro] estudar no INES, em 1945; tinha por volta dos dez aos 11 anos, era muito jovem e inteligente, os outros surdos sergipanos queriam ser igual a mim (CRUZ, Pedro Mário Firpo. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa em 16 ago. 2016; acrescentamos).

E acrescentou:

Como na época, Sergipe não possuía escola especializada para atendimento ao surdo por isso tomei coragem e um D-I-A fui de avião pela companhia área P-A-N-A-I-R<sup>56</sup> pro INES e permaneci por seis anos (Pedro Mário Firpo Cruz. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa em 16 ago. 2016).

<sup>55</sup> Sobre variações linguísticas existente na Libras, Strobel e Fernandes (1998), classificam em regionais, sociais e mudanças históricas. As variações regionais representam as mudanças de sinais de uma região para outra como acontece com os sinais do termo “VERDE” utilizados no Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba. As sociais referem-se às mudanças na configuração de mãos e/ou no movimento, não modificando o sentido do sinal como no caso do sinal do termo “AJUDAR”, além de mudanças históricas, pois com o passar do tempo, o sinal pode sofrer alterações decorrentes dos costumes da geração que o utiliza, por exemplo, o sinal do termo “AZUL”.

<sup>56</sup> Panair do Brasil S.A. foi uma das companhias aéreas pioneiras do Brasil. Nasceu como subsidiária de uma empresa norte-americana, a NYRBA (New York – Rio - Buenos Aires), fundada em 22 de outubro de 1929. Incorporada pela Pan Am em 1930, teve seu nome modificado de *Nyrba do Brasil* para *Panair do Brasil*, em referência à empresa controladora (PAN AMERICAN AIRWAYS, 2017).

Figura 37 – Símbolo Representativo da Companhia Área PANAIR



Fonte: PAN AMERICAN AIRWAYS (2017).

Quando perguntado sobre os métodos de ensino, o Sr. Pedro descreve que:

No INES era obrigatório os treinamentos fono-articulatórios e o uso frequente da datilografia como uma forma de conexão dos sinais com a fala, mas também era permitido o uso da sinalização na sua forma bimodal. (CRUZ, Pedro Mário Firpo. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa em 16 ago. 2016).

Sobre as metodologias de ensino utilizada no INES, o Sr. Pedro relata que:

Recordo que os professores do INES utilizavam a mesma metodologia utilizada para ouvintes e era cobrado igual dos surdos. Eles escreviam no quadro e explicavam oralmente, eu tentava realizar leitura labial e anotava. Como era obrigatória a oralização, os surdos que não desenvolviam as habilidades para a fala, aprendiam o ‘português na mão’, no meu caso, acabei desenvolvendo esta segunda. No momento da sinalização, os homens eram separados das mulheres, já nas aulas de ensino de linguagem oral-articulada, a oralização era realizada com todos juntos (Pedro Mário Firpo Cruz. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa em 16 ago. 2016).

No trecho acima, pode-se perceber no depoimento quando o Sr. Pedro destacou que a sinalização era realizada de forma separada entre surdos e surdas, porém, ressalta que nas aulas de linguagem oral e escrita havia a presença de surdos de ambos os sexos, nesse caso o conceito de disciplina ficava em segundo plano, pois os focos principais eram a linguagem escrita e a linguagem oral, e corrobora com Rocha (2009) ao relatar que:

O ensino era diferenciado e dividido em: Linguagem Escrita, Linguagem Oral (Leitura Labial) e Linguagem Oral/Auditiva, oferecida aos que tivessem resíduos, ministrada pelo professor Brasil Silvado Júnior. Os estudos chegavam ao fim quando o aluno dominava uma profissão, das muitas oferecidas nas oficinas da Instituição, como: encadernação, sapataria, alfaiataria, modelagem e mercenária. (ROCHA, 2008, p. 60).

Isso reafirma e ressalta a questão de que a parte específica, a escolarização, era ‘adaptada’ às condições de cada aluno surdo, por conta das dificuldades de comunicação que existiam e diferentes graus de surdez. Fica evidente que, mesmo diante da austeridade do método oralista e os surdos se mantinham utilizando a sinalização.

Com relação aos familiares, o Sr. Pedro informou que na família possui mais dois irmãos surdos, Raimundo e João.

Na minha família existem três irmãos surdos comigo, Raimundo e João já falecidos (Pedro Mário Firpo Cruz. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa em 16 ago. 2016).

Ao retornar pela primeira vez a Sergipe, o Sr. Pedro relatou sua experiência vivenciada no INES e influenciou outros surdos a irem estudar no Rio de Janeiro.

Quando retornei a Sergipe, em 1951, lembro que tinha 17 anos quando em contato com os surdos daqui, eles ficaram impressionados (Pedro Mário Firpo Cruz. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa em 16 ago. 2016).

O discurso de oralidade se faz como uma marca muito presente na datilologia<sup>57</sup>. Noto em vários trechos da entrevista realizada, a sinalização do entrevistado Sr. Pedro com relação a algumas palavras como *R-I-O*, *P-A-I*, *A-N-A* entre outras que na maioria se configuram como sinal de soletração rítmica.

Quando perguntado o Sr. Pedro (Figura 38) se ele conheceu Ana Rimoli, respondeu que sim, e em seguida, fez o sinal pessoal de Ana igual ao que Rocha (2009, p. 68) descreveu “com a configuração da letra U, em vertical, no meio da testa”.

**Figura 38 – Fotografia Atualizada do Surdo Pedro Mário Firpo Cruz**



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador (2016).

Em 28 de maio de 2015 recebeu a medalha de superação “Flávio Primo”. No Estado de Sergipe, Pedro realizou a difusão dos sinais entre os surdos sergipanos. Pedro trabalhou

<sup>57</sup> É transposição dos grafemas da língua oral para o espaço.

inicialmente como tipógrafo por alguns anos, formação recebida no INES, mas depois largou esse ofício e foi trabalhar como auxiliar administrativo no Banco do Estado de Sergipe (BANESE-S/A) até sua aposentadoria por tempo de serviço.

No recorte investigativo desta etapa da pesquisa, João Batista Filho foi citado por alguns surdos aracajuanos que havia ido para o Rio de Janeiro estudar no INES, porém, buscando maiores esclarecimentos sobre tal fato, no momento oportuno da entrevista foi perguntado ao Sr Pedro que destacou:

O surdo João Batista, pelo que me lembro, não estudou no INES pois havia muitos alunos surdos matriculados e não tinham mais vagas, por isso, foi estudar separadamente, numa escola especializada para cegos no Rio de Janeiro [possivelmente o Instituto Benjamim Constant – IBC] (CRUZ, Pedro Mário Firpo. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa em 16 ago. 2016).

A história da educação do surdo sergipano, Sr. João Batista Filho, mostra os caminhos e descaminhos da pessoa com deficiência. Para saber com maior profundidade o que de fato aconteceu com João Batista no Rio de Janeiro, a seguir, serão mostrados seus relatos na entrevista.

O Sr. João Batista Filho (Figuras 39 e 40), nascido em 14 de novembro de 1946 (71 anos), filho de João Batista dos Santos e Filenila Messias dos Santos, atualmente, reside em Aracaju (SE), sob os cuidados do filho ouvinte, possui diagnóstico de surdez profunda. Na entrevista mostrou-se uma pessoa retraída e pouco comunicativa, recorda-se de alguns fatos e com poucos detalhes.

**Figura 39 – Fotografia do Sinal Pessoal do Surdo João Batista Filho**



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador (2016).

Quando perguntado sobre a sua trajetória educacional no Rio de Janeiro, relata o seguinte:

Lembro-me que fui estudar no R-I-O porque aqui em Aracaju, na época, só havia escolas para ouvintes. Tenho quatro irmãos, uma adotiva e eu sou o único surdo. Quando fui estudar no R-I-O aos 14 anos (1960) era muito jovem fiquei residindo na casa de minha tia mas depois de um ano e três meses, voltei para Sergipe porque meus P-A-I-S tinham muitas saudades de mim, e pediam para que eu retornasse a Sergipe e também porque eu achava o trabalho mais importante do que o estudo. Quando fui tentar matricular-me no INES não havia mais vagas, então, fui encaminhado para ser atendido na escola de cegos, o I-B-C (BATISTA FILHO, João. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa em 09 ago. 2016).

Figura 40 – Fotografia Atualizada do Surdo João Batista Filho



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2016).

Nesse momento da entrevista, o Sr. João Batista começou a relatar sobre a rotina e a metodologia de ensino do Instituto Benjamim Constant (IBC)<sup>58</sup>.

No IBC, lembro que estudava somente pela manhã e meio-dia retornava para casa da minha T-I-A, diariamente; e lá, os professores não sabiam comunicar-se por meio de sinais, as aulas eram ministradas em metodologias de ouvintes, no meu caso que era surdo, utilizavam a oralização por meio de leitura labial, e isso era obrigatório, ou escreviam no quadro. A sinalização, naquela época, era algo muito recente com o passar do tempo é que ela foi se desenvolvendo e o quantitativo de surdos foi aumentando. Eu não era o único surdo atendido no IBC, lembro-me que tinha uma surda da Bahia, também o desenhista J-O-S-U-É já falecido e outros que no momento não me recordo. No caso da comunicação era permitido o uso de sinais entre os surdos. Em Sergipe, comecei a trabalhar como vigilante, marceneiro, estampador de camiseta, costureiro, auxiliar de pedreiro, pintor e funileiro porque nunca tive preguiça e não queria ser um pedinte. Em São Paulo, permaneci por três anos, estudei até o 3º A-N-O e parei para ir trabalhar

<sup>58</sup> O IBC, fundado em 12 de setembro de 1854, ainda continua sendo um centro de referência, de nível nacional para questões da Deficiência Visual, é também um órgão do Ministério da Educação e Cultura (MEC), sendo a primeira instituição de ensino especializado em Cegueira no Brasil. Tem como encargo eliminar definitivamente os preconceitos aos deficientes visuais (DV) e promover a educação e profissionalização de pessoas cegas. Toda a história centenária do IBC foi publicada no primeiro exemplar da Revista Benjamin Constant, em um texto que apresenta os seguintes tópicos históricos: antecedentes, fundação, primeiros diretores, nomes do instituto, imprensa *BRAILLE* e o instituto no século XX. Sua matriz está localizada na Avenida Pauster, nº 350, Urca, Rio de Janeiro. Fone: (21) 3478-4440. E-mail: [ibc@ibc.gov.br](mailto:ibc@ibc.gov.br). Site: <http://www.ibc.gov.br/> (IBC, 2016).

como carteiro (BATISTA FILHO, João. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa em 09 ago. 2016).

No trecho acima, percebe-se que a metodologia de ensino utilizada no IBC não diverge da utilizada no INES, porém, são distintos centros especializados de atendimento às pessoas com deficiências sensoriais, no caso do IBC, a cegueira, e no caso do INES, a surdez. No IBC era permitido o uso de sinais. Em muitos momentos da entrevista, foi observada uma variação social na mão de apoio quando o Sr. João sinaliza alguns sinais, o que evidencia uma possível influência do “sotaque” carioca na sinalização.

Nas décadas iniciais do século XX, o Instituto oferecia além da instrução literária<sup>59</sup>, o ensino profissionalizante. A terminalidade dos estudos estava condicionada à aprendizagem de um ofício e não a habilidades de leitura ou escrita. Os alunos frequentavam, de acordo com suas aptidões, oficinas de sapataria, alfaiataria, gráfica, marcenaria e também artes plásticas. As oficinas de bordado eram oferecidas às meninas na década de 1930 (ROCHA, 2009).

No INES e no IBC, de acordo com Mazzotta (1996), depois de algum tempo da inauguração, foram instaladas oficinas para a aprendizagem de ofícios. Oficinas de tipografia e encadernação para os meninos cegos e de tricô para as meninas; oficinas de sapataria, encadernação, pautação e douração para os meninos surdos. O INES caracterizou-se como um estabelecimento educacional voltado para a "educação literária e o ensino profissionalizante" de surdos, com idade entre sete e 14 anos.

Nas décadas de 1950 a 1970, a principal crítica que se fazia aos processos de aquisição de língua oral era de que demandava um tempo enorme de treinamento da fala e dos resíduos auditivos, concorrendo com a escolarização formal que ia sendo abandonada pela importância que era dada à expressão pela palavra oral. Os incipientes resultados dessa perspectiva para a educação dos surdos, que demandavam ensino público de massa, estimularam o surgimento, de um movimento transnacional, contando com acadêmicos, profissionais da área da surdez e dos próprios surdos no sentido de apontar outros caminhos para a sua escolarização e socialização.

Apesar da história de vida do surdo João Batista não apresentar relação direta com esta tese, mas o seu registro torna-se relevante, pois se trata de um surdo sergipano que tentou matricular no INES, centro brasileiro de referência em surdez, mas não obteve êxito por falta de oferta de vaga, e, por isso, foi direcionado para ser matriculado e atendido no IBC, centro

---

<sup>59</sup> O ensino literário corresponderia, com pequenas variações, às disciplinas: Matemática, Língua Portuguesa, História, Geografia, Religião, dentre outras (ROCHA, 2009, p. 100).

brasileiro de referência em cegueira, isso mostra os percalços encontrados na trajetória de vida da pessoa com deficiência e abre precedentes para novas pesquisas envolvendo surdos sergipanos atendidos em outros centros de referência que não sejam exclusivamente ligados à surdez.

#### **4.1.6 Raimundo Rocha Santos, Fontes Visuais e as Atividades Esportivas no INES**

O Sr. Raimundo Rocha Santos, nascido em 21 de dezembro de 1952 (65 anos), filho de Adolfo Carlos Rocha Santos e Maria Lúcia Rocha Santos possui diagnóstico de surdez profunda. Sergipano, apesar de ser natural de Aracaju (SE), reside atualmente no Bairro Brás de Pina localizado no Distrito Penha na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro (RJ), juntamente com sua esposa ouvinte.

Quando perguntado sobre o INES, o Sr. Raimundo traçou uma cronologia dos acontecimentos com detalhes.

Como aqui em Sergipe não possuía escola especializada para surdos, eu tinha sete anos quando ingressei para estudar no INES em 1959 não sabia nada e era muito ansioso. Quando cheguei no INES fiquei em regime de internato durante um ano, em dezembro, nas férias voltava para Sergipe passava três meses e retornava pro INES em março. Estudei no INES até 1970 quando peguei o diploma aos 18 anos, já mostrei o certificado para ele [Nesse momento aponta para Arivaldo] (SANTOS, Raimundo Rocha. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa em 11 ago. 2016; acréscimos).

Sobre os pais e familiares, o Sr. Raimundo relata:

Meus pais eram analfabetos e trabalhavam como mascates<sup>60</sup>. Na minha família existem quatro irmãos surdos comigo. Eu sou único surdo profundo e os outros três irmãos eram surdos oralizados<sup>61</sup> pois ainda possuíam resíduos auditivos (SANTOS, Raimundo Rocha. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa em 11 ago. 2016).

Pelo relato acima, o Sr. Raimundo (Figura 41) narra que também veio de uma família com perfil social e econômico de classe média, baixo grau de instrução, atividades profissionais que não exigiam formação acadêmica, não constituía uma família numerosa porém irmãos com problemas auditivos.

<sup>60</sup> Mascate, em Sergipe, é um termo usado na época equivalente a feirante, negociante.

<sup>61</sup> É importante destacar que existem três tipos de surdos os quais variam conformes tipos e graus de surdez: surdos sinalizados utilizam apenas a língua de sinais, surdos oralizados utilizam apenas a língua oral e surdos bilíngues utilizam ambas as línguas.

Figura 41 – **Fotografia Atualizada do Surdo Raimundo Rocha Santos**



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador (2016).

As narrativas permitem afirmar, considerando a informação já obtida pela análise de documentos sobre a idade de ingresso dos alunos surdos sergipanos, que o Método Oral e Auricular era o mais indicado, no INES, na década de 1950.

Esse fato, sem dúvida, favoreceu o uso de sinais entre os alunos, que tinham uma forma própria de comunicação entre si. De qualquer forma, pode-se concluir que, embora tendo tido seu uso permitido conforme narrativas dos surdos sergipanos egressos do INES, uma vez que não foram encontrados registros sobre uma possível proibição, a língua de sinais ainda não era reconhecida ‘oficialmente’ como parte integrante do processo de ensino do Instituto, nas décadas de 1950 a 1970.

A entrevista com o Sr. Raimundo só foi possível porque recentemente o mesmo veio para Aracaju visitar os familiares ouvintes e amigos surdos que residem no Bairro 18 do Forte, pois atualmente reside no Rio de Janeiro. Para a entrevista teve auxílio do surdo Arivaldo Santana Umbidino<sup>62</sup>.

Os registros fotográficos conseguidos com o Sr. Raimundo evidenciam a presença de surdos nas práticas esportivas que contribuem para o desenvolvimento físico e mental, o convívio com os amigos no INES e a participação na oficina de leitura (ANEXO W).

Sobre o motivo de ir estudar no Rio de Janeiro, o Sr. Raimundo relata que:

---

<sup>62</sup> Surdo natural do Rio de Janeiro contemporâneo dos surdos sergipanos entrevistados nesta pesquisa, atualmente, reside em Aracaju. Auxiliou na pesquisa de campo localizando os surdos Raimundo e João Batista.

Tive a influência do surdo Pedro, o qual havia retornado do INES para passar as férias com a família aqui em Sergipe, e me deu o endereço do INES, eu chamei o surdo João Batista para irmos juntos, mas ele não quis, então eu fui sozinho de avião. Ao chegar no Rio de Janeiro, paguei o táxi para me deixar no INES (SANTOS, Raimundo Rocha. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa em 11 ago. 2016).

Sobre os surdos sergipanos que estudaram no INES, o Sr. Raimundo destaca que:

Lembro-me de Pedro que está vivo, Ubirajara, Chamilcar, o mais velho, Cordélio, estes três hoje já falecidos, e Rita de Cácia, que está doente. Sobre os professores do INES, o ensino era apenas na modalidade oral não haviam profissionais interpretes. Nunca ensinei sinais (SANTOS, Raimundo Rocha. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa em 11 ago. 2016).

Sobre os cursos profissionalizantes oferecidos pelos INES, Raimundo sinaliza:

No INES fiz quatro cursos profissionalizantes como: tipografia, tornearia, carpintaria, artefatos e trabalhos manuais. (SANTOS, Raimundo Rocha. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa em 11 ago. 2016).

O Sr. Raimundo foi diplomado em 1970 ainda durante a gestão de Marino Gomes Ferreira (ANEXO H). Ele não detalha por quanto tempo trabalhou em tipografia, marcenaria, alvenaria e funilaria, e não dá informações precisas sobre as profissões exercidas até a aposentadoria.

Da pesquisa realizada infere-se que embora oficialmente a filosofia adotada tenha sido a oralista, as possibilidades e as condições de cada aluno desenvolver uma linguagem oral eram avaliadas e consideradas, sendo os mesmos encaminhados pedagogicamente ao método de ensino que se acreditava melhor atender às suas necessidades e possibilidades. Não parece ter havido obrigatoriedade em relação à aquisição da Língua Portuguesa oral. O ensino da fala, segundo Mattos (2002), era oferecido de acordo com as possibilidades que cada aluno apresentava. Essas possibilidades relacionavam-se com a idade dos alunos e a capacidade auditiva residual, que eram analisadas individualmente.

#### **4.1.7 Rita de Cácia Ferreira de Lacerda e Análise da Imagem Fotográfica na Construção da Memória no INES**

A Sra. Rita de Cácia Ferreira de Lacerda (Figura 42), sergipana, nascida em 05 de abril de 1960 (57 anos), filha de Gerinard de Lacerda Filho e Maria Alice Ferreira de Lacerda, natural de Aracaju (SE) possui diagnóstico de surdez profunda, separada, mãe de duas filhas ouvintes, Polyana Lacerda dos Santos e Priscilla Lacerda dos Santos, e um filho surdo adotivo, Adriano Araújo Costa. Ingressou no INES em 1965 (5 anos) e retornou para Sergipe

em 1979 (19 anos). Pelas informações concedidas, Rita de Cácia deixou o INES no final da gestão de Heleton Saraiva O'Reilly (1977-1980).

**Figura 42 – Foto Atualizada de Rita de Cácia Ferreira de Lacerda**



Fonte: Acervo pessoal cedido por Polyana Lacerda dos Santos (2016).

A Sra. Rita de Cácia por volta de 2006, teve traumatismo craniano ficando com sequelas e complicações na memória; em vista da sua impossibilidade de participar ativamente por causas do seu estado de saúde, as informações foram coletadas em entrevista com sua filha Polyana Lacerda dos Santos. A entrevistada possui um acervo pessoal de recordações contendo 83 registros fotográficos, o qual foi autorizado por Rita de Cácia e cedido por Polyana para registro do pesquisador.

Em entrevista, cedida por Polyana Lacerda dos Santos, a filha da surda Rita de Cácia tem-se o seguinte relato:

Minha mãe confessava que muitas vezes apanhava de palmatória dos professores do INES para desenvolver a fala. O pai de minha mãe foi político e sua mãe foi professora. Quase toda família tinha problemas de audição. Possui seis irmãos, o jornalista Alberto Lacerda e o radialista Paulo Lacerda usam A.A.S.I.<sup>63</sup>, Sílvio Lacerda e Álvaro Lacerda trabalharam juntamente com ela (Rita de Cácia) na Assembleia Legislativa de Aracaju, Marcos Lacerda possui retardo mental e trabalha como gari na Prefeitura Municipal de Aracaju e Fátima Lacerda trabalha na parte administrativa de uma escola. Ela tinha muito contato com a surda Anne Raquel dos Santos. (SANTOS, Polyana Lacerda dos. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa a 12 set. 2016)

<sup>63</sup> A.S.S.I. sigla referente aos Aparelhos de Amplificação Sonora Individual. Existem vários tipos de A.S.S.I. tais como: Completamente Interno no Canal (CIC), Mini-canal (MC), Intra-canal (ITC), Meia-concha (HS), Intra-auricular (ITE), retroauricular (BTE), Receptor Interno no Canal (RIC) entre outros.

No caso de Rita de Cácia, pode-se notar que sua família tinha um perfil social e econômico de classe média, relativo grau de instrução, atividades profissionais que exigiam formação acadêmica, além de se constituírem como famílias numerosas e diagnosticada com problemas auditivos.

No caso do ensino era o treinamento audiovisual que, conforme Dória (1961, p.303), era “[...] o processo reeducativo da audição, baseado no uso de fones biauriculares pelo aluno, durante o período de instrução [...]” enquanto ele observava a face do professor, utilizando-se dos seguintes recursos:

O material didático utilizado no treinamento áudio-visual, além dos aparelhos eletrônicos citados, constará de cartazes, quadros, fotografias e gravuras ricamente coloridas, coleções de jogos educativos, instrumentos de música e de percussão, discos com gravações de vozes de animais, de ritmo e solos de instrumentos diversos, canções folclóricas e de ninar, músicas para danças infantis típicas ou de salão, coleção de histórias etc. (DÓRIA, 1961, p.306).

As práticas educativas oralistas desenvolvidas no INES ficam muito evidentes na Figura 43.

**Figura 43 – A Surda Rita de Cácia e Outros Surdos Usando os Fones Biauriculares nas Aulas de Treinamento Audiovisual**



Fonte: Acervo pessoal cedido por Polyana Lacerda dos Santos (2016).

A Figura 43 acima mostra como as professoras realmente davam atenção e trabalhavam para que os alunos desenvolvessem a fala; sentiam-se até mesmo mais importantes em seu papel de professor com perfil clínico, reabilitador. Tudo era muito planejado, pensado e colocado em prática. Ela mostra como a sala era equipada e como tudo era utilizado para o trabalho de estimulação sonora.

A Sra. Rita de Cácia possui um acervo fotográfico com aproximadamente 83 fotografias algumas com localidades e datas, contém fotos ainda criança com a família em Sergipe e depois no INES no Rio de Janeiro. Muitas dessas fotografias, de acordo com Polyana Lacerda dos Santos, foram perdidas e outras danificadas com o passar dos anos.

Uma vez matriculados no INES, os surdos sergipanos frequentavam o ensino primário e ginásial adaptado, por conta das suas dificuldades de comunicação, e em horário diferente o ensino profissionalizante, que era extremamente valorizado, acompanhando a tendência da década de 1950, no Brasil. Sobre o uniforme do INES (Figura 44) era constituído de camisa branca com distintivo formato de livro com a sigla INES e calça azul para ambos os sexos.

**Figura 44 – A Surda Rita de Cácia Usando Uniforme Representativo do INES**



Fonte: Acervo pessoal cedido por Polyana Lacerda dos Santos (2016).

Com base nos relatos dos surdos sergipanos entrevistados e documentos desta pesquisa, é possível inferir que no INES tudo era pensando numa perspectiva de educação para o envelhecimento segundo Mattos (2002), através de treinamento de aquisição da Língua Portuguesa, pelo menos na sua forma escrita, uma formação profissional básica e noções importantes de saúde, além de atividades que favoreciam o desenvolvimento da capacidade física para a vida produtiva.

A formação e a organização dos espaços escolares refletiam o que politicamente se pensava sobre as pessoas surdas. A Figura 45 mostra a estrutura física muito semelhante à de sala de aula regular com a tendo a presença da professora que está em pé e os alunos que estão sentados.

**Figura 45 – A Surda Rita de Cácia com Professora e Amigos Surdos em Sala de Aula do INES**



Fonte: Acervo pessoal cedido por Polyana Lacerda dos Santos (1960).  
Rita de Cácia está sentada na última do canto direito.

Em análise comparativa foi possível notar em todos os surdos sergipanos entrevistados uma marca profunda do oralismo. As práticas educativas vivenciadas na trajetória escolar dos surdos sergipanos do INES foram: treinamento audiofonatório e foniátrico, leitura orofacial e escrita, tabuada, e no caso de Aparecida, foi adicionado o ensino religioso por meio da oratória da doutrina cristã. As práticas norteiam o trabalho pedagógico conforme Knowles (1992 apud BUENO, 2002, p. 21) de que “[...] o modo dos professores pensarem sobre o

ensino e sobre suas práticas de sala de aula é em parte modelado por suas experiências anteriores”.

Os registros fotográficos de alguns surdos entrevistados e da pesquisa em campo estão disponíveis nos respectivos ANEXOS X e Y. Nas atividades esportivas e oficinas profissionalizantes é notória a divisão de ambos os sexos. Os registros fotográficos conseguidos com o Sra. Rita de Cácia comprovam a presença de surdas nas práticas esportivas, os desfiles cívicos, o convívio com os amigos no INES e a participação na oficina de culinária (ANEXOS Z, AA, BB e CC).

Sobre as oficinas profissionalizantes oferecidas no INES (ANEXOS DD e EE), segundo Mattos (2002), eram os seguintes:

Aos alunos era oferecido tipografia, tornearia, carpintaria, encadernação, entalhação (madeira), alfaiataria, artefatos de couro, sapataria, mecânica, douração e trabalhos manuais. Às alunas corte e costura, bordado, chapéu, flores e ornatos (MATTOS, 2002 s/p).

No trecho anterior, percebe-se uma divisão de trabalhos a serem desenvolvidos para alunos de diferentes sexos (ANEXO FF). Na pesquisa realizada por Mattos (2002) acrescenta que nas pastas dos alunos que foram pesquisadas encontrou-se também referência aos cursos de datilografia, modelagem, ensino industrial e desenho.

Com base nos relatos a partir da memória dos egressos surdos sergipanos, a apropriação das trajetórias de vida se dão a partir da interpretação que não passa necessariamente por uma racionalidade, a prática é a utilização da “utilização mental” da época no INES, e a representação é a expressão da apropriação, a qual se imputam valores à figura representada. A “utilização mental” é o que Michel de Certeau denomina de “lugar social”. E para Chartier (1990), o objetivo da apropriação é uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais que são sociais, institucionais, culturais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 46 – Capa da Revista “Fala!”, Publicada em 1956



Fonte: Acervo do memorial do INES (1956).

Nesta parte da tese, é o momento de sintetizar o que foi construído e reconstruído sobre a educação e a profissionalização dos egressos surdos sergipanos do INES, os aspectos políticos, educacionais e as oficinas profissionalizantes dos surdos nas gestões de Ana Rimoli de Faria Dória e Marino Gomes Ferreira, nas décadas de 1944 a 1979.

A pesquisa mostrou que o INES se preocupava com aspectos da vida futura dos surdos, uma vez que pretendia habilitá-los, através de suas oficinas profissionalizantes, para que pudessem integrar-se à sociedade. Oferecia um trabalho escolar voltado para a aquisição da Língua Portuguesa, nas suas formas oral e escrita, uma formação profissional básica e noções importantes de saúde, além de atividades que favoreciam o desenvolvimento da capacidade física. O esporte era muito valorizado.

Nesta pesquisa foram identificados nove surdos sergipanos egressos do INES, nas décadas de 1944 a 1979, destes cinco já estão falecidos (Fernando, Chamilcar, Cordélio, Ubirajara e Clóvis) e três foram entrevistados (Aparecida, Pedro, Raimundo).

A partir deste estudo, pode-se concluir que a maioria das famílias dos surdos sergipanos que ingressaram no INES na década de 1950 tinha um perfil social e econômico de classe média, pouco grau de instrução e atividades profissionais que não exigiam formação acadêmica, com exceção da surda Rita de Cácia, filha de pai político e mãe professora, e de famílias numerosas.

O diagnóstico realizado na década de 1950 era etiológico, e tentava identificar o período de ocorrência da surdez e se era congênita ou não. Não havia uma avaliação audiológica que permitisse identificar o tipo e o grau de surdez, embora a etiologia encontrada tenha permitido inferir que, das narrativas analisadas, de todos os nove surdos sergipanos, os que apresentaram surdez congênita e etiologia definida, tinham surdez profunda.

Quanto as modalidades de comunicação e métodos de ensino utilizados e as principais características do processo de escolarização dos surdos sergipanos que estudaram no INES, de acordo com as informações obtidas nas entrevistas, durante a década de 1944 até 1979 foram desenvolvidos no INES três diferentes métodos de ensino, os quais tinham em seus respectivos professores a responsabilidade de todo o trabalho a ser desenvolvido, tanto a parte específica - à reabilitação auditiva e da linguagem - quanto à escolarização. Os surdos entrevistados fizeram questão de ressaltar que a parte específica à escolarização era 'adaptada' às condições de cada aluno, por isso havia momentos de surdos e surdas estarem juntos e em outros estarem separados por conta dos padrões higienistas do Colégio-internato. Os métodos eram o oral, auricular ou auditivo e o método escrito.

Os achados que se referem aos itens sobre a independência econômica foram todos positivos, ou seja, os surdos apresentaram autonomia e nível de execução total das suas atividades de vida diária. Os problemas de saúde indicados são comuns a faixa etária dos entrevistados.

No perfil socioeconômico não foi encontrada uma relação direta, entre o nível de escolaridade limitado ao ensino primário de um modo geral e o nível socioeconômico que corresponde a salários adequados e não há situações de desemprego, porém todos estão aposentados por idade e tempo de serviços prestados. Com base nos entrevistados, apenas um cursou o ensino secundário, mas tiveram profissões remuneradas de forma a permitir um nível socioeconômico que garantiu a uma vida produtiva economicamente.

Todos os surdos sergipanos concluíram as oficinas profissionalizantes no INES mas nenhum deles foi contratado pelo o Instituto. Eles trabalharam fora do INES com atividades, como marcenaria, tipografia, bordados, culinária apreendidas nas oficinas profissionalizantes.

Quando precisam se comunicar, fora da comunidade surda, têm sempre a ajuda de alguém mais próximo que seja ouvinte, ou mesmo surdo, mas com uma comunicação mais eficiente. É importante registrar que a minoria dos entrevistados vive em contato com a comunidade surda sergipana onde realiza suas atividades sociais. Aparecida é solteira, Pedro e Raimundo são casados, Rita de Cácia é divorciada.

Nenhum dos surdos entrevistados demonstrou ter domínio da Língua Portuguesa, na modalidade oral, mas todos possuem muita habilidade na datilografia, auxiliando no processo de comunicação. E a educação recebida no INES contribuiu para a profissionalização e independência econômica dos surdos entrevistados. O estudo mostrou que o ensino recebido favoreceu a autonomia dessas pessoas.

Esta tese mostrou que, mesmo com os programas educacionais, nas décadas estudadas, estes não possibilitaram aos surdos sergipanos, como aprendizes, à aquisição e domínio da Língua Portuguesa oral.

No ofício profissional eles atuaram em diferentes áreas em Aracaju, Aparecida foi professora na disciplina Educação para o Lar da Escola de Educação de Surdos do Centro de Reabilitação Ninota Garcia (C.R.N.G.), no Bairro Industrial, Fernando foi taquígrafo, Clóvis foi porteiro da Escola Municipal de Ensino Fundamental Sabino Ribeiro (EMEFSR), no Bairro 18 do Forte, Rita de Cácia foi auxiliar legislativo na Assembleia Legislativa de Sergipe (ALESE), Raimundo não informou, Pedro foi auxiliar administrativo no Banco do Estado de Sergipe (BANESE S/A).

Os relatos dessas experiências acerca da formação educacional e carreira profissional permitiram identificar nove surdos sergipanos, além de conhecer não somente as trajetórias individuais, como também as vivências coletivas no espaço escolar e a inserção no mercado de trabalho dos surdos sergipanos, no período estudado.

As narrativas e os documentos analisados sobre a trajetória escolar e profissional dos surdos sergipanos, nas décadas de 1944 a 1979, corroboram para a confirmação da tese proposta e concluiu-se que apesar da escolarização de ensino primário cursada pelos surdos sergipanos no INES, os estudos realizados contribuíram para a inserção dos mesmos no mercado de trabalho e sua independência econômica e profissional.

## REFERÊNCIAS

- ACERVO histórico do Memorial da Inclusão: os caminhos da pessoa com deficiência. Disponível em: <http://www.memorialdainclusao.sp.gov.br/> (Acesso em 14/03/2015).
- ALBUQUERQUE, Maria Stela de Araújo. **Um estudo sobre a educação especial em Sergipe**. 2000. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2000.
- ALBUQUERQUE, Richardson Batalha de. **O ‘saber fazer’ na perspectiva da avaliação da aprendizagem para o aluno com deficiência intelectual**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2016.
- ALMEIDA, Wolney Gomes. **O guia-intérprete e a inclusão da pessoa com surdocegueira**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2015.
- AMANHÃ inauguração do Hotel Pálace e do Centro de Reabilitação. **A Cruzada**, Aracaju/SE, 23 e 24 de junho de 1962. Ano XXVI, nº 1345.
- ANDRADE NETO, Benedito. **Fotografias de ex-alunos surdos do INES**. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=481157455302134&set=a.481157421968804.1073741831.100002236501037&type=3>. Acesso em 20 de agosto de 2016.
- ANJOS, Isa Regina Santos dos. **Programa TEC NEP: avaliação de uma proposta de educação profissional inclusiva**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), 2006.
- \_\_\_\_\_. **Dotação e talento: concepções reveladas em dissertações e teses no Brasil**. 2011. Tese (Doutorado em Educação). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2011.
- ANTÔNIO Garcia Filho: “Novo Imortal”. **A Cruzada**, Aracaju/SE, 07 de janeiro de 1961. Ano XXV. nº 1.173.
- ANTÔNIO Garcia Filho, meu médico e amigo. **Jornal da Cidade**. Aracaju/SE, 13 de fevereiro de 1986. Ano XXVI, nº. 4.344.
- ARAGÃO, Ildema Gomes. **Relações com o saber e o universo explicativo da pessoa com cegueira total sobre aprendizagem da geometria**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.
- ARAÚJO, Enio Gomes. **Ensino de Matemática em Libras: reflexões sobre minha experiência numa escola especializada**. 2015. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade de Anhangüera. São Paulo, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Intervenções de um professor de Matemática cego**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2011.
- ARAÚJO, Maria das Graças. **Opinião de psicólogo sobre o preparo para atender as necessidades humanas básicas de crianças com deficiências mentais**. Dissertação de

mestrado em Ciências da Saúde (Medicina) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão-SE, 2006.

ASSIS, Enaura Vespasiano de. **As leituras na formação de estudantes em situação de deficiência na Universidade Federal de Sergipe - UFS**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2014.

BARBOSA, Eline Freitas Brandão. **Pesquisa em educação inclusiva: representações de docentes das salas de recursos multifuncionais sobre o professor pesquisador**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2017.

BARBOSA, Josilene Souza Lima. **A tecnologia assistiva digital na alfabetização de crianças surdas**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2014.

BARBOSA, Mônica de Gois Silva. **O mecanismo de coerência na produção escrita de surdos: foco no vestibular 2011 da UFS**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2011.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **O governo Kubitschek: desenvolvimentismo econômico e estabilidade política, 1956-1961**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

BERGUER, Miguel André. Acrísio Cruz: um intelectual sergipano defensor do ensino rural. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH XXVI • Anais...** São Paulo, julho, 2011.

BILA, Irami da Silva. **Libras como interface no ensino de funções matemáticas para surdos: uma abordagem a partir das narrativas**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

BLAKE. A. V. A. S. **Dicionário bibliográfico brasileiro**, 7. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BORGES, V. P. Grandeza e misérias da biografia. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRASIL. Decreto 9.198 de 12 de dezembro de 1911. Aprova o regulamento para o Instituto Nacional de Surdos-Mudos. **Diário Oficial [da] União – Poder Executivo - Seção 1 - 29/12/1911**, Página 16726. Rio de Janeiro, 1911.

BRASIL. Decreto nº 38.738, de 30 de Janeiro de 1956. Aprova o Regimento do Instituto Nacional de Surdos - Mudos. **Diário Oficial [da] União - Seção 1 - 31/1/1956**, Página 1853. Rio de Janeiro, 1956.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 42.728, de 3 de dezembro de 1957. Institui a Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro. **Diário Oficial [da] União - Seção 1 - 3/12/1957**, Página 27069. (Publicação Original). Poder Executivo, Rio de Janeiro, 1957.

\_\_\_\_\_. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961 institui a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da] União** - Seção 1 - 27/12/1961, Página 11429 (Publicação Original). Retificação: 28/12/1961, Página 11509. Poder Executivo, Brasília, DF, 1961.

\_\_\_\_\_. Lei nº 5.540 de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média e dá outras providências. **Diário Oficial [da] União**. Poder Executivo. - Seção 1 - 29/11/1968, Página 10369. 3/12/1968, Página 10433 (Retificação). Brasília-DF, 1968.

\_\_\_\_\_. Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus e dá outras providências. **Diário Oficial [da] União**, Poder Executivo, 12/8/1971. Retificação 18/08/1971. Brasília-DF, 1971.

\_\_\_\_\_. Decreto nº. 72.425 de 03 de julho de 1973. Cria o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), e dá outras providências. **Diário Oficial [da] União** - Seção 1 - 4/7/1973, Página 6426 (Publicação Original). Poder Executivo, Brasília, 1973.

BRUCE, L. M. **A leitura oro-facial no horário escolar**. Trad. De Ana Rimoli de Faria Dória. Rio de Janeiro: INES, 1968.

BRUHN. Método German Müller-Waller. 1977. In: MELLO, Anahi Guedes de. **Comentando sobre a leitura labial**. Bengala Legal, 2009.

BUENO, José Geraldo Silveira. **A educação especial nas universidades brasileiras**. Brasília: Ministério da Educação/Secretária de Educação Especial (MEC/SEESP), 2002.

\_\_\_\_\_. **Educação especial brasileira, integração/segregação do aluno diferente**. 2. ed. São Paulo: Educ. 2004.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

\_\_\_\_\_. **Visto y no visto: el uso de la imagen como documento histórico**. Barcelona: Editorial Crítica, 2001.

\_\_\_\_\_. **O que é história cultural?** - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAEE/EPHETA – Centro de Atendimento Educacional Especializado Epheta. Disponível em: [http://www.aefspr.org.br/prog\\_epheta/2.historico.html](http://www.aefspr.org.br/prog_epheta/2.historico.html) (Acesso em 14/10/2016).

CAMINI, Beth. **A importância dos trabalhos manuais na pedagogia Waldorf e suas aplicações no segundo setênio**. [s/d.] Disponível em: <<http://www.colegiorudolfsteiner.com.br/wp-content/uploads/2017/05/37-a-import%C3%A2ncia-dos-trabalhos-manuais-na-pedagogia-waldorf.pdf>>. Acesso em: 31out. 2017.

CAMPANHA para Educação do Surdo Brasileiro. 1958. In: **MEMORIAL DA INCLUSÃO** – os caminhos da pessoa com deficiência. (2015a). Disponível em: <<http://www.memorialdainclusao.sp.gov.br/br/exposicoes/tour-virtual/sala-01/os-sentidos-na>

comunicacao-deficiencia-auditiva/modulo-6-documentos-diversos/campanha-para-educacao-do-surdo-brasileiro-mec/>. Acesso em: 07 jan. 2018.

CAPOVILLA, Fernando César; MAURÍCIO, Aline Cristina L.; RAPHAEL, Walquíria Duarte. **Novo dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua Brasileira de Sinais**. 3. ed., volume 1: Sinais de A a H e volume 2: Sinais de I a Z São Paulo: EDUSP, 2013.

CARDOSO, Luana da Luz; HEROLD JÚNIOR, Carlos. Educação e surdez na década de 1950 no Brasil: um panorama histórico acerca de Ana Rimoli da Faria Dória. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n° 68, p. 138-156, jun, 2016.

CARDOSO, Maria Heloísa de Melo. **Inclusão de aluno com deficiência na educação profissional e tecnológica**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2016.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ideologia do desenvolvimento: Brasil: JK – JQ**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2. ed. 1978.

CAROLL, J. B. **Psicologia da linguagem**. Trad. de Maria Aparecida Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

CARVALHO NETO, Antônio de (senador). A educação dos anormais – classificação e categorias dos anormais - O problema do estrangeiro no Brasil – meios de resolvê-lo. Discurso pronunciado na sessão 14 de outubro de 1921 do Senado, Rio de Janeiro.

CEAL/LP – Centro Educacional de Audição e Linguagem Luduvico Pavoni. Brasília-DF. Disponível em: <http://www.ceallp.org.br/> (Acesso em 22/10/2016).

CEDA – Centro Educacional para Deficientes Auditivos. Disponível em: <http://www.ulbra.br/educacao-basica/especial-concordia/historico> (Acesso em 28/11/2016).

CENTRO de Reabilitação faz mudos falarem. **A CRUZADA**, Aracaju/SE, 07 de janeiro de 1962, Ano XXVI, n° 1.339.

CHARACHON, D. **L'enfant demi-sourd: examen – orientation éducative**. Lyon: Press Universitaires de France, 1965.

CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

\_\_\_\_\_. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade, p. 77-104. 2009.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **Internar para educar: Colégios-internatos no Brasil (1840-1950)**. 2012. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012.

\_\_\_\_\_. **A pedagogia de internar: história do internato no ensino agrícola federal (1934-1967)**. São Cristóvão: EDUFS. 2013.

CONDE GARCIA, Eduardo Antônio. Antônio Garcia Filho e a faculdade de medicina de Sergipe: criador e criatura. Aracaju: **SERCORE Artes Gráficas**, 2008.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPq). Plataforma Lattes. Currículo de Maria Auxiliadora dos Santos, 2017. Disponível em: < <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4788960E7>>. Acesso em 15 jan. 2018.

CONTARATO, Ana Lucia Videira. **Um outro olhar na sala de aula: uma pesquisa colaborativa como meio de transformação de comportamentos fossilizados de uma professora de surdos**. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

CORRÉA, Ana Bárbara Assunção Vazquez. **Educação inclusiva no ensino superior: saberes e práticas dos professores do Programa de Pós-graduação em ensino de Ciências e Matemática**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2016.

COSTA, Edivaldo da Silva. **O ensino de química e a língua brasileira de sinais – sistema *signwriting* (Libras-SW): monitoramento interventivo na produção de sinais científicos**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

COSTA, Juliana Pellegrini Barbosa. **O surdo e as posições sujeito ontem e hoje: falta, excesso ou diferença**. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2009.

COSTA, Maria da Piedade Rezende da. Orientações para ensinar o deficiente auditivo a se comunicar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.2, n.1, p.93-106, 1994.

COUTINHO, Maria Dolores Martins da Cunha. **A mediação de esquemas na resolução de problemas de matemática por estudantes surdos: um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). 2003. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2003.

CRUZ, Cândida Luiza Pinto. **Tessitura da inclusão na Universidade Federal de Sergipe: múltiplos olhares**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2016.

CUNHA, Marleide dos Santos. **Ensino da Língua Portuguesa na perspectiva da inclusão do aluno cego no nível fundamental**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

CUNHA, Patrícia Marcondes Amaral da. **O cotidiano do atendimento especial numa escola bilíngue: as relações de saber-poder e os discursos sobre a escolaridade de deficientes múltiplos**. Tese de Doutorado. Departamento de Educação, UFSC, 2007.

DANTAS, O. **A vida patriarcal de Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

DIA 08: Posse de Antônio Garcia na Academia Sergipana de Letras. **A Cruzada**, Aracaju/SE, 05 de agosto de 1961. Ano XXV, nº 1.213.

DIAS, Marília Silva. **Letramento de surdos em Língua Espanhola: uma construção possível?** 2015. Dissertação (Mestrado em Letras). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2015.

DÓRIA, Ana Rimoli de Faria. **Ensino oro-áudio-visual para os deficientes da audição**. Rio de Janeiro: MEC, 1958a.

DÓRIA, Ana Rimoli de Faria. **Compêndio de educação da criança surdo-muda**. 2. ed. Rio de Janeiro: INES, 1958b.

DÓRIA, Ana Rimoli de Faria. **Introdução à didática da fala (Aspectos da educação dos deficientes da audição e da fala)**. 2. ed. Rio de Janeiro: MEC, 1959.

DÓRIA, Ana Rimoli de Faria. **Manual de educação da criança surda**. Rio de Janeiro: INES, 1961.

ENCARNAÇÃO, Jose d'. **Introdução ao estudo da Epigrafia Latina**. Coimbra, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1997.

FARIA, Sandra Patrícia de. **A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos**. 2003. 335 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2003.

FAVORITO, Wilma. **O estabelecimento da referência na produção de narrativas orais em português por quatro surdos profundos congênitos**. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC - Rio, Rio de Janeiro. 1996.

\_\_\_\_\_. **O difícil são as palavras: representações sobre estabelecidos e outsiders na escolarização de jovens e adultos**. 2006. 256f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2006.

FEBVRE, Lucien. Problemi di método storico e Studi su reforma e Rinascimento. Traduzione di Corrado Vivanti Torino, Einaudi, 1976, Reprints, 97, 98.

FERREIRA, Marino Gomes. **Câmara Municipal do Rio de Janeiro**, Projeto de Lei nº 77/2005, Luiz Humberto, Plenário Teotônio Vilela, 08 de março de 2005.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERRO, Marcos Batinga. **Formação docente na perspectiva da inclusão educacional**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2017.

FERNANDES, Priscila Dantas. **A inclusão dos alunos surdos e/ou deficientes auditivos nas disciplinas do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia da Universidade Federal de**

**Sergipe**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

FERNANDES, Sueli de Fátima. **Educação bilíngue para surdos: identidade, diferenças, contradições e mistérios**. Tese de Doutorado, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Paraná, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1987.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno. A produção dos estudos biográficos em Sergipe e as principais contribuições para a História da Educação. In: SOUZA, Elizeu Clementino (Org). **Autobiografias, história de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre/Salvador, EDIPUCRS e EDUNEB, 2006.

FREITAS, Geise de Moura. **A construção de um projeto de educação bilíngue para surdos no colégio de aplicação do INES na década de 1990: o início de uma nova história?** 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Ed. 34. 224 p., 2006.

GARCIA FILHO, Antônio. **A reabilitação em Sergipe**. Aracaju: Gráfica Aracaju, 1966.

\_\_\_\_\_. **Carta ao presidente e membros do Conselho Estadual de Educação**, de 27 jun. 1975. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Caixa 36, doc. 056, 1975.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda, linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. São Paulo: Plexus editora; 1997.

\_\_\_\_\_, **A criança surda, linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

GOMES, Christianne Rocha. **Educação inclusiva de estudantes universitários surdos: uma análise a partir da trajetória escolar**. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2017.

GOMES, Marcia Regina. **Estudo descritivo de uma prática interativo-reflexiva para professores em formação inicial: subsídios para professores de crianças surdocegas e aquelas com deficiência múltipla**. 2006. 236f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2006.

GOMES, Marise Porto. **“Aí eu olho, escrevo e aprendo”**: narrativas de estudantes surdos e surdas sobre aprendizagens e ensino da língua portuguesa (escrita) no INES. Dissertação de Mestrado. Departamento de Educação, UNIRIO, 2009.

GUBERINA, P. **Método verbotonal**. Publicação do Centro de Reabilitação Sydney Antônio com autorização do da Western Pennsylvania School for the Deaf, Pittsburgh, v. 1, 2, 3, e 4. Trad. de Vera Beatriz Karam Isfer, 1983.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, Revista dos Tribunais Ltda., 2006.

HARRISON, Kathryn Marie. **Processo de construção de um coletivo de trabalho bilíngue: profissionais surdos e ouvintes em uma escola especial para surdos**. Tese de doutorado. Departamento de Linguística Aplicada, PUC-SP, 2006.

HIGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 2. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1990. 1996.

ICES – Instituto Cearense de Educação de Surdos. Fortaleza-CE. Disponível em: <http://www.ices.seduc.ce.gov.br/index.php/escola/historia>. (Acesso em 23/10/2016).

IDS – Instituto Domingos Sávio. Recife-PE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S4IPf7-h4kI> (Acesso em 14/11/2016).

INAUGURADO festivamente o Centro de Reabilitação “Ninota Garcia”, **Correio de Aracaju**, diário, nº 6.743, Ano LV, 27 de junho de 1962.

INOSEL – Instituto Nossa Senhora de Lourdes. Rio de Janeiro-RJ. Disponível em: <http://www.inosel.org.br/> (Acesso em 20/10/2016)

IST – Instituto Santa Terezinha. São Paulo-SP. Disponível em: <http://www.institutosantateresinha.org.br/quem-somos> (Acesso em 20/10/2016)

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Autores Associados, nº 1, janeiro/junho, p. 9-43, 2001.

JULLIAN Montañez, Christian Giorgio. **Génesis de la comunidad silente en México: la escuela nacional de sordomudos (1867 a 1886)**. UNAM, México, 2002.

KINZIE; KINZIE, Método Kinzie. 1936. In: MELLO, Anahi Guedes de. **Comentando sobre a leitura labial**. Bengala Legal, 2009.

KNOWLES, J. G. Models for understanding pre-service and beginning teachers’ biographies: Illustrations from case studies. In I. F. Goodson (Ed.), **Studying teachers’ lives** (pp. 99-152). New York: Teachers College Press. 1992.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989.

LANE, Harlan. **When the mind hears: a history of the deaf**. New York: Random House, 1984.

LE GOFF, Jacques. “Documento/monumento”. In: **Enciclopédia Einaudi**. Vol I. Memória-História, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 95-106, 1984.

\_\_\_\_\_. **Por amor às cidades**. São Paulo: Unesp, 1998.

\_\_\_\_\_. Memória. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LEITE, Emeli Marques Costa. **Os papéis do intérprete de LIBRAS na sala de aula inclusiva**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Linguística Aplicada, UFRJ, 2004

LEITE, Tobias Rabello. **Notícias do Instituto dos Surdos-Mudos**. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & H. Laemert, 1877.

LEITE, Miriam Lifschitz Moreira. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica**. São Paulo: EDUSP, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4 ed. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1996

LEMOS, E. R. **A educação de excepcionais: evolução histórica e desenvolvimento no Brasil**. 1981. 197p. Tese (Livre-Docência). Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 1981.

LEVY, Cilmaria Cristina Alves da Costa. **Manual de audiologia pediátrica**. São Paulo: Manole, 2015.

LIMA, Iara Maria Campelo. **Observação e análise da interação professor-aluno em classe especial**. 1985. Dissertação (Mestrado em Educação). Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 1985.

LIMA, Iara Maria Campelo. **Tecendo saberes, dizeres, fazeres em formação contínua de professores: uma perspectiva de educação inclusiva**. 2009. Tese (Doutorado em Educação). Salvador: Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2009.

LIMA, Maria do Socorro. **República, Política e Direito: representações do trabalho docente e trajetória de Carvalho Neto (1918-1921)**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2008.

\_\_\_\_\_. **Propostas de educação na produção intelectual de Carvalho Neto (1926-1948): formação e ética do advogado, educação prisional, exercício do magistério e educação para o trabalho**. 2016. Tese (Doutorado em Educação). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2016.

LIMA, Paula Soraya M. **O Centro de Reabilitação Ninota Garcia e educação especial em Aracaju (1962-1996)**. 2003, 86 f. Monografia (Licenciatura em História). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2003.

LOBO, Lilian Ferreira. **Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MARINO GOMES FERREIRA (Biografia). In: **Wikipédia, a enciclopédia livre**. 2017. Disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Marino\\_Gomes\\_Ferreira#/>. Acesso em: 07 jan. 2018.](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marino_Gomes_Ferreira#/)

MARQUES, Carla Verônica Machado. **O significado da linguagem visual e da produção plástica na construção da língua escrita por pessoas adultas surdas**. Dissertação de Mestrado. Departamento de História da Arte, UFRJ, 1997.

MATOS, Nelson Dagoberto. **A pessoa portadora de necessidades especiais no contexto das políticas sociais: perspectivas da modernidade.** 2004. Tese (Doutorado em Educação). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), 2004.

MATTOS, Leila Couto. **Educação e surdez: por uma melhor qualidade de vida.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2002.

MATTOSO, José. (Verbetes) Abade. In: **Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira da Cultura, Edição Século XXI**, Volume I, Editorial Verbo, Braga, Janeiro de 1998.

MAUAD, Ana Maria. O Olho da história: análise da imagem fotográfica na construção de uma memória. **Acervo-Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1-2, 1993.

\_\_\_\_\_; CARDOSO, Ciro F. S. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, C. F. S.; VAIFAS; R. (Org.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. **Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas.** São Paulo: Cortez, 1996.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. Inclusão, integração ou chaves da vida humana. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO: DESAFIO PARA O NOVO MILÊNIO, III. Foz do Iguaçu, 1998. **Anais...** do congresso. Brasília: SEESP/MEC, 1998.

MELO, Alda Valéria Santos de. **Formação e atuação do tradutor intérprete de Libras em sala de aula.** 2013. Dissertação (Mestrado em Educação). Aracaju: Universidade Tiradentes (Unit), 2013.

MELO, Flávia Augusta Santos de. **Educação e acessibilidade: um estudo sobre estudantes com deficiência em universidade pública do Estado de Sergipe.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, (UFS), 2011.

MENDONÇA, Ana Cláudia Souza. **Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) – Aracaju: formação de professores e práticas educativas (1968-1988).** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, (UFS), 2017.

MENEZES, Uilde de Santana. **Os desafios dos professores de Química na perspectiva da educação inclusiva: um olhar sobre as necessidades educacionais.** 2017. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

MENEZES, Soraya Cristina Pacheco de. **Estudo sobre a inclusão social e educacional do surdo por meio do Facebook.** 2013. Dissertação (Mestrado em Educação). Aracaju: Universidade Tiradentes (Unit), 2013.

MONTAGUE, H. **A leitura da fala: uma contínua necessidade.** Trad. de Ana Rimoli de Faria Dória. Rio de Janeiro: INES, 1968.

MOURA, Maria Cecília de. **O Surdo**: caminhos para uma nova identidade. São Paulo: Revinter, 2000.

**MUNDO SEM SOM**. Acervo histórico cinematográfico. Diretor: Aluizio T. Carvalho, 1957.

MUSSEN, P. H.; CONGER, I. J.; KAGAN, J. **Desenvolvimento e personalidade da criança**. Trad. de Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Harper e Row do Brasil, 1977.

MYKLEBUST, H. R. **Psicologia del sordo**. Trad. de A. Equiluz Angoitia. Madrid: Magistério Espanhol, 1971.

\_\_\_\_\_; BRUTTEN, M. A study of the visual perception of deaf children. **Acta Otolaryngologist**. Supplement, 1953.

MYSAK, E. **Patologias dos sistemas da fala**. Trad. de Edmeé Brandi. Rio de Janeiro: Atheneu, 1984.

NEW, M. C. **A linguagem oral para a criança deficiente da audição**. Trad. de Ana Rimoli de Faria Dória. Rio de Janeiro: INES, 1968.

NITCHIE. Método Nitchie. 1912. In: MELLO, Anahi Guedes de. **Comentando sobre a leitura labial**. Bengala Legal, 2009.

NOGUEIRA, Marilene de A. Monteiro. **Interação professor ouvinte e pré-escolares surdos em duas alternativas metodológicas**. 1994. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Khoury. **Revista Projeto História**, n.10, p. 7-28, PUC-SP, dez., 1993.

NUNES, Maria Thétis. **História da educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: SEED/UFS, 1984.

NUNES, Patrícia Matos Souza. **O processo educacional do cego em Aracaju (1950-1970)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, 2013.

O IBC. História. 21/06/2016. In: Instituto Benjamin Constant. Ministério da Educação. Disponível em: < <http://www.ibr.gov.br>>. Acesso em: 09 jan. 2018.

OLIVEIRA, Ane Rozeli de. **Educação inclusiva e o dispositivo das salas multifuncionais na Educação de Jovens e Adultos**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2014a.

OLIVEIRA, Alzenira Aquino de. **De frente com a prática do ensino de português para surdos**: estudo de caso. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, 2013.

OLIVEIRA, Daisy Mara Moreira de. **Os surdos de Aracaju**: observação do discurso cultural e identitário dentro do contexto social ouvinte. Dissertação (Mestrado em Antropologia). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2012.

OLIVEIRA, Iadrelhe Souza de. **As práticas de atendimento do Centro de Reabilitação Ninota Garcia**: medicina e educação (1962-1996). Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2014b.

OVIEDO, Alejandro. Eduard Huet (1822?-1882): fundador de la educación pública para sordos en Brasil y México, 2007. In: **Cultura Sorda**. Disponível em: <<http://www.cultura-sorda.eu>> Acesso em: 11 jan. 2017.

PAN AMERICAN AIRWAYS. In: WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE. Atualizada em 07 de novembro de 2017. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Panair\\_do\\_Brasil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Panair_do_Brasil). Acesso em: 09 jan. 2018.

PEDREIRA, Silvia Maria Fangueiro. **“Porque a palavra não adianta”**: um estudo das relações entre surdos/as e ouvintes em uma escola inclusiva na perspectiva intercultural. 2006. 205f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC - Rio, Rio de Janeiro. 2006.

PEDROZA, Talita. **Sinais dos presidentes do Brasil na Língua Brasileira de Sinais**. São Paulo, 2017

PERAZZO, I. A. **Elementos de foniatria**. Buenos Aires: El Ateneo, 1956.

PEREIRA, Simone Lorena. **Mídias comunicacionais e educacionais na Pedagogia**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2016.

PERLIN, Gladis Terezinha Taschetto. **O ser e o estar sendo surdos**: alteridade, diferença e identidade. Tese de doutorado. Departamento de Educação, UFRGS, 2003.

\_\_\_\_\_. História dos surdos. In: **Caderno pedagógico**. Curso de Pedagogia à distância para surdos. Santa Catarina: UDESC, 2002.

\_\_\_\_\_. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Medição, 1998.

POLLACK, D. **Educational audiology for the limited hearing infant**. Illinois: Charles C. Ythomas, 1970.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3. 1989, p. 3-15'.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POSSAMAI, Zita Rosane. Fotografia, história e vistas urbanas. **História**, v. 27, n. 2, p. 253-277, 2008.

PRADO, Renata Beatriz de Souza. **Tecnologia assistiva para o ensino da matemática aos alunos cegos: o caso do Centro de Apoio Pedagógico para Atendimento às Pessoas com Deficiência Visual**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2013.

RAFANTE, Heulalia Charalo. Política de educação especial no Brasil: a relação entre o estado, a sociedade civil e as agências internacionais na criação do CENESP 2015. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 37<sup>a</sup> – Florianópolis, 04 a 08 de outubro de 2015, **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2015.

REGRESSOU Delegação de Sergipe ao I Encontro sobre Reabilitação. **A CRUZADA**, Aracaju/SE, 27 de janeiro de 1962. Ano XXVI, nº 1.338.

REIS, Anderson de Araújo. **Educação ambiental e educação inclusiva: possíveis conexões**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2016.

REIS, Vânia Prata Ferreira. **A criança surda e seu mundo: o estado da arte, as políticas e as intervenções necessárias**. 1992. Dissertação (Mestrado em Educação). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), 1992.

RIO DE JANEIRO (Cidade). Câmara Municipal do Rio de Janeiro, **Projeto de Lei nº 77/2005**. Dá o nome de Marino Gomes Ferreira a um logradouro público do Município situado no Alto da Boa Vista. Disponível em: < [http://www.camara.rj.gov.br/spldocs/pl/2005/pl0077\\_2005\\_007352.pdf](http://www.camara.rj.gov.br/spldocs/pl/2005/pl0077_2005_007352.pdf)>. Acesso em: 22 jan. 2018.

ROCHA, Solange Maria da. **Histórico do INES**. Espaço: edição comemorativa 140 anos, 3-32, 1997.

\_\_\_\_\_. **O INES e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos**. 2. ed. Rio de Janeiro: INES, 2008.

ROCHA, Solange Maria da. **Antíteses, díades, dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos: um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961)**. 2009. Tese. 160f. (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Rio de Janeiro, 2009.

RODRIGUES, Isabel Cristina. **Debates em educação bilíngue para surdos: vozes que habitam o dizer não**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras, UERJ, 2002.

ROMANELLI, O. O. **História da Educação no Brasil (1930-1973)**. 36. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010.

RUSSEL, L. E. **Iniciando a compreensão da fala: sugestão para o trabalho que as mães podem realizar em casa**. Trad. de Ana Rimoli de Faria Dória. Rio de Janeiro: INES, 1968.

RÜSEN, Jorn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. **História da historiografia** (revista on line), nº2, pp.163-209, 2009.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Educação de surdos: a caminho do bilinguismo**. 1996, 277f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 1996.

SÁ, Rozendo de Aragão; LINHARES, Ronaldo Nunes. A imprensa em Sergipe: notas sobre o jornal católico “A Cruzada”. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, VII. UFRGS: Porto Alegre, 2009.

SALES, Tatiana Silva. As falanges da boa imprensa: o jornal “A Cruzada” em Sergipe, 1918 a 1969. São Cristóvão. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, 2005.

SANTOS, Aline Nunes. **Relações de estudantes surdos com os conhecimentos escolares: percursos e percalços no aprendizado de Química**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

SANTOS, Alex dos Reis. **Comunicação e Facebook: a produção de conhecimento na mão do aluno surdo**. 2016a. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2016a.

SANTOS, Almir Barbosa dos. **O suporte digital no ensino de Língua Portuguesa para a comunidade surda: o caso da obra ‘As Aventuras de Pinóquio’ em língua de sinais/português**. 2016b. Dissertação (Mestrado em Letras). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2016b.

SANTOS, Ilvanir da Hora. **O ensino das quatro operações matemáticas para alunos surdos: estudo de caso**. 2015a. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2015a.

SANTOS, Carla Ulliane Nascimento. **Um olhar acerca da deficiência intelectual: implicações de testes e diagnósticos na aprendizagem escolar**. 2015b. Dissertação de mestrado em Educação). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2015b.

SANTOS, Flávio Correia. **As práticas pedagógicas do professor de Matemática para alunos com deficiência visual**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2014.

SANTOS, Antônio Carlos Nogueira. **Acessibilidade da pessoa com deficiência física: O caso da Universidade Federal de Sergipe-Cidade Universitária Professor José Aloísio de Campos**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2012b.

SANTOS, Jorge Henrique Vieira. **Polidez e inclusão: o ser e o parecer no discurso de professores sobre a inclusão da pessoa com deficiência na escola**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2012a.

SAVIANI, Dermeval. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In: **Novas tecnologias, trabalho e educação**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. – Campinas, SP: Autores Associados, 2007. – (Coleção memória da educação).

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SEIXAS, Catharine Prata. **O Instituto Nacional de Educação de Surdos e a formação de professores para surdos em Sergipe (1959-1961)**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, 2015.

SERGIPE. **Projeto nº 481 de 14 de outubro de 1921 destaca a “A Educação dos Anormais”**. Aracaju-SE, 1921.

SLOMSKI, Vilma Geni. **Educação de Surdos: fundamentos para uma proposta educacional com bilingüismo**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Educação, USP, 2000.

SILVA, Alecrisson da. **Práticas pedagógicas na educação dos surdos: análise crítica do discurso de professores da educação básica**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2017c.

SILVA, Amanda Fernandes da. **Diálogos formativos para práticas pedagógicas inclusivas na educação infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2017b.

SILVA, Hélio. **Juscelino Kubitschek 19º presidente do Brasil (1956-1961)**. Belo Horizonte: Editora Três, 1983a.

SILVA, Hélio. **Emílio Médici - 24º Presidente do Brasil (1969-1974)**. Belo Horizonte: Editora Três, 1983b.

SILVA, Patrícia de Souza Nunes. **Antônio Garcia Filho (1941-1999), um intelectual engajado**. Dissertação de mestrado em Educação – Universidade Tiradentes, Aracaju, 2012.

SILVA, Raquel Souza. **A constituição do sujeito aluno no espaço escolar: processos de subjetivação e inclusão**. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2017b.

SILVA, Tatiane Santos. **Ensino de ciências em uma perspectiva inclusiva: utilização de recursos didáticos táteis direcionados a alunos com deficiência**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2013.

SILVA, Valéria Simplício da. **A implantação da Língua Brasileira de Sinais como disciplina obrigatória na Universidade Federal de Sergipe**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2015.

SILVA NETO, Antenor de Oliveira. **Educação física e capoeira como agentes de inclusão para cegos: um estudo de caso.** 2016. Dissertação (Mestrado em Educação). Aracaju: Universidade Tiradentes (Unit), 2016.

SILVA, Roberval Teixeira. **Português como segunda língua para surdos: contribuições para a implantação de um ensino bilíngue.** Tese de Doutorado. Departamento de Língua Aplicada, PUC-Rio, 2004.

SILVA, Vera Regina Loureiro da. **Aquisição tardia de língua de sinais por surdos adultos: construindo possibilidades de significação e inserção no mundo social.** Dissertação de Mestrado. Departamento de Linguística Aplicada, UFRJ, 2004.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: Um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Dimensão, 1998.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia (improvável) da diferença.** E se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SOARES, Maria Aparecida Leite. **Oralismo como método pedagógico: contribuição ao estudo da História da Educação do surdo no Brasil.** 1996. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 1996.

\_\_\_\_\_. **A educação dos surdos no Brasil.** Campinas, SP: Autores associados: EDUSP, 1999.

\_\_\_\_\_. **A educação do surdo no Brasil.** 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados: EDUSP. 2005.

SOUZA, Alberto Dantas de. **O uso de tecnologias assistivas no acesso à web por alunos com deficiência visual da UFS.** 2014. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2014.

SOUZA, Iranilde dos Santos Rocha. **Estratégias e metodologias de ensino de Língua Portuguesa para surdos em Aracaju-SE.** 2016. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2016.

SOUZA, L. A; FARO, A. C. M. História da reabilitação no Brasil, no mundo e o papel da enfermagem neste contexto: reflexões e tendências com base na revisão de literatura. **Revista Eletrônica trimestral de Enfermagem**, outubro, 2011.

SOUZA, Rita de Cácia Santos. **Educação especial em Sergipe: uma história de descaso, lutas, dores e conquistas.** 2000a. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2000a.

\_\_\_\_\_. **Educação especial em Sergipe: uma história de descaso, lutas, dores e conquistas.** Aracaju: Universidade Tiradentes – Unit, 2005.

\_\_\_\_\_. **Educação especial em Sergipe do século XIX ao início do século XX: cuidar e educar para civilizar.** 2009. 196 f. Tese (Doutorado em Educação). Salvador: Universidade Federal da Bahia (UFBA) 2009.

\_\_\_\_\_. **Educação especial em Sergipe/século XIX:** uma trajetória de descaso, lutas, dores e conquistas. Aracaju. Criação, 2013.

SOUZA, Verônica dos Reis Mariano de. **Vivência de inclusão.** 2000b. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, 2000b.

\_\_\_\_\_. **A gênese da educação dos surdos em Aracaju.** 2007. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2007.

\_\_\_\_\_. **Gênese da educação dos surdos em Aracaju.** São Cristóvão: EDUFS, 2010.

\_\_\_\_\_. **Tobias Leite:** educação dos surdos no século XIX. São Cristóvão: EDUFS, 2015.

STROBEL, Karin Lilian; FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais /** Secretária de Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial, Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

STROBEL, Karin Lilian. **História da educação dos surdos.** Curso de Licenciatura Letras-Libras – UFSC, Florianópolis, 2007.

TELES, Margarida Maria. **A dança das mãos na significação da história:** a língua brasileira de sinais na comunidade de pessoas surdas de Aracaju/SE (1962-2002). 2013. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, 2013.

TENÓRIO, Lucia Maria Fonseca. **A educação física e o ensino de surdos.** 2008. Mestrado Profissionalizante. Niterói: UNIPLI, 2008.

TOSCANO, Chrystiane Andrade Vasconcelos. *Estudo de la afetividad de los niños portadores del síndrome down em edad pré-escolar.* 2000. Dissertação (Mestrado em Educação). Cuba: Instituto Superior Pedagógico José Verona, 2000.

TURAZZI, Maria Inez. **Poses e trejeitos:** a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839-1889). Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

VAZ, Marco Antônio Pires. **A prática da Educação Física no Instituto Nacional de Educação de Surdos.** 2002. Monografia (Especialização em Psicomotricidade). Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2002.

VERGAMINI, Sabine Antonialli Arena. (Org.) **Mãos fazendo história.** Petrópolis: Arara Azul, 2002.

VIEIRA, Claudia Regina. **Educação bilíngue para surdos:** reflexões a partir de uma experiência pedagógica. 2017. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo USP, São Paulo, 2017.

VIGARELLO, Georges. **Le sain et le malsain: Santé et mieux-être depuis le Moyen Age.** [S.l.]: Éd. Seuil, 1993.

VISCONTI, Eliseu. **Bom pra valer:** A história dos 50 anos do Rotary Tijuca. Rio de Janeiro: ED DTP, 1999.

VITORINO, Anderson Francisco. **Educação bilíngue:** o desdobramento das práticas pedagógicas com alunos surdos. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2017.

### **ENTREVISTAS ORAIS**

CRUZ, Márcia Alves. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa a 21 de agosto de 2016. (Filha do surdo Pedro). Aracaju/SE.

SANTOS, Maria Auxiliadora. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa a 20 de agosto de 2016. (Irmã dos surdos Aparecida e Fernando). Aracaju/SE.

SANTOS, Polyana Lacerda. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa a 12 de setembro de 2016. (Filha da surda Rita de Cácia). Aracaju/SE.

### **ENTREVISTAS SINALIZADAS**

CRUZ, Pedro Mário Firpo, Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa a 16 de agosto de 2016. (ex-aluno surdo sergipano do INES). Aracaju/SE.

FILHO, João Batista, Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa a 09 de agosto de 2016. (ex-aluno surdo sergipano do IBC). Aracaju/SE.

SANTOS, Aparecida de Jesus. Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa a 20 de agosto de 2016. (ex-aluna surda sergipana do INES). Aracaju/SE.

\_\_\_\_\_, Maria Aparecida Nascimento dos. Entrevista concedida a Verônica dos Reis Mariano Souza a 05 de abril de 2006. (ex-aluna surda sergipana do INES). Aracaju/SE.

SANTOS, Raimundo Rocha, Entrevista concedida a Edivaldo da Silva Costa a 11 de agosto de 2016. (ex-aluno surdo sergipano do INES). Aracaju/SE.

SILVA, Clóvis da. Entrevista concedida a Verônica dos Reis Mariano Souza em 05 abr. 2006. (ex-aluno surdo sergipano do C.R.N.G. e do INES). Aracaju/SE.

**APÊNDICES**

## APÊNDICE A – TECENDO MINHA HISTÓRIA DE VIDA (MEMORIAL).

**Perfil Pessoal** – Família e Educação Básica – Nascido aos 30 dias do mês de dezembro de 1988, na pacata cidade serrana do interior de Sergipe, Itabaiana, a princesinha do agreste sergipano e um prolífero berço de grandes intelectuais. O terceiro de uma prole de quatro, sendo três mulheres e um homem, filho de uma família de classe média baixa, cuja genitora era uma lavradora semianalfabeta, Josefa da Silva Costa, e o genitor, um mascate analfabeto, Francisco Alves da Costa (*in memoriam*), porém, com muitas habilidades nas áreas agrícola e comercial. Fui criado com muita disciplina e valores éticos e morais, principalmente, pelo meu pai, o qual entendia que somente por meio do estudo que se pode formar o homem. Uma vez, ele me falou: - “*Filho quero para ti ou que não tive para mim, a educação*”.

Em 1994, iniciei minha vida escolar, aos seis anos, no Pré-Escolar Profa. Lenita Porto, onde fui alfabetizado, aprendi várias coisas como ler, escrever e fazer contas. De 1996 até 2002, estudei o ensino fundamental na Escola de 1º Grau Prof. Nestor Carvalho Lima, um período de grandes aprendizados, porém não concluí o ensino fundamental naquele estabelecimento de ensino. De 2003 até 2006, fui estudar no Colégio Estadual Murilo Braga, onde concluí os ensinos fundamental e médio.

**Percorso Acadêmico** – Graduação e Pós-Graduação – Em 2007, aos 18 anos prestei seleção do exame de admissão para o ensino superior, na época, o vestibular, e fui aprovado para cursar Química Licenciatura na Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Prof. Alberto Carvalho, em Itabaiana (SE), foram quatro longos anos de muito estudo e aprendizados como bolsista de iniciação científica no Laboratório de Micologia em Química de Produtos Naturais, sob a orientação do Prof. Dr. Geraldo Humberto Silva.

Em 4 de julho de 2011 defendi meu trabalho de conclusão de curso “O Ensino de Ciências com ênfase em Química para Surdos: um estudo de caso” sob orientação do Prof. Dr. Juvenal Carolino da Silva Filho, e coorientação da Profa. Esp. Mônica de Gois Silva Barbosa; em 13 de janeiro de 2012 concluí a graduação em Química Licenciatura. Esse período acadêmico foi muito intenso, em 2010.1 havia cursado a disciplina Língua Brasileira de Sinais com a Profa. Esp. Mônica de Gois Silva Barbosa, e decidi me desafiar ao pesquisar sobre o ensino de Química para surdos, mas também foi muito complicado porque meu pai tinha acabado de falecer em 1 de agosto de 2008, vítima de osteossarcoma medular. Mesmo afetado

psicologicamente, não desisti e continuei estudando, pois sabia que estava realizado em mim o sonho do meu pai.

O fato é que vivia ainda um momento confuso ocasionado pelo meu parco conhecimento sobre a Língua Brasileira de Sinais e essa condição me impedia de comunicar-me efetivamente com os surdos. A solução para suprir as deficiências de minha formação inicial foi encontrada na formação continuada e no prosseguimento dos estudos acadêmicos. De 2013 até 2014, cursei a pós-graduação *lato sensu* em Língua Brasileira de Sinais: Educação Especial pela Faculdade São Luís de França, em Aracaju (SE), defendi o trabalho de conclusão de curso “Gênese e Contemporaneidade dos Movimentos Surdos em Itabaiana-SE (2006-2014)”, sob a orientação da Profa. MSc. Mônica de Gois Silva Barbosa, e em 14 de agosto de 2014 tornei-me especialista em Libras.

Comecei a participar de vários cursos de capacitação de Libras básico e intermediário oferecidos pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), pela Secretaria de Estado de Educação de Sergipe através da Divisão de Educação Especial e do Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e Atendimento às Pessoas com Surdez do Estado de Sergipe (SEED/DIEESP/CAS-SE) e pelo Serviço Social de Transporte e Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (SEST/SENAT).

Com o transcurso do tempo, fui ficando mais seguro e preparado para a tarefa docente. Em 2012, aos 24 anos prestei seleção *stricto sensu* para o curso Mestrado Acadêmico em Ensino de Ciências e Matemática do Núcleo de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (NPGEICIMA) da Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Prof. José Aloísio de Campos, em São Cristóvão (SE), fui aprovado na linha de pesquisa Currículo, Didáticas e Métodos em Ensino das Ciências Naturais e Matemática, e em 23 de maio de 2014, defendi minha dissertação de mestrado “O Ensino de Química e a Língua Brasileira de Sinais – Sistema *SignWriting* (Libras-SW): monitoramento interventivo na produção de sinais científicos”, sob orientação da Profa. Dra. Verônica dos Reis Mariano Souza, e tornei-me mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

No período de 2012 até 2013, fui bolsista auxiliar técnico nível 2A CAPES/CNPq e trabalhei sob a orientação do Prof. Dr. José Gerivaldo dos Santos Duque, no Laboratório de Física de Materiais Magnéticos e Nanoestruturados da Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Prof. Alberto Carvalho. Em 2013, recebi bolsa da Fundação de Apoio à Pesquisa e Inovação Tecnológica de Sergipe (Fapitec-SE) até o término do mestrado. Nesse mesmo ano, realizei tirocínio docente na disciplina EDUI0083 - Língua Brasileira de Sinais ofertada pelo

Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe do *Campus* Prof. Alberto Carvalho, em Itabaiana (SE), sob tutoria da Profa. MSc. Mônica de Gois Silva Barbosa. Publiquei *Registros historiográficos da educação dos surdos em Aracaju e Itabaiana-SE* em capítulo do livro *Surdez, Deficiência Auditiva e Educação Inclusiva*, organizado pela Profa. Dra. Rita de Cácia Santos Souza.

**Percurso Profissional** – Ensino e Docência – No período de 27 de novembro de 2014 até 27 de novembro de 2015, trabalhei como professor colaborador voluntário do Departamento de Educação (DEDI) da Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Prof. Alberto Carvalho, em Itabaiana (SE), ministrando a disciplina EDUI0083 - Língua Brasileira de Sinais, obrigatória para os cursos da área de licenciatura. Foi desse modo que começou a experiência mais desconcertante, significativa e desafiadora de minha vida profissional. Em 2014, realizei processo seletivo para Tradutor e Intérprete de Libras da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe (SEED), e em 26 de maio do mesmo ano fui lotado na Escola Estadual Vicente Machado Menezes (EEVMM) jurisdicionada pela Diretoria Regional de Educação de Itabaiana (SE) (DRE'03), atuando até 31 de setembro de 2015, tive muito aprendizado com os surdos e a Professora Alessandra Rezende dos Santos Andrade e Especialista Edna Maria dos Santos.

Ainda em 2014, publiquei, juntamente com a Profa. Dra. Verônica dos Reis Mariano Souza, “História da educação dos surdos em Itabaiana-SE (1996-2014)” “na revista Arqueiro, do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Cabe, nesse momento de minha narrativa, mencionar que realizei o Concurso Público Federal de Provas e Títulos da Universidade Federal de Sergipe, objeto do Edital nº. 010/2014 para a matéria de ensino Libras – Língua Brasileira de Sinais, e fui classificado. Em 14 de agosto de 2015, fui nomeado e lotado no Departamento de Educação em Saúde (DESL) da Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Prof. Antônio Garcia Filho, em Lagarto (SE), ministrando a disciplina EDSAU0001 - Língua Brasileira de Sinais, obrigatória para o curso de Fonoaudiologia e optativa para os demais cursos da área de Saúde, atuando até 2016.

De 2015 até 2016, cursei outra pós-graduação *lato sensu* em Atendimento Educacional Especializado e Inclusão no Contexto Escolar, pela Faculdade São Luís de França, em Aracaju (SE), defendi o trabalho de conclusão de curso “O Ensino de Português como L2 para surdo na Escola Estadual Vicente Machado Menezes em Itabaiana-SE”, sob orientação da Profa. MSc. Soraya Cristina Pacheco de Meneses, e em 20 de abril de 2016 tornei-me especialista em AEE.

Em 2015, fui concedido, em exercício provisório, para ministrar as disciplinas LETR0778 - Escrita de Sinais I e LETR0779 - Escrita de Sinais II, ofertadas para o curso Letras-Libras Licenciatura, pelo Departamento de Letras Estrangeiras (DLES) da Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Prof. José Aloísio de Campos, em São Cristóvão (SE). Em 20 de janeiro de 2017, ocorreu minha remoção, em caráter definitivo, para o Departamento de Letras-Libras (DELI) dessa mesma Instituição de ensino, sendo responsável pelas disciplinas de Escrita de Sinais.

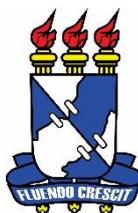
Porém, antes de trilhar os caminhos do trabalho que percorri até encontrar o objeto de pesquisa da presente tese de doutorado, procurei recuperar o emaranhado de minhas experiências acadêmicas e percurso profissional que resultaram na construção de minha identidade como professor universitário.

Como na Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Prof. José Aloísio de Campos, em São Cristóvão (SE), não há o curso de Doutorado em Ensino de Ciências e Matemática, tive que mudar minha linha de pesquisa, e, em 2014, aos 26 anos, prestei seleção *stricto sensu* para o curso Doutorado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Prof. José Aloísio de Campos, em São Cristóvão (SE), fui aprovado na linha de pesquisa em História, Filosofia e Pensamento Educacional, sob a orientação da Profa. Dra. Verônica dos Reis Mariano Souza.

Em 2017, publiquei juntamente com a Profa. Dra. Verônica dos Reis Mariano Souza, “História da educação dos surdos sergipanos” na Revista Virtual Cultura Surda da Editora Arara Azul. Ao longo dessa trajetória foram publicados vários outros artigos e capítulos de livros versando sobre a área de Educação Especial.

**APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS SURDOS SERGIPANOS  
EGRESSOS DO INES**

- 1) Nome completo, idade?
- 2) Qual seu sinal pessoal?
- 3) Qual a data de seu nascimento? É natural de onde?
- 4) Lembra do tempo antes de iniciar os estudos no INES? Aqui em Sergipe estudava onde?
- 5) Qual o nome de seus pais? Eles trabalhavam? Qual a profissão?
- 6) Tem algum parente surdo na família?
- 7) Lembra porque ingressou no INES?
- 8) Com quantos anos foi estudar no INES?
- 9) Como eram as práticas educativas dos professores do INES?
- 10) No INES estudava em regime de internato ou não? Os surdos e as surdas estudavam juntos ou separados?
- 11) No INES, na época, era proibido o uso e difusão da comunicação por meio da comunicação visual?
- 12) Permaneceu estudando no INES quantos anos?
- 13) Lembra de outros surdos sergipanos que foram estudar no INES?
- 14) Lembra da diretora do INES Ana Rimoli de Faria Doria? Conte como ela era?
- 15) Formou-se no INES? Em que ano?
- 16) Você aprendeu alguma profissão no INES? Em caso afirmativo, qual?
- 17) Sempre trabalhou? Qual a profissão?
- 18) Ensinou Libras? Em caso afirmativo, onde?
- 19) Voltou ao Estado de Sergipe em que ano? Porque retornou pro Estado de Sergipe?
- 20) O que representou o INES na sua vida?

**APÊNDICE C – MODELO REPRESENTATIVO DO TERMO DE AUTORIZAÇÃO.****UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. JOSÉ ALOÍSIO DE CAMPOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**MÃOS TECENDO HISTÓRIAS DE VIDA:** Memórias dos Surdos Sergipanos Egressos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (1944-1979)

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

A tese de doutorado versando a temática acima explicitada está sendo desenvolvida por **EDIVALDO DA SILVA COSTA**, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, sob a orientação da **PROFa. DRa. VERÔNICA DOS REIS MARIANO SOUZA**.

O objetivo do estudo é *investigar a trajetória escolar e profissional dos surdos sergipanos que estudaram no Instituto Nacional de Educação de Surdos nas décadas de 1944 a 1979*. Este estudo se faz necessário, pois possibilita um maior aprofundamento nos estudos sobre a história da educação dos surdos em Sergipe, sendo uma tentativa de contribuir como mais uma fonte de pesquisa para pesquisadores, historiadores e educadores.

A sua participação na pesquisa é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Para tanto, solicito sua participação na entrevista e sua permissão para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e publicá-los em revista científica. O pesquisador estará à disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante disso, declaro que foi devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e autorização para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.

Atenciosamente,

Pesquisador responsável: \_\_\_\_\_

Eu, \_\_\_\_\_, fui esclarecido (a) e aceito participar livremente do grupo de estudo, o qual faz parte das ações metodológicas da pesquisa intitulada **“MÃOS TECENDO HISTÓRIAS DE VIDA: Memórias dos Surdos Sergipanos Egressos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (1944-1979)”**.

São Cristóvão, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

Assinatura: \_\_\_\_\_

**ANEXOS**

**ANEXO A – DECRETO REFERENTE À CAMPANHA PARA A EDUCAÇÃO DO  
SURDO BRASILEIRO**



*Senado Federal*

Secretaria de Informação Legislativa

**DECRETO Nº 42.728, DE 3 DE DEZEMBRO DE 1957.**

*Institui a Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro.*

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 87, item I, da Constituição.

**DECRETA:**

**Art. 1º** Fica instituída, no Instituto Nacional de Educação de Surdos, do Ministério da Educação e Cultura, a Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro (C.E.S.B.).

**Art. 2º** Caberá à Campanha promover, por todos os meios a seu alcance, as medidas necessárias à educação e assistência no mais amplo sentido, aos deficientes da audição e da fala, em todo o Território Nacional, tendo por finalidades precípuas:

- a) organizar, financiar e executar planos de proteção e ajuda aos deficientes da audição e da fala;
- b) promover iniciativas assistenciais, artísticas, técnicas e científicas atinentes à educação e reeducação dos deficientes da audição e da fala, tendo sempre como objetivo o seu soerguimento moral, cívico e social;

**Art. 3º** para a consecução dos objetivos previsto no artigo anterior, a Campanha deverá:

- a) auxiliar a organização de congressos, confências e seminários, festivais e exposições referentes aos deficientes da audição e da fala;
- b) auxiliar a construção, reconstrução e conservação de estabelecimentos de ensino;

c) financiar bolsas de estudos, inclusive transporte de bolsistas, no país e no estrangeiro para fins de aperfeiçoar e formar pessoas especializado na pedagogia emendativa;

d) manter um serviço de intercâmbio com instituições nacionais e estrangeiras ligadas ao problema dos deficientes da audição e da fala;

e) cooperar com os órgãos federais, estaduais, municipais e particulares de caráter cultural relacionados com a educação dos deficientes da audição e da fala;

f) custear o pagamento de professores e de pessoal técnico, em caráter permanente ou temporário, nas unidades de Federação, com igual objetivo.

**Art. 4º** Dirigirá a Campanha o Diretor do Instituto Nacional de Educação de Surdos, que terá uma Assessoria, cujos componentes serão pelo mesmo Diretor designados.

**Art. 5º** Haverá um fundo especial para custeio das atividades da Campanha, e que será constituído de:

a) doações e contribuições que forem previstas nos Orçamentos da União, dos Estados, dos Municípios e de entidades paraestatais e sociedades de economia mista, para os fins objetivados neste Decreto;

b) contribuições de entidades públicas e privadas;

c) donativos, contribuições e legados de particulares;

d) renda eventual do patrimônio da Campanha;

e) renda eventual de serviços da Campanha;

f) dotações orçamentárias referentes a serviços educativos e culturais.

**Art. 6º** A Campanha poderá firmar convênios com entidades públicas e privadas para a consecução de seus desígnios.

**Art. 7º** O Ministério da Educação e Cultura baixará as instruções necessárias à organização e execução da Campanha.

**Art. 8º** Este Decreto entrará em vigor na data da sua publicação.

Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 1957; 136º da Independência e 69º da República.

**JUSCELINO KUBITSCHEK**

Clovis Salgado

**ANEXO B – DECRETO REFERENTE AO CENTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO  
ESPECIAL**



*Senado Federal*

Secretaria de Informação Legislativa

**DECRETO Nº 42.728, DE 3 DE JULHO DE 1973.**

*Cria o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), e da outras providências.*

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, usando das atribuições que lhe confere o artigo 81, itens III e V, da Constituição, e tendo em vista o disposto no artigo 172, do Decreto-lei nº 200, 25 de fevereiro de 1967, com a redação que lhe deu o Decreto-lei número 900, de 29 de setembro de 1969,

**DECRETA:**

**Art. 1º.** Fica criado no Ministério da Educação e Cultura o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), Órgão Central de Direção Superior, com a finalidade de promover em todo o território nacional, a expansão e melhoria do atendimento aos excepcionais.

*Parágrafo único.* O CENESP gozará de autonomia administrativa e financeira, sendo as suas atividades supervisionadas pela Secretaria Geral do Ministério da Educação e Cultura.

**Art. 2º.** O CENESP atuará de forma a proporcionar oportunidades de educação, propondo e implementando estratégias decorrentes dos princípios doutrinários e políticos, que orientam a Educação Especial no período pré-escolar, nos ensinos de 1º e 2º graus, superior e supletivo, para os deficientes da visão, audição, mentais, físicos, educandos com problemas de conduta para os que possuam deficiências múltiplas e os superdotados, visando sua participação progressiva na comunidade.

**Art. 3º.** O CENESP terá a seguinte estrutura básica:

- I - Conselho Consultivo;
- II - Gabinete;
- III - Assessorias Técnicas;
- IV - coordenações;
- V - Divisão de Atividades Auxiliares;
- VI - Órgãos Subordinados.
  - a) Instituto Benjamim Constant (IBC);
  - b) Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)

§ 1º. O CENESP será administrado por um Diretor-Geral.

§ 2º. O Diretor-Geral do CENESP, o Diretor da Divisão de Atividades Auxiliares (DAA), o Diretor do Instituto Benjamin Constant (IBC) e do Instituto Nacional de Surdos (INES), serão nomeados em comissão pelo Presidente da República.

§ 3º. O Diretor-Geral, para atender aos encargos do Gabinete, bem como aos demais trabalhos de direção e apoio dos órgãos do CENESP, terá:

- a) Chefe de Gabinete;
- b) 2 (dois) Assistentes;
- c) 2 (dois) Auxiliares; e
- d) Secretário.

§ 4º. O Conselho Consultivo, presidido pelo Diretor-Geral, será formado de representantes dos Ministérios do Trabalho e Previdência Social, Saúde, Interior, Justiça, Planejamento e Coordenação Geral, do Educacionais (INEP) e do Instituto Nacional de Alimentos e Nutrição (INAN).

§ 5º. As Assessorias Técnicas serão coordenadas por um Assessor-Chefe, designado pelo Diretor-Geral e atuarão nas seguintes áreas:

- a) planejamento;
- b) coordenação;
- c) orçamento;
- d) avaliação e controle;
- e) modernização administrativa;
- f) jurídica.

§ 6º. As coordenações serão dirigidas por um Coordenador-Chefe, designado pelo Diretor-Geral e terão atribuições definidas em Regimento próprio.

**Art. 4º.** Os serviços do CENESP serão atendidos por:

- I - funcionários do Quadro de Pessoal do Ministério da Educação e Cultura;
- II - servidores federais, estaduais e municipais, requisitados na forma da legislação em vigor;
- III - pessoal temporário necessário à execução de suas atividades, observada a legislação vigente.

**Art. 5º.** A organização, competência e atribuições do CENESP serão estabelecidas em Regimento Interno, a ser proposto pelo Diretor-Geral ao Secretário-Geral do Ministério da Educação e Cultura, para homologação do Ministro de Estado, observando o disposto no artigo 6º do Decreto nº 68.885, de 6 de julho de 1971.

**Art. 6º.** Ficam transformados, respectivamente, nos cargos em comissão de Diretor-Geral do Centro Nacional de Educação Especial (CENEP), símbolo 1-C e Diretor da Divisão de Atividade Auxiliares (DAA), símbolo 4-C, as funções gratificadas de Chefe da Seção de Cursos, símbolo 2-F e de Assistente de Diretor, ambos do Instituto Benjamin Constant (IBC), do Quadro de Pessoal - parte Permanente - do Ministério da Educação e Cultura.

**Art. 7º.** Os recursos colocados ao CENESP serão movimentados pelo Diretor-Geral.

Parágrafo único. Até que o CENESP disponha de recursos orçamentários próprios as dotações consignadas ao Ministério da Educação e Cultura, destinados à Educação Especial, ficarão sob a responsabilidade e gestão do CENESP.

**Art. 8º.** Fica criado em fundo especial, de natureza contábil, denominado Fundo de Educação Especial, e além dos recursos previstos no parágrafo único do artigo anterior, se constituirá de:

- I - dotações consignadas no Orçamento Geral da União;
- II - repasses de outros fundos;
- III - rendas próprias de serviços;

- IV - doações, subvenções e auxílios;
- V - saldo verificado no final de cada exercício financeiro;
- VI - recursos provenientes de receitas diversas.

**Art. 9º.** Passam a fazer parte integrante do CENESP o acervo financeiro, pessoal e patrimonial dos Institutos Benjamin Constant (IBC) e Nacional de Educação de Surdos (INES).

**Art. 10.** São extintas as Campanhas Nacional de Cegos (CENEC) e Nacional de Educação e Reabilitação de Deficientes Mentais (CADEME), criadas, respectivamente, pelo Decreto nº 44.236, de 1º de agosto de 1958, com as alterações do Decreto número 48.252, de 31 de maio de 1960, Decreto nº 48.961, de 22 de setembro de 1960, cujo acervo financeiro e patrimonial se reverte ao CENESP.

**Art. 11.** A implantação do Centro Nacional de Educação Especial (CENESP) dar-se-á no prazo de 180 (cento e oitenta) dias, a partir da publicação deste Decreto.

**Art. 12.** Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 3 de julho de 1973; 152º da Independência e 85º da República.

**EMÍLIO G. MÉDICI**

Alfredo Buzaid

Jarbas G. Passarinho

Júlio Barata

Mário Lemos

João Paulo dos Reis Velloso

José Costa Cavalcanti

**ANEXO C – CRONOLOGIA DA PRODUÇÃO ACADÊMICA REFERENTE A  
EDUCAÇÃO ESPECIAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UFS E DA  
UNIT**

Continua

<b>Programa</b>	<b>Autor(a)</b>	<b>Ano</b>	<b>Título</b>
PPGED	Rita de Cácia Santos Souza	2000	Educação especial em Sergipe: uma trajetória de descaso, lutas, dores e conquistas
	Verônica dos Reis Mariano de Souza	2000	Vivência de inclusão
	Maria do Socorro Lima	2008	A república, política e direito: representação do trabalho docente e a trajetória de Carvalho Neto (1918-1921)
	Flávia Augusta Santos de Melo	2011	Educação e Acessibilidade: um estudo sobre estudantes com deficiência em universidade pública do Estado de Sergipe
	Josilene Souza Lima Barbosa	2011	A tecnologia assistiva digital na alfabetização de crianças surdas
	Antônio Carlos Nogueira Santos	2012	Acessibilidade da pessoa com deficiência física: O caso da Universidade Federal de Sergipe-Cidade Universitária Professor José Aloísio de Campos
	Patrícia de Matos Nunes	2013	O processo educacional do cego em Aracaju (1950-1970)
	Margarida Maria Teles	2013	A dança das mãos na significação da história: a língua brasileira de sinais na comunidade de pessoas surdas de Aracaju/SE (1962-2002)
	Ane Rozeli de Oliveira	2014	Educação inclusiva e o dispositivo das salas multifuncionais na Educação de Jovens e Adultos
	Iadrelhe Souza de Oliveira	2014	As práticas de atendimento do Centro de Reabilitação Ninota Garcia: Medicina e Educação (1962-1996)
	Alberto Dantas de Souza	2014	O uso de tecnologias assistivas no acesso à web por alunos com deficiência visual da UFS
	Marleide dos Santos Cunha	2015	Ensino da Língua Portuguesa na perspectiva da inclusão do aluno cego no nível fundamental
	Valéria Simplício da Silva	2015	A implantação da Língua Brasileira de Sinais como disciplina obrigatória na Universidade Federal de Sergipe
	Carla Ulliane Nascimento Santos	2015	Um olhar acerca da deficiência intelectual: implicações de testes e diagnósticos na aprendizagem escolar
	Catharine Prata Seixas	2015	O Instituto Nacional de Educação de Surdos e a Formação de Professores para Surdos em Sergipe (1959-1961)
	Cândida Luiza Pinto Cruz	2016	Tessitura da inclusão na Universidade Federal de Sergipe: múltiplos olhares
	Maria Heloísa de Melo Cardoso	2016	Inclusão de aluno com deficiência na educação profissional e tecnológica
	Simone Lorena Pereira	2016	Mídias comunicacionais e educacionais na Pedagogia
	Anderson de Araújo Reis	2016	Educação ambiental e educação inclusiva: possíveis conexões
	Iranilde dos Santos Rocha Souza	2016	Estratégias e metodologias de ensino de Língua Portuguesa para surdos em Aracaju (SE).
Maria do Socorro Lima	2016	Propostas de educação na produção intelectual de Carvalho Neto (1926-1948): formação e ética do advogado, educação prisional, exercício do magistério e educação para o trabalho.	
Maria do Socorro Lima	2016	Propostas de educação na produção intelectual de Carvalho Neto (1926-1948): formação e ética do advogado, educação prisional, exercício do magistério e educação para o trabalho.	
Alex Reis dos Santos	2016	Comunicação e Facebook: a produção de conhecimento na mão do aluno surdo	

			Continuação
Programa	Autor(a)	Ano	Título
	Richardson Batalha de Albuquerque	2017	O 'saber fazer' na perspectiva da avaliação da aprendizagem para o aluno com deficiência intelectual
	Amanda Fernandes da Silva	2017 <sup>a</sup>	Diálogos formativos para práticas pedagógicas inclusivas na educação infantil
	Raquel Souza Silva	2017 b	A constituição do sujeito aluno no espaço escolar: processos de subjetivação e inclusão.
	Eline Freitas Brandão Barbosa	2017	Pesquisa em educação inclusiva: representações de docentes das salas de recursos multifuncionais sobre o professor pesquisador
	Marcos Batinga Ferro	2017	Formação docente na perspectiva da inclusão educacional
	Ana Cláudia Souza Mendonça	2017	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) – Aracaju: formação de professores e práticas educativas (1968-1988)
	Anderson Francisco Vitorino	2017	Educação bilíngue: o desdobramento das práticas pedagógicas com alunos surdos
PPGECIMA	Enio Gomes Araújo	2011	Intervenções de um professor de Matemática cego
	Renata Beatriz de Souza Prado	2013	Tecnologia assistiva para o ensino da matemática aos alunos cegos: o caso do Centro de Apoio Pedagógico para Atendimento às Pessoas com Deficiência Visual
	Tatiane Santos Silva	2013	Ensino de ciências em uma perspectiva inclusiva: utilização de recursos didáticos táteis direcionados a alunos com deficiência
	Edivaldo da Silva Costa	2014	O ensino de Química e a língua brasileira de sinais – sistema SignWriting (Libras-SW): monitoramento interventivo na produção de sinais científicos
	Priscila Dantas Fernandes	2014	A inclusão dos alunos surdos e/ou deficientes auditivos nas disciplinas do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia da Universidade Federal de Sergipe
	Flávio Correia Santos	2014	As práticas pedagógicas do professor de Matemática para alunos com deficiência visual
	Ivanir da Hora Santos	2015	O ensino das quatro operações matemáticas para alunos surdos: estudo de caso
	Ana Bárbara Assunção Vazquez Corrêa	2016	Educação inclusiva no ensino superior: saberes e práticas dos professores do Programa de Pós-graduação em ensino de Ciências e Matemática
	Irami da Silva Bila	2016	Libras como interface no ensino de funções matemáticas para surdos: uma abordagem a partir das narrativas.
	Ildema Gomes Aragão	2016	Relações com o saber e o universo explicativo da pessoa com cegueira total sobre aprendizagem da geometria
	Aline Nunes Santos	2017	Relações de estudantes surdos com os conhecimentos escolares: percursos e percalços no aprendizado de Química
PPGL	Uilde de Santana Menezes	2017	Os desafios dos professores de Química na perspectiva da educação inclusiva: um olhar sobre as necessidades educacionais.
	Mônica de Gois Silva Barbosa	2011	O mecanismo da coerência na produção escrita de surdos: foco no vestibular 2011 da UFS
	Jorge Henrique Vieira Santos	2012	Polidez e inclusão: o ser e o parecer no discurso de professores sobre a inclusão da pessoa com deficiência na escola
	Alzenira Aquino de Oliveira	2013	De frente com a prática do ensino de português para surdos: estudo de caso
	Marília Silva Dias	2015	Letramento de surdos em Língua Espanhola: uma construção possível?
Almir Barbosa dos Santos	2016	O suporte digital no ensino de Língua Portuguesa para a comunidade surda: o caso da obra 'As Aventuras de Pinóquio' em língua de sinais/português	

			Continuação
	<b>Autor (a)</b>	<b>Ano</b>	<b>Título</b>
	Alecrisson da Silva	2017	Práticas pedagógicas na educação dos surdos: análise crítica do discurso de professores da educação básica
PPGA	Daisy Mara Moreira de Oliveira	2012	Os surdos de Aracaju: observação do discurso cultural e identitário dentro do contexto social ouvinte
PPGPSI	Christianne Rocha Gomes	2017	Educação inclusiva de estudantes universitários surdos: uma análise a partir da trajetória escolar.
	Patrícia de Souza Nunes Silva	2012	Antônio Garcia Filho (1941-1999), um intelectual engajado
	Alda Valéria Santos Melo	2013	Formação e atuação do tradutor intérprete de Libras em sala de aula
PPED	Soraya Cristina Pacheco de Meneses	2013	Estudo sobre a inclusão social e educacional do surdo por meio do facebook
	Antenor de Oliveira Silva Neto	2016	Educação física e a capoeira como agentes de inclusão para cegos: um estudo de caso.

\* Trabalhos que dialogam com a área da surdez.

Fonte: Quadro elaborado pelo pesquisador com base na pesquisa realizada nos bancos de dados.

**ANEXO D – CONTRIBUIÇÕES DAS PRODUÇÕES ACADÊMICA REFERENTE A  
EDUCAÇÃO ESPECIAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UFS E DA  
UNIT AO CAMPO DE PESQUISA.**

Continua

<b>Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Sergipe</b>	
<b>Autor/Ano</b>	<b>Descrição técnica</b>
Souza, R. (2000)	Alertou sobre a necessidade de pesquisas que debruçam sobre a Educação Especial e atentou-se para a produção existente nos estudos da História da Educação com o intento de realizar uma análise consistente e produzir conhecimento científico.
Souza, V. (2000)	Delineou sobre sua experiência em turmas inclusivas do ensino regular de Aracaju-SE mostrando que a deficiência não está no aluno mas no profissional de ensino.
Lima (2008)	Apresentou a trajetória do intelectual sergipano Antônio Carvalho Neto e sua atuação na Direção da Instrução Pública de Sergipe destacando o seu pioneirismo na elaboração do Projeto n.º 481, “A Educação dos Anormais”, além do surgimento de escolas de aperfeiçoamento e classes especiais <sup>64</sup> em 1920.
Barbosa (2011)	Evidenciou os recursos da Tecnologia Assistiva Digital como novas perspectivas e possibilidades no processo de aprendizagem das crianças surdas.
Melo (2011)	Destacou as condições de educação e acessibilidade sobre estudantes com deficiência em universidade pública do Estado de Sergipe.
Santos (2012)	Demonstrou que há muito que ser realizado para incluir realmente o deficiente físico, pois na UFS existem barreiras como a falta de acesso aos prédios com dois pavimentos, banheiros sem adaptação para pessoas com deficiência, pisos sem manutenção, entre outros.
Nunes (2013)	Trouxe um importante registro temporal referente à educação dos cegos aracajuanos e os professores sergipanos de cegos que estudaram no Instituto Benjamim Constant (IBC), no Rio de Janeiro.
Teles (2013)	Estabeleceu um diálogo entre a Educação e a Linguística traçando a história por meio das narrativas de surdos aracajuanos com relação aos processos inferenciais de intercâmbio linguístico-cultural com surdos de outros estados brasileiros para a constituição da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em Sergipe.
Oliveira (2014a)	Destacou a educação inclusiva e o dispositivo das salas multifuncionais na Educação de Jovens e Adultos (EJA).
Oliveira (2014b)	Descreveu as práticas de atendimento ao surdo, ao cego, ao deficiente intelectual e ao deficiente físico nos setores técnico e educacional do Centro de Reabilitação Ninota Garcia desde a fundação em 1962 até o encerramento em 1996.
Souza (2014)	Evidenciou que os recursos das Tecnologias Assistivas de acesso à <i>Web</i> não satisfazem totalmente as necessidades atuais dos cegos, pois promovem o desenvolvimento intelectual e autônomo de forma ainda muito simplista.
Silva (2015)	Investigou a implantação da disciplina Língua Brasileira de Sinais nas matrizes curriculares dos cursos de licenciatura e de fonoaudiologia e destacou a Pedagogia como o primeiro curso a inserir, em 2008, a Libras, conforme disposto no Decreto n.º 5.627 de 22 de dezembro de 2005.
Seixas (2015)	Evidenciou que as professoras pioneiras sergipanas de surdos trouxeram para o Estado de Sergipe o que havia de mais moderno na época. Os conhecimentos adquiridos no Rio de Janeiro possibilitaram que estabelecessem no Ninota Garcia práticas pedagógicas voltadas para a reabilitação auditiva.
Cunha (2015)	Notou que os professores da sala de Língua Portuguesa e do Atendimento Educacional Especializado em nenhum momento trabalham de modo articulado.
Santos (2015)	Concluiu a necessidade de compreender o outro para além do cognitivo, isto é, existem outras maneiras do sujeito “vir-a-ser”, assim, nesse contexto, a linguagem ocupa um espaço fundante, um meio facilitador na interação com o outro e o mundo, bem como uma das entradas principais de aquisição do conhecimento, ou seja, o processo de aprendizagem.

<sup>64</sup> As classes especiais (C.E.) são turmas específicas para realização do atendimento educacional especializado de cada área da deficiência e separadas das turmas regulares do ensino. No caso das C.E. para surdos, são turmas de mais ou menos dez alunos surdos, atendidos por um professor que, preferencialmente, deve possuir especialização na área de ensino para surdos e ter conhecimentos da Língua Portuguesa e da Libras.

Continuação

Santos (2016)	Com foco nas culturas digitais, revelou a necessidade de criar estratégias para superar suas limitações em processos comunicacionais e na construção de seus conhecimentos por meio de uma rede social digital entre pessoas surdas e ouvintes.
Cruz (2016)	Mostrou que o Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH) iniciou o processo de inclusão de disciplina voltada para a temática no Departamento de Psicologia, mas foi o Departamento de Educação que começou o processo de formação de profissionais docentes na perspectiva inclusiva para atuarem nas redes públicas e particulares do estado de Sergipe.
Souza (2016)	Destacou que as metodologias dos professores de Língua Portuguesa usadas para surdos ainda são idênticas das usadas para ouvintes.
Cardoso (2016)	Constatou que a inclusão não se concretiza pelo simples fato de ser assegurado o ingresso de alunos surdos no sistema educacional, pois, mesmo com as conquistas e o amparo legal, a transformação da escola em um espaço para todos ainda se constitui um desafio, no sentido de responder eficazmente às necessidades individuais do aluno.
Pereira (2016)	Percebeu que a sociabilidade virtual permite ao surdo superar a ideia de um corpo “defeituoso” e constituir seus jeitos surdos de ser, pois oportuniza a liberdade de emissão através da convergência midiática contribuindo para privilegiar as metodologias visuais e a implementação de novas práticas pedagógicas e comunicacionais na Educação Bilíngue de Surdos, na perspectiva da Pedagogia Surda.
Reis (2016)	Identificou que o Projeto Político Pedagógico (PPP) contempla a Educação Ambiental (EA) e a Educação Inclusiva (EI), os quais viabilizam o desenvolvimento integral dos alunos nos seus diferentes aspectos, construindo coletivamente uma escola com perspectivas inclusiva, participativa, autônoma e crítica, porém, os docentes até o momento da pesquisa não relacionavam as duas áreas educacionais como fundamentais no processo de inclusão do aluno com deficiência no âmbito escolar.
Lima (2016)	Mostrou as propostas de educação na produção intelectual do jurista, escritor, jornalista e professor sergipano, Antônio Manoel de Carvalho Neto, a partir de livros publicados, entre os anos de 1926 e 1948 e, analisar o lugar dessas propostas no contexto da História da Educação brasileira.
Albuquerque (2017)	Listou possíveis entraves para o exercício da atuação com o aluno com deficiente intelectual (D.I.), tais como, condições de trabalho, falta de apoio especializado, direcionamento específico sobre ações didáticas, ausência na formação inicial de conhecimentos específicos e frágil formação continuada de profissionais para uma avaliação que de fato garanta resultados do desenvolvimento da aprendizagem.
Silva (2017a)	Observou-se que a escola apresenta insatisfatória infraestrutura para educação infantil e organização escolar que dificulta a realização de momentos coletivos de aprendizado e de formação profissional, notou-se também incipiência no trabalho de inclusão escolar e destacou que o trabalho colaborativo no cotidiano da educação infantil mostrou-se potente no processo de formação profissional docente e no processo de efetivação da inclusão escolar e desenvolvimento infantil.
Silva (2017b)	Observou que a escola produz processos normalizadores tendo a medicalização como dispositivo para controle dos corpos; face à normalização instituída na escola, alunos com deficiência ou dificuldades são enquadrados nos mesmos processos excludentes e sugeriu a necessidade da escola se constituir como um novo espaço educativo capaz de reinventar outras relações, de romper com o poder disciplinar e fomentar outros processos de subjetivação de ser aluno.
Barbosa (2017)	Concluiu que há um distanciamento da maioria das pesquisas da sala de aula e da aprendizagem dos alunos e a relação com a formação recebida no curso de graduação.
Ferro (2017)	Indicou a necessidade de melhoria da qualidade na formação inicial dos professores e da provisão de recursos humanos, pedagógicos e condições materiais para o atendimento ao aluno com deficiência, dentre outros, reiterando-se a formação de professores como um dos pilares para a construção da inclusão escolar, em termos de recursos humanos em condições de trabalho para que ela possa ser posta em prática.
Vitorino (2017)	Destacou que a pesquisa colaborativa do projeto demonstra uma relevância de caminhar na direção dialética da realidade social, da historicidade do fenômeno, da prática, da contradição e da relação com a totalidade.

Continua

<b>Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe</b>	
<b>Autor/Ano</b>	<b>Descrição técnica</b>
Mendonça (2017)	Evidenciou que as formações foram essenciais para o caminhar da associação frente ao desconhecimento da Educação Especial por parte dos informantes e que as práticas educativas, à princípio se deram por intuição, mas, com o embasamento teórico adquirido nos cursos e as trocas de experiências entre os colegas, a cegueira social foi dando lugar ao “florescer de margaridas” que fizeram “História” dentro da História da APAE aracajuana.
Barbosa (2011)	Analisou a produção textual nas redações dos surdos do vestibular 2011 e evidenciou uma nítida interferência da Libras na escrita do Português por surdos que se manifestam nos níveis ortográfico, morfosintático e semântico.
Santos (2012)	Concluiu que os atos e as palavras dos professores integram uma representação que os indivíduos cumprem, a fim de se inscreverem num grupo e de não se deixarem classificar como estranhos ou desviantes do que é considerado apropriado ou adequado.
Oliveira (2013)	Concluiu que um percentual de 75% de professores bilíngues que utilizam a Libras como língua de instrução em sala de aula, buscam atender às necessidades específicas dos alunos surdos, embora em seus discursos não se autodenominem como ministrantes de uma prática bilíngue.
Dias (2015)	Destacou a possibilidade da construção de novas práticas de ensino que insiram o aluno surdo, ativamente, nas atividades que envolvam a língua adicional, buscando favorecer a implementação de novas metodologias de ensino que englobem a multimodalidade, especialmente, baseadas no uso das imagens como ferramenta de ensino, a fim de tentar diminuir as disparidades que envolvem a educação de surdos.
Santos (2016)	Indicou que os suportes digitais exercem uma influência significativa no processo de ensino e aprendizado da comunidade surda, valorizando a sua identidade e a sua cultura e permitindo a superação, ainda que parcial, de alguns pontos críticos desse processo.
Silva (2017)	Comprovou que aquilo que está previsto nas Leis quanto às garantias dos direitos das pessoas surdas não está sendo vivenciado nem pelos educandos nem pelos professores.

<b>Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal de Sergipe</b>	
<b>Autor/Ano</b>	<b>Descrição técnica</b>
Oliveira (2012)	Demarcou os elementos e os processos socioculturais e identitários dos surdos aracajuanos como sendo diferentes aos dos ouvintes.

Continua

<b>Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIMA) da Universidade Federal de Sergipe</b>	
<b>Autor/Ano</b>	<b>Descrição técnica</b>
Araújo (2011)	Concluiu que as adaptações foram necessárias ao ensino de Matemática envolvendo a busca por metodologias para o professor cego.
Prado (2013)	Demonstrou até que ponto as tecnologias assistivas auxiliam no ensino da Matemática em alunos cegos do CAP, evidenciando que as tecnologias assistivas adotadas na Estimulação Precoce e Alfabetização Braille colaboram no desenvolvimento e na formação dos conhecimentos matemáticos dos alunos.
Silva (2013)	Mostrou que o uso de tecnologias assistivas é de extrema importância para sua aprendizagem, pois a partir delas, os cegos puderam ter acesso aos conhecimentos de células e tecidos, já que, segundo eles, sem a utilização dos materiais ficava difícil de entender a aula.
Costa (2014)	Destacou a necessidade da produção e ampliação de vocabulários de termos técnico-científicos de sinais químicos em Libras para auxiliar no processo de significação e formação conceitual por e para alunos surdos.
Fernandes (2014)	Mostrou que apesar da existência de falhas, a UFS apresenta progressos expressivos, como o Programa de Ações Inclusivas da Universidade Federal de Sergipe (PAI/UFS), oferta de intérpretes, cursos na área da inclusão, estudos sobre este tema, eventos sobre ações inclusivas, entre outros.
Santos (2014)	Abordou que os professores pesquisados não consideram o aluno cego como seu aluno, mas como aluno da Universidade e esta deve ser responsável pela aprendizagem do deficiente visual.

Continuação

<b>Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIMA) da Universidade Federal de Sergipe</b>	
<b>Autor/Ano</b>	<b>Descrição técnica</b>
Santos (2015)	Apontou para a necessidade de o professor utilizar uma metodologia que atenda às especificidades do aluno surdo.
Corrêa (2016)	Demonstrou que os professores do PPGECIMA percebem a inclusão de modo positivo, no entanto apenas uma quantidade mínima dos entrevistados tinha ideia a respeito da inclusão do aluno com deficiência no ensino superior.
Bila (2016)	Percebeu que além do conteúdo de função afim, há narrativas sobre discriminante delta, parábolas e função quadrática, verificando também, que é uma condição indispensável para o aluno surdo, se apropriar da situação de ensino, de modo que possa utilizar seus próprios procedimentos a partir da representação que faz da situação, pois representações matemáticas significativas auxiliam na compreensão e no esclarecimento das propriedades e conceitos matemáticos.
Aragão (2016)	Mostrou que a pessoa com cegueira total que não possui comprometimento de outros órgãos que não seja a visão, tem a capacidade de construir um universo explicativo de qualquer objeto matemático, desde que tenha sido construído considerando suas particularidades e seus limites.
Santos (2017)	Concluiu que a relação mantida pelos estudantes com a escola se dá a partir da perspectiva da aprendizagem da leitura e da escrita como meio de comunicação com as pessoas ouvintes e a relação com os conhecimentos científicos escolares, sobretudo no ensino Médio em que a abstração e a linguagem se tornam mais complexos, e o não conhecimento da Libras por parte desses estudantes e de seus professores, levaram a uma situação de fracasso escolar.
Menezes (2017)	Ressaltou a necessidade de investimento na formação dos professores para que (re)elaborem seu olhar sobre a educação inclusiva, em paralelo à uma política que invista mais em condições materiais e apoio que favoreçam a melhoria de suas ações pedagógicas.

<b>Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal de Sergipe</b>	
<b>Autor/Ano</b>	<b>Descrição técnica</b>
Gomes (2017)	Destacou que o ideal para o processo de ensino-aprendizagem é a escola bilíngue, espaço educacional propulsor do conhecimento para essa população, tornando necessário que desmistifiquem a surdez e a Libras, que considerem a possibilidade de não só o surdo ter que aprender a língua portuguesa, mas também ouvintes aprenderem a língua de sinais.

<b>Programa de Pós-Graduação em Educação (PPED) da Universidade Tiradentes</b>	
<b>Autor/Ano</b>	<b>Descrição técnica</b>
Silva (2012)	Desvelou historicamente a trajetória do médico, político e professor Antônio Garcia Filho e suas contribuições para o campo da Educação e da Educação Especial Sergipana.
Melo (2013)	Abordou a trajetória da formação do profissional tradutor intérprete de Libras educacional para atuação de co-docência em sala de aula.
Meneses (2013)	Evidenciou uma mudança paradigmática referente ao processo comunicacional do surdo, em relação ao domínio de Língua Portuguesa, no contexto tecnológico.
Silva Neto (2016)	A pesquisa foi desenvolvida numa unidade de ensino da rede estadual, na cidade de Pirambu-SE, salientando que os profissionais da Educação Física, estejam na rede pública ou não, encontrem o respaldo necessário para entender e aplicar mecanismos que atendam às necessidades dos deficientes por meio de aulas inclusivas.

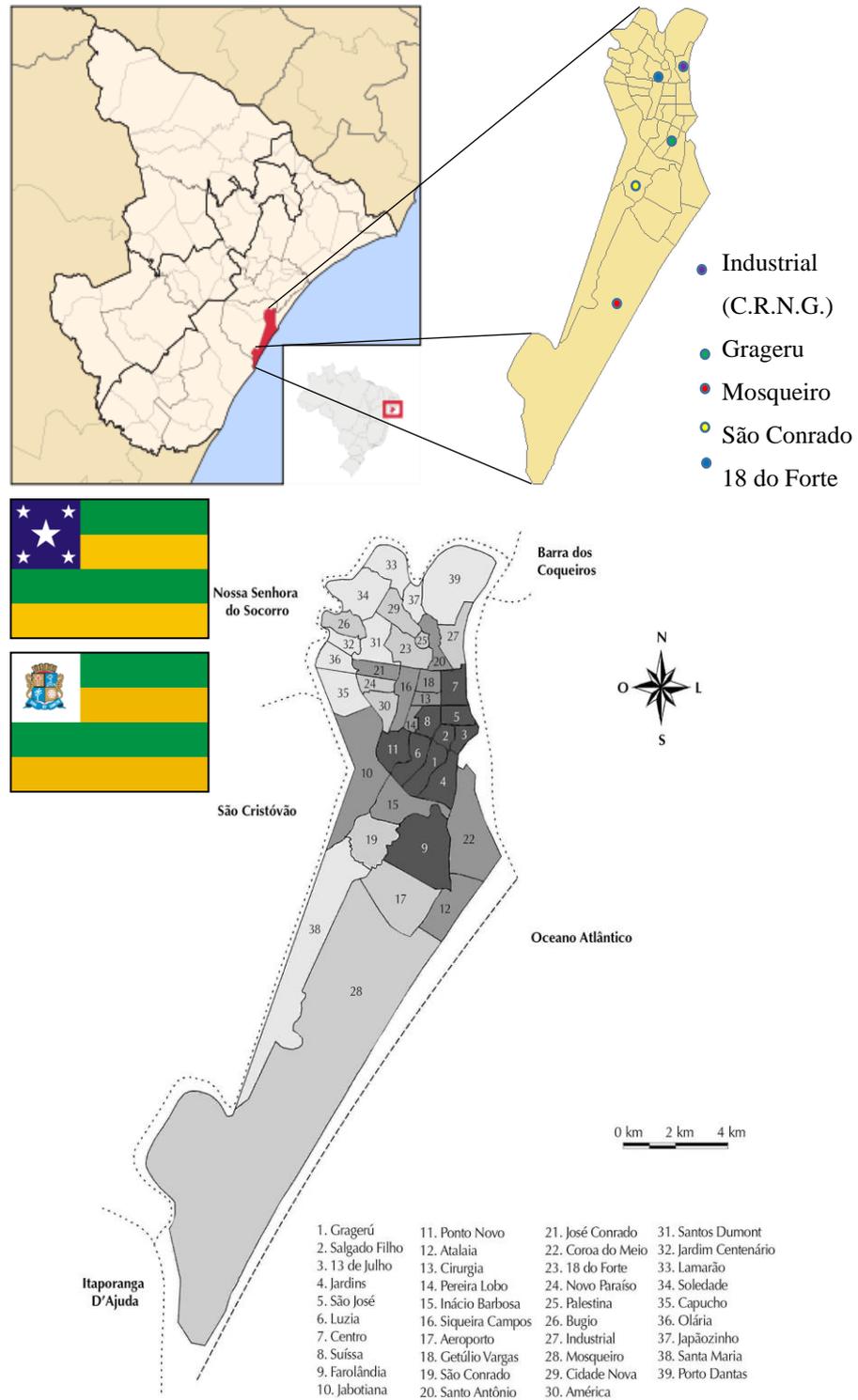
Fonte: Quadros elaborados pelo pesquisador com base na pesquisa realizada nos bancos de dados.

## ANEXO E – ACERVO HISTÓRICO-DOCUMENTAL DO MEMORIAL DA INCLUSÃO



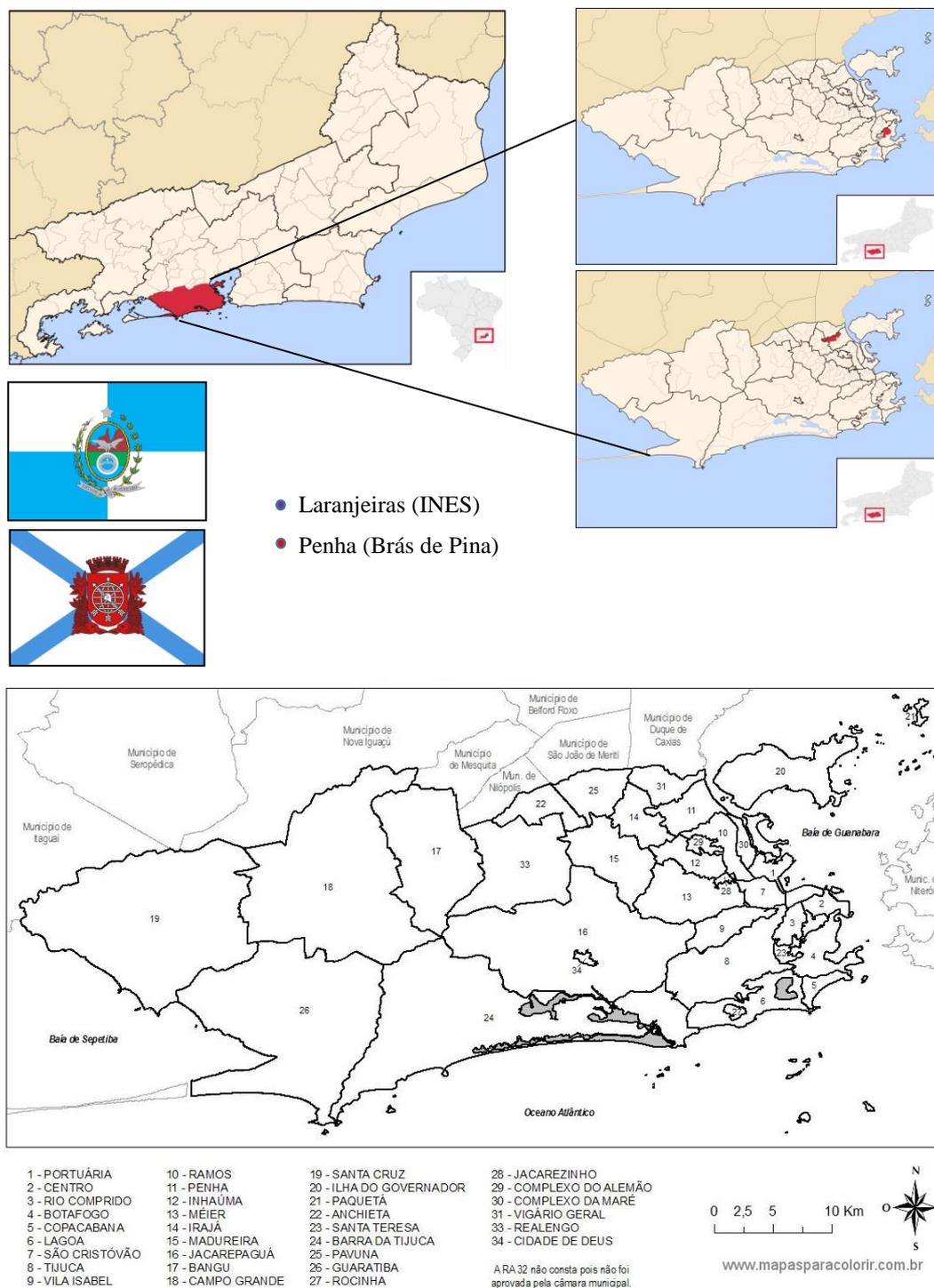
Fonte: <http://www.memorialdainclusao.sp.gov.br/> (Acesso em 14/03/2015).

**ANEXO F – MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DA LOCALIZAÇÃO ATUAL DOS SURDOS SERGIPANOS QUE ESTUDARAM NO INES E DO C.R.N.G. NOS BAIRROS DE ARACAJU (SE)**



Fonte: Figura elaborada do pesquisador.

**ANEXO G – MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DA LOCALIZAÇÃO ATUAL DO SURDO  
SERGIPANO RAIMUNDO ROCHA E DO INES NOS BAIRROS DO RIO DE  
JANEIRO (RJ).**



Fonte: Figura elaborada do pesquisador.

**ANEXO H – CERTIFICADO DE HABILITAÇÃO DO INES DO SURDO SERGIPANO RAIMUNDO ROCHA SANTOS (1970)  
NA GESTÃO DE MARINO GOMES FERREIRA**



Fonte: Acervo pessoal cedido por Raimundo Rocha Santos.



## ANEXO I – RECORTE JORNALÍSTICO NOTICIANDO CAMPEONATO DOS SURDOS DO C.R.N.G.



Fonte: Arquivo pessoal cedido por Aparecida de Jesus Santos.

## Transcrição do recorte jornalístico da página anterior

### **Rosa Azul campeã dos I Jogos Especiais**

Conquistando no cômputo geral 118 pontos, a instituição Rosa Azul, sagrou-se, campeão dos 1º Jogos Especiais, uma promoção do Serviço Social da Indústria – Sesi, da qual participou mais de uma centena de deficientes físicos. Pela sua brilhante campanha a Rosa Azul conquistou o troféu Idalito de Oliveira, ele que se fez presente à cerimônia de encerramento daquele importante evento.

O título de vice-campeão, com 79 pontos, ficou com o Centro de Recuperação Ninota Garcia, conquistando o troféu Antônio Carlos Francisco de Araújo, com a APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aracaju, a terceira colocada com 66 pontos, ficando com o troféu Maria Amélia Rezende.

A realização dos 1º Jogos Especiais [...].

[...] com eventos como este, trazendo momento de lazer para deficientes físicos de Sergipe. Quero parabenizar aos vencedores dos Jogos Especiais, uma competição que não visou a disputa e conquista de troféus, mas sim, para mostrar dentro de uma competição sadia, o quanto podemos fazer e o quanto é útil o excepcional. No “Dia da Criança” no dia do excepcional, estamos muito agradecido ao Sesi”.

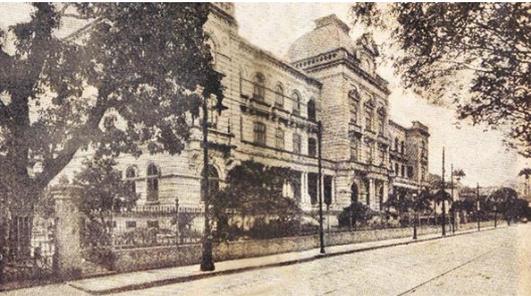
As primeiras palavras do diretor regional do Sesi, Idalito de Oliveira, foi de agradecimento as crianças da Apae, Ninota Garcia e da Rosa Azul que participaram do 1º Jogos Especiais, parabenizando-as “pela desportividade apresentada durante a realização desse evento”. Prosseguindo disse que “o que vimos durante o desenrolar dos Jogos Especiais foi um exemplo de dignidade e também um exemplo [...]”.

**ANEXO J - EDUCAÇÃO DOS SURDOS: INSTITUIÇÕES FUNDADAS NO  
PERÍODO DE 1857 A 1973**

Continua

<b>Ano/Data de Fundação</b>	<b>Instituição/Sigla</b>	<b>Cidade-Estado</b>
26 de setembro de 1857	Imperial Instituto dos Surdos-Mudos – I.I.S.M.	Rio de Janeiro (RJ)
15 de abril de 1929	Instituto Santa Terezinha – IST	São Paulo (SP)
15 de março de 1947	Instituto Santa Inês – ISI	Belo Horizonte (MG)
1950	Escola Epheta	Curitiba (PR)
15 de abril de 1952	Instituto Domingos Sávio – IDS	Recife (PE)
1957	Escola Santa Cecília	Rio de Janeiro (RJ)
1957	Escola de Surdos	Vitória (ES)
1958	Instituto Educacional de São Paulo – IESP	São Paulo (SP)
24 de fevereiro de 1959	Instituto Nossa Senhora de Lourdes – INOSOL	Rio de Janeiro (RJ)
1960	Escola Especial ULBRA Concórdia	Porto Alegre (RS)
19 de agosto de 1960	Instituto Dona Conceição	São Paulo (SP)
25 de março de 1961	Instituto Cearense de Educação de Surdo – ICES	Fortaleza (CE)
24 de junho de 1962	Centro de Reabilitação Ninota Garcia – C.R.N.G.	Aracaju (SE)
1970	Escola Santa Maria	Salvador (BA)
1973	Centro de Audição e Linguagem Ludovico Pavoni – CEAL/LP	Brasília (DF)

Fontes: Bueno (1993); Garcia Filho (1966); Souza (2010).

Instituição	Histórico
<p>1 - Imperial Instituto dos Surdos-Mudos – I.I.S.M./Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES</p>	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;">   </div> <p>Foi fundado em 26 de setembro de 1856 pelo imperador D. Pedro II, por meio da Lei nº. 839, tendo como primeiro diretor o professor surdos francês, Ernest Huet<sup>65</sup>. Em 1856/1857 nomeado Colégio Nacional para Surdos-Mudos; 1857/1858 – Instituto Imperial para Surdos-Mudos; 1858/1865 – Imperial Instituto para Surdos-Mudos; 1865/1874 – Imperial Instituto dos Surdos-Mudos; 1874/1890 – Instituto dos Surdos-Mudos; 1890/1957 – Instituto Nacional de Surdos Mudos - INSM; 1957/atual – Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, tendo como atual diretor Marcelo Ferreira de Vasconcelos Cavalcanti. Ainda atuando como um centro de referência sobre a questão da surdez.</p>
<p>2 - Instituto Santa Terezinha - IST</p>	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;">   </div> <p>Foi fundado para o atendimento educacional de meninas surdas em 15 de abril de 1929 na cidade de Campinas/SP pelas Irmãs da Congregação de Nossa Senhora do Calvário, tendo como pioneiras duas religiosas francesas, Irmã Suzana e Irmã Madalena da Cruz. Em 18/03/1933, transferiu-se para São Paulo, atuando como escola de educação bilíngue para surdos. A partir de 1939, instalou-se em prédio próprio num terreno doado pelo médico otorrinolaringologista Dr. Otoni Rezende Barbosa, interessado pela educação dos surdos. Não existia até então nenhuma escola católica particular para surdos em São Paulo. Relendo os anais da Entidade nota-se que as alunas vinham de diferentes regiões.</p>

<sup>65</sup> Os dados documentais sobre o nome completo de Huet ainda são imprecisos, em documentos brasileiros, pode-se encontrar Hernest, René Ernest, Ernst Adolf Huet (PERLIN, 2002), e na França, é chamado de Eduard Huet (LANE, 1984). Na biografia de Huet publicada por sua bisneta Susana Huet mostra um segundo sobrenome, Eduard Adolf Huet Merlo (JULLIAN, 2002).

Instituição	Histórico
3 - Instituto Santa Inês – ISI	 <p data-bbox="486 562 1359 705">Foi fundada em 01 de março de 1947 pela Associação das Freiras Filhas de Nossa Senhora do Monte Calvário, o ISI vem prestando serviços aos surdos do Estado de Minas Gerais nas áreas de educação e formação humana,</p>
4 - Escola Epheta	 <p data-bbox="486 1041 1359 1624">Foi fundada em Curitiba/PR na década de 1950 por Nydia Moreira Garcez, nomeada inicialmente Escola para Surdas-Mudas, posteriormente, Escola para Surdos Epheta e atualmente Centro de Atendimento Educacional Especializado – CAEE/EPHETA mais conhecida como Escola Epheta. Nydia Moreira Garcez nasceu em 21 de janeiro de 1913, em Curitiba, filha do engenheiro João Moreira Garcez e Leonor Silveira da Mota Garcez. Aos 5 anos sofreu uma enfermidade cujo tratamento resultou em perda total da audição. A Escola Epheta tinha a finalidade educação de meninas surdas em regime de internato, onde pudessem desenvolver a leitura lábio-fácil, atualmente, trabalha com a reabilitação da pessoa com surdez/deficiência auditiva, seguindo metodologia própria, a “Metodologia Epheta”. Tem o seguinte lema: <i>“Surdo-mudo e tomando-o à parte e meteu-lhe os dedos nos ouvidos, tocou-lhe a língua com saliva e olhando océu suspirou e disse: EPHETA!”</i></p>
5 - Instituto Domingos Sávio – IDS	 <p data-bbox="486 1960 1359 2022">Foi fundado em Recife/PE em 15 de abril de 1952 pelas Irmãs Josefina e Esaura e pelo Padre Domingos Sávio.</p>

<b>Histórico</b>	
6 - Escola Santa Cecília	Foi fundada no Rio de Janeiro em 1957.
7 - Escola de Surdos	Foi fundada em Vitória/ES em 1957.
8 - Instituto Educacional de São Paulo - IESP	Foi fundado em São Paulo em 1954, por um grupo de pais e amigos de crianças surdas, liderado pela Condessa Renata Crespi da Silva Prado. Em 1969, foi transferido para a Fundação São Paulo e integrado ao Departamento de Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), passou a entidade, inicialmente denominada Centro de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (CERDIC) e depois Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (DERDIC).
9 - Instituto Nossa Senhora de Lourdes – INOSEL	<div style="text-align: center;">  </div> <p>Foi fundado no Rio de Janeiro em 24 de fevereiro de 1959 como uma escola regular, católica, beneficente, de assistência social. Paralelamente, oferece atendimento complementar, através de uma equipe interdisciplinar, suporte fundamental para atender as necessidades específicas dos nossos alunos. O INOSEL tornou-se um espaço de vida, onde alunos ouvintes e surdos desenvolvem-se harmoniosamente, respeitando-se as diferenças e atendendo as necessidades individuais.</p>
10 - Instituto Dona Conceição	Foi fundado em São Paulo em 19 de agosto de 1960.
11 - Escola Especial ULBRA Concórdia	Foi fundada em Porto Alegre/RS em 1960, é uma escola especializada na educação de surdos, foi fundada pelo reverendo Dr. Martin Carlos Warth e por sua esposa Naomi Hoerlle Warth, a instituição busca promover a inclusão social de seus alunos, através da estimulação precoce, a partir do diagnóstico de surdez, até a educação profissional. Em 15 de outubro de 1970, a escola passa a se chamar "Centro Educacional para Deficientes Auditivos" - CEDA, uma associação filantrópica. Em 29 de abril de 1984, graças as doações recebidas por associações educativas estrangeiras, como a Christoffel Blinden Mission, da Alemanha e a Mill Neck Foundation, dos EUA, a escola inaugura uma nova sede, agora localizado na Av. Dr. João Simplicio Alves de Carvalho, n.º 600, no Bairro Jardim Ipiranga, em Porto Alegre. Endereço onde funciona até hoje.

<b>Histórico</b>	
12 - Instituto Cearense de Educação de Surdo – ICES	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;">   </div> <p>Foi fundado em Fortaleza/CE em 25 de março de 1961 pelo professor das Universidades Estadual e Federal do Ceará (UECE e UFC) Hamilton Cavalcante de Andrade juntamente ao Secretário de Educação, o Sr. Joaquim de Figueiredo Correia, para implantar uma escola para surdos no Ceará. O ICES foi fundado conforme o contexto histórico daquele momento, adotou uma abordagem de ensino oralista, o qual propõe o ensino da língua oral para que o sujeito surdo se integre ao mundo ouvinte, pressionando o ensino da fala como essencial, algo que lhe desse status, o que não corresponde às condições ideais para que o sujeito surdo adquira linguagem e forme o pensamento. Atualmente, com mais de 55 anos de existência, o ICES é a única instituição pública estadual do Ceará destinado exclusivamente para a educação dos surdos, além de receber alunos, que além da surdez, têm outras comprometimentos.</p>
13 - Centro de Reabilitação Ninota Garcia – C.R.N.G.	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;">   </div> <p>Foi fundado em Aracaju/SE pelo médico-diretor sergipano Dr. Antônio Garcia Filho em 24 de junho de 1962, o Centro de Reabilitação Ninota Garcia. O C.R.N.G. funcionava como uma fundação e escola para atender alunos surdos (Escola de Educação de Surdos), cegos e amblíopes (Escola Lions Club) e deficientes mentais<sup>66</sup> ou excepcionais retardados (Escola Bertildes Carvalho), mantido por recursos públicos da Secretaria de Educação, Cultura e Saúde e por doações da União Sergipana de Assistência Clínica e Reabilitação (USA), esta última presidida por Emília Marques Pinto.</p>

<sup>66</sup> Esse termo está em desuso sem substituto pelo termo deficiente intelectual.

<b>Histórico</b>	
14 - Escola Santa Maria	Foi fundada em Salvador/BA em 1970.
15 – Centro Educacional de audição e Linguagem Luduvico Pavoni – CEAL/LP	<div style="text-align: center;">   </div> <p>Foi fundada em Brasília/DF em 1973 sendo uma instituição religiosa particular, filantrópica, sem fins lucrativos, reconhecida de Utilidade Pública Federal e Estadual. Tem como mantenedora a Associação das Obras Pavonianas de Assistência (AOPA), uma entidade particular, religiosa, de origem italiana, fundada pelo Padre Luduvico Pavoni (1784-1849). Conta também com uma Rede de Sustentabilidade para manter e dar continuidade aos seus projetos.</p>

**ANEXO K – RELAÇÃO DOS DIRETORES DO INSTITUTO NACIONAL DE  
EDUCAÇÃO DE SURDOS (1857-2017)**

<b>DIRETOR(A) DO INES</b>	<b>PERÍODO/GESTÃO</b>
1. Ernest Huet (professor surdo francês)	1857-1861 (4 anos)
2. Frei João do Monte Carmo/Ernesto de Prado Seixas	1861-1862 (1 ano)
3. Dr. Manoel de Magalhães Couto	1862-1868 (6 anos)
4. Dr. Tobias Rabello Leite (médico sanitarista)	1868-1896 (28 anos)
5. Joaquim Borges Carneiro (professor)	1896-1897 (1 ano)
6. Dr. João Paulo de Carvalho	1897-1903 (6 anos)
7. Dr. João Brasil Silvado	1903-1907 (4 anos)
8. Dr. Custódio Ferreira Martins	1907-1930 (23 anos)
9. Dr. Armando Paiva Lacerda (médico otologista)	1930-1947 (17 anos)
10. Dr. Antônio Carlos de Mello Barreto	1947-1951 (4 anos)
11. Ana Rimolí de Faria Dória (professora)	1951-1961 (10 anos)
12. Rodolpho da Cruz Rolão	1961-1962 (1 ano)
13. Pedro Ezequiel Cylleno	1962-1963 (1 ano)
14. Rodolpho da Cruz Rolão	1963-1963 (1 ano)
15. Euclides Alberto Braga da Silva	1963-1964 (1 ano)
16. Murilo Rodrigues Campello	1964-1969 (5 anos)
17. Hilda Maria Alcântara de Araújo	1969-1969 (1 ano)
18. Dr. Marino Gomes Ferreira (médico)	1969-1977 (8 anos)
19. Heleton Saraiva O'Reilly	1977-1980 (3 anos)
20. Fernando Bossi de Santa Rosa	1980-1983 (3 anos)
21. Francisco José da Costa Almeida	1983-1985 (2 anos)
22. Lenita de Oliveira Vianna (professora fonoaudióloga)	1985-1990 (5 anos)
23. Júlia Curi Halla (interventora)	1990-1991 (1 ano)
24. Mauro Monteiro Fonseca de Barros (interventor)	1992-1992 (1 ano)
25. Leni de Sá Duarte Barbosa (médica psicóloga)	1992-1999 (7 anos)
26. Stny Basílio Fernandes dos Santos (professora pedagoga)	1999-2006 (7 anos)
27. Marcelo Ferreira de Vasconcelos Cavalcanti (médico psicólogo)	2006-2010 (4 anos)
28. Solange Maria da Rocha (professora historiadora)	2010-2016 (6 anos)
29. Marcelo Ferreira de Vasconcelos Cavalcanti (médico psicólogo)	2016-Atual

**\*Observação:** A parte em vermelho do quadro acima representa o período em que os surdos sergipanos estudaram no INES.

**Fontes:** Rocha (2008); Vaz (2002, p. 58-59); Freitas (2012).

**ANEXO L – ACERVO FOTOGRÁFICO DA SURDA SERGIPANA  
APARECIDA DE JESUS SANTOS NO INSTITUTO SANTA INÊS, EM BELO-  
HORIZONTE (1988-1989).**



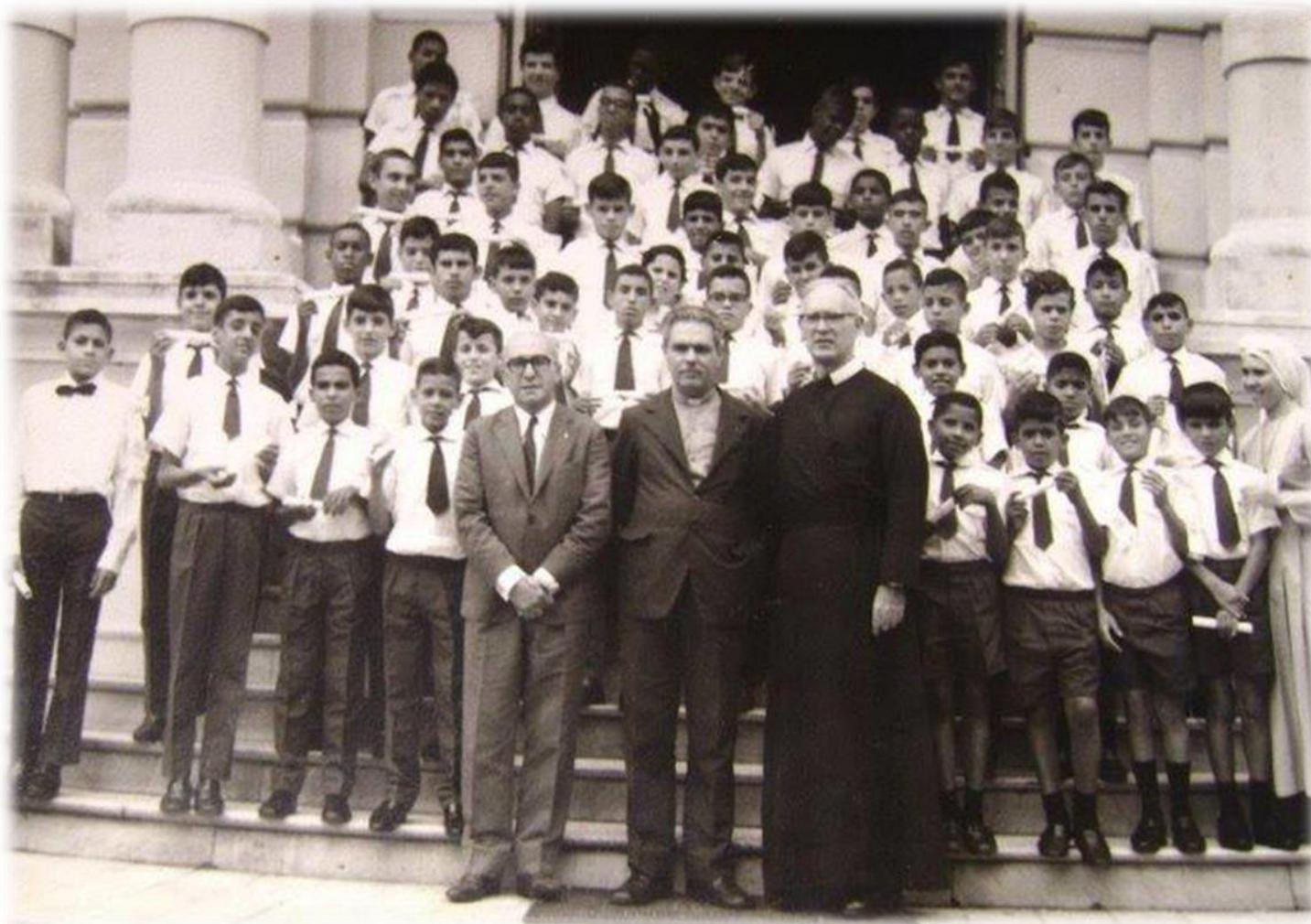
Fonte: Arquivo pessoal cedido por Aparecida de Jesus Santos.

**ANEXO M – FOTOGRAFIA DA SURDA SERGIPANA APARECIDA DE JESUS SANTOS DISPUTANDO CONCURSO DE BELEZA EM SÃO PAULO-SP (1962).**



Fonte: Acervo pessoal cedido por Aparecida de Jesus Santos.

**ANEXO N – FOTOGRAFIA DOS SURDOS NA PRIMEIRA COMUNHÃO DO INES**



Fonte: Acervo pessoal cedido por Benedito Andrade Neto.

**ANEXO O – FOTOGRAFIA DOS SURDOS SERGIPANOS E SURDOS DE OUTROS ESTADOS BRASILEIROS NA PRIMEIRA COMUNHÃO NO INES EM 1971 NA GESTÃO DE MARINO GOMES FERREIRA.**



Fonte: Acervo pessoal cedido por Polyana Lacerda Santos.



**ANEXO P – FOTOGRAFIAS DA FORMATURA DA SURDA SERGIPANA  
APARECIDA DE JESUS SANTOS NO INSTITUTO SANTA INÊS, EM BELO  
HORIZONTE-MG (1969).**



Fonte: Arquivo pessoal cedido por Aparecida de Jesus Santos.

**ANEXO Q – ACERVO FOTOGRÁFICO DA PROFESSORA SURDA APARECIDA DE JESUS SANTOS NOS CAMPEONATOS DO C.R.N.G.**



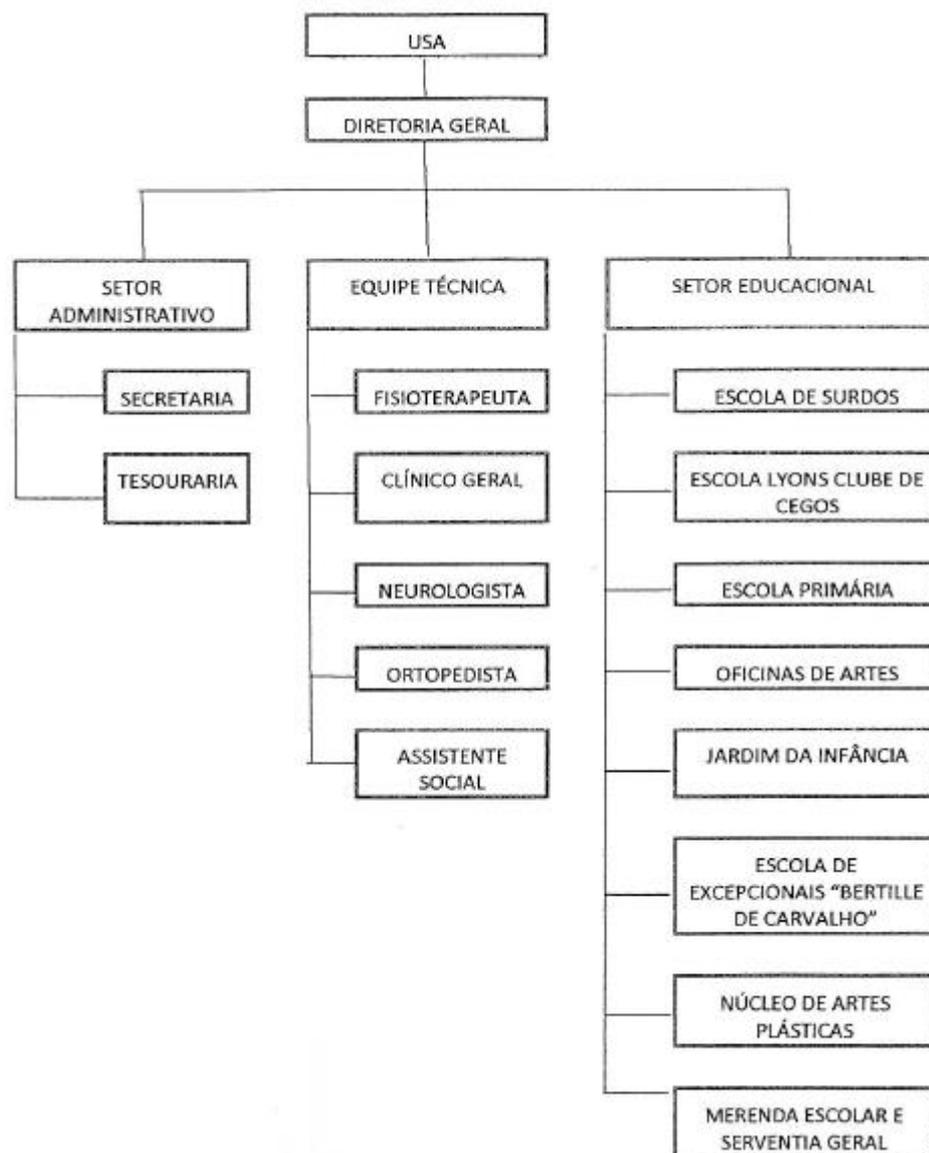
Fonte: Arquivo pessoal cedido por Aparecida de Jesus Santos.

**ANEXO R – ACERVO FOTOGRÁFICO DA PROFESSORA APARECIDA DE JESUS  
SANTOS COM ALUNOS SURDOS DO C.R.N.G.**



Fonte: Arquivo pessoal cedido por Aparecida de Jesus Santos.

**ANEXO S – ORGANOGRAMA DO CENTRO DE REABILITAÇÃO NINOTA  
GARCIA**



Fonte: Souza (2007, p. 193).

**ANEXO T – RELAÇÃO DOS DIRETORES DURANTE OS 33 ANOS DE  
FUNCIONAMENTO DO C.R.N.G. (1962-1995)**

DIRETOR(A) DO C.R.N.G.	PERÍODO/GESTÃO
1. Dr. Antônio Garcia Filho (professor e médico clínico geral anesthesiologista)	1962-1979 (17 anos)
2. Dr. Eduardo Antônio Conde Garcia (professor e médico fisiologista) / José Gilton Pinto Garcia (professor, advogado e político)	1979-1981 (2 anos)
3. Maria Helena Albuquerque Garcia (esposa de José Gilton Pinto Garcia)	1981-1995 (14 anos)

**\*Observação:** A parte em azul do quadro acima representa o período de atuação da professora surda Aparecida de Jesus Santos no C.R.N.G. perpassando as três gestões, porém, na primeira gestão iniciou em 1970, após 8 anos de seu funcionamento.

**Fontes:** Souza (2007; 2010); Oliveira (2014);

**ANEXO U – FOTOGRAFIA DA PROFESSORA SURDA APARECIDA DE JESUS SANTOS COM MARIA HELENA DE ALBUQUERQUE GARCIA, NA ÉPOCA, DIRETORA DO C.R.N.G.**



Fonte: Arquivo pessoal cedido por Aparecida de Jesus Santos.

**ANEXO V – FOTOGRAFIA DO DOCUMENTO REGISTRO GERAL E FAMILIARES DO SURDO SERGIPANO FERNANDO ANTÔNIO NASCIMENTO SANTOS.**



Fonte: Arquivo pessoal cedido por Maria Auxiliadora dos Santos.

**ANEXO W – ACERVO FOTOGRÁFICO DO SURDO SERGIPANO RAIMUNDO  
ROCHA SANTOS COM OUTROS SURDOS EM CAMPEONATO DE FUTEBOL E  
OFICINA PROFISSIONALIZANTE NO INES.**



Fonte: Arquivo pessoal cedido por Benedito Andrade Neto.

**ANEXO X – REGISTRO FOTOGRÁFICO DOS SINAIS PESSOAIS DOS SURDOS  
SERGIPANOS QUE ESTUDARAM NO INES.**

Nome do surdo(a)	Fotografia	Sinal Escrito
Aparecida de Jesus Santos		
Pedro Mário Firpo Cruz		

<p>Raimundo Santos</p> <p>Rocha</p>		
<p>Fernando Nascimento Santos</p> <p>Antônio</p>		
<p>Chamilcar</p>	<p>Não identificado</p>	
<p>Ubirajara</p>		

Rita de Cácia Ferreira de Lacerda		
Cordélio		
Clóvis da Silva	Não identificado	

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

## ANEXO Y - REGISTROS FOTOGRÁFICOS DOS MOMENTOS DA PESQUISA EM CAMPO.



Fotografia contendo Aparecida de Jesus Nascimento (ex-aluna surdo cega do INES e professora aposentada do C.R.N.G., à esquerda) e Gilvânia dos Santos (ex-aluna surda do C.R.N.G., à direita). Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

Fotografia contendo Rubivânia Andrade de Carvalho (surda, no lado esquerdo à frente), Wesley Moreira Milke (surdo, o primeiro da esquerda para direita), Pedro Mário Firpo Cruz (ex-aluno surdo do INES, o segundo da esquerda para direita), Edivaldo da Silva Costa (pesquisador-ouvinte, o segundo da direita para esquerda), César Augusto Gonçalves de Oliveira (surdo, o primeiro da direita para esquerda). Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.



Fotografia contendo Edivaldo da Silva Costa (pesquisador-ouvinte, o primeiro da esquerda para direita), Maria Auxiliadora dos Santos (professora universitária aposentada, a segunda da esquerda para direita), Gilvânia dos Santos (ex-aluna surda do C.R.N.G., a segunda da direita para esquerda), Aparecida de Jesus Santos (ex-aluna surdo cega do INES e professora aposentada do C.R.N.G., a primeira da direita para esquerda). Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.



Fotografia contendo Amilton dos Santos Junior (surdo, à esquerda), Aparecida de Jesus Santos (ex-aluna surdo cega do INES e professora aposentada do C.R.N.G. à direita). Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.





Fotografias de Arivaldo Santana Umbidino (surdo). Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

Fotografia contendo a surda Rita de Cácia Ferreira de Lacerda (no centro) com suas filhas ouvintes. (Rita de Cácia (ao centro), Polyana Ferreira de Lacerda (à esquerda) e Priscilla Ferreira de Lacerda (à direita). Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.



Fotografia contendo o surdo Mário Firpo Cruz (ex-aluno surdo do INES, à esquerda) e pesquisador-ouvinte Edivaldo da Silva Costa (à direita). Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.



**ANEXO Z – ACERVO FOTOGRÁFICO PERTENCENTE A SURDA  
SERGIPANA RITA DE CÁCIA FERREIRA DE LACERDA COM AMIGOS  
SURDOS NAS DEPENDÊNCIAS INTERNA E EXTERNA DO INES.**



Fonte: Arquivo pessoal cedido por Polyana Lacerda dos Santos.

**ANEXO AA – ACERVO FOTOGRÁFICO PERTENCENTE A SURDA  
SERGIPANA RITA DE CÁCIA FERREIRA DE LACERDA REFERENTE AOS  
CAMPEONATOS ESPORTIVOS E DESFILES CÍVICOS DO INES.**



Fonte: Arquivo pessoal cedido por Polyana Lacerda dos Santos.

**ANEXO BB – ACERVO FOTOGRÁFICO DO INES PERTENCENTE A SURDA  
SERGIPANA RITA DE CÁCIA FERREIRA DE LACERDA JUNTO COM  
SURDOS DO INES E NA OFICINA DE CULINÁRIA.**



Fonte: Arquivo pessoal cedido por Polyana Lacerda dos Santos.

**ANEXO CC – ACERVO FOTOGRÁFICO DO INES PERTENCENTE A SURDA  
SERGIPANA RITA DE CÁCIA FERREIRA DE LACERDA JUNTO COM  
SURDOS DO INES.**



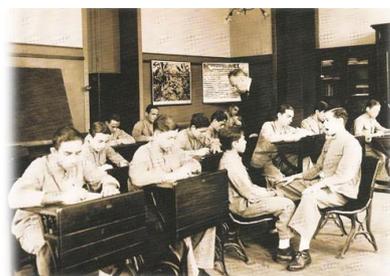
Fonte: Arquivo pessoal cedido por Polyana Lacerda dos Santos.

**ANEXO DD – OFICINAS PROFISSIONALIZANTES OFERECIDAS PELO INES.**

<b>Oficinas profissionalizantes</b>		<b>Descrição técnica</b>
1	Tipografia	É a técnica que permite diagramar a composição das letras usando prensa mecânica.
2	Tornearia	É a técnica que permite usinar peças de forma geométrica de revolução usando torno mecânico.
3	Carpintaria	É a técnica que permite executar os mais diversos trabalhos em madeira usando várias ferramentas, como serra circular, formão, trena, serrote e prumo.
4	Encadernação	É a técnica de confecção de livros, cadernetas e afins.
5	Entalhação	É a técnica de cortar ou entalhar detalhes na madeira.
6	Alfaiataria	É a técnica de costurar peças de tecido usando máquinas de costura e dos teares.
7	Artefatos de Couro	É a técnica de confeccionar peças de couro.
8	Mecânica	É a técnica de construir máquina e motores.
9	Sapataria	É a técnica de confeccionar e consertar sapatos.
10	Douração	É a técnica de decoração de superfícies metálicas utilizando uma camada finíssima de ouro.
11	Trabalhos Manuais	É a técnica que compreende várias atividades artesanais como bordados, cerâmica, pintura entre outros.
12	Datilografia	É a técnica de digitar textos usando máquina de escrever.
13	Modelagem	É a técnica de confeccionar peças de argila.
14	Desenho Industrial	É a técnica de <i>design</i> de produto, trabalha com a criação e produção de objetos e produtos tridimensionais.
15	Bordado	É a técnica de criar à mão desenhos e figuras ornamentais em um tecido, utilizando para este fim diversos tipos de ferramentas como agulhas, fios de algodão, de seda, de lã de linho, de metal entre outros,
16	Corte e Costura	É a técnica artesanal ou manufaturada de se juntar duas partes de um tecido pano, couro, casca, ou outros materiais, utilizando agulha e linha.
17	Chapéu	É a técnica de confeccionar diversos modelos de chapéu, boné entre outros.
18	Flores e Ornatos	É a técnica de jardinagem para o cultivo de flores e confecção de produtos ornamentais.

Fonte: Quadro elaborado pelo pesquisador com base nas informações de Rocha (2009) e Mattos (2002).

**ANEXO EE - FOTOGRAFIAS DO ACERVO MEMORIAL DO INES  
REFERENTES AOS SURDOS USANDO MÁQUINAS DE ESCREVER, EM  
SALA DE AULA, EM OFICINAS PROFISSIONALIZANTES E DE  
LINGUAGEM ESCRITA E ORAL.**



Fonte: Rocha (2009, p. 153-154).

**ANEXO FF – O INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS EM  
1956**



Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=419007>

**ANEXO GG – CAPA ILUSTRATIVAS DE LIVROS SOBRE A HISTÓRIA  
EDUCACIONAL DOS SURDOS NO BRASIL E EM SERGIPE E  
INTELECTUAIS SERGIPANOS (DIRETOR-MÉDICO)**

